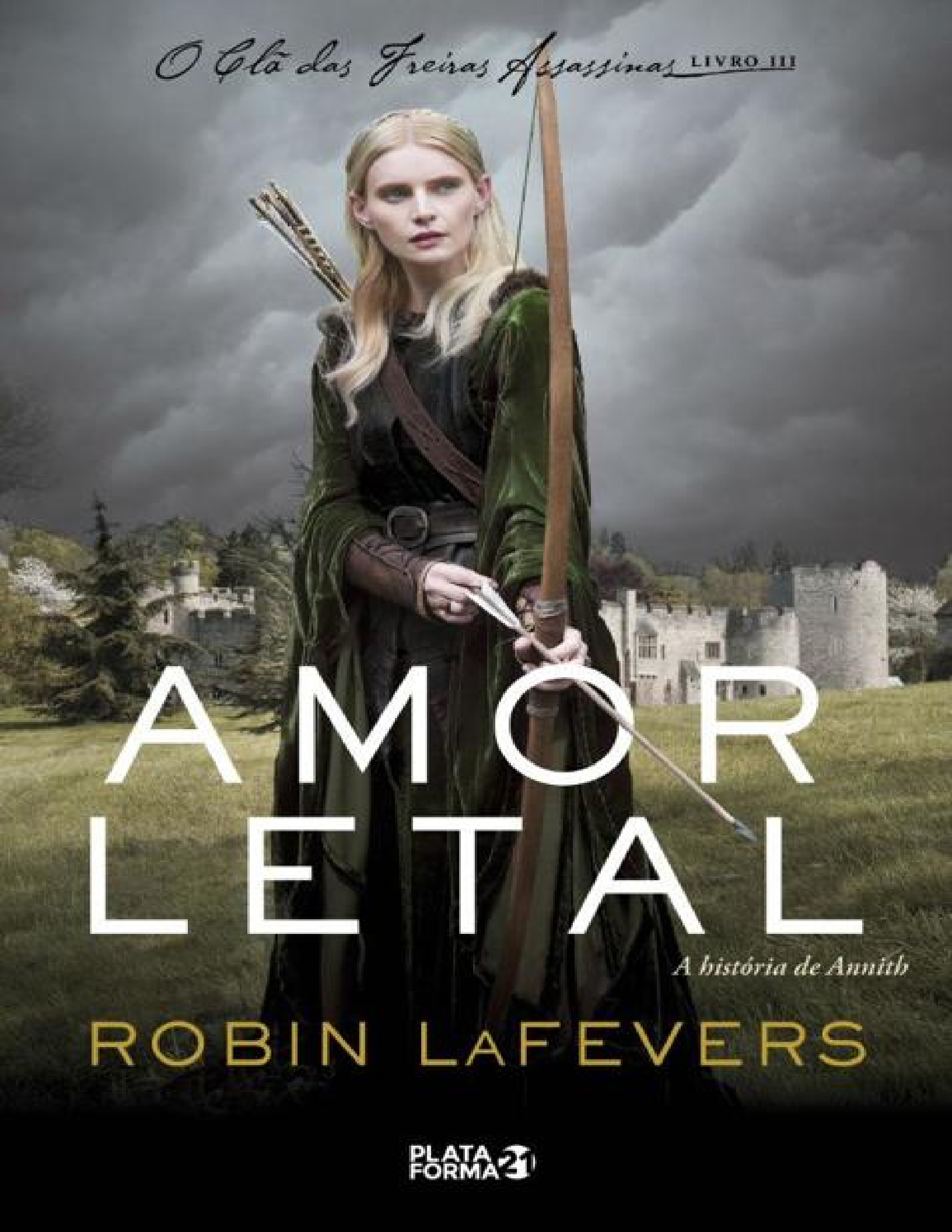
O Clã das Freiras Assassinas LIVRO III



AMOR LETAL

A história de Annith

ROBIN LAFEVERS

PLATAFORMA 21

AMOR LETAL



AMOR LETAL

Robin LaFevers

Tradução Edmundo Barreiros

PLATA FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *Mortal Heart*
© 2014 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização da Rights People, Londres.
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORA-ASSISTENTE Marcia Alves
PREPARAÇÃO Raquel Nakasone
REVISÃO Luciane Gomide
DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Ana Solt
EPUB Pamella Destefi
CAPA E DESIGN © 2012 Richard Jenkins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin

Amor letal [livro eletrônico] / Robin LaFevers; tradução Edmundo Barreiros. - São Paulo: Vergara & Riba Editoras,

2016. - (O clã das freiras assassinas; 3)

1,6 Mb; e-PUB

Título original: Mortal heart.
ISBN 978-85-507-0025-0

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.16-04177 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Para Mark
De novo
E sempre.
Mas especialmente pelos
últimos dois anos.


Bretanha
Lannion
Tonquédec
Morlais
Guingamp
Brest
Carhaix
Saint-Malo
Dol
Dinan
Fougères
Rennes
Vitré
Île de Sein
Quimper
Concarneau
Châteaubriant
Acray
Vannes
Floresta de Gâvre
Redon
La Roche-Bernard
Saint-Lyphard
Blain
Ancenis
Nantes
França

DRAMATIS PERSONAE

No convento

Annith, uma noviça de Mortain
Sybella d'Albret, serva da Morte
Ismae Rienne, serva da Morte
Abadessa de Saint Mortain (antes irmã Etienne)
Irmã Eonette, historiadora e arquivista do convento
Irmã Thomine, instrutora de artes marciais
Irmã Serafina, mestra dos venenos e curandeira do convento
Irmã Widona, mestra dos estábulos
Irmã Beatriz, instrutora em artes femininas
Irmã Claude, irmã encarregada do aviário
Irmã Vereda, vidente do convento
Irmã Arnette, mestra das armas
Dragonette (antiga abadessa de Saint Mortain, falecida)
Irmã Appollonia, antiga historiadora e arquivista do convento
Irmã Magdalena, antiga mestra dos venenos (falecida)
Irmã Druette, antiga vidente (falecida)
Matelaine, uma noviça de Mortain
Sarra, uma noviça de Mortain
Aveline, uma noviça de Mortain
Loisse, uma noviça de Mortain
Lisabet, uma noviça de Mortain
Audri, uma noviça de Mortain
Florette, uma noviça de Mortain

Os hellequins

Balthazaar
Miserere
Begard
Malestroit
Sauvage
Maligne

Seguidoras de Saint Arduinna

Floris, uma sacerdotisa de Arduinna
Aeva
Tola
Odila

A corte e a nobreza bretãs

Anne, duquesa da Bretanha, condessa de Nantes, Montfort e Richmont
Isabeau, sua irmã
Duque Francisco II, pai de Anne (falecido)
Gavriel Duval, um nobre bretão
Benebic de Waroch, Fera de Waroch e cavaleiro do reino
Visconde Maurice Crunard, chanceler da Bretanha
Jean de Chalon, príncipe de Orange
Capitão Dunois, capitão do exército bretão
Phillipe Montauban, chanceler da Bretanha
Bispo de Rennes
Padre Effram
Carlos VIII, rei da França
Anne de Beaujeu, regente da França
Norbert Gisors, embaixador francês
Maximiliano da Áustria, o Sacro Imperador Romano, marido de Anne

Os nove

Mortain, Deus da Morte
Dea Matrona, deusa mãe
Arduinna, deusa da ferida profunda do amor, filha de Matrona, irmã gêmea de Amourna
Amourna, deusa do primeiro rubor do amor, filha de Matrona
Brigantia, deusa do conhecimento e da sabedoria
Camulos, deus da batalha e da guerra
Mer, deusa do mar
Salonius, deus dos erros
Cassonius, deus das viagens e das encruzilhadas

Capítulo Um

Bretanha, dezembro de 1488

Em sua maioria, os meses desolados e sombrios em que as tempestades negras chegavam uivando do norte eram uma época de amargura e tristeza para as pessoas que aguardavam o inverno, que trazia em seu rastro morte, fome e frio cortante. Mas nós no convento de Saint Mortain recebíamos o inverno de braços e coração aberto, pois esta era a estação do próprio Mortain, quando Ele estava pleno sobre nós. Assim girava a roda da vida: a cada fim, um novo começo. Esta foi a promessa que Mortain nos fez.

Então enquanto a maioria das pessoas bloqueava as portas e fechava bem as janelas, nós tínhamos razões para comemorar e sair andando pela floresta, recolhendo ramos sagrados de teixo e coletando azevinho com bagas bem vermelhas que nos lembravam as três gotas de sangue derramadas por Mortain, ferido pelo amor e pela própria flecha de Arduinna.

E por mais que Mortain fosse um deus muito mais gentil do que as pessoas acreditavam, eu não achava que Ele veria com simpatia Suas servas lutando por causa de alguns galhos destinados a seu fogo sagrado.

– Audri! Aveline! Parem com isso!

– Foi ela que começou – disse Aveline, debaixo de seu cabelo ruivo-claro caindo sobre seus olhos.

– Não comecei, não! Foi você! É sempre você. Você é boa com espadas e lutas, por isso sempre quer brigar.

– Meninas! – Bati palmas com uma expressão de desagrado diante do quanto eu me lembrava da irmã Beatriz perdendo o controle das aulas de charmes femininos. – Basta! Audri, vá ajudar Florette. Aveline, venha aqui comigo.

Achando que a outra menina estivesse encrencada, Audri mostrou a língua para Aveline e correu para ajudar Florette. Em vez de

repreendê-la, segurei sua mão e a conduzi até um arbusto sagrado, onde lhe entreguei uma faca.

– Você vai encher essa cesta; e eu, esta.

Satisfeita por receber uma faca, algo normalmente reservado para as meninas mais velhas ou para o pátio de treinamento, Aveline voltou-se para o arbusto e começou a trabalhar.

Mantive os olhos nas folhas à minha frente enquanto falava com ela.

– Você é a mais velha do grupo, Aveline. Não há honra nenhuma em superar as mais jovens que você.

Ela parou de cortar o arbusto e virou seu olhar estranho e solene para mim.

– Você está dizendo que devo fingir ser fraca para que elas possam se sentir fortes? Isso não é dizer uma mentira? – Antes que eu conseguisse desemaranhar sua lógica enrolada, ela deu de ombros. – Além disso, ela tem quase a minha idade e gosta de se mostrar saindo sem capa e sapatos.

Segurei um sorriso, pois era verdade que Audri tinha muito orgulho de sua habilidade para suportar o frio. Ela não apenas não sentia a friagem do inverno, como também não sofria com frieiras nas extremidades nem com a morte dos membros. Esse era o seu dom; ela fora retirada do útero de uma mulher que tinha morrido congelada em uma das tempestades mais violentas do inverno. Audri era tão indiferente ao frio quanto um grande urso branco do norte distante, e se orgulhava disso.

– Isso pode até ser verdade – admiti. – Mas você tem dons tão gloriosos quanto os dela, e constantemente procura briga apenas para poder exibi-los.

Por um instante, uma onda familiar de perda e saudade se formou, e eu tive que fazer uma pausa para respirar ante essa dor. Entre as servas da Morte, a história de nossos nascimentos eram nossos pertences mais preciosos, marcando-nos como verdadeiras filhas da Morte. No dia em que eu nasci, nenhum marido traído ficou andando de um lado para o outro, nenhuma curandeira me arrancou de um útero frio e morto, nenhum padre itinerante administrou os ritos finais em uma mãe moribunda enquanto eu sugava inutilmente seu

seio.

Ou pelo menos eu achava que não, pois a verdade era que eu nem sabia o dia em que tinha nascido, como tinha sido meu parto, o nome de minha mãe, nem mesmo se ela ainda vivia – apesar de acharmos que não, ou eu não teria ido parar na porta do convento com menos de uma semana de idade. De todas as mulheres cujos pés caminhavam sobre aqueles pisos de pedra, eu era a única que não tinha a mínima ideia das circunstâncias de meu próprio nascimento.

Era como uma ferida supurada que eu me treinara a não coçar. Mas, em certos dias, a dor e a ardência eram quase insuportáveis. Especialmente quando eu me confrontava com uma convencida menina de nove anos, abençoada com reflexos tão rápidos que era conhecida por pegar flechas em pleno voo.

Aveline mantinha a atenção no azevinho, mas me observava pelo canto do olho.

– Isso significa que um dia você vai me deixar lutar com você?

Não consegui evitar, e dei risada.

– Você acha que consegue me vencer?

Ela ergueu um ombro.

– Eu acho que gostaria de saber se conseguiria ou não.

Diante de suas palavras, meu sorriso vacilou, e tive de fazer um grande esforço para não largar a faca, derrotada. Até aquela *criança* achava que eu não era mais páreo para ela. Evitei cuidadosamente olhar para o oceano, logo além das árvores. Era um lembrete doloroso demais de que tanto Ismae quanto Sybella tinham sido enviadas para lugares para onde eu não fora, seguindo seus destinos, enquanto eu estava presa ali, bancando a babá para um bando de pequenas assassinas.

Senti um puxão no canto do meu hábito, olhei para baixo e vi Florette ali parada com olhos esbugalhados.

– A gente não queria deixar você triste, Annith.

– Ah, vocês não deixaram. Estou só… – O quê? Estava com pena de mim mesma? Com saudade das minhas amigas? Queria que o destino tivesse me dado outras cartas? – Estou ansiosa para terminar logo isso para podermos começar a decoração.

Seu rostinho se tranquilizou, e ela voltou para o próprio trabalho enquanto eu seguia para o galho seguinte. Era difícil, muito difícil, não me sentir desperdiçada – como uma espada nova que enferrujou antes mesmo de ser usada. Apertei a faca com firmeza, lembrando-me de que a abadessa tinha me assegurado de que esse era apenas um dos muitos mistérios de Mortain: por que Ele chamara as outras primeiro. Se eu tornasse a encontrá-lo cara a cara, ia Lhe perguntar o motivo.

Com educação, é claro.

– Annith? – disse Aveline.

– Uhm?

– É assim que devemos picar nossos galhos?

Olhei para baixo, horrorizada ao ver os buracos e cortes que tinha feito na casca prateada do teixo, enfiando minha faca várias e várias vezes nele. Pelos santos!

– Não! Claro que não. É só que essa faca precisa ser amolada!

Ela ergueu uma de suas pálidas sobrancelhas ruivas para mim, parecendo bem mais velha que seus nove anos.

– Annith! Olhe!

Ao grito de Florette, virei-me e a vi apontando para o pequeno grupo de árvores. Seria um corvo? Pois eu tinha prometido pagá-la se ela me avisasse sempre que visse um se aproximando. Era nosso segredinho. Como compensação, eu trocava os lençóis de sua cama sem contar a ninguém quando ela os molhava, apesar de achar que muitas meninas desconfiavam.

Corri até as árvores examinando o céu, mas não vi nada.

– Não, não no céu, na água. É um *barco*.

Baixei rapidamente o olhar para o horizonte, e vi que Florette estava certa: havia um barco a caminho da ilha. Senti uma pontada rápida e forte de medo no estômago até ver que o barco não trazia uma das agourentas velas negras que anunciavam a morte.

– Aveline, vá procurar a irmã Thomine e a irmã Widona. Diga a elas que um remador noturno chegou. Audri, fique aqui com as outras meninas e continue a colher as folhagens.

Enfiei a faca na bainha em meu pulso, ergui a barra da saia e corri pela praia rochosa até o desembarcadouro. Havia dois homens no

barco, o remador e um outro, um padre itinerante, imaginei. Uma garota estava sentada entre os dois. Ela era pequena, tão pequena que não pensei ser mais velha que Audri ou Florette. À medida que o barco se aproximava em ritmo constante, vi que as mãos dela estavam amarradas, e havia uma corda em torno de sua cintura, prendendo-a ao barco.

O remador noturno viu meu olhar furioso.

– Pode parar com esse olhar, senhorita. Nós só a amarramos para impedi-la de pular na água. Acha que é um peixe, essa daí. – Pisquei, surpresa, e virei-me para o padre itinerante, esperando uma explicação.

Ele acenou a cabeça para me cumprimentar.

– É verdade. Os moradores locais a mandaram primeiro para St. Mer, achando que era uma delas. Mas a abadessa deu uma olhada na menina e soube que não era. Na verdade, sua mãe se afogou, mas eles a encontraram a tempo de tirar a criança de seu útero. Só que aí o pai não quis nada com ela. Achou que o bebê tinha provocado a morte da mãe.

Essa história, como a história da maioria das meninas, apertou meu coração. Eram tantas mães mortas, tantas filhas levando a culpa… Quase agradeci por não conhecer as circunstâncias de meu nascimento. Que tipo de morte minha mãe havia sofrido? Que pecados foram imputados a mim por ousar vir a este mundo?

– Bem, agora vocês estão em terra, então desamarre-a imediatamente. Qual o nome dela?

O padre itinerante lançou um olhar desconfortável para o remador enquanto a desamarrava.

– Melusine – disse ele. O marinheiro ergueu aos lábios a concha sagrada que usava em torno do pescoço.

Quando revirei os olhos, foi a vez dele de me encarar.

– Esse é um nome de mau agouro, moça. Especialmente para nós, marinheiros.

– É um nome tolo – murmurou o padre itinerante.

Ignorando os dois, voltei minha atenção para a própria Melusine.

– O que você acha de seu nome?

Ela olhou para mim com olhos exatamente da cor do mar.

– Gosto do meu nome. Eu mesma escolhi.

Sorri.

– Então gosto dele também. Os nomes que damos a nós mesmas são sempre os melhores. Agora, venha. – Estendi a mão para ela. O padre ajudou-a cuidadosamente até a proa e depois a desceu pela lateral até a praia. A menina olhou para trás, saudosa, para a água azul cintilante. Segurei sua mão rapidamente e a puxei em minha direção.

– Você pode nadar depois – disse a ela. – Quando não estiver tão frio.

Quando me virei para acompanhar Melusine até o convento, encontrei um grupinho de três meninas nos observando com olhos grandes e curiosos. Aveline chegou nesse momento, sem fôlego após correr.

– A irmã Thomine está ensinando às outras agora, e a irmã Widona está cuidando de uma égua que está dando cria. Elas disseram que você pode cuidar da recém-chegada. Você já fez isso várias vezes.

E fiz mesmo.



Mandei as meninas mais novas para a aula seguinte um pouco mais cedo – comportamento, com a irmã Beatriz. Ela ficaria irritada, mas seus pequenos aborrecimentos não eram tão importantes quanto instalar a garota. Não achei que Melusine estivesse ferida ou doente, mas era hábito examinar minuciosamente as recém-chegadas, pois muitas vinham malnutridas e eram espancadas, ou abusadas fisicamente de outras maneiras.

Enquanto a conduzia pelo corredor, tentei não pensar em todas as noviças que acompanhei por aquele caminho, que agora mesmo estavam servindo a Mortain de maneira muito mais gloriosa que eu. Tentei não pensar em Ismae lá na corte, com suas roupas elegantes e armas, fazendo o trabalho que nasceu para fazer. Afastei

pensamentos sobre Sybella, atualmente em sua quarta missão, sem dar notícias por mais de seis meses. Eu não conduzi Sybella por esse corredor – foram necessárias quatro freiras adultas, duas de cada lado, para garantir que ela não se machucasse nem fugisse.

Não, não podia pensar naquilo agora. Não podia cair na fraqueza da dúvida e da autopiedade. A porta da enfermaria estava aberta, mas bati com delicadeza para que nossa presença não assustasse a irmã Serafina. Ela ficava tão absorta em seu trabalho que esquecia de comer, dormir e até mesmo onde estava, às vezes.

– Irmã? Temos uma novata.

A irmã Serafina ergueu os olhos de uma longa e complexa série de tubos e frascos, um dispositivo que ela mesma projetara e construíra com o objetivo de aumentar a produção de ervas medicinais e tinturas. Ela espiou por cima de uma espiral de cobre para nós.

– Seu nome é Melusine, e ela foi mandada por engano para o convento de St. Mer. Aparentemente, ela tem afinidade com água. – Sorriu para a menina para que ela soubesse que eu não estava fazendo qualquer juízo de valor.

A irmã Serafina largou um frasco de vidro, esfregou a mão em uma toalha de linho e estudou Melusine.

– Gosta do mar, você?

– Sim, senhora.

Depois de deixar a menina nas mãos habilidosas da irmã Serafina, saí da enfermaria para informar a abadessa de nossa nova adição.

Enquanto me aproximava de seus aposentos, ouvi vozes vindo do interior. Com esperanças de que tivessem recebido notícias de Sybella ou, ainda melhor, notícias de alguma missão para mim, parei perto da porta como se estivesse apenas esperando minha vez de ver a abadessa, depois aproximei o ouvido.

– Essa é uma notícia realmente terrível. – Era a irmã Eonette quem estava falando.

– Não é nada bem-vinda – concordou a abadessa. – E não podia ter chegado em pior momento.

– Isso não a preocupa por *outras* razões? – A irmã Eonette colocou uma ênfase estranha na palavra *outras*, o que me fez

apertar mais a orelha na porta.

– Você quer dizer além da doença da irmã Vereda, que nos deixa cegas em um momento em que nossa duquesa está rechaçando pretendentes raivosos e tentando evitar que os franceses invadam e reclamem para si a posse de nosso ducado? Quando nosso país está ameaçado por uma guerra civil e sob risco de invasão? – A voz da madre superiora era mais seca que o pão velho que dávamos aos porcos.

Meus pensamentos voaram imediatamente para Ismae e Sybella e inúmeras outras lá fora no mundo. Sem uma vidente, como iríamos guiá-las? Elas acabariam expostas e sem instruções justamente quando menos poderiam se dar a esse luxo.

– Eu não preciso observar para a senhora que é bastante raro uma das servas de Mortain ficar doente, mesmo uma tão idosa quanto a irmã Vereda. Será que isso não é indício de algum…

– Basta! – A voz da abadessa cortou o ar, interrompendo as palavras que eu estava aguardando com tanta ansiedade. – Você não deve dividir suas dúvidas e preocupações com ninguém. Chame a irmã Thomine ao meu gabinete imediatamente.

Houve uma pausa longa e pesada, enfim rompida pela irmã Eonette.

– Mas é claro, madre superiora. – Sua voz escorria um sarcasmo tão cortante que beirava o escárnio. Esperei que a abadessa fosse repreendê-la por aquilo, que lhe desse um tapa ou a mandasse fazer penitência por demonstrar tamanho desrespeito, mas ela não fez nada.

O suave ruído dos passos da irmã Eonette se aproximando da câmara do quarto fez com que eu me movesse. Rapidamente, antes que ela saísse, desci pelo corredor e comecei a caminhar na direção do gabinete, de modo que estava a bons seis passos de distância quando a irmã Eonette apareceu. Ela olhou para mim.

– A abadessa tem uma reunião com a irmã Thomine – contou-me ela.

– A irmã já está aí? – perguntei inocentemente.

– Não. Vou buscá-la.

– Só vai levar um minuto. – Dei um sorriso rápido e alegre com a

intenção de tranquilizá-la, mas ela simplesmente ergueu um ombro, demonstrando irritação. – Muito bem, mas deixo um aviso: ela não está de bom humor esta manhã.

– Obrigada pelo aviso, irmã.

Ela acenou brevemente a cabeça, depois passou por mim e foi buscar a irmã Thomine. Com a cabeça girando, cheia de perguntas, bati na porta com delicadeza.

– Entre.

Eu tinha levado cerca de cinco anos para conseguir entrar naquela sala sem que meu coração acelerasse de medo. Estava satisfeita que, naquele dia, tudo o que eu podia temer era que a abadessa percebesse minha curiosidade.

– Annith! – A abadessa pousou sua pena de escrever. Apesar de estar sorrindo, o sorriso não chegava a seus olhos, e sua pele estava franzida de preocupação. – Que surpresa agradável. Nós temos alguma reunião hoje da qual eu esqueci?

– Não, madre superiora – eu disse, por cortesia. – Só vim informá-la que uma nova menina chegou, enviada pela abadessa de St. Mer.

– Ah, sim. A abadessa me escreveu sobre ela. – Apanhou uma pequena pilha de correspondências e pegou uma carta no alto. – Seu pai achava que ela era amaldiçoada e não queria lidar com ela, por isso foi criada pela irmã da mãe, até que essa mulher morreu dando à luz o próprio filho. O nome dela é Melusine. – A abadessa torceu o nariz para isso. – Um nome completamente frívolo e tolo.

– A própria criança o escolheu – expliquei. – Talvez em uma tentativa de se agarrar justamente às coisas que os outros temiam nela e refazê-las como algo adorável e misterioso.

A abadessa olhou para mim.

– Você provavelmente está certa, e é muito bondosa por ter pensado nisso. Ela poderá ficar com esse nome. – Encostou-se em sua cadeira. – Você tem um jeito tão hábil com garotas recém-chegadas. Eu me pergunto se devíamos fazer com que você servisse como nossa mestra das noviças. Pelo menos até você ser chamada por Mortain.

Não tínhamos uma mestra das noviças havia anos. Não desde que a própria abadessa, na época chamada irmã Etienne, ocupara essa

posição, subordinada à abadessa anterior, que chamávamos de Dragonette.

Ela arqueou a sobrancelha e curvou a boca em um raro momento de humor.

– Percebo que você não está muito satisfeita com essa ideia. Parece que acabou de engolir um copo cheio de suco azedo.

– Se por um lado gosto de ajudar as meninas novas, temo que, se eu me concentrar apenas nisso, minhas outras habilidades e reflexos poderiam facilmente se embotar, e talvez eu não esteja pronta quando chegar o chamado de Mortain.

Foi a abadessa que evitou que eu mergulhasse em desespero quando enviaram Ismae em missão e eu fiquei para trás mais uma vez. Ela me garantira que aquilo nada tinha a ver com minhas habilidades ou dedicação, pois quem era mais habilidosa ou dedicada que eu? Sem dúvida, foi algum capricho do Deus. Ela tinha certeza de que Ele estava me poupando para algo extraordinário.

– Muito bem, então. Mas, pelo que ouço, você superou muitas de suas professoras em seus campos.

Não pude evitar apreciar seu elogio. Não porque ela fosse mesquinha com eles – ela não era –, mas porque eu precisava desesperadamente preencher o vazio que se abrira dentro de mim no dia em que Ismae foi escolhida à minha frente.

Talvez temendo que o elogio me subisse à cabeça, a abadessa mudou de assunto.

– E como estão indo os preparativos para o solstício de inverno?

– Aveline e Louise cresceram tanto que as duas precisam de capas brancas novas, mas a irmã Beatriz está cuidando disso. Ela me garantiu que ficarão prontas para a cerimônia de solstício.

– E como vai a jovem Audri?

– Está bem. Os vapores da raiz de mandrágora só a deixaram enjoada. A irmã Serafina diz que ela vai se recuperar completamente. Seu apetite está bom, seus humores corporais estão equilibrados, e ela dorme profundamente, sem pesadelos nem outros problemas. Ela deve estar bem para se unir às outras nas lições desta tarde, se a senhora desejar.

– Que seja assim, então. Não há razão para mantê-la desocupada. E Lisabet? Como está ela?

Eu sorri.

– Também vai bem. Na verdade, ela descobriu uma nova maneira de simular a morte, e está muito satisfeita consigo mesma.

A abadessa deu um suspiro, como se estivesse se preparando para o pior.

– E o braço de Loisse?

– Como a senhora suspeitava, a queda do cavalo não quebrou seu pulso, apenas o deslocou. Ela também estará bem para a cerimônia de solstício de inverno, apesar de ter de carregar sua tocha com a mão esquerda.

– Isso vai estragar a simetria.

Tentei ocultar a surpresa em minha voz.

– A senhora preferia que ela não participasse?

Ela acenou com a mão.

– Não, não, é só um pequeno aborrecimento, uma imperfeição que não pode ser evitada.

– Ela não vai tentar ficar de pé em cima de seu cavalo outra vez, garanto à senhora. – Não contei a ela que Loisse estava fazendo isso em uma tentativa de se igualar às minhas próprias habilidades, pois não havia razão legítima para uma assassina montar nessa posição, e temi que a abadessa reconhecesse nisso o pecado do orgulho.

– Muito bem. Obrigada, Annith. – Ela pegou a pena de escrever, oferecendo-me o sinal de que estava dispensada. Fiz outra reverência, depois virei-me para deixar o aposento, mas fiz uma pausa ao chegar à porta. Uma pergunta pairava em meus lábios, mas, antes que eu pudesse fazê-la, a abadessa falou: – Vou poupá-la de uma viagem ao aviário – disse ela sem tirar os olhos do trabalho. – Não tivemos notícias de Ismae nem de Sybella.

– Obrigada, madre superiora – eu disse, fechando a porta às minhas costas.

Fiquei tocada ao perceber como ela me conhecia bem; mesmo sob o fardo de tantos problemas, ela ainda tirava um tempo para me tranquilizar. Pois eu via na tensão em torno de seus olhos e na

disposição severa de sua boca que seus problemas pesavam sobre ela. Ela sempre fora a mais forte entre nós. Quando a grande tragédia atingiu nosso convento sete anos atrás, ela foi a única a manter a cabeça erguida e a nos conduzir adiante, enquanto as outras só choravam e torciam as mãos.

As insinuações veladas da irmã Eonette tinham chamado atenção em minha longa vigilância, e ver a aflição da abadessa fez com que todos os meus músculos se tencionassem. A necessidade de saber o que estava errado era uma pequena criatura faminta mordendo meus calcanhares.

Verifiquei rapidamente o corredor para me assegurar de que não vinha ninguém, então corri para a pequena passagem escondida atrás da tapeçaria de Saint Arduinna apontando sua flecha de prata para a figura escura e encapuzada de Mortain. Era um acesso para a capelinha particular que dava para o gabinete da abadessa. Poucos sabiam de sua existência, e eu só o descobri porque uma vez, quando tinha cinco anos e fui trancada na adega de vinhos como castigo, ouvi a irmã Appollonia e a irmã Magdalena falando sobre ele, sem que nenhuma das duas percebesse que minhas orelhas grandes estavam apenas a uma porta de distância.

Era um hábito que desenvolvi quando jovem: colecionar segredos como um avarento coleciona moedas. Jamais teria sobrevivido aos anos com Dragonette se não tivesse lido cada pedaço de papel que passou pelo meu caminho, ouvido atrás de cada porta, e espiado cada buraco de fechadura, tentando determinar o que ela esperava de mim para que eu pudesse corresponder a essas expectativas o mais rápido possível e evitar as consequências dolorosas de desapontá-la.

Apesar de Dragonette estar morta havia sete anos, eu não fui capaz de me livrar desse hábito. Mas, tal como um avarento com suas moedas, não tinha interesse em compartilhar nenhum desses segredos. Em vez disso, eu os usava para aliviar os lugares esfolados e doloridos de minha alma e para lembrar a mim mesma que outras no convento, outras com habilidades mais impressionantes que as minhas, também tinham falhas humanas.

Afastei a tapeçaria que ocultava a porta da capela, em seguida

ergui cuidadosamente o trinco e entrei. Eu me posicionei assim que uma batida seca soou na porta do gabinete da abadessa.

– Entre. – A voz da abadessa chegava baixinha, mas nítida.

Tanto Ismae quanto Sybella possuíam a habilidade de sentir a presença de outras pessoas, mesmo quando havia uma porta ou parede entre elas. Este era um dom que ainda me faltava. Entretanto, aprendi a compensá-lo reconhecendo as freiras sem vê-las. A irmã Beatriz tinha passos leves, como se dançasse na ponta dos pés, enquanto a irmã Widona movia-se tão silenciosamente que era quase possível sentir seus movimentos em vez de ouvi-los. A irmã Serafina arrastava um pouco o pé esquerdo, e a irmã Thomine pisava muito forte, com passos altos e vigorosos que podiam ser ouvidos a quatro quartos de distância. A menos que estivesse lutando – aí era tão silenciosa quanto o vento, e tão mortal quanto uma flecha.

– Mandou me chamar, madre superiora? – Ouvi a irmã Thomine perguntar.

– Feche a porta, por favor.

Houve um leve estalido do trinco quando ele foi fechado. Depois, silêncio.

– Como Matelaine e Sarra estão se saindo no treinamento?

Seguiu-se uma longa pausa que me fez pensar que o que quer que a irmã Thomine estivesse esperando, não era aquilo.

– Bem o suficiente – disse ela por fim. – Sarra é habilidosa e competente, mas também preguiçosa e sem disposição para se esforçar. Matelaine tem menos talento natural, mas é bem mais comprometida. Infelizmente, suas habilidades únicas não a ajudam em suas tarefas. Por que a senhora pergunta? Elas ainda são jovens. Sem dúvida a próxima a ser enviada é Annith, não? – Tive vontade de abraçar a irmã Thomine por colocar para fora meus pensamentos.

– A irmã Vereda ficou doente. – As palavras da abadessa saíam entrecortadas. – Ela está doente demais para continuar a ter visões. Acho que Annith pode ser chamada para tomar o lugar de vidente.

No início, as palavras não fizeram sentido para mim; era como se a abadessa tivesse começado a falar em alguma língua estrangeira

que eu nunca ouvira antes. Ou como se a grossa parede entre nós tivesse inexplicavelmente distorcido as frases. Mas um leve tremor surgiu em meu estômago e se espalhou pelos membros, como se meu corpo entendesse o significado antes de minha mente.

– Mas Annith é nossa noviça mais habilidosa em anos. Francamente, estou surpresa que a senhora tenha enviado Ismae antes dela, pois Ismae estava aqui havia apenas três anos, e Annith treinou a vida inteira. Por que desperdiçar essas habilidades tornando-a vidente?

Prendi a respiração à espera da resposta.

– Não lembro de incumbir você dessas decisões. – A voz da abadessa estava muito tensa. – Annith sobressaiu-se em todas as tarefas que pusemos à sua frente. Não há razão para acreditar que será diferente com as previsões.

Houve uma pausa curta antes que a irmã Thomine voltasse a falar, desta vez tão baixo que eu mal conseguia identificar as palavras.

– Mas ela vai apreciar esse destino? Ela está treinando desde que era um bebê para ser um instrumento da morte. Na verdade, acredito que foi isso que lhe permitiu sobreviver aos anos de Dragonette…

– Basta! – A voz da abadessa ecoou pelo ambiente como um chicote. – Ela é obediente e maleável, e sempre leva em consideração os interesses do convento. Ela vai fazer o que lhe mandarem. Cuide para que intensifiquem o treinamento de Matelaine e Sarra, para que elas estejam prontas se precisarmos mandá-las para fora. Nós nos concentramos por tempo demais em treinar as noviças mais velhas, e não o bastante em treinar as outras.

Meu coração batia tão alto que quase não ouvi a abadessa dispensando a irmã Thomine, e o som da porta do gabinete se fechando pareceu tão distante que podia ter vindo do fundo do mar. Eu me apoiei na parede sólida às minhas costas, e lentamente me abaixei até o chão. O que ela queria dizer? Como ela podia… Levei as mãos ao rosto e o esfreguei, tentando raciocinar com clareza.

Em todos os meus dezessete anos no convento, nunca tinha passado pela minha cabeça que ser vidente era uma possibilidade

para qualquer uma de nós. Se bem que, pensando agora, eu percebia que uma vidente devia vir de algum lugar. Sempre supus que esta era uma posição dada a uma freira quando ela ficasse velha demais para desempenhar outras funções. Ou… bem, a verdade era que eu nunca tinha refletido muito sobre isso.

E por que deveria? Eu nunca havia demonstrado nenhuma habilidade nem afinidade por profecias e visões. Nem haviam me ensinado essas coisas. Baixei os olhos para minhas mãos, e fiquei surpresa ao ver que ainda estavam tremendo. Cerrei os punhos.

A abadessa não podia estar falando sério. Ela mesma disse que eu era uma das noviças mais talentosas que já tinham percorrido os corredores do convento. Não era possível que esse fosse o desejo de Mortain, pois, se fosse, por que ele me daria esses talentos? Essas habilidades?

Pela primeira vez em mais de dezessete anos, eu me perguntei o que Dragonette pensaria daquilo se ainda estivesse viva. Não, não precisei imaginar. Eu soube: ela jamais teria considerado uma coisa dessas. Seria como produzir uma arma para depois usá-la para mexer uma panela.

Eu nem sabia se para a abadessa isso era uma grande honra ou um castigo.

Não exatamente um castigo, mas um preparo. Era isso que Dragonette diria, com a voz plena com seu desejo palpável de criar em mim a arma perfeita, cuja existência glorificaria Mortain.

Só que agora parecia que essa arma seria trancada, para jamais ser usada com o propósito para o qual fora criada.



Saí rapidamente da capela e comecei a descer o corredor. Eu precisava de um plano. Tinha de descobrir uma maneira de dissuadir a abadessa de levar a cabo sua ideia. Depois de uma curva, deparei-me com um pequeno grupo de meninas mais velhas em uma rodinha, sussurrando entre si. Quando me aproximei, seus

olhares se fixaram em mim como corvos famintos sobre um naco de carne.

Merde. Eu não queria falar com elas naquele instante. Não com a ameaça da abadessa ainda zunindo em meus ouvidos como vespas furiosas. Aquela notícia tinha me virado de cabeça para baixo tão completamente que era como se eu fosse um balde de água sendo virado por uma das irmãs leigas ao lavar roupa.

Mas meus longos anos de treinamento se impuseram e assumiram o controle, e consegui ocultar meu aborrecimento e confusão por trás de um véu de piedade e obediência.

– Meninas – murmurei em uma imitação quase perfeita da abadessa.

Sarra rangeu os dentes; ela odiava quando eu agia daquela maneira, mas Matelaine e Loisse me cumprimentaram calorosamente.

– Você sabe sobre o que eram todas essas reuniões misteriosas com a abadessa? – perguntou Matelaine enquanto ela e Sarra vinham caminhar ao meu lado.

Fiquei aborrecida por ter de fingir que elas sabiam algo que eu não sabia, mas dei um sorriso aberto para ela.

– Não, perdi a agitação. Sobre o que eram?

Sarra ergueu uma sobrancelha e colocou uma mão sobre o peito de modo irônico.

– Não me diga que nós sabemos algo que santa Annith não sabe?

Em um movimento que me espantou, minha mão deu um bote e segurou seu pulso.

– Se me chamar de santa outra vez, você vai descobrir o quanto *não* sou santa. – Minha voz saiu baixa, cheia de uma raiva que tinha pouco a ver com a menina.

A admiração invejosa que vi em seus olhos me surpreendeu quase tanto quanto minhas próprias ações. Soltei sua mão e respirei fundo. Todo mundo pensava que minha bondade era algo que vinha fácil para mim, que eu não me esforçava para ser assim, mas a verdade era que eu *me esforçava.* Da mesma maneira que as contas de um rosário corriam pelos dedos de um padre, uma litania de bondade passava constantemente pela minha cabeça: *Seja forte, tenha*

certeza de que suas ações glorificam Mortain, não demonstre fraqueza, permita que sua vontade ceda antes da dos outros.

Era especialmente revoltante ser chamada de santa quando eu temia que era justamente essa característica – ser tão obediente – que ameaçava alterar todo o rumo da minha vida. Forcei minha voz a reassumir um tom animado.

– Então é melhor vocês me contarem para que eu saiba também.

A presunção de Sarra desapareceu, substituída por mau humor.

– Não sei sobre o que era, só sei que houve muita agitação. Eu esperava que você tivesse os detalhes.

– Não, mas me deem um ou dois dias, tenho certeza de que vou descobri-los. – E, com isso, chegamos ao refeitório, onde deixamos de lado nosso entrevero para que as freiras não percebessem.

Capítulo Dois

FINALMENTE SOZINHA EM MEU QUARTO, entreguei-me aos pensamentos que mantive reprimidos durante todo o jantar. Devia haver uma maneira de convencer a abadessa de que eu não era adequada para a tarefa que ela tinha em mente para mim. Esse não era o melhor uso para minhas habilidades, que adquiri com muito trabalho duro e uma determinação férrea, apesar do alto custo para mim mesma. Habilidades que, prometeram-me, seriam usadas pela glória de Mortain e para realizar Seu trabalho, e não mandadas para apodrecer no retiro escuro e bolorento dos aposentos da vidente.

A abadessa não disse nada sobre a Visão ser uma das bênçãos ou dons que Mortain dava a nós. Ela disse apenas que era algo que podia ser ensinado, e que eu não me importaria porque era obediente e maleável, e levava sempre em consideração os melhores interesses do convento. Mas eu devia minha fé e dedicação a Mortain, não à abadessa, apesar de ela poder ser perdoada por acreditar nisso.

Ismae e Sybella sempre achavam que eu conseguia as coisas com facilidade e que desfrutava da posição de favorita no convento. Só que nunca contei a elas como passei minha vida inteira no gume afiado de uma navalha, desde que dei meus primeiros passos.

Ser criada em um convento cheio de mulheres dedicadas a questões espirituais seria uma vida difícil para qualquer criança. Mas, quando essas mulheres veneravam a Morte e dedicavam a própria vida a servi-La, a aprender Suas artes e a realizar Suas vontades, isso poderia significar uma existência fria e sem alegrias.

Assim, enquanto para Ismae e Sybella o convento era uma espécie de refúgio, uma fuga dos horrores do passado, para mim era algo totalmente diferente. Minha infância foi um período de testes frequentes e inesperados, normalmente ministrados quando

eu estava embalada em uma falsa sensação de calma – algo contra o que eu havia sido alertada, então os testes em si eram simplesmente castigos que eu merecia.

Como quando eu tinha seis anos de idade e estava caminhando pela praia com Dragonette para observar as meninas mais velhas partirem para o continente. Assim que elas sumiram de vista, Dragonette me pegou e jogou no oceano para ver se eu aprendia a nadar naturalmente, como acontecia com algumas filhas de Mortain. Ou a vez que ela mandou cobrir minha cabeça com um saco para ver por quanto tempo eu conseguia segurar a respiração (não muito, especialmente porque meus gritos sugaram mais rapidamente todo o ar que restava lá dentro). Ou quando ela passou o braço em torno de meus ombros e eu achei que finalmente tinha feito algo para ganhar um sinal de afeição dela, só para em seguida ela subir a mão e agarrar meu pescoço e apertá-lo, para ver se eu suportava tamanha pressão (como era frequente com as que nasceram com o cordão umbilical enrolado no pescoço).

Passei a temer essas sessões com ela, por mais que significassem que eu era sua favorita. E eu odiava não ser forte o suficiente para aceitar o favoritismo que ela me concedia sem arruiná-lo com meu medo. Houve vezes, muitas vezes, que acreditei que tudo isso acabaria me matando. Cheguei até a me perguntar se essa não seria sua intenção.

Se fosse, Dragonette não contou com meus pecados – o orgulho e a teimosia. Ela ainda não tinha entendido como eu podia simplesmente plantar os pés com firmeza no terreno da rebeldia só para provar que ela estava errada. Ou talvez ela contasse exatamente com isso. Logo aprendi a mostrar que mesmo os meus fracassos eram de um tipo que ela teria de, a contragosto, admirar; pois, apesar de eu ter defeitos, eles honrariam Mortain. Eu me entreguei tão completamente a minhas lições e aprendi minhas tarefas tão a fundo que logo as irmãs não conseguiam encontrar falhas em mim.

Se uma das garotas fosse uma arqueira melhor, eu escapava em segredo e treinava por horas, dias, semanas, até que meus dedos estivessem sangrando e meus pulsos estivessem feridos de tanto

puxar e disparar a corda do arco. Logo as pontas dos dedos esfolados endureceram e ficaram calejadas. Aprendi a ignorar a dor nos pulsos. Assim, não apenas me tornei a melhor arqueira entre todas as meninas, mas também me tornei indiferente à dor.

Com o tempo, Dragonette descobriu todas as minhas falhas e defeitos, assim como um pedreiro conhece sua pedra, e entendeu como eu podia ser teimosa. Mas essa abadessa e eu não tínhamos esse tipo de relacionamento. Quando eu era mais nova, ela sempre estava fora em suas missões e obrigações, e por isso não viu toda a dimensão de minha determinação.

Eu teria de mostrar a ela, lembrá-la, que havia mais em mim que mera obediência e docilidade.



De manhã, despertei afiada e pronta como uma das melhores lâminas da irmã Arnette, e estava quase saltitando de impaciência. Devíamos nos apresentar no campo de tiro com nosso arco no início da manhã, antes que o vento ficasse forte. Seria perfeito, pois eu era uma arqueira tão habilidosa quanto qualquer outra no convento, incluindo a irmã Arnette, que nos ensinava. Matelaine tentou falar comigo, mas fingi não vê-la, pois estava concentrada apenas no desafio à nossa frente.

Enquanto nos alinhávamos diante dos alvos, estreitei o foco para que o mundo consistisse apenas no alvo e na ponta de minhas flechas. Com a mesma facilidade com que evitei Matelaine, afastei qualquer dúvida ou hesitação. O momento para sutilezas já tinha passado, era um luxo que não podia mais me dar. Meu único recurso era provar não haver ninguém no convento cujas habilidades se comparassem às minhas. Aí a abadessa não teria opção além de me escolher para a próxima missão.

Soltei o ar e liberei a corda do arco. Quando a primeira flecha acertou o centro do alvo, eu já estava pegando a seguinte. Atirei de novo e de novo e, em alguns minutos, já tinha disparado todas as

minhas flechas, com todas elas formando um grupo de dez centímetros no centro do alvo.

Sem fôlego, relaxei e vi que as garotas tinham parado de praticar e estavam olhando para mim.

– É assim que se faz, garotas – disse a irmã Arnette, acenando a cabeça de modo satisfeito em minha direção. – Agora parem de ficar olhando boquiabertas e atirem.

Tive de esperar que elas terminassem para recuperar minhas flechas. Repeti o desempenho na segunda e terceira saraivadas, mas, na quarta série, o vento aumentou. Calculei mal a força, e uma flecha errou o alvo.

– É isso! – gritou a irmã Arnette. – Não vamos conseguir treinar muito mais com esse vento. Podem guardar os arcos e…

Fechei meus ouvidos a suas palavras, fiz alguns cálculos na cabeça, e então tornei a disparar. Essa acertou na mosca, e a seguinte, e a outra também. Errei a quarta, mas só porque o vento arrefeceu depois que eu soltei a corda.

– Basta. – A voz da irmã Arnette estava bem junto ao meu ouvido. Quando me virei para olhar para ela, estávamos quase perto o bastante para nos beijarmos. – Está ventando demais. Vamos voltar amanhã.

Ela me deu um tapinha carinhoso no braço para me dizer que eu havia me saído muito bem. Parte de mim apreciou aquele pequeno gesto de reconhecimento e desejou sorrir de volta para ela em agradecimento, assim como eu teria feito na véspera ou no dia anterior. Em vez disso, obriguei-me a ignorar. Queria que ela – que todas elas – visse como eu *não* era obediente e maleável.

– Verdade, irmã? Os agressores vão parar porque está ventando demais? Mortain vai retirar a marca de nossos alvos quando soprar uma brisa mais forte? Uma assassina de verdade não deve saber atirar sob essas condições?

Sem tirar os olhos dos meus, ela chamou as outras.

– Quando terminarem aqui, apresentem-se nos estábulos. – Havia uma centelha de raiva em seus olhos. O que era bom, pois raiva era exatamente do que eu precisava para alimentar aquela fome, aquele desespero de provar meu valor.

– Você está tentando envergonhá-las? – perguntou ela em voz baixa e tensa.

Lembrei-me das palavras de Aveline na véspera (fazia apenas um dia?).

– Não, mas fingir ser fraca as torna mais fortes? – Com isso, virei-me e fui embora. Enquanto me encaminhava aos estábulos, um pequeno e amargo verme de arrependimento tentou subir por minha garganta, mas me recusei a me sentir mal por observar a tolice de não treinar naquelas condições.

A lição seguinte correu de modo muito parecido, só que dessa vez consegui enfurecer a sempre calma irmã Widona, algo que nunca havia feito em todos os meus anos no convento. Seu rosto estava branco e franzido enquanto ela me repreendia por eu exigir demais de meu cavalo e saltar com ele em estado de exaustão, arriscando quebrar sua pata e meu pescoço. Quando ela me mandou voltar aos estábulos, quis esporear a barriga do cavalo e galopar na direção oposta. Podia senti-lo agitado sob mim, ávido para liberar toda sua força e energia. Como eu, ele ainda tinha mais guardado, e Widona o estava poupando, assim como a abadessa me poupava. Só a ameaça de ser proibida de montar por duas semanas inteiras me fez obedecer, pois minhas habilidades com cavalos eram um de meus melhores argumentos para justificar por que eu deveria ser a próxima enviada em missão.

Ao voltar sozinha para os estábulos após ser repreendida, pensei que, se eu deixasse as freiras com bastante raiva, talvez elas implorassem para que a abadessa me mandasse em missão, antes que ficassem tentadas a me matar com as próprias mãos.



No dia seguinte, nos apresentamos ao pátio de treinamento para luta com facas, usando lâminas de madeira feitas pela irmã Arnette com a aparência e o peso de facas verdadeiras. Passei quase a noite inteira remoendo as palavras da abadessa até que meu

coração ficasse dolorido, e meus músculos se retorcessem com uma necessidade desesperada de fazer *alguma* coisa para evitar o destino que ela queria para mim.

Usei esse sentimento de desespero para acelerar meus reflexos e acumulei dezessete mortes nos primeiros quinze minutos.

A irmã Thomine anunciou um intervalo, em seguida me chamou de lado.

– Sua habilidade é maior que a de qualquer uma que já vi – disse ela. – Tanto noviças quanto iniciadas.

Tive de me segurar para não pedir que ela relatasse aquilo imediatamente à abadessa. Em vez disso, fiz uma reverência dócil com a cabeça.

– Obrigada, irmã.

– Entretanto, você não é a única noviça aqui. Você precisa começar a se conter, do contrário, as outras meninas nunca vão ter uma chance de desenvolver as habilidades *delas*. – Suas palavras fizeram minha cabeça erguer-se bruscamente em frustração, mas ela não percebeu e me deu um tapinha desajeitado no ombro, conduzindo-me de volta para o grupo.

Minha oponente seguinte era Matelaine, que parecia estar um pouco mais que cautelosa em relação a mim. Em vez de dar a ela um sorriso tranquilizante, estreitei os olhos. Não podia facilitar, especialmente não com Matelaine. Não quando parecia que a abadessa estava contemplando mandá-la em missão em breve. No mundo real, os agressores não se conteriam nem suavizariam seus golpes, por isso, como agir assim poderia ensinar às outras algo além de como ser fraca e morrer cedo?

Acenei a cabeça uma vez para indicar que estava pronta. Ela atacou com um golpe de direita, avancei, e com três golpes rápidos, ela estava no chão. Eu não estava nem respirando com dificuldade quando ela olhou para mim.

Depois de derrotar Matelaine mais uma vez, e Sarra duas vezes, a irmã Thomine ordenou que eu deixasse o pátio pela tarde. Mantive a cabeça erguida, e lembrei a mim mesma que força não era nada de que me envergonhar.

Os esforços redobrados nos treinamentos trouxeram excelentes

resultados, pois não apenas demonstrei não haver outra que se igualasse a minhas habilidades, mas também me rebelei tão abertamente que relatórios de meu comportamento deveriam chegar até a abadessa e fazê-la repensar se eu seria tão obediente a todos os seus desejos.

Apesar de eu ter certeza de que a abadessa rapidamente perceberia o erro de sua decisão assim que os relatos das freiras começassem a chegar, era sempre bom abordar um problema por dois lados.

Se a irmã Vereda não estivesse doente, eles não precisariam de mim para ser a nova vidente. Portanto, eu devia fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para garantir a recuperação dela.

Capítulo Três

A irmã Serafina estava assoberbada de trabalho desde a partida de Ismae, pois ela era a única outra capaz de lidar com venenos sem sofrer seus efeitos perniciosos. Com as tarefas adicionais de enfermagem que precisava desempenhar para Vereda, Serafina estava completamente soterrada com tantos afazeres. Era bastante óbvio que ela precisava de ajuda.

Mas se eu simplesmente aparecesse e demonstrasse vontade de ajudar, isso poderia acabar chegando aos ouvidos da abadessa, o que não apenas levantaria suspeitas, mas confirmaria sua crença de que eu estava disposta a fazer qualquer coisa que me pedissem, não importando se eu tinha sido treinada para isso ou não. Então eu queria provocar a irmã Serafina para que ela pedisse minha ajuda sem parecer que era minha ideia, de jeito nenhum. Garanti a mim mesma que essa era a razão de meu artifício, e não essa necessidade avassaladora de ser exatamente o oposto de obediente e maleável que me atormentava a cada passo.

Parei bem em frente à porta da enfermaria. Fiquei escutando o tilintar de vidros e frascos e uma voz solitária murmurante, imaginando algo que disparasse a ira da irmã Serafina de tal maneira que ela fosse rápida em castigar-me com tarefas extras.

Pensei no rosto querido da velha freira, em sua pele pálida e seus traços simples, e em sua pequena vaidade que a fazia pagar à jovem Florette para arrancar os pelos negros que começavam a brotar em seu queixo, e que seus olhos envelhecidos já não lhe permitiam ver.

E foi então que descobri o que iria aborrecê-la mais que tudo.

Fechei os olhos, procurando reunir a crueldade de que precisaria para fazer aquilo, pois eu odiava ter de provocar qualquer sofrimento na irmã Serafina. Mas este sem dúvida seria um

sofrimento pequeno em comparação a uma vida inteira trancada no claustro da vidente.

Além disso, Dragonette me ensinara que um coração mole não tinha qualquer serventia para uma assassina. *Brutal*, ela insistia sempre comigo. *Você deve ser brutal*. Com esse lembrete, caminhei na ponta dos pés, silenciosa e delicadamente, e entrei com arrogância na sala.

– Ah, a senhora está aqui, irmã!

A irmã Serafina ergueu os olhos das ervas que estava picando e franziu o cenho para mim. Havia ao seu lado uma chaleira sobre uma pequena chama, e seu lábio superior estava coberto por pequenas gotas de suor.

– Quem está procurando por mim agora?

Fingi não perceber o tom em sua voz.

– Só eu. – Levei a mão ao rosto e franzi o cenho. – Vim perguntar se a senhora podia preparar um banho especial para o meu rosto. A irmã Beatriz diz que minha pele não é tão delicada quanto deveria para uma nobre dama da corte. – A irmã não dissera nada disso para mim, mas para a pobre Loisse.

A irmã Serafina sacudiu a cabeça, insatisfeita, e continuou a cortar.

– Não tenho tempo para tais frivolidades e, sem dúvida, você também não.

Por um instante, minha resolução vacilou. Será que eu não devia confiar nela? Será que ela não simpatizaria com meu apuro? Afinal de contas, foi ela quem primeiro viu, e em seguida cuidou, das feridas em meu corpo, mesmo quando recebeu ordens de me deixar sozinha para que a própria vontade de Mortain guiasse o processo de cura. Suas mãos foram gentis e sua língua foi misericordiosamente silenciosa enquanto ela limpava e cuidava das lacerações. Ainda mais admirável era o fato de ela nunca ter tocado no assunto nem ter feito disso uma confidência especial entre nós. Ela nem mesmo se permitiu olhar para as cicatrizes que uma vez cuidou com tanta compaixão.

Mas era um risco grande demais. Só porque ela tinha sido muito boa para mim alguns anos atrás não significava que tinha feito um

voto de segredo em meu nome.

– É frívolo me fazer perfeita aos olhos de Mortain para que Ele me use em Seu trabalho? – Permiti que minha verdadeira preocupação ficasse clara em meu rosto.

– Você já é perfeita, filha – disse ela, com voz monocórdica.

Virei para uma bacia de metal polido sobre sua bancada de trabalho e a inclinei para ver meu próprio reflexo.

– Então por que ainda não fui escolhida? – A preocupação em minha voz não era falsa, mas vinha direto do coração.

– Sei que é difícil para você depois que Sybella e Ismae foram mandadas em missão. Mas sua hora *vai* chegar.

Apesar das palavras da velha freira, fui tomada por uma sensação quente e incômoda, e tive vontade de gritar com ela para dizer-lhe que isso poderia não acontecer, poderia *nunca* acontecer se as coisas se desenrolassem segundo a vontade da madre superiora. Apavorada com aquela onda de raiva, inclinei a cabeça e falei com delicadeza:

– Mas com certeza devo fazer tudo o que está em meu poder para estar pronta para esse momento.

A irmã Serafina apertou os lábios e passou a cortar mais rápido. Agindo como se não pudesse sentir sua irritação crescente – na verdade, até um grande e pachorrento boi seria capaz de sentir sua irritação –, eu me aproximei e olhei por cima de seu ombro.

– O que a senhora está preparando? É malva com confrei? Isso dá uma bela loção para melhorar a pele, não?

A velha freira parou de cortar e pousou a faca com violência sobre a mesa.

– Não tenho tempo para segurar sua mão nem lhe oferecer alento ou poções inúteis. Sem dúvida você tem coisas melhores a fazer com seu tempo livre, e outras habilidades que pode aperfeiçoar além da vaidade. – Ela esfregou a mão no avental e derramou mais água na pequena chaleira fervente.

Deixei que meus ombros se curvassem.

– Mas o que a senhora queria que eu fizesse? Sinto-me totalmente inútil. Tenho capacidade para lidar com todas as armas do arsenal da irmã Arnette, posso vencer a irmã Thomine em uma luta com a

mesma frequência quanto ela me vence, minhas habilidades com o arco são melhores do que a de qualquer outra aqui, e posso montar um cavalo em pelo, de costas ou em pé.

A irmã Serafina inclinou a cabeça; seus olhos brilhavam de curiosidade.

– De pé? Achei que apenas as seguidoras de Arduinna soubessem esse truque.

– Não. A irmã Widona me ensinou. – Deixei escapar um gemido de lamento em minha voz. – Não há nada mais para eu fazer. A irmã Beatriz até me ensinou todas as danças, todos os meios de sedução. Nossa, ela até me ensinou a…

– Basta! – A irmã Serafina ergueu a mão, interrompendo minhas palavras. Sem dúvida era uma estratégia inspirada por Mortain, voltar-me para o tema que a deixava mais desconfortável: as técnicas de sedução que nos ensinavam ali.

Ela jogou o punhado de ervas picadas na chaleira de água fervente.

– Muito bem – disse. – Se você dominou tudo o que ensinaram a você, tenho mais algumas coisas que você ainda precisa aprender.

Dei um passo ansioso em sua direção.

– A senhora vai me dar mais lições sobre venenos?

Ela soltou uma expressão de escárnio.

– Eu já te ensinei tudo o que posso sobre venenos. Para aprender mais, você teria de ser imune a eles, e você não adquiriu *essa* habilidade, adquiriu? – Ela virou e me lançou um olhar penetrante, quase como se esperasse que fosse verdade.

Sacudi a cabeça e dei um suspiro, combatendo uma pontada familiar de ciúme do mais útil e raro dos dons de Ismae.

– Infelizmente, não.

– Então vou lhe ensinar minha outra habilidade: enfermagem.

Olhei para a fileira de leitos vazios.

– Mas nós não temos pacientes.

– Ah, temos, sim. Aqui. – Ela empurrou a bacia de metal vazia para mim, depois pegou uma bandeja coberta com pequenos potes de unguentos e pilhas de ervas. – Siga-me.



De todas as tarefas que as freiras desempenhavam ali no convento, as da vidente eram as que eu menos conhecia. A irmã Vereda não se juntava a nós nas refeições, não participava de nossas festas e celebrações. Ela não nos dava aulas de nada nem nos treinava em nenhuma habilidade. Era como se ela não existisse. Uma serva só se encontrava com ela quando ia sair para uma missão prevista pela irmã.

A velha irmã Druette, antecessora de Vereda, era igualmente misteriosa, apesar de muito mais aterrorizante. Ela era conhecida por ficar parada à sua porta, espiando o corredor, pronta para agarrar ou beliscar uma noviça quando precisava de algo. A maioria de nós fazia o possível para evitar passar por aquele corredor.

Segui a irmã Serafina pela passagem que levava aos recessos mais recônditos do convento e me esforcei para manter passos firmes e lépidos. O medo começou a penetrar em meus ossos – uma consciência de que, quando eu entrasse nos aposentos da irmã Vereda, eu poderia me deparar com a face do meu próprio destino.

Não. Assim que a vidente tornasse a Ver, a abadessa com certeza afastaria aquelas ideias.

Quando chegamos à grossa porta de carvalho dos aposentos da vidente, a irmã Serafina ajeitou a bandeja que estava carregando, ergueu a trava e entrou. Tentei segui-la, mas meus pés não obedeciam. Estavam imobilizados, como se tivessem se emaranhado em alguma teia invisível.

A irmã Serafina virou a cabeça e olhou para mim por cima do ombro.

– O que é?

– Nada – disse, e me obriguei a atravessar a porta.

Os aposentos da irmã Vereda eram sombrios e mal iluminados. Os odores da doença pairavam pesadamente no ar: ervas pungentes, penico cheio, suor rançoso de febre. Parecia que todas as

expirações da vidente ainda estavam ali, aprisionadas para toda a eternidade. Precisei me segurar para não vomitar e sair correndo daquele aposento.

Respirei fundo e lentamente pela boca e permiti que meus olhos se acostumassem ao escuro. Quando isso aconteceu, a primeira coisa que vi foi um brilho laranja, pálido, vindo de quatro braseiros de carvão espalhados pelo quarto. À medida que minha visão se adaptava, consegui visualizar o interior. Era um lugar pequeno e atulhado, sem janelas e com apenas uma porta. Não havia nem mesmo uma lareira de verdade.

A irmã Serafina pousou a bandeja e pegou a bacia de minhas mãos.

– Como ela está? – perguntou ela à irmã leiga sentada ao lado da cama.

– No momento, bem o suficiente – respondeu a irmã. – Mas ela fica nervosa quando está acordada, e sua respiração está cada vez mais difícil e rasa.

– Não por muito tempo – disse a irmã Serafina, com uma determinação amarga na voz.

Depois que a irmã leiga saiu, segui a irmã Serafina, que se aproximava da cama. Apesar de Vereda ser velha, seu rosto era gorducho como o de um bebê, e sua pele era muito lisa. Não consegui deixar de me perguntar se isso se devia ao fato de ela não botar os pés para fora daquele quarto por anos e não sentir nem o sol nem o vento contra o rosto. Ela não usava touca, mas um pequeno gorro de linho cobria seu cabelo; alguns fios escapavam. Seu corpo estava oculto por camadas de cobertores que a mantinham aquecida. Enquanto olhava para ela, relembrei o comentário da irmã Eonette de que a doença da irmã Vereda seria indício de alguma influência oculta e sinistra.

– Qual o problema com ela? – perguntei, mantendo a voz baixa.

A irmã Serafina colocou a chaleira sobre um dos braseiros de carvão no quarto.

– Eu ainda não sei.

– Achei que nós, filhas de Mortain, não adoecíamos.

Ela apertou os lábios e começou a se mover com impaciência.

– Traga-me o tussilago, o confrei e a raiz de malva secos que estão aí no prato.

Fiz o que ela pediu e me perguntei por que ela não me respondeu. Ainda em silêncio, ela pegou as ervas, jogou-as dentro da chaleira e começou a mexer. Após algum tempo, finalmente falou:

– Nós não ficamos doentes. Pelo menos, não com frequência. E quando ficamos, nos curamos rápido. Vamos rezar para que a irmã Vereda também se cure depressa.

Como essa era a oração que eu estava fazendo o tempo inteiro desde que ouvira os planos da abadessa, foi bem fácil concordar.

– Bom. Agora, remova os cobertores e desamarre a camisola. Vamos botar esse cataplasma em seu peito e deixá-lo lá até que a fleuma relaxe seu domínio sobre os pulmões.

Naquele momento, percebi que não tinha a menor ideia do que aquele tipo de enfermagem exigia. Parecia terrivelmente desagradável. Fiquei dividida entre o riso e as lágrimas. Por toda minha vida esperei, prendendo o fôlego em antecipação, um encontro com a vidente. Seria o ápice de dezessete anos de trabalho duro: um triunfante chamado para servir Mortain. Mas, em vez disso, estava ali para esvaziar seu penico e limpar sua baba.

Foi quase, quase, o suficiente para me fazer desejar que Dragonette ainda estivesse viva. E apesar de ela estar morta havia sete anos, meu estômago se embrulhou dolorosamente com essa ideia.

Capítulo Quatro

Levou quase três semanas. Já bem perto do solstício de inverno, conseguimos finalmente expulsar a doença do corpo envelhecido da irmã Vereda. Ela ainda estava fraca e frágil, mas sobrevivera.

Eu nunca tinha tomado conta de uma doente com tanto vigor e fervor quanto cuidei da velha vidente. Eu dormi em um catre ao lado dela, levei colheres de sopa aos seus lábios magros e enrugados, passei esponjas de água fresca misturada com ervas em sua fronte febril, e apliquei cataplasmas em seu peito ressequido com minhas próprias mãos, desesperada para expulsar a febre de seus pulmões.

Ela não era uma paciente fácil. Eu já tinha ajudado a irmã Serafina com as meninas recém-chegadas, mas a vidente era muito mais irrequieta e exigente. Sem falar em como seu quartinho pequeno, sujo e fedorento era desagradável. Podia jurar que nem um hausto de ar fresco tinha entrado desde que ela fora encerrada ali muitos anos atrás.

Por isso, foi com grande alegria que despertei dois dias atrás e a encontrei com os olhos leitosos abertos, a pele fresca e nada além de resmungos e reclamações nos lábios. É preciso uma grande quantidade de energia para reclamar, e sem dúvida isso era um bom sinal.

Uma lufada de vento frio e salgado veio do mar e levantou minha capa, cobrindo o sol com uma nuvem negra inchada de chuva. Apesar de tremer um pouco, ergui o rosto e abri os braços, desejando que o ar fresco levasse todos os vestígios do quarto da doente.

Pelo que eu sabia, nada mais foi dito sobre a substituição da irmã Vereda, pelo menos não que eu tivesse ouvido. E tivemos mais notícias alegres naquela manhã: as visões da irmã Vereda haviam voltado. Eram pequenas e sem importância, mas ainda assim eram

visões. Eu mal podia esperar para relatá-las à abadessa. Assim que confirmasse sua veracidade, claro.

Foi isso que me levou ao aviário.

Estava escuro no interior da pequena cabana que fedia a fezes de corvos e levemente a carne em decomposição. A irmã Claude estava colocando um corvo em seu poleiro e cantarolava em um murmúrio tranquilizador, sem melodia. O hábito negro amarfanhado da velha freira cobria sua forma indistinta como um conjunto de penas mal arrumadas. Sua cabeça, encaixada no capelo negro, era magra e ossuda, e ela lembrava uma ave, com seu nariz comprido e pontudo como um bico. Ela inclinou a cabeça ao me ver.

– Não a vejo há muito tempo. Fiquei me perguntando por onde você andava.

– Estava ajudando a pobre irmã Vereda, mas ela está melhor agora, por isso posso retomar minhas tarefas habituais.

Ela resmungou.

– Pena que ninguém disse isso à abadessa. Ela acabou de sair daqui.

A notícia me pegou completamente de surpresa.

– A abadessa? O que ela estava fazendo aqui?

Ela fungou.

– Disse que estava dando uma volta no jardim quando viu o corvo chegar, mas não posso imaginar o que ela estava fazendo no jardim em um dia como esse. Você acha que ela estava me vigiando?

– Não imagino por que ela faria isso – tranquilizei-a. Mas era muito estranho. Em todos os meus anos ali, não lembrava de uma vez que ela tivesse ido ao aviário em busca de mensagens. Não era como se eu fosse a única noviça que pudesse levar e buscar mensagens para ela. Distraí a irmã Claude de suas preocupações entregando a ela o pacotinho de amêndoas confeitadas que tinha furtado nas cozinhas. – Aqui, trouxe algo para a senhora. Deixe-me atiçar o fogo, depois vou aquecer um pouco de vinho para acompanhar.

O rosto da velha freira se iluminou, e ela bateu os dentes em antecipação enquanto se sentava. Aquele era o segredo da irmã Claude: ela tinha desenvolvido um gosto excessivo por vinho. Se bem que quem poderia culpá-la, quando ela era frequentemente

excluída das festividades que ocorriam habitualmente no convento?

Cuidei do fogo até estar queimando forte, depois peguei um dos atiçadores da lareira e limpei as cinzas com meu avental.

– De quem era a mensagem? – perguntei, enfiando o atiçador no fogo. Fingi não estar extremamente interessada na resposta, e servi o vinho em um caneco pesado.

– Não era de nenhuma de suas amigas – disse a velha freira com a boca cheia de amêndoas. – Então não se preocupe.

Ignorei a leve censura, peguei o atiçador e em seguida o enfiei no interior do caneco. Houve um chiado suave enquanto o metal quente aquecia o vinho, e seu aroma encheu o local.

– Era do chanceler Crunard – disse ela enquanto eu lhe entregava o caneco. – Esse era seu outro segredo: ela trocava informação por pequenos confortos, coisas que eu lhe daria de qualquer modo.

– E nós só recebemos essa?

– Sim.

Segurei um suspiro. Pelo visto, a irmã Vereda falara coisas sem sentido naquela manhã, em vez de anunciar visões verdadeiras, pois ela havia dito que haveria duas mensagens. Escondendo a decepção, voltei minha atenção para o corvo que ainda estava andando de um lado para o outro sobre a mesa, um pouco agitado e remexendo em suas penas. Tentando decidir o quanto mais eu podia pressioná-la em busca de respostas (ela tivera tempo de ler a mensagem antes da chegada da abadessa?), apanhei o pote de barro grosso e pesado que continha as recompensas dos pássaros e peguei um naco de carne para alimentá-lo.

Assim que ele o agarrou, a porta do aviário abriu repentinamente e bateu contra a parede. Por um instante, temi que a abadessa tivesse voltado e estivesse ouvindo atrás da porta, mas não; era apenas o vento uivando no interior do aviário, fazendo os corvos erguerem a voz e crocitarem, irritados.

– Eu fecho – disse eu à irmã Claude. Corri pelo aposento para empurrar a porta quando meu olhar captou um pequenino ponto negro se aproximando com dificuldade através das nuvens que se acumulavam. Levei um momento para perceber que era outro corvo.

Fiquei empolgada. A velha vidente, afinal de contas, estava certa.

– Já volto – disse, olhando para trás, então saí correndo.

A pobre criatura lutava com grande esforço contra o vento, que parecia estar brincando com ela, como um gato brincava com um rato. Uma lufada lançou o corvo mais alto no céu, só para que uma mão invisível o golpeasse para baixo, de modo que ele precisou se esforçar muito para permanecer no ar. Por alguns segundos, ele não pôde fazer nada além de planar, preso pela força do vento, até ser liberado e poder voar velozmente para frente.

Levantei o braço e o corvo mergulhou em minha direção, pousando e se aferrando a mim com garras ávidas e afiadas. Envolvi a ave rapidamente com minha outra mão e comecei a murmurar sons reconfortantes enquanto alisava suas penas. Olhei para o pacote volumoso em sua pata direita. Eu precisava tomar uma decisão, e depressa.

Se a irmã Claude soubesse que havia uma mensagem, iria me observar de perto para ter certeza de que eu não a leria. E, assim que eu deixasse o aviário, eu não teria acesso aos materiais de que precisava para selá-la e ocultar as provas de minha intromissão. Em outras circunstâncias, eu talvez guardasse a mensagem por algumas horas até encontrar uma oportunidade de lê-la, mas com a tempestade se aproximando, a chegada do corvo seria evidente, e minha artimanha, facilmente descoberta.

Mas e se fosse de Ismae? Ou de Sybella? Eu tinha praticamente desistido de esperar notícias delas, mas…

Aninhando o corvo perto de mim, removi a mensagem de sua pata. Meu peito se encheu de uma sensação de triunfo quando reconheci a letra de Ismae. Decidida, enfiei o papel em um dos bolsos de meu avental, e coloquei o corvo em um dos bolsos maiores. Depois que o levasse escondido para dentro, seria fácil escondê-lo em meio aos outros pássaros.

Corri de volta ao aviário com uma desculpa pronta. Mas, quando entrei, vi naquele instante a cabeça da irmã Claude repousando delicadamente sobre seu peito; a caneca vazia pendia em sua mão.

Murmurei uma oração de agradecimento, segui até a mesa e retirei o corvo exausto e desgrenhado de meu avental. Antes que ele pudesse sequer pensar em abrir o bico para crocitar ou

reclamar, peguei um dos nacos de carne para silenciá-lo. Dei a ele mais dois como suborno, e quando ele estava bastante calmo, eu o botei em um poleiro vazio, onde ficou arrumando as penas.

Olhei para a irmã Claude para me assegurar de que ela ainda estava cochilando, saquei meu punhal fino da bainha no pulso e arrombei o lacre de cera do pergaminho. Aproximei-me da luz do fogo para poder ler a mensagem.

Caríssima madre superiora,

Muitas coisas aconteceram nos últimos dias, e nenhuma delas é boa. O conde D'Albret conspirou para se encontrar sozinho com a duquesa e violá-la. Sua tentativa só fracassou porque, alertada por Sybella, cheguei antes que ele pudesse levar a cabo seu objetivo nefasto. Infelizmente, não havia marca sobre a pessoa vil de D'Albret, do contrário eu já o teria estripado como se fosse um peixe.

A duquesa está bem, mesmo que um pouco abalada, e se mantém firme em sua recusa de considerar a proposta de casamento de D'Albret, não importando as consequências. Ela proclamou um édito sobre isso. Duval, o capitão Dunois e o chanceler Crunard lhe dão total apoio nisso. Na verdade, de todos os seus conselheiros, temo que esses sejam os únicos em quem ela pode confiar.

Todos respiramos com mais tranquilidade quando D'Albret e seus seguidores deixaram a cidade, mas desgraçadamente nosso alívio teve vida curta. Na noite passada, diante de toda a corte, durante a apresentação de um mascarado, houve um atentado contra a vida da duquesa. O arlequim mascarado da peça saltou sobre a grande mesa e sacou uma faca. Por sorte, Mortain guiou minha mão, e minha pontaria foi rápida e certeira – fui capaz de derrubar o assassino antes que ele pudesse atacar.

Madre superiora, temo que talvez ele fosse não um arlequim de teatro, mas um verdadeiro hellequin, pois havia algo sobrenatural nele, certa falta de alma que me levou a crer que ele não fosse humano. Ou pelo menos não totalmente.

As palavras de Ismae me fizeram sentir um calafrio profundo. A maioria das pessoas achava que hellequins não passavam de personagens de histórias infantis, contadas para evitar que as crianças se afastassem demais de casa. Mas nós no convento sabíamos que eles eram reais, e que também pertenciam a Mortain, apesar de servirem a um propósito diferente do de Suas servas. Eles eram as almas torturadas dos malditos que juraram servir a Mortain com o objetivo de conquistar Sua redenção.

Na reunião do conselho privado imediatamente após o atentado, o chanceler Crunard revelou minha verdadeira identidade para os outros. Há muita raiva e confusão entre os membros da corte neste momento, junto com muitas acusações de todos os lados. Rezo diariamente para que a irmã Vereda Veja uma saída para essa confusão. Ou veja quem está por trás disso para que eu possa tomar providências contra ele.

Sua serva em Mortain,
Ismae Rienne

Quando terminei de ler, abracei o pergaminho junto ao peito e respirei fundo. Ismae estava bem. Estava mais que bem – tinha provado seu valor e deixado o convento orgulhoso por ter salvado a vida de nossa jovem duquesa. E ela estava em contato com Sybella.

Bem no rastro desse alívio bem-vindo senti uma pontada de uma grande tristeza. Eu devia estar lá com Ismae, protegendo nossa duquesa, fazendo a obra de nosso Deus, e não aprisionada naquela ilha. Fechei os olhos e deixei que a sensação passasse por mim. Tinha provas de que as habilidades da vidente estavam retornando; com certeza aquilo iria pôr um fim na ideia da abadessa.

Voltei para a mesa e removi a cera negra do pequeno nicho onde eu a guardava escondida. Segurando-a junto à vela, esperei que derretesse, pinguei duas gotas no ponto exato onde estava o lacre de Ismae, e apertei o lacre original. Quando esfriou, parecia inteiro e íntegro, sem sinal de que tinha sido rompido.

Enfiei a mensagem novamente lacrada no bolso, e caminhei até onde estava a irmã Claude. Removi com delicadeza a caneca vazia

de sua mão e envolvi os cobertores em torno de seu corpo velho e magro. Era hora de levar à abadessa as boas notícias sobre a irmã Vereda.



Enquanto me encaminhava para os aposentos da abadessa, uma palpitação se ergueu em meu peito, e tive de me segurar para não dar uma pequena pirueta de excitação no corredor. Sem dúvida uma serva da Morte não devia se sentir tão eufórica e alegre.

Quando cheguei ao gabinete da abadessa, vi que a porta estava fechada. Bati, e ela perguntou:

– Quem é? – E uma parte de minha mente não pôde evitar perceber que aquela não era sua resposta habitual.

– É Annith, madre superiora. Chegou outro corvo assim que a senhora saiu. Vim trazer a mensagem para a senhora.

– Muito bem, entre.

Abri a porta e entrei no aposento, a abadessa estava se sentando. Fiz uma breve reverência, em seguida me aproximei de sua escrivaninha. O som de meus passos era quase silencioso contra o crepitar e os estalidos do fogo na lareira, que pouco fazia para aquecer o frio do cômodo.

Ao alcançar a sua mesa, sorri – um sorriso que enchi com cada grama de afeição que já senti por ela ao longo dos anos, não importando que sua decisão recente ameaçasse solapar isso.

– A irmã Serafina disse que eu devia informar a senhora que a irmã Vereda teve duas pequenas visões esta manhã. Elas foram verdadeiras, não simples palavras sem nexo. E trago prova.

Suas sobrancelhas se ergueram. Ela sem dúvida intencionava aparentar surpresa, mas me pareceu haver também um leve toque de alarme em seus olhos.

– É mesmo? E o que foram essas visões?

Estendi o bilhete.

– Que nós íamos receber duas mensagens do continente hoje, e

que ia chover antes do meio-dia. As primeiras gotas começaram a cair assim que eu entrei.

O rosto da abadessa relaxou, e ela retorceu a boca.

– A cozinheira pode prever chuva só pelo modo como seus joelhos estalam.

– Mas ela não pode prever o número de mensagens que vamos receber – observei com delicadeza.

Ela acenou a cabeça em um gesto relutante de concordância. Inalterada pela recepção menos que alegre daquela notícia, cruzei as mãos à minha frente.

– Não é uma coisa boa, madre superiora? Que nestes tempos de maior necessidade, nossa sábia e experiente irmã esteja finalmente recobrando sua Visão? Acho que isso deve ser motivo de alegria esta noite, quando começarmos a celebrar a chegada do solstício de inverno.

– Mas é claro, Annith. Estou muito feliz por saber disso. Só desejava mais que um relatório do tempo e uma contagem de mensageiros como prova da volta de suas habilidades, mas, mesmo assim, é bom sinal. – Ela pegou sua pena de escrever do apoio e gesticulou para mim com a cabeça. – Imagino que, se você se apressar, pode ajudar as outras a decorar o refeitório. E Annith?

– Sim, madre superiora?

Sua voz ficou mais suave, enchendo-se de calor.

– Foi uma boa coisa o que você fez, ajudar a irmã Serafina a cuidar de Vereda. Isso tornou a vida das duas muito mais fácil, e sei que levou muito conforto à velha vidente.

– É mesmo? – Eu achava que ela mal percebia quem estava cuidando de Vereda.

– Sim. E prova mais uma vez como você é valiosa para o convento, como sua obediência e dedicação são perfeitas.

Palavras subiram por minha garganta. Queria dizer a ela que eu não tinha feito aquilo por dedicação, mas por desejar que a vidente melhorasse para que eu não tivesse que assumir seu lugar.

Mas eu não podia dizer isso. Não podia confessar à abadessa ter ouvido aquela conversa. A necessidade de manter essas transgressões em segredo superavam a necessidade de contradizer

suas palavras.

– Fico feliz por ter sido útil – disse eu. – Pois, agora que ela está bem outra vez, talvez Veja uma missão para mim.

A abadessa deu um sorriso carinhoso.

– Talvez.

Meu olhar se fixou no dela, tentando discernir se ela realmente estava sendo sincera ao dizer isso ou se simplesmente achava que era o que eu desejava ouvir.

No fim, deixei seus aposentos sem saber.

Capítulo Cinco

Envoltas em nossas capas cerimoniais feitas de lã branca e grossa, saímos do pátio em fila logo após a meia-noite. Quase todas nós estávamos presentes, da mais nova à velha irmã Claude, que nos acompanhava se arrastando ao lado da irmã Serafina, segurando seu braço para não tropeçar e quebrar seus ossos frágeis e envelhecidos. Na mão direita levávamos uma tocha acesa para podermos ver o caminho à frente, e, na esquerda, carregávamos oferendas a Mortain.

Muitas das meninas mais novas traziam bolinhos da cozinha do convento, os que elas piedosamente optaram por oferecer a Mortain em vez de comer. A pequena Audri planejava doar seus sapatos, o que seria muito mais impressionante se não soubéssemos o quanto ela odiava usá-los. Eu desconfiava que a abadessa mandaria uma de nós recolhê-los após a cerimônia. Melusine trazia uma concha rosa e perolada. Matelaine levava as cartas de seus pais – que ela lera em voz alta para nós centenas de vezes, pois todas tínhamos inveja de seus pais ainda vivos. Ela era uma raridade entre nós; sua mãe e até seu falso pai a viam como uma alegria, e não um fardo, e a enviaram para o convento pelas oportunidades que isso lhe proporcionaria, não porque ela era temida ou odiada. Na verdade, eu fiquei impressionada com a profundidade de sua oferenda.

Eu levava uma flecha que tinha feito com minhas próprias mãos, e que voava com a maior precisão. Pretendia apontar a oferenda desta noite para o próprio Mortain, para que minhas preces o alcançassem sem erro.

O solstício de inverno era minha época favorita do ano, pois era o período em que Mortain parecia estar mais perto de nós. Uma vez, quando eu era pequena, eu o senti assim, sempre perto de mim. Não sei se era pela minha juventude, pela minha necessidade

desesperada, ou porque o horror daqueles anos era simplesmente tão intenso que eu não conseguia afastar o véu entre nossos mundos. Eu sentia falta disso; era como uma leve fome apertando meu coração em vez de meu estômago.

Eu não estava aterrorizada, como ficava quando criança, mas estava perdida e confusa, com medo de ser empurrada por um caminho que não desejava trilhar. Agora, mais que nunca, eu precisava de Sua orientação.

A luz mortiça da lua pálida cobria tudo com sombras negras e prateadas. Nossa procissão era acompanhada pelo quebrar das ondas contra a costa rochosa e o uivo do vento, que fustigava nossas capas de modo que elas adejavam como as asas do corvo que a irmã Widona carregava em uma gaiola de madeira.

Enquanto caminhávamos pela grama seca, morta havia tanto tempo, e pelos pedregulhos irregulares cobertos de líquen, pensei nas muitas histórias do amor condenado de Mortain e Amourna, e por que o inverno chegava à nossa terra. Cada um dos nove bispados da Bretanha tinha sua própria história de como Mortain havia capturado ou não a bela Amourna. Na terra onde o santo padroeiro dos viajantes nasceu, dizia-se que a Morte viajara muito longe à procura de um amor que sobrevivesse a Seus domínios sombrios. Ele achou que o havia encontrado em Amourna, mas, no fim, o amor que ela sentia por ele era frágil demais para sobreviver à morte. Por isso, ele viajou chorando por ela.

Os seguidores de Saint Brigantia afirmavam que foi a busca de Mortain pelo conhecimento total da vida que o levou a buscar Amourna e abrir seu coração para ela, pois como era possível entender realmente a vida sem conhecer o amor?

Os que se dedicavam a Saint Mer diziam que a Morte olhou para a deusa do mar e se apaixonou, mas Ele não podia segui-la em seus domínios, nem ela nos dele, por isso ele optou por Amourna, que ficou a chorar por toda a eternidade por ter sido a segunda opção.

Nos locais onde Saint Salonius, o deus dos erros, era adorado e venerado, diziam que tudo era um erro, algum truque do destino. Alguns chegavam a afirmar que o próprio Salonius tinha participação naquilo.

Na província onde Amourna nasceu, dizia-se que o Deus da Morte mandou seus hellequins sequestrarem-na de uma campina e levarem-na para Ele, onde ela foi forçada a se tornar Sua esposa. Por isso, ela não devia nada a Ele, muito menos amor, e o inverno era apenas o transbordar de sua tristeza.

Aqueles que ainda respeitavam Dea Matrona afirmavam que Mortain em certa época foi o companheiro dela, e vida e morte eram uma coisa só. Mas, com a chegada do novo deus, ela expulsou a Morte para encontrar lugar na nova Igreja. Desprezado, Mortain procurou conforto em Amourna, filha dela, e não era a tristeza de Matrona que fazia o inverno soprar seus ventos cortantes sobre a terra, mas seu coração ciumento.

Só os seguidores de Saint Arduinna não tinham nada a dizer sobre o assunto, pois sua deusa estava ali e eles sem dúvida sabiam o que realmente tinha acontecido. Por respeito tanto pela irmã de Arduinna quanto por sua mãe, preferiram não contradizer nenhuma das histórias.

A verdade que aprendemos no convento era que Mortain se aproximou de Amourna e de sua irmã gêmea, Arduinna, em uma campina, e que ele foi arrebatado instantaneamente pela beleza de Amourna. Desconfiada do modo como Mortain estava olhando para a irmã, Arduinna sacou o arco e disparou uma de suas flechas afiadas, que perfurou o coração de Mortain. Mas nem uma deusa podia matar o Deus da Morte. Ele simplesmente arrancou a flecha de Seu peito, fez uma reverência e a agradeceu por lembrá-Lo que o amor nunca vinha sem um preço. Surpresa com a atitude, ela permitiu que a irmã fosse com Ele para Sua casa.

O resto do mundo acreditava que o inverno chegava porque Dea Matrona ou Amourna estava pranteando sua perda. Nós que venerávamos Mortain sabíamos que nenhuma das histórias era verdadeira. Sabíamos que, quando a noite ficava mais longa e a escuridão reinava, Mortain viajava de Seus domínios para o nosso mundo, e o inverno vinha em Seu rastro simplesmente porque era Sua verdadeira estação.

A cerimônia desta noite parecia diferente das realizadas anteriormente; era como se eu estivesse caminhando sobre o fio de

uma faca que não conseguia ver. De um lado, estava o futuro com que eu sempre sonhara: servir a Mortain como Seu instrumento no mundo dos homens. Se isso viesse a acontecer, eu jamais tornaria a fazer parte da celebração de solstício de inverno. Nenhuma das outras iniciadas havia voltado, e essa ideia me trouxe grande tristeza.

Do outro lado da lâmina estava o futuro que eu não desejava para mim – o de vidente. E mesmo se isso se tornasse realidade e eu tivesse de permanecer naquela ilha pelo resto de meus dias, ainda assim nunca mais participaria dessa cerimônia outra vez.

De qualquer modo, era a última vez que eu faria aquela caminhada, e a noite ficou um pouco amarga por isso.

Finalmente, chegamos a nosso destino: a porta do mundo inferior. Sua boca escura ficava encoberta por uma grande rocha achatada, apoiada sobre duas outras pedras, cada uma delas mais alta e larga que um homem, e ambas enterradas profundamente na terra, de modo que a câmara desaparecia na pequena colina. Pedras menores marcavam a trilha que levava à entrada.

Como líder de nossa ordem, a abadessa foi na frente, plantando a tocha acesa entre as duas rochas, e se ajoelhando na abertura do domínio de Mortain. Ela depositou sua oferenda ali – não consegui ver o que era, por mais que esticasse o pescoço –, depois abaixou a cabeça para orar. Quando levantou, foi a vez da irmã Eonette, seguida por cada uma das outras freiras. A irmã Claude foi a última, e quando terminou de rezar, precisou não só da irmã Serafina, mas também da irmã Thomine para ajudá-la a ficar de pé.

Então foi a vez das noviças. Como a mais velha entre nós, tive a honra de ir primeiro. Durante toda a minha vida, tudo o que sempre quis foi servi-Lo. Agora, mais que nunca, era importante que Ele soubesse disso. Que Ele fosse lembrado disso.

Ao me aproximar, apertei os dedos contra a ponta afiada da flecha, segurando uma exclamação quando ela penetrou minha carne. Senti a leve umidade de meu próprio sangue, e deixei que ele escorresse na ponta da flecha, com cuidado para não deixar que nenhuma das freiras mais velhas visse. Algo me dizia que elas não aprovariam. Ajoelhei-me diante da porta do domínio de Mortain,

fazendo uma reverência com a cabeça. *Por favor, Mortain, rezei. Minha vida está sob Seu comando, mas se for de Seu agrado, eu preferia usar meus dons e habilidades a Seu serviço a simplesmente ficar sentada em um claustro.*

Quando terminei a oração, deixei minha flecha em cima da pilha das outras oferendas. Ao fazer isso, a brisa noturna mudou, trazendo com ela um rodamoinho de ar frio da abertura da terra que veio acariciar meu rosto. Naquele momento, tive certeza de que Ele me ouviu.

Satisfeita, levantei e me juntei às outras.

Capítulo Seis

Depois das celebrações do solstício de inverno, as nuvens negras de tempestade se aproximaram do norte e envolveram nossa ilha, trazendo com elas ventos uivantes e chuva pesada. Parecia que Mortain tinha saído do submundo com o equivalente a um ano de lágrimas não derramadas.

Estava me sentindo esperançosa, mas também cautelosa e nervosa. Sabia que Mortain tinha recebido minha oferenda, mas percebi que tinha cometido um erro grave, talvez até fatal, em minha estratégia. Em meu desespero para ajudar a irmã Vereda, confirmei a crença da abadessa de que eu estava disposta a fazer o que fosse preciso para servir ao convento, e eu não sabia como desfazer isso. Desejei poder voltar no tempo e substituir meus atos por outros, mas isso não era possível. Portanto, esperei. E me afligi. Estava tomada por uma tensão quase insuportável, como se meu corpo fosse um arco sendo tensionado pela mão do destino.

Quando as nuvens abriram por tempo suficiente para que um corvo passasse com uma mensagem, tentei me aproximar do aviário, mas a abadessa sempre estava lá, como se estivesse observando com mais atenção que eu. Não podia ser acidente esse novo hábito de receber pessoalmente as mensagens, e não consegui evitar me perguntar o que aquilo significava.

O que eu realmente precisava era de alguns dias de treinamento vigoroso para dissipar um pouco de minha tensão, mas o tempo não permitia. Em vez disso, a irmã Beatriz preparou um falso baile, para que pudéssemos praticar dança, mas eu estava distraída e desajeitada, e consegui pisar nos dedos dos pés de Sarra – duas vezes, até que ela me beliscou em retaliação.

Aquela estação, cujos dons sempre me acalmavam e traziam um sentido renovador de propósito à minha vida, agora guardava

apenas perguntas e incerteza.

A irmã Vereda lentamente estava recuperando suas forças, e, de vez em quando, eu desejava invadir seus aposentos e cobri-la de perguntas – sobre suas visões, sobre como ela tinha sido escolhida e sobre como perdera a visão. Finalmente, com medo de enlouquecer, fui até o arsenal. A irmã Arnette era não apenas nossa mestra de armas, mas nossa ferreira também. Sem dúvida, ela teria alguma coisa, qualquer coisa, precisando das batidas de seu martelo. Eu aceitaria até ferraduras ou panelas.

Foi lá que Matelaine me encontrou, uma semana após a cerimônia do solstício de inverno.

– Annith?

Ergui os olhos da braçadeira amassada que eu estava aplainando.

– Sim?

– A abadessa está chamando você.

Tudo em meu interior ficou imóvel, e coloquei cuidadosamente a braçadeira e o martelo sobre a bancada.

– Ela disse o que queria? – Matelaine deu uma rápida sacudidela de cabeça, e pensamentos sobre Ismae e Sybella me fizeram ficar de pé. – Chegou algum corvo de manhã?

– Não – disse ela. A palavra permitiu que meu coração se acalmasse um pouco.

Um pouco, mas não completamente.

– Ela se encontrou com Vereda? – Tentei manter a voz natural, mas pouco adiantou, pois Matelaine sabia o que eu estava esperando.

– Não que eu tenha ouvido falar, mas eu não tenho como saber com certeza.

Trocamos um olhar. Ela estendeu o braço e apertou minha mão.

– Vou rezar para que ela tenha uma missão para você – sussurrou, em seguida me deixou para que eu seguisse sozinha até o gabinete da abadessa.

Parei em frente aos aposentos da madre superiora e tentei preencher meu rosto com uma expressão de calma. Lembrei a mim mesma que aquilo nada significava; eu sempre era chamada a seu gabinete. Provavelmente era só alguma nova tarefa para mim –

fazer um levantamento dos suprimentos do convento ou conferir as sementes que tínhamos armazenadas para a semeadura do início da primavera.

Quando estava com minha esperança e preocupação sob controle, estendi a mão e bati.

– Entre.

A abadessa estava sentada à sua mesa, com uma pilha de correspondências de um lado e, do outro, um grande livro de registros do convento, onde ela anotava todas as missões. Ao ver aquele livro, meu coração tornou a palpitar de excitação.

– A senhora mandou me chamar, madre superiora?

Ela ergueu os olhos para mim e afastou a carta que estava escrevendo.

– Ah, Annith. Mandei sim. Por favor, entre. Sente-se. – Eu não a via tanto agora, pois ela andava ocupada em seu gabinete escrevendo missivas que enviava com a mais leve trégua nas tempestades.

– A cerimônia do solstício de inverno correu bem. Obrigada por organizar isso.

– Foi um prazer poder dar uma pequena colaboração, madre superiora.

– Eu sei. Essa é uma de suas maiores qualidades, Annith: disposição para tomar a iniciativa e fazer o que precisa ser feito, com alegria e grande habilidade. A irmã Serafina diz que a irmã Vereda continua melhorando, em grande parte graças a sua ajuda.

Apertei as mãos para evitar demonstrar desespero.

– Ela *está* melhorando muito, madre superiora. Tem visões diariamente agora. Viu que Melusine seria levada pelo mar e sairia nadando em segurança. Viu onde a gata do celeiro teria seus filhotes, e previu com grande precisão quando as nuvens se abririam e os corvos passariam. – Menos uma vez, quando errou na conta por um, mas não mencionei isso.

A abadessa enfiou as mãos dentro das mangas largas e sorriu para mim com tamanha afeição e prazer que, naquele momento, tive certeza – *certeza* – de que ela ia finalmente conceder o desejo de meu coração.

– É por isso que, após muita reflexão e orações, e muitas discussões com as outras freiras, decidi que você vai começar a treinar com a irmã Vereda imediatamente para poder assumir seu lugar como vidente quando seu corpo envelhecido enfim parar de funcionar de uma vez por todas.

Suas palavras foram como um golpe físico, expulsando dolorosamente todo o ar de meus pulmões.

– Por favor, não! – murmurei.

O sorriso dela evaporou tão rapidamente quanto minhas esperanças.

– O que você quer dizer com *não*?

– Quero dizer, madre superiora, que estou disposta a servir Mortain, mas não acho que possa fazer isso como vidente.

A abadessa franziu o cenho diante de minhas palavras, mas não pude dizer se por irritação ou por estar apenas intrigada.

– Para uma garota tão obediente e devota como você, pensei que essa seria a existência perfeita.

– Não, madre superiora, não seria.

Uma breve centelha de dor brilhou em seus olhos, como se de algum modo minha reação a tivesse ferido, mas passou tão depressa que não tive muita certeza de tê-la visto.

– Ora, Annith, nós sempre achamos que você estava destinada a algo especial. E o que é mais especial do que ser a vidente, a mais única entre todas as servas? Você não vai interagir com Mortain por meio de intermediários, como o resto de nós, mas, em vez disso, será a voz dele no mundo.

Cada palavra que ela pronunciava era como um dedo comprido e ossudo envolvendo meu coração, comprimindo-o até que não restasse nenhuma esperança em seu interior.

– Madre superiora, passei minha vida inteira treinando para uma coisa: ser uma serva da Morte e realizar Seus desígnios aqui na terra. Em nenhum momento senti o chamado para os deveres desempenhados pela irmã Vereda.

Seus lábios se estreitaram e suas narinas se dilataram de irritação.

– Você é jovem e ainda não sabe o que Mortain realmente deseja de você.

Naquele momento, depois que ela foi tirada de mim, percebi que a única coisa que evitara que eu me desesperasse durante todos aqueles anos era a crença em que um dia eu finalmente sairia daquela ilha, daquele lugar onde eu precisava guardar cada pensamento, ocultar todo sentimento verdadeiro, e avaliar cada gesto. Era a promessa de ter uma vida própria, longe do convento que abastecia minha determinação de ser a melhor em tudo o que jogavam sobre mim.

Isso me deu a coragem de falar abertamente. Ou tolamente.

– Como a senhora sabe que é isso o que Ele deseja? Com certeza, se a irmã Vereda tivesse Visto tal destino para mim, ela teria feito alguma menção quando eu estava sentado ao seu leito dia após dia durante as duas últimas duas semanas, não teria?

– Você está me questionando? – A voz da abadessa era tão proibitiva e cortante que me lembrei de Sybella insistindo que ela não era o paradigma de bondade que parecia, mas uma adversária fria e impiedosa, cujo caminho era preciso cruzar com cautela.

– Não, estou questionando a vontade de Mortain. – Isso de repente pareceu bem menos assustador que questioná-la. – Não posso acreditar que sou a melhor escolha para essa posição. Não é preciso uma vida inteira de treinamento para conseguir ser capaz de fazer o que a irmã Vereda faz? Eu só fui treinada para matar.

– Só que o deus tem outros planos para você.

– Então por que Ele não me permitiu ver o futuro, como a irmã Vereda? Pois garanto à senhora que Ele não me deu tais dons.

Ismae e Sybella costumavam me provocar dizendo que eu era capaz de ver o futuro, pois de que outro modo eu conseguia sempre bloquear seus golpes ou escapar segundos antes de uma porta se abrir ou uma cortina ser puxada? Só que ter um bom *timing* e reflexos rápidos estava bem longe de poder Ver o futuro, muito menos Ver os desígnios de Mortain. Um fio gelado de medo penetrou minha medula, e a carne de meus braços se arrepiou – a menos… será que a abadessa conhecia meu segredo? Dragonette havia prometido nunca falar sobre ele, mas e se ela tivesse feito isso, e agora a abadessa soubesse, e *aquilo* estivesse por trás do plano de me tornar a nova vidente?

Quando a abadessa tornou a falar, sua voz era baixa, até delicada.

– Annith, você precisa entender. Essa é a vontade de Mortain. Você precisa obedecer ou ser expulsa. Sem dúvida você não está dizendo que prefere nos deixar a servir da maneira que lhe é pedida, está?

Mais uma vez, não consegui entender exatamente o que ela estava dizendo.

– Não posso ficar encerrada naquele claustro – murmurei. Ela, entre todas as pessoas, deveria saber disso. Não queria desapontá-la, mas temia murchar e morrer se tivesse de fazer o que ela ordenava.

Seu rosto estava tão cheio de um arrependimento pungente que partiu meu coração.

– Se é assim que você se sente em relação a isso, podemos fazer outros arranjos. – Fui tomada por um alívio vertiginoso e alegre. Até que ela tornou a falar. – Há um grande número de homens que ficariam muito felizes em tomá-la como esposa. Você é muito boa com as garotas menores, e tenho certeza de que há um fazendeiro viúvo à procura de alguém para cuidar de seus filhos. Sempre há.

Olhei fixamente para ela, completamente chocada.

– Essas são realmente minhas únicas opções?

– Sim.

Ela me encarou, desafiando-me a escolher o destino lúgubre e insípido que ela apresentava diante de mim. Ela não era mais a mulher firme e amável que julgava conhecer, mas a tirana cruel e impiedosa contra quem Sybella lutou durante toda a sua vida. Pensando rápido, fiz uma reverência com a cabeça, como se subjugada por suas palavras.

A abadessa afastou sua rigidez por um instante e se debruçou para frente.

– Pense, Annith! Quantas servas temos no convento? E dessas, apenas uma é chamada para atuar como vidente, apenas uma é considerada digna de se sentar bem no coração do convento e se tornar íntima dos desejos de Mortain. Estamos oferecendo a você essa grande honra, que recai sobre poucas escolhidas.

– Então não é porque eu tenho algum tipo de falha? Ou porque eu

falhei em algum dos testes da Dragonette?

Ela pareceu aborrecida com minhas palavras.

– Não! É apenas porque você é mais merecedora que a maioria. Todos estes anos de treinamento e dificuldades e tolerância compensaram de maneiras que você jamais tinha ousado imaginar.

E apesar de seu rosto ser a imagem da preocupação amorosa, apesar de sua necessidade de que eu acreditasse em suas palavras, era impossível confiar nela. Não mais. Não quando ela tinha acabado de alterar a forma e a direção de toda a minha vida.

Tempo. Eu precisava ganhar tempo para pensar.

Permiti que a enormidade avassaladora do que havia recebido ficasse evidente em meu rosto.

– Isso é muita coisa, madre superiora. Muito mais do que eu jamais considerei. Eu… eu gostaria de passar algum tempo em reflexão e oração antes de lhe dar minha resposta. Quero estar certa de poder comprometer todo meu coração ao que Mortain deseja de mim, pois não quero envergonhar o convento ou a mim mesma servindo-o com falsidade.

Houve uma breve centelha de irritação, mas ela rapidamente a conteve.

– Muito bem. Mas o tempo que posso lhe dar não é infinito. Preciso saber em três dias, para que fazer outros arranjos, se necessário.

– Terei uma resposta para a senhora até lá – garanti a ela, e torci para que fosse verdade.

Capítulo Sete

Assim que saí no corredor, tive de me apoiar na parede para evitar que o pânico e a desolação se abatessem sobre mim. Esfreguei meus olhos e me obriguei a respirar fundo e devagar, mas isso não ajudou. Todo o meu corpo doía, era como se meus ossos fossem sair pela minha pele.

Sempre acreditei que se eu fizesse tudo o que o convento exigia de mim, seria recompensada com meu único desejo na vida: sair para o mundo e agir como serva de Mortain. Foi o princípio norteador sobre o qual baseei toda a minha vida.

Se a abadessa era minha aliada, como sempre afirmou, então como podia impingir esse destino indesejado sobre mim?

Antes que alguém pudesse ver, dirigi-me para os fundos do convento, onde se localizava a adega de vinhos. Aproximei-me com passos lentos. Sybella costumava rir de mim, achando que eu tinha medo demais de roubar uma garrafa da adega. Mas a verdade – verdade que me esforcei tanto para esconder tanto dela quanto de Ismae – era que não era o roubo, mas a própria adega que me aterrorizava. Esse terror nasceu de noites trancadas em seu interior sem um trapo de cobertor para me aquecer nem um pedaço de alimento para comer. Era um confinamento tão solitário e duro que levei três dias para voltar a falar após minha primeira noite ali.

Terror, lembrei a mim mesma, que eu usava para me tornar mais forte, mais resistente. A ideia de que isso podia não ter me deixado forte o suficiente era impensável.

Mas, além desse terror, um dos meus momentos de maior alegria se passou ali, e não posso deixar de questionar se aquela alegria estava de algum modo ligada à decisão da abadessa de me preparar para ser vidente.

Dragonette descartou o acontecimento rápida e bruscamente, e

passei a acreditar no que ela afirmara: que eu tinha apenas imaginado tudo. Então afastei aquilo, enterrando-o junto com todas as outras pequenas vergonhas e mortificações de minha infância. Mas agora eu me perguntava se talvez tivesse sido real, afinal de contas. Sempre mantive um fio de esperança de que tivesse sido verdade, de que Dragonette estivesse errada, e que não fora meu desejo ardente de agradá-la que o provocara, mas, primeira vez, desejei acreditar que *não* fosse verdade. Porque, se fosse, então talvez eu era única e especialmente adequada para atuar como vidente, afinal de contas.

Parei diante da porta de madeira rústica e olhei para os dois lados para me assegurar de que não havia ninguém por perto. Quando estendi a mão para abrir o trinco, meu coração começou a bater rápido demais, e precisei lembrar a mim mesma que não havia nada a temer. Ninguém sonharia em me trancar ali outra vez.

Mas a simples ideia de que elas pensavam em me trancar nos aposentos da vidente pelo resto da minha vida era igualmente ruim.

Ajeitei os ombros e entrei na adega, deixando-me ser tomada pelo frio do ambiente e por uma onda de lembranças dolorosas.

Tinha apenas dois anos de idade quando fui trancada ali pela primeira vez. Foi um castigo por eu ter ousado chorar quando a irmã Etienne foi mandada em uma missão; eu senti saudade dela.

A segunda vez foi depois que vi a cozinheira matar uma galinha para o nosso jantar, e por isso me recusei a comer. Fui trancada na adega com uma tigela de ensopado e só tive permissão de sair de lá depois de terminar até a última gota.

Aos cinco anos, fui trancada na adega outra vez, por me negar a matar a galinha do nosso jantar. Enquanto as outras meninas de idade mais próxima à minha tinham apenas que dar comida para as aves ou recolher ovos, Dragonette decidira que eu devia começar a praticar a arte de matar. Só que minhas mãos eram pequenas demais para que eu conseguisse segurar direito o machado, e a irmã leiga que tinha de manter a galinha firme no lugar não teve estômago para a tarefa, desejando, em vez disso, fazer aquilo ela mesma para terminar logo com tudo. Então eu hesitei, não sei se por falta de força, falta de vontade ou apenas por não entender o

que era exigido de mim. Sei que fui trancada na adega com a galinha ferida, obrigada a observar sua marcha lenta e dolorosa em direção à morte – uma morte muito mais dolorosa do que teria sido concedida se eu tivesse sido forte o bastante.

Passei a primeira hora chorando em um terror cheio de remorso, com medo de que a galinha me atacasse e arrancasse meus olhos com seu bico. Isso não aconteceu, então chorei pela própria galinha e por sua óbvia agonia. Quando minhas últimas lágrimas se esgotaram, simplesmente fiquei sentada com as costas apoiadas contra a parede gelada de pedra, com frio e tremendo enquanto observava a galinha morrer.

Durante aquela longa e aterrorizante noite, em determinado momento percebi que não estava mais sozinha. Um homem alto, de capa escura, também estava ali. Isso deveria ter me assustado ainda mais – ver um homem desconhecido no coração de nosso claustro feminino –, mas fiquei tão aliviada por não estar mais sozinha com a ave morta que nem passou pela minha cabeça temê-lo.

Ele tinha membros compridos e graciosos, e vestia-se todo de negro. Ele se agachou ao meu lado, mas havia algo orgulhoso e nobre em seus modos. Quando o vi, meu choro histérico e seco parou em um soluço. Ele rapidamente tomou minha mão na sua, apesar de meus dedos estarem tão frios que eu não pude senti-la, e sentou-se ao meu lado, sem nada dizer. Eu não estava mais sozinha, e isso me trouxe um grande conforto.

Acabei pegando no sono, apoiada em seu ombro. Pela manhã, a porta se abriu e as irmãs me encontraram dormindo pesadamente no chão com a cabeça delicadamente apoiada em uma saca de cânhamo.

Só quando fomos à igreja e vi a estátua de mármore no santuário, reconheci a figura sombria e encapuzada. Eu tinha babado no braço do próprio Mortain.

Excitada com isso, não podia esperar para ser chamada ao gabinete de Dragonette mais tarde naquele dia. Contei a ela tudo sobre meu visitante noturno. Achei que ela ficaria radiante com aquele sinal de que Ele estava satisfeito comigo, mas, em vez disso,

os cantos de sua boca adorável se curvaram para baixo em desaprovação.

– Você está mentindo – disse ela.

– Não! – Fiquei muito aborrecida e mais que um pouco amedrontada por ela não acreditar.

– Ah, está sim, pois você deseja ser especial. Eu esperava mais de você, mais que mentiras baratas. – Seus olhos, sempre tão astutos, penetrantes e cheios de confiança em mim, encheram-se de lágrimas, e fiquei envergonhada além da conta por ter lhe provocado tamanho sofrimento. Sentindo-me mais inferior que os vermes que proliferavam na pilha de lixo do convento, caí de joelhos e implorei seu perdão.

Agora, fui até a janela onde uma vez acreditei ter pegado no sono com a Morte. O local estava bloqueado por uma pilha de barriletes e tonéis, de modo que eu não podia me sentar e me apoiar contra a parede, como fizera tantos anos antes. Em vez disso, estendi a mão para tocá-la, tentando ressuscitar aquele momento de minha vida.

Mas nada aconteceu. Nenhuma reação visceral forte, nenhum lampejo de memória, nenhuma resposta ganhou vida com o toque, e fui deixada com a esperança de que tudo não passasse da imaginação superexcitada de uma criança somada a uma necessidade desesperada de abrir caminho nas graças de uma abadessa exigente.

Se não fosse isso, então eu era realmente muito adequada para ser vidente. E por mais que eu amasse Mortain, eu não achava que eu O amava o suficiente para me enterrar no convento antes mesmo de ter vivido.

Capítulo Oito

Não dormi nada naquela noite, imaginando que as paredes de meu quarto estavam se fechando sobre mim, me apertando cada vez mais até que ameaçavam expulsar o ar de meus pulmões.

A manhã trouxe pouco alívio, pois ainda estávamos presas no interior do convento. Hoje o confinamento era no arsenal, sob a supervisão dos olhos aguçados da irmã Arnette. As tempestades e o ar úmido e salgado estavam corroendo o aço fino de nossas armas, fazendo-as perder o gume, e provocavam mofo nos arreios e bainhas se não cuidássemos deles, por isso nesse dia ficamos sentadas com potes de cerâmica cheios de gordura de ganso e sacos de areia fina, polindo toda a superfície de metal do arsenal.

Era a tarefa perfeita para mim – uma atividade mecânica que exigia pouco raciocínio, mas que liberava minha inquietação física. Enquanto o trapo em minha mão se movia em círculos repetidas vezes sobre o aço fino da lâmina da faca, minha mente também polia as poucas opções disponíveis para mim de modo que ficassem claras, precisas e nítidas.

Eu podia concordar com os desejos da abadessa, como sempre fizera. Ou podia… Que caminhos estavam realmente abertos para mim?

Tentei pensar se já tinha ouvido falar em uma serva da Morte se recusando a servir ou optando por ir embora. Nunca. Mas, com meu ceticismo recém-despertado em relação ao convento e seus motivos, não tinha certeza se as freiras contariam essas histórias, mesmo se existissem.

Eu podia simplesmente partir. Sair às escondidas no meio da noite e fugir.

Só que eu sentia que a abadessa usaria todos os poderes à sua disposição para me trazer de volta. A velha irmã Appollonia

costumava afirmar que o próprio Mortain mandava sua horda de hellequins atrás de qualquer de Suas filhas que ousasse desafiá-Lo. Pensei na carta de Ismae e senti um calafrio.

Pousei a faca que tinha acabado de polir e peguei outra. Enfiei o trapo na gordura amarela de ganso, depois o meti no prato de areia fina.

Será que eu o *estava* desafiando? Essa era a raiz de minha dúvida. Será que Ele tinha pedido aquilo de mim, ou era só o desejo da abadessa?

Se fosse Seu desejo, será que eu estava disposta a dar as costas para Mortain e tudo o que Ele significava para mim? Poderia simplesmente esquecer todas as vezes que Ele estivera presente para mim? Minha fé e minha dedicação eram partes de mim, tanto quanto meus braços, minhas pernas ou meu coração.

Era difícil não questionar meus próprios motivos. Percebia agora que fui treinada desde o nascimento para culpar a mim mesma, assim como fui treinada para brandir uma arma. Era fácil para as irmãs deixarem implícito que eram minha obediência e disposição para abrir mão de minha vontade que estavam sendo testadas. Mas e se não fosse nada disso que estivesse sendo testado?

E se isso fosse o que elas nos diziam para que não questionássemos seus próprios motivos egoístas?

Enquanto largava a faca polida e pegava a seguinte, fui atingida por uma onda de desejo tão forte que minhas mãos tremeram. Eu queria usar aquela lâmina. Todas as lâminas daquele local. O fato de isso poder ser tirado de mim me deixou quase sem fôlego.

Então tomei consciência de algo inteiramente novo, e os dedos que agarravam o cabo fino do estilete ficaram brancos. E se esse fosse um teste do próprio Mortain? Um teste para que eu provasse meu comprometimento com Ele, provasse minha disposição para cumprir todos os Seus planos para mim?

E se, em vez de ceder, eu devesse lutar pelo que eu queria? Pois sem dúvida Mortain não transformava suas servas em armas tão poderosas para depois esperar que elas tombassem diante da primeira brisa mais forte.

E como eu poderia saber?

Ao meu lado, Sarra esfregou o nariz com as costas da mão antes de pegar outra faca.

– Você parece estar planejando apunhalar alguém com isso, e não polir.

Com a faca na mão, olhei para ela e permiti que toda a raiva e frustração que estava sentindo ficasse evidente em meus olhos. Ela piscou e se inclinou para trás de modo imperceptível. *Bom*, pensei, e sorri, em um movimento tão rígido que não sei como minhas bochechas não trincaram.

A porta do arsenal se abriu naquele instante, deixando entrar uma lufada de ar gelado e a irmã Thomine. Quando ela adentrou o arsenal, seu olhar foi direto para Matelaine.

– A abadessa gostaria de vê-la em seu gabinete – disse.

A menina pareceu chocada, depois preocupada, e eu não a culpava por isso. Mas algo no modo como a irmã Thomine evitou me olhar fez com que um alarme começasse a soar dentro de mim como um sino distante.

Matelaine levantou-se, jogando seu cabelo ruivo e forte para trás.

– Mas é claro – disse ela em tom contrito, já se desculpando por alguma coisa errada que tivesse feito.

Quando ela e Thomine saíram, voltei cautelosamente a polir a faca. Senti as outras garotas olhando para mim, curiosas por Matelaine ter sido chamada para atender à abadessa. Até o olhar da irmã Arnette parou sobre mim, mas mantive a cabeça baixa e não ergui os olhos. Por alguma razão, pensei em Sybella e em como ela tinha sido mandada de volta para o exterior antes de estar completamente curada. Todas nós, mesmo as freiras, podiam ver que ela ainda não estava pronta. Por algum tempo, achei que isso se devia às suas habilidades inatas, somado ao fato de ela e a abadessa terem entrado em conflito desde o início, como um gato furioso largado no meio de uma matilha de cães.

Então me lembrei de Ismae, que não tinha qualquer habilidade inata além do fino véu de raiva que usava e sua resistência a venenos, e fui tomada por um desespero repentino. Olhei para a irmã Arnette. Ela estava ajudando Loisse, que tinha se cortado com uma lâmina, apesar de ter bastante experiência. Como um único

raio de sol abrindo passagem à força entre as nuvens, uma compreensão despontou: eu não me importava mais, pelo menos não naquele dia, em deixar a irmã Arnette ou qualquer outra freira com raiva. Uma necessidade urgente de saber o que a abadessa estava discutindo com Matelaine fez com que eu me levantasse e me empurrou na direção da porta.

Parei na curta passagem que levava à capela particular da abadessa. Não havia ninguém por perto para ver, não com o vento cortante que uivava pelo corredor como um lobo furioso.

Assim que me posicionei, ouvi o murmúrio de vozes. Reconheci os tons baixos e calmos da abadessa, e as respostas mais concisas e mais altas da irmã Thomine. Meus ouvidos precisaram de um momento para se ajustarem às cadências lentas, para que eu pudesse compreender as palavras exatas que estavam sendo ditas.

– …diz que mostrou grande progresso.

– Fico honrada que ela ache isso, madre superiora.

– Você devia se sentir honrada por Mortain ter considerado apropriado abençoá-la com tal habilidade – disse a abadessa. A repreensão em sua voz era leve, mas notável.

Matelaine murmurou algo que não consegui ouvir, depois a abadessa tornou a falar, dessa vez em um tom tranquilizador, como se mitigando a ferida que suas palavras anteriores tinham acabado de provocar.

– Devido a seu grande progresso e sua dedicação a seus estudos, você vai ser recompensada com sua primeira missão.

Meu coração bateu forte contra minhas costelas, como um cavalo em disparada, expulsando todo o ar de meus pulmões. Eu não conseguia respirar. Quando finalmente recobrei o fôlego, ele voltou com uma torrente fervilhante de raiva. Meus ouvidos se encheram com o som de um enorme turbilhão, e algo em meu interior se partiu. Ou rompeu. Ou estilhaçou. Sem pensar nas consequências de meus atos, abri a porta dos aposentos da abadessa e entrei.

As vozes pararam abruptamente, e três cabeças se voltaram em minha direção. Duas bocas, a da irmã Thomine e a de Matelaine, estavam abertas em surpresa, mas a da abadessa estava apertada em uma linha firme e reta. Pontos de vermelho surgiram em sua

face pálida e raivosa.

– Qual o significado disso?

Todo o meu corpo vibrava com fúria mal contida.

– A senhora não pode mandar Matelaine. – Adentrei mais no gabinete e bati a porta às minhas costas. – Não pode.

– Você estava ouvindo atrás de minha porta? – perguntou a abadessa.

– Isso não está certo. Matelaine é nova demais para ser enviada. Mal foi treinada. Ela ainda não está pronta.

A abadessa se levantou da cadeira, tentando usar sua altura para me intimidar, mas eu já não me importava mais.

– Você se esquece de seu lugar aqui, Annith. Vá imediatamente para os seus aposentos e espere por mim lá.

Mas eu não tinha me esquecido de nada. Na verdade, parecia que eu tinha finalmente me lembrado de mim mesma. Bem no fundo do meu ser, o alarme continuava tocando.

– A senhora não pode estar falando sério em mandar Matelaine para o exterior! Ela só tem quinze anos. Não passou por nenhum dos testes exigidos para ser uma iniciada completa, nem aprendeu todas as habilidades necessárias…

– Então você é a nova mestra das noviças e ninguém me contou?

O sarcasmo gelado em sua voz era cortante o suficiente para arrancar a carne de meus ossos, mas não importava. Em vez disso, disse o que todas sabíamos ser verdade:

– Eu treinei por muito mais tempo e passei por todos os testes.

– Nós já falamos sobre isso. Servir a Mortain não é um direito, mas um privilégio. Um privilégio que *eu* concedo a vocês; vocês não podem entrar aqui e exigi-lo para si mesmas.

– Eu achava que era um privilégio concedido por Mortain.

Sua cabeça recuou um pouco, mas antes que ela pudesse responder, eu prossegui:

– Posso superar Matelaine em uma luta, e acertar o alvo dez vezes para cada acerto dela. Posso desferir um golpe mortal com mais velocidade e precisão que ela. – Apesar de como aquilo pudesse parecer para a abadessa, não era mais uma questão do que *eu* queria. Eu estava realmente preocupada com Matelaine.

– A senhora mandaria Lisabet, com apenas dez anos, em seguida? Ou Loisse? Ninguém tão jovem foi enviada em missão antes, e a senhora sem dúvida está colocando a vida dela em risco.

– E Noelle e Felice? Elas só tinham doze anos.

Por um instante, não consegui entender sobre o que a abadessa estava falando, então lembrei.

– A senhora vai só deixar Matelaine na residência de um de nossos inimigos para agir como espiã, como fez com elas? – O pânico em meu peito se reduziu um pouco.

– O que eu faço não é da sua conta.

– É sim, se eu me tornar a vidente.

Ouvi a irmã Thomine inspirar bruscamente, e Matelaine virar a cabeça para me encarar. Por um momento extremamente satisfatório, a abadessa ficou sem palavras, sabendo que eu tinha razão. Se eu fosse a vidente, teria que tomar parte de todas aquelas decisões. Seria eu quem veria quem deveria ficar e quem deveria partir. Ela não podia negar isso.

– Não até você completar seu treinamento.

– Então a irmã Vereda Viu isso?

O silêncio no ambiente era denso e absoluto. A irmã Thomine virou para olhar para a abadessa, e até Matelaine parecia em dúvida.

– Claro que não viu. Desde sua doença suas visões têm sido de coisas pequenas e sem propósito.

– Então como a senhora pode mandar Matelaine para o exterior?

A boca da abadessa se fechou bruscamente, e nós duas ficamos nos encarando. Senti os sete anos anteriores de minha vida se desenrolando como uma corda velha.

– Você acha que os assuntos de Mortain fazem uma pausa quando uma de nós adoece? – disse ela por fim.

– E se essa for exatamente a razão de ela ter ficado doente? Por que Mortain quer que as atividades do convento se detenham por um tempo?

– Mortain vai proteger Matelaine como faz com todas as Suas filhas – disse a abadessa entredentes. Ela se virou para Matelaine. – Vá para os seus aposentos e arrume suas coisas. Logo estarei lá

para lhe dar as últimas instruções.

Thomine e Matelaine deixaram o gabinete, então a abadessa enfiou as mãos nas mangas e caminhou a passos largos até a janela. Eu me encolhi quando ela passou. Sua raiva era tão palpável quanto uma punhalada. Mas a minha também.

– Eu conquistei isso – disse a ela em voz baixa e dura. – Com todos os testes de Dragonette, conquistei meu lugar como um instrumento da Morte.

Ela se virou para olhar para mim, seus olhos queimando com uma chama azul.

– E eu, Annith? O que eu conquistei?

– O quê?

– Você fala da Dragonette, do seu tempo com ela. Quem levava comida para você quando ela a deixava passando fome? Quem sempre estava presente, pronta para libertá-la antes de seu confinamento, mesmo ao custo de punições para mim mesma? Quem a confortava quando você chorava, escondia seus crimes e fazia todo o possível para tornar sua vida suportável?

– A senhora.

Era verdade, cada palavra. Enquanto Sybella achava que a atual abadessa era dura e injusta, para mim ela jamais poderia ser um verdadeiro monstro. Não como Dragonette, que ainda me dava pesadelos, apesar de estar morta havia sete anos. Mas, mesmo que ela fosse minha salvadora, como um cavaleiro das histórias infantis, nunca esperei que ela pudesse usar a afeição entre nós como um mercador com um saco de moedas, tentando sobrepujar minha vontade à dela.

Ela respirou fundo e se acalmou.

– Pelas regras, eu devia expulsá-la do convento por tal insubordinação e desobediência. Entretanto, devido ao extremo carinho que sinto por você, vou supor que esse será um episódio único, provocado pela pressão da difícil escolha que você tem à sua frente. Mas não se engane, Annith. Se isso tornar a acontecer, vou expulsá-la.

E lá estava. A ameaça sob a qual eu vivera por toda a minha vida. Se eu não fosse boa o bastante, simpática o bastante,

compreensiva o bastante, obediente o bastante, seria expulsa de minha casa como um peixe atrofiado da rede de um pescador.

A abadessa respirou fundo e guardou sua raiva como um cobertor desnecessário.

– Agora preciso de sua resposta, Annith, porque vou deixar o convento e viajar para Guérande em dois dias, pois as coisas estão ficando cada vez mais sérias. Preciso resolver isso antes de partir e, mais importante, preciso saber se posso confiar em você.

Meu coração palpitou forte com a notícia de que ela estava de partida. Com ela longe, eu teria mais liberdade para… o quê? Circular? Pensar? Planejar? Procurar respostas para a pergunta premente de por que ela não me deixava tomar meu lugar de direito a serviço de Mortain? Tudo o que eu não sabia rodopiava em meu interior como uma tempestade terrível, tão violenta que quase me deixou enjoada. Eu sabia que teria mais oportunidades de encontrar uma solução sem a presença da abadessa. Respirei fundo e levei as mãos ao rosto, como se quisesse limpar minha confusão. Quando as abaixei, vi a abadessa me observando com atenção.

– Sim, madre superiora. – Eu me permiti revelar um leve tremor de incerteza e deixei que meus ombros se curvassem, como se estivesse derrotada. – Se não há outra escolha, vou ficar no convento para servir como vidente.

Não era a primeira mentira que eu lhe contava, mas a primeira pela qual eu não sentia nenhuma culpa ou remorso.

Capítulo Nove

Encontrei Matelaine em seu quarto arrumando as coisas em uma pequena bolsa de couro. Ela não estava mais vestida com seu hábito, mas usava um vestido de viagem verde-floresta, com os cabelos ruivos soltos, sem a costumeira touca. Ela ergueu os olhos quando entrei. Ao ver que era eu, a expressão alegre em seu rosto evaporou, e ela voltou à arrumação.

– O que você quer?

– Vim me despedir de você. E me explicar, talvez me desculpar.

– Você acha que pode minimizar sua tentativa de me humilhar na frente da abadessa?

– Matelaine, eu não estava questionando sua habilidade nem sua devoção, eu estava questionando a decisão da abadessa. Você está sendo enviada para o exterior antes mesmo de ter completado seu treinamento, e estou realmente preocupada com sua segurança.

– Tem certeza de que não está apenas com inveja? Todas sabemos o quanto você anseia por uma missão para si mesma.

– Isso é verdade, não vou negar. Mas mesmo que eu estivesse partindo em uma missão neste exato minuto, eu ainda estaria preocupada com você. Você não está nem um pouco apreensiva? Tendo tantas lições ainda por aprender e testes por fazer?

Ela escarneceu enquanto colocava duas combinações limpas de linho na bolsa.

– Se estivesse, acha que te diria? Para você levar a história direto para a abadessa para tentar evitar minha partida?

Fui tomada por uma sensação de desamparo e futilidade. Olhei pela janela, perguntando-me como explicar a ela a complexidade do que eu estava sentindo quando eu mal conseguia explicar a mim mesma.

– Ser a próxima vidente não é prêmio suficiente, então você

precisa pegar minhas tarefas também? – Apesar do tom de voz baixo, ele estava atravessado por uma perceptível vibração de raiva.

Virei-me da janela, torcendo para que ela visse a verdade de minhas palavras expressa claramente em meu rosto.

– Não quero ser vidente e trocaria alegremente esse papel com você. Isso não parece especial. Parece uma armadilha, uma armadilha na qual ficarei presa até o dia de minha morte. Mas o mais importante é que não tenho alento ou aptidão para isso, e não consigo entender por que a abadessa me escolheu.

Ela sacudiu a cabeça.

– E agora você está agindo como se soubesse mais que a abadessa. Sério, Annith, você deixou que os elogios das freiras lhe subissem à cabeça.

Ela era minha terceira amiga a ser enviada para o exterior, e eu estava aterrorizada por talvez não ter a sorte de todas elas sobreviverem. Temia por Matelaine de um modo que não temia por Ismae e Sybella. Ela era muito mais jovem e menos experiente.

– Matelaine, não queria me despedir…

– Depois que Ismae partiu, você e eu éramos as mais próximas em idade. Vi que você estava solitária, e achei que nós podíamos ser amigas. Bem, agora eu entendo. Nunca poderemos ser amigas. Não precisa se preocupar, não vou cometer esse erro de novo.

Suas palavras me machucaram. Estendi o braço, segurei sua mão e a apertei.

– Nós sempre fomos amigas. Mas Ismae… bem, ela foi uma das primeiras amigas de verdade que eu tive na vida. Claro que eu era mais íntima dela, assim como você é mais próxima de Sarra e Lisabet que de Loisse e Audri. Isso não significa que Loisse e Audri não tenham um lugar em seu coração.

Houve um longo momento de silêncio, e então Matelaine torceu o nariz.

– Bem, não gosto especialmente de Sarra – disse ela, e fui tomada por uma sensação vertiginosa de alívio. Então seu rosto ficou sério. – Você sempre foi muito reservada, Annith. Mesmo com todo o seu amor e afeição e bondade, há uma parte sua que você oculta dos outros.

E, é claro, ela tinha razão. Por um breve momento, hesitei, prestes a compartilhar meu passado com ela – minha estranha e sofrida infância –, mas não consegui. Não naquele momento, quando ela devia estar se preparando para os desafios à sua frente. Tornei a apertar sua mão.

– Quando você voltar – disse a ela. – Se eu ainda não estiver encerrada e isolada naquele maldito claustro sem poder falar com ninguém, vou contar a você sobre essa parte de minha vida.

Ela, então, sorriu, e respondeu com um aperto em minha mão.

– Estou ansiosa para ouvir.

Eu a surpreendi envolvendo-a com meus braços e abraçando-a fervorosamente.

– Tome cuidado, Matelaine. Vou rezar por você todos os dias até seu retorno. – Lágrimas arderam em meus olhos e tentaram se acumular em um nó em minha garganta. Com um último sorriso de encorajamento, virei e saí antes da chegada da abadessa.

Capítulo Dez

Por mais que eu tivesse treinado, por mais que tivesse praticado movimentos furtivos, astúcia e artifícios, nunca sonhei que meu primeiro uso real dessas habilidades fosse contra o próprio convento que eu servia.

Como não queria que a abadessa mudasse de ideia em relação à sua viagem, tornei-me tão obediente quanto o cordeiro que ela desejava que eu fosse. Nem sequer cedi à tentação de deixar que minha mente ruminasse as perguntas e questões que me atormentavam, por medo de que ela de algum modo me sentisse vacilando.

Era como tentar tampar uma panela fervente.

Meu novo papel no convento foi anunciado naquela noite no jantar, em meio a brindes e muita celebração, como se a abadessa estivesse determinada a me mostrar como essa era uma ocasião de júbilo. Eu sorri tanto até minhas bochechas doerem, e eu parecia recatada, mesmo que levemente atônita, por tal honra ter sido disposta aos meus pés.

No dia seguinte, enquanto a abadessa fazia seus preparativos finais para partir, as outras garotas começaram a olhar para mim com uma desconfiança mal disfarçada, como se eu de repente tivesse a habilidade de roubar seus pensamentos. Elas se afastavam de mim. Retiravam-se do banco de orações, dizendo terem lembrado de algo a fazer, e escolhendo lugares diferentes ao voltar. Todas aquelas garotas cujos machucados eu cuidara, cujos corpos treinara, e cujos segredos eu compartilhara agora agiam como se eu subitamente tivesse criado asas ou uma segunda cabeça. Elas estavam me separando de suas vidas diárias, assim como faziam com a irmã Vereda, e senti uma existência de isolamento se estender à minha frente, tão infinita quanto o mar.

Claro, era demais pedir que a abadessa deixasse a ilha sem um encontro final entre nós. Preparei cada fibra de mentira e engodo e as teci em uma fachada de calma e aceitação para usar em nossa reunião.

– Expliquei os seus novos deveres a todas as outras freiras para que elas saibam que você não deve participar mais de nenhum treinamento, exceto dos de vidente. – Ela não estava sentada atrás de sua escrivaninha, mas de pé ao lado da mesa, colocando algumas últimas coisas em sua bolsa.

Eu dei um sorriso alegre.

– Está bem, madre superiora.

– A irmã Vereda vai começar com pequenas lições diárias que em seguida você pode praticar sozinha. – Ela parou por um instante. – Annith, não sei como lhe dizer o quanto é importante que você aplique seus talentos nessas tarefas. A tempestade política em formação está pesando sobre o nosso país. Segundo todos os relatos, a corte da duquesa se estilhaçou em facções, deixando-a ainda mais fraca e vulnerável que antes. Nós devemos usar toda habilidade e recurso que possuímos em sua ajuda.

– Mas é claro, madre superiora. Vou usar todo talento à minha disposição para servir a Mortain e a nosso país nesta época terrível. – Esperei para ver se ela tinha percebido o modo como evitei prometer dedicar-me a meus novos deveres de vidente, mas ela estava tão distraída com sua partida iminente que pareceu não notar.

Ela deu mais algumas instruções de última hora, rápida e concisa. Pelo visto, só porque eu seria a vidente, isso não significava que eu não poderia servir como seu braço direito, também. Quando enfim a reunião terminou, despedi-me dela calorosamente e virei-me para deixá-la.

– Annith?

Parei com a mão na porta.

– Sim, madre superiora?

– Está tudo bem entre nós? – O tom saudoso em sua voz me surpreendeu. Depois de tudo o que ela disse, depois de toda a sua pressão e bajulação, será que ela realmente acreditava que as

coisas um dia poderiam voltar a ficar bem entre nós? Olhei para trás e dei um sorriso tão caloroso para ela que quase me convenci de sua sinceridade.

– Mas é claro, madre superiora. Tudo está exatamente como deveria. Vou rezar todos os dias enquanto a senhora estiver fora.

Não disse a ela que a natureza dessas orações envolveria pedir a Mortain que me ajudasse a encontrar um modo de expor as ações dela como as mentiras e traições que eu acreditava que fossem.



Precisando ter certeza de que ela estava mesmo partindo, eu a segui até a trilha para a praia. Escondida em meio aos arbustos que bordejavam a praia rochosa, observei quando o remador noturno a ajudou a entrar no barco. Ela estava levando duas irmãs leigas como acompanhantes de viagem, e elas iam remando sozinhas em um segundo barco.

Enquanto o velho marujo remava, ela permanecia sentada na proa do barco, rígida e ereta, com o olhar fixo no continente.

Por que ela tinha mudado a essência de meu serviço ao convento? Seria alguma coisa dentro de mim, ou dentro dela? E que opções eu tinha, além de fugir? Se eu fizesse isso, deixaria suas tramas e maquinações impunes, e ela poderia mandar Sarra ou Lisabet para o exterior em seguida.

Sem dúvida existiam regras que a abadessa devia seguir, e maneiras de reparação para quando não havia. Ou nós, noviças, estávamos completamente à mercê do convento?

Esse pensamento era muito amargo para ser contemplado. Em vez disso, decidi fazer tudo em meu poder para descobrir o que estava por trás de suas decisões. Então eu veria se esse conhecimento poderia ser transformado em uma arma para forçá-la a mudar de ideia.

Capítulo Onze

Quando chegou a hora de me encontrar com a irmã Vereda para minha primeira lição de vidência, tive de me esforçar muito para não sair correndo aos gritos na direção oposta.

– Você está atrasada – disse ela ao me ver entrando em seus aposentos.

– Como a senhora pode saber se não consegue ver a ampulheta?

Ela escarneceu.

– Monette trouxe minha bandeja há pouco tempo.

– Talvez Monette estivesse adiantada, irmã.

Sua boca se contorceu, e não soube dizer se foi devido a um leve toque de humor ou se ela tinha apenas encontrado uma migalha de comida presa no interior da boca. Cruzei as mãos e tentei parecer contrita.

– O que a senhora vai me ensinar hoje?

– A primeira coisa é pontualidade. E respeito pelos mais velhos. Se você por acaso aprender a ler um pouco os desígnios de Mortain nas chamas do fogo sagrado, também seria bom. Traga aquele braseiro vazio para mais perto da cama. E cuidado para não derramar as cinzas.

Depois que fiz isso, ela me mandou buscar uma bolsinha com penas de corvo. Sem conseguir ver nada no escuro, acendi uma vela antes de me encaminhar para as estantes, repletas de caixas e pequenos baús, pilhas de ossinhos e um fogareiro de prata. Tateei com cuidado, torcendo para não derrubar nada. Minha mão esbarrou em alguma coisa fria como vidro, mas muito, muito mais pesada. Com certeza não era um saco de penas, mas o peguei e aproximei da luz da vela.

Era um pequeno frasco escuro. Pelo peso, soube que era de cristal, apesar de não saber que cristal pudesse ser tão negro

quanto a noite. A superfície era lapidada em facetas, e a luz da vela tremeluzindo sobre ele dava a ilusão de estrelas no céu noturno. Com cuidado, levantei a tampa, que terminava em uma varinha longa e pontuda. Foi quando entendi exatamente o que tinha na mão. Eram Lágrimas de Mortain, ministradas a toda noviça que entrava em Seu caminho para que ela pudesse discernir melhor Seus desígnios.

Minha mão se fechou em volta do frasco e eu o apertei firme, como se pudesse absorver o conhecimento e os dons que as gotas concediam através do cristal. Aquele era apenas um dos muitos mistérios do convento que me foram negados.

– Annith? – chamou a idosa. – Você ainda está aí?

– Sim, irmã. As penas estavam enterradas embaixo dos ossos. Mas que tipo de ossos são eles, afinal?

Enquanto ela tagarelava uma resposta, eu devolvi com relutância as Lágrimas de Mortain a seu lugar. Não podia usá-las naquele momento, mas me confortava saber onde podia encontrá-las se precisasse delas.



Sem intenção de passar todos os meus dias estudando vidência, comecei a fazer planos para aprender o que estava no cerne das decisões da abadessa, pois tinha ficado lamentavelmente claro que ela não estava me usando só para preencher uma necessidade geral do convento. Seu desejo de que eu fosse vidente era pessoal. Se fosse algo em mim que me tornasse única e apropriada para a posição, então por que simplesmente não me dizia? E se ela não me disse, então talvez houvesse algo sobre meu nascimento nos registros do convento que explicasse sua decisão. Agora que tinha despertado para o quão profundamente fui treinada para aceitar mentiras como verdade, sentia que devia reexaminar tudo o que me fora contado.

Era possível que eu não estivesse realmente sozinha no mundo.

Talvez eu tivesse uma família, mesmo que distante, que me acolhesse se eu decidisse escapar.

E lá estava: *escapar*. Essa era a palavra que eu estivera evitando desde que percebi que não tinha escolha além de fingir aceitar os planos da abadessa. Ela mudara a própria natureza do acordo que tínhamos feito muito tempo atrás, quando dediquei minha lealdade eterna e inabalável em troca de… de quê? Para que ela achasse que eu não tinha falhas? Para que ela me permitisse buscar aquilo que sonhei durante toda a minha vida? Claro, eu era jovem demais para expressar tudo isso em palavras, mas ela sabia muito bem. Ela me usara como se eu fosse um instrumento afinado especialmente para suas mãos, e isso tudo não era exceção.

Depois de uma semana revirando o escritório do convento, obtive apenas algumas informações, mas era mais do que tinha quando comecei. Descobri que a vidente era provavelmente uma virgem ou uma mulher madura, que já tivesse passado da idade fértil e que tivesse feito votos de celibato. Eram essas as duas únicas exigências para o posto. As que nascessem com a placenta cobrindo a cabeça ou que tivessem os olhos abençoadas com o dom de Ver o coração de um homem se tornavam as melhores videntes, mas lugar nenhum dizia que alguma dessas características era necessária. Por isso, o que quer que estivesse por trás do desejo da abadessa, não era o fato de eu ter algo que as outras ali não possuíam. Eu não era a única – nem a melhor – que poderia assumir aquela responsabilidade.

Mas esse foi o único fruto que minhas buscas renderam. Não descobri nada sobre meu passado. Eu não tinha um sobrenome nem local de nascimento de onde partir, mas Annith era um nome bastante raro, e eu tinha esperanças de que fosse usado por apenas algumas famílias nobres. Só que aprendi que as casas nobres da Bretanha possuíam trezentas Annes, quatro Mildreths e duas Annelises. Não havia outra Annith registrada.

Com tão pouco em que basear minhas esperanças, achei ainda mais difícil suportar as lições da irmã Vereda. Pensamentos sobre fuga dançavam pela minha cabeça como folhas em um vendaval, e temia que ela estendesse a mão encarquilhada e pescasse um

deles. Daí todas as minhas esperanças estariam acabadas.



Levou duas semanas até que eu tivesse oportunidade de revistar o gabinete da abadessa. A irmã Eonette parecia gostar de passar um tempo lá e ficava muito além do seu horário matinal. Eu me perguntei se ela desejava ser abadessa, e, se fosse o caso, será que receberia bem se eu expusesse as mentiras da atual abadessa? Lembrei da conversa acalorada delas no dia em que ouvi pela primeira vez seus planos para mim e me dei conta de que talvez eu tivesse uma aliada.

Não gostei da falta de sutileza de ter de arrombar a fechadura da abadessa, mas isso não pôde ser evitado. Enfiei na tranca um de meus punhais finos como agulha, ergui, girei e soltei um suspiro de alívio ao ouvir o *clique* satisfatório da porta se abrindo.

O luar pálido entrava pelas duas janelas, iluminando o enorme armário que cobria quase toda a parede de trás da escrivaninha. Era possível que eu precisasse da noite toda para revistar as gavetas e prateleiras ocultas. Afastei-me da porta, ansiosa para começar a trabalhar. Havia apenas uma lua crescente, mas estava claro o suficiente para que eu não precisasse me arriscar acendendo uma vela.

Os ornamentos intricados do armário continham estranhos animais selvagens saltitando em meio a curvas e arcos, e seus olhos de madeira polidos me observavam enquanto eu tentava abrir uma das portas. Estava trancada. Olhei ao redor à procura de um esconderijo provável para a chave. Com sorte, não estaria pendurada na argola que a irmã Eonette carregava na cintura.

Eu estava com sorte, e encontrei-a no primeiro lugar em que procurei, a gaveta da escrivaninha da abadessa. Quem ousaria violar o santuário privado da abadessa sem convite?

Só eu. E ainda ousaria muito mais antes de terminar.

Havia quatro chaves, e experimentei-as uma por uma. A terceira

funcionou. A primeira gaveta não revelou nada além de notas e recibos de mercadorias vendidas ao convento: peças de samite azul-escuro para novos hábitos e de lã branca para as capas do solstício de inverno, couro para sapatos e grãos do moleiro local. Na segunda gaveta havia correspondências com autoridades da Igreja sobre assuntos locais, como arrendamento de campos no continente, e a carta da abadessa de Saint Mer sobre Melusine.

Voltei a atenção para o armarinho de baixo. Ele continha várias gavetas e escaninhos cheios de cartas e correspondências antigas, algumas moedas pequenas e bastões de cera de lacre usados. Na parte mais baixa, havia uma gaveta grande. Respirei fundo enquanto a abria, e expirei quando finalmente vi o prêmio pelo qual estava procurando: o grande livro de registros com capa de couro que continha informações sobre todas as servas de Mortain desde os primeiros dias do convento.

Peguei o livro com as duas mãos, levei-o até a janela e o pousei sobre o batente.

As páginas estavam velhas e amareladas, tão frágeis que temi que fossem se desfazer sob meus dedos. Cuidadosamente, virei folha por folha, maravilhada pela caligrafia antiga, tão ornamentada que era quase ilegível.

Continuei a procurar, em busca de datas que correspondessem à minha chegada ao convento. Finalmente, depois de folhear quase três quartos do livro, vi *julho de 1472* no alto do papel. Desci o dedo, passando pelas anotações de julho, agosto e setembro, depois virei rapidamente a página, mas a seguinte estava datada de janeiro de 1473. Isso não podia estar certo. Eu tinha chegado no outono de 1472, perto do fim de outubro. Voltei uma página, mas a última data ainda era setembro de 1472.

Como podia ser isso? Segundo os registros, eu nunca nem sequer existi.

Talvez as datas estivessem fora de ordem. Aproximei o pesado livro do rosto e o inclinei na direção da luz do luar. Havia uma folha faltando. Parecia que a página que continha todas as respostas tinha sido cuidadosamente arrancada.

Meu pulso acelerou, pois a falta de uma página não era por si só

uma resposta?

Para ter certeza, voltei para a gaveta, apressada, pensando que talvez a folha tivesse simplesmente se soltado e caído, mas não. A gaveta estava vazia, exceto por uma caixa achatada e grande. Era feita de uma madeira escura, negra e reluzente, e eu a revirei várias vezes, mas não consegui encontrar nenhuma tampa, nenhuma emenda, nenhuma trava, nenhuma maneira de abri-la. Mas ela era pesada, e algo em seu interior se movia quando eu a sacudia.

Minhas mãos formigavam de excitação, pois devia ser algo realmente importante para estar fechado em uma caixa que não podia ser aberta. Mas, por mais tentadora que fosse, a caixa provavelmente não tinha as respostas que eu buscava, por isso eu a deixei de lado e retomei a busca por algum registro de minha chegada.

Segui para o armário inferior da direita e quase perdi o fôlego de prazer quando encontrei uma fileira organizada de livros negros encadernados em couro de bezerro. Peguei um, abri e fiquei satisfeita ao ver a letra elegante da abadessa cobrindo o velino. Meus olhos percorreram as palavras, e percebi que era um registro do funcionamento diário do convento. Virei mais algumas páginas e, quando o nome de Melusine chamou minha atenção, li rapidamente o resumo da abadessa. Sem dúvida isso significava que todas as nossas chegadas estariam anotadas naqueles diários, assim como no livro de registros principal do convento.

Peguei o quinto livro a contar do fim, e, quando o abri, vi que a letra não era da abadessa atual, mas uma caligrafia mais grossa e precisa. Olhei para as datas: 1470 a 1475. Com mãos trêmulas, virei as páginas, examinando as folhas até encontrar meu próprio nome. Agarrei o diário junto ao peito, como se as palavras pudessem desaparecer antes que eu conseguisse lê-las, e corri de volta até a janela, para a luz da lua.

1472

Hoje o remador noturno trouxe um bebê, uma coisinha enrugada que não pode ter

mais que alguns dias de idade. Segundo o padre itinerante e a curandeira que mandaram a criança, a garota foi gerada por Mortain, mas eles não sabiam quem era a mãe, nem sabiam seu nome. A mulher do filho do remador noturno perdeu recentemente um bebê, e ficará satisfeita com o serviço de ama de leite. Assim, nosso Senhor Mortain cuida até da menor e mais insignificante de Suas criaturas.

1474

A criança chamada Annith cresce rapidamente e é aparentemente saudável. Aos dois anos de idade, não é cedo demais para começar seu treinamento. Na verdade, ela vai ser a mais afortunada entre nós, pois poucas têm a oportunidade de começar a trilhar o caminho de Mortain em tão tenra idade. Além disso, a mestra das noviças a mima demais e vai deixá-la mole. Melhor treiná-la para eliminar qualquer brandura dela o mais cedo possível, para que possamos torná-la a mais perfeita a serviço de Mortain.

1475

A criança chorou e soluçou e fez um

escândalo terrível ao ser afastada da irmã Etienne. Como castigo, foi trancada na adega até estar disposta a dormir na própria cama no alojamento com as outras meninas, sem reclamar. Vou lhe mostrar que ela não precisa de ninguém para sobreviver e que não é sábio formar laços. Terei de pensar em algum castigo para a irmã Etienne também, pois ela está quase tão perturbada quanto a criança.

1475

Levamos três dias para dobrar a criança, o que, se não fosse tão inconveniente para todas nós, seria uma demonstração admirável de sua força de vontade e vigor. Vamos pegar esse material bruto e moldá--lo em uma arma realmente impressionante para o uso de Mortain.

1475

A criança chorou de modo inconsolável quando dois dos gatinhos do celeiro morreram. Explicamos a ela que a morte não era nada de que devesse ter medo, mas, quando não quis dar ouvidos à razão, foi necessário tomar medidas mais extremas. Ela foi trancada na adega de vinhos outra vez

com os dois gatinhos mortos, para que ela visse que nada tinha a temer. Quando finalmente ficou quieta, deixamos que saísse. A irmã Etienne disse que ela não falou por dois dias inteiros. Vamos torcer para que isso signifique que essa lição a tenha marcado definitivamente.

Um enjoo quente revirou meu estômago, depois subiu por minha garganta e se espalhou pelos meus braços. Uma coisa era ter tais lembranças trancadas no interior da cabeça, onde estavam sujeitas à dúvida e à suavização do tempo. Outra bem diferente era tê-las registradas de modo tão frio sobre uma página, sem arrependimentos ou admiração, nem nada que indicasse o verdadeiro tormento que sofri.

Engoli em seco convulsivamente enquanto uma familiar onda de medo tomava conta de mim. Mas senti algo novo também, algo sombrio e inesperado. Raiva. Não, não era raiva, percebi, enquanto meu coração martelava e minha pele parecia prestes a irromper em chamas. Era fúria.

Era ultraje por ver o terror de minha infância descrito assim tão despreocupadamente, como se a abadessa estivesse relatando quantos cordeiros as ovelhas pariram na primavera.

Era fúria pela absoluta aspereza e crueldade e dureza dos castigos impostos a mim quando eu era ainda mais nova do que a pequena Florette.

Quis jogar o livro longe, atirá-lo no fogo e reduzi-lo a cinzas, mas também quis agarrá-lo firmemente como prova do que eu tinha suportado. De que eu tinha *sobrevivido*.

Prova do que eu merecia.

As palavras calmas e impassíveis de Dragonette enfatizavam apenas o quanto era exigido de mim para que eu conquistasse meu lugar no convento – quando eu era apenas uma criança. Aquela sensação tinha me perseguido por toda a minha vida: a sensação

de que eu era um veículo marcado e imperfeito.

Minha cooperação – não, minha capitulação completa e definitiva a seus desejos foi o preço que *tive* de pagar pela sobrevivência. Foi uma barganha tão irrevogável quanto qualquer contrato, por mais que tenha sido silenciosa. Eu me comprometi a fazer tudo o que ela pedia de mim, concordei em encarar o desafio de todos os seus malditos testes, e em retorno eu teria a permissão de ser uma serva de Mortain.

Eu tinha conquistado esse destino. Por tudo o que eu havia suportado, eu tinha conquistado isso. Esse era o contrato silencioso entre Dragonette e eu, selado com meu próprio sangue, dor e terror, e ninguém, nem a atual abadessa, podia mudar os termos dessa barganha.

Enfiei o diário no bolso de meu avental e virei para o armário bem atrás da escrivaninha. Era quase de manhã, e eu estava sem tempo. Com o coração martelando no peito, devolvi o livro de registros do convento à gaveta. Peguei a caixa para guardá-la também, então parei, avaliando seu peso em minhas mãos. Para alguém que colecionava segredos, essa era uma tentação grande demais para ser deixada para trás. Além disso, talvez o que quer que ela guardasse fosse importante o suficiente para que eu pudesse usar a meu favor.

Capítulo Doze

Eu não podia partir imediatamente. Precisava fazer alguns preparativos para que as freiras não fossem atrás de mim, pelo menos não até que eu estivesse bem longe da costa e das estradas principais.

Por um instante, por um breve instante, senti uma pontada de incerteza. Quem seria a vidente do convento quando a velha irmã morresse? Isso não as deixaria tão vulneráveis e cegas quanto a própria Vereda?

Não. Eles podiam simplesmente escolher outra virgem. Ou, ainda melhor, podiam escolher uma mulher que já tinha passado da idade fértil. A essa altura, eu já tivera mais de dez lições com a irmã, e não fui capaz de perceber uma tempestade se aproximando, nem o que a cozinheira ia preparar para o jantar, muito menos os desígnios de Mortain.

Não me enganei acreditando que aquilo seria fácil. Havia deixado os muros do convento raras vezes, e nunca tivera a permissão de percorrer livremente as estradas abertas, nem de circular por vilarejos e cidades sem supervisão. Minhas únicas experiências foram algumas viagens que fiz com a irmã Thomine e as garotas mais velhas.

Entretanto, nas semanas após a descoberta do diário, consegui guardar uma pequena quantidade de provisões – um odre de água vazio, alguns queijos duros e pães afanados, assim como um vestido pesado que não me identificava como serva de Mortain. Obter armas era mais difícil, pois a irmã Arnette estava sempre em seu arsenal, e a maioria dos instrumentos era bem maior que queijos, e fazia muito mais barulho que um vestido. Os venenos também apresentavam um desafio, pois eu tinha de entrar escondida na oficina da irmã Serafina, na calada da noite, e rezar

para que não houvesse nada nocivo fermentando lá dentro que pudesse me fazer mal.

Não consegui decidir se estava me armando para me defender ou para me tornar a assassina que fui treinada para ser e, no fim, me preparei para os dois.

Meu último passo foi escrever uma carta fingindo ter sido escrita pela abadessa para convocar minha presença ao seu lado em Guérande. Sem tal mensagem, provavelmente iriam enviar um grupo de busca assim que minha ausência fosse notada.

Levei um bom tempo pensando em uma justificativa para o pedido da abadessa, pois seria uma completa reviravolta considerando seus planos para mim.

Isso também exigiu que eu me tornasse ainda mais habilidosa em falsificar sua caligrafia. Eu me recostei e admirei o bilhete escrito com cuidado.

Cara Eonette,

Agora que vi em primeira mão as ameaças encaradas por nossa duquesa, decidi que Annith deve se juntar a mim na corte. Acredito que todos os recursos de Mortain precisam ser utilizados contra os desafios que nossa duquesa está enfrentando, se pretendemos ter alguma esperança de vencer. Não faz sentido deixar uma de nossas noviças mais habilidosas murchando atrás de nossos muros quando a duquesa tão claramente precisa dela.

Sei que ainda precisamos cuidar da questão da vidente em breve, mas, após a inesperada

recuperação de Vereda, não posso deixar de pensar que o próprio Mortain nos deu algum tempo.

Dobrei o pergaminho e o lacrei. Enquanto a cera endurecia, peguei meu alforje escondido embaixo da velha cama de Sybella. Não havia ninguém de quem eu precisasse me despedir; eu sentiria saudade das meninas mais novas, mas não valia o risco alertá-las sobre minhas ações. Eu ia servi-las melhor confrontando a abadessa e garantindo que nenhuma delas jamais fosse mandada para o exterior antes de estarem completamente treinadas. Se o que estivesse no cerne da indisposição da abadessa em me mandar em missão fosse um carinho equivocado por mim, estava errado, e devia acabar. E também seria uma enorme traição às outras. Eu não queria isso pesando em minha consciência.

Peguei a mensagem, rompi o lacre de cera e depois amassei o bilhete, como se ele tivesse sido lido com muita pressa, antes de jogá-lo em minha cama. Quando viessem à minha procura de manhã, veriam a ordem da abadessa e suporiam que eu tinha sido a primeira a lê-la, partindo imediatamente. Algumas freiras talvez se perguntassem por que a mensagem viera diretamente para mim, mas outras saberiam do meu talento para obter informações e não questionariam tal coisa.

Trajando meu vestido mais pesado, eu me envolvi em minha capa de inverno e dei uma última olhada ao redor de meu quarto. O convento havia me fornecido poucas respostas, que por sua vez criaram apenas mais perguntas. E a verdade era que o diário de Dragonette me golpeara com a força de um soco. Eu não devia nada a ninguém, ali.

Pendurei a bolsa no ombro e repassei a lista de suprimentos mais uma vez. Não estava faltando nada. Minha mão se retorceu com a lembrança do frasco multifacetado nos aposentos da irmã Vereda, tão negro quanto a noite, e densamente pesado. Será que eu não precisava daquilo mais do que as outras, já que estava me desligando do apoio do convento? Sem dúvida eu devia tentar

utilizar todos os meios disponíveis para entender melhor os desígnios de Mortain para mim.



O convento inteiro estava escuro e silencioso, por isso foi bem fácil adentrar nos aposentos da irmã Vereda sem ser vista. Havia o risco de que, com a volta de suas habilidades, ela Visse o que eu pretendia fazer, mas era algo que eu devia assumir. Mesmo que descobrisse meus planos, ela ainda não conseguia se levantar da cama, nem ninguém ouviria sua voz frágil dando o alarme, profundamente enterrada como estava em seu próprio quarto, distante de todo mundo. Mesmo assim, torcia para que ela não Visse nada.

Entreabri a porta com cuidado. O cômodo estava escuro como o próprio mundo inferior; havia apenas um leve brilho vermelho aqui e ali do carvão nos braseiros. A respiração da velha vidente era profunda e regular, por isso entrei e fechei silenciosamente a porta às minhas costas. Parei por um instante para que meus olhos se adaptassem.

Depois que me situei, caminhei pelo quarto, devagar, olhando o chão com cautela para me assegurar de não tropeçar nem esbarrar em algo nem fazer qualquer ruído inesperado. Levei apenas doze passos para chegar à estante. Olhei mais uma vez para a vidente adormecida, ouvindo o ronco profundo e sonoro de sua respiração, depois me virei e estendi a mão para pegar o frasco.

Quando meus dedos se fecharam em torno do cristal negro, tornei a me surpreender com seu peso. Sabia pouco sobre as Lágrimas de Mortain, pois esse era um daqueles mistérios que apenas as verdadeiras iniciadas conheciam, mas eu tinha ouvido algumas histórias. Lendas murmuradas e boatos e rumores. Dizia-se que as Lágrimas aumentavam nossa habilidade de ver e experimentar a vida para simular melhor o modo como o próprio Mortain era capaz de ver e experimentar a vida. Elas corrigiam nossas imperfeições

humanas, seja tornando mais fácil sentir a vida por trás de portas fechadas, seja por nos permitir ver melhor Suas marcas. Levantei a tampa para revelar a longa haste de cristal que terminava em uma extremidade pontiaguda. Uma única gota pendia na ponta. Respirei fundo e lentamente ergui a tampa até o meu rosto. Arregalei meu olho, mas, antes que pudesse pingar a Lágrima, a irmã Vereda roncou em seu sono. Levei um susto, fazendo a mão que segurava a tampa parar bruscamente e a gota estourar sobre o corpete de meu vestido. Congelei, perguntando-me se a velha irmã ia acordar. Houve um longo momento de silêncio, depois sua respiração ruidosa recomeçou.

Ao recolocar a tampa no frasco de cristal, resolvi levar as Lágrimas comigo. Não só para usá-las quando precisasse, mas também para garantir que as freiras não mandassem mais ninguém em missão enquanto eu estivesse fora. Certamente elas não enviariam uma das noviças sem as Lágrimas de Mortain para ajudá-la.

Com as Lágrimas bem guardadas em minha bolsa, respirei fundo, virei e comecei a sair cautelosamente dos aposentos da irmã Vereda. Movi os quadris para desviar de uma mesa, depois tornei a movê-los para evitar o suporte onde ficava um braseiro de carvão. Quando cheguei à porta, estava molhada de suor, e mais tensa que um dos chicotes da irmã Thomine. Do lado de fora, no corredor, eu me apoiei na parede e acalmei meu coração palpitante. Não eram os aposentos da irmã Vereda que o agitavam, mas a enormidade do que eu estava prestes a fazer.

O dia com que eu sempre sonhara finalmente tinha chegado: eu estava deixando o convento. Não em uma marcha triunfante para realizar os desígnios de Mortain, como eu imaginei, mas em uma busca determinada por respostas. Eu ia encontrar a abadessa em Guérande para fazê-la me contar exatamente por que ela queria que eu fosse a vidente, quando muitas outras poderiam preencher a mesma posição. Se não fosse algo pessoal, então devia ser uma falha ou defeito meu. Eu iria forçá-la a me dizer o que era, ela não podia mais se esconder atrás de meias verdades e mentiras. Porque, depois que eu descobrisse o problema, poderia resolvê-lo, como tinha feito tantas vezes antes.

Capítulo Treze

Era aterrorizante atravessar o mar à noite, mas disse a mim mesma que era excitante. Não havia nada além da luz mortiça do luar para me orientar, e a salgada brisa marinha zunia nos meus ouvidos e resvalava, suave, em meu rosto. Apesar dos meus braços serem fortes das tantas horas treinando com armas, eles não estavam acostumados a remar, e já estavam doendo após a segunda hora. Ou o que eu acreditava ser a segunda hora, pois era difícil dizer. Era excitante, eu lembrava a mim mesma. Aquilo era liberdade, e era excitante.

Após um bom tempo, comecei a me preocupar de ter me perdido completamente do continente e estar remando feliz rumo ao mar aberto. Esfreguei o suor e o sal dos olhos e olhei atentamente para a escuridão à minha frente. Não havia luzes que me guiassem na direção da margem, nenhum fogo de cozinha nem velas nem tochas. Parei de remar e inclinei a cabeça de lado. Em meio ao pulsar de meu próprio coração e o ruído de minha respiração ofegante, era difícil escutar direito, mas pensei ouvir um leve som de ondas quebrando. E onde as ondas quebravam, haveria terra. Com sorte, seria a praia que eu almejava, e não as pedras afiadas e os baixios da parte sul do litoral. Fiz uma breve prece a Mortain, ajustei o barco para o norte e voltei a remar.

Logo o som das ondas ficou diferente, mais como um marulho delicado com um toque vazio – o som da água contra o casco de madeira do barco. Deixei escapar um suspiro cansado de alívio enquanto reunia minhas energias.

Quando finalmente senti o leve arrastar de pedras sob o casco, joguei para longe os detestáveis remos, alegre por estar livre deles. Se não fosse por minhas luvas de couro, as palmas de minhas mãos estariam cheias de bolhas e feridas.

Com o barco firme na areia, levantei do assento e saltei o mais longe possível da parte rasa, depois virei e segurei a proa para puxá-la mais para o alto da praia, de modo que a maré não levasse o bote embora. Não pude deixar de observar que meus membros estavam tão fracos e débeis quanto os de cordeiros recém-nascidos.

Eu podia seguir para o estábulo, encilhar eu mesma um dos cavalos e simplesmente partir, mas temi que isso levantaria desconfianças em relação à legitimidade de minha convocação pela abadessa. Parecia mais convincente despertar o remador noturno e exigir assistência, como se estivesse em uma missão genuína do convento. Afinal de contas, eu o havia poupado do duro trabalho de remar. O mínimo que ele podia fazer era encilhar meu cavalo. Além disso, não queria ser confundida com um ladrão.

Aproximei-me da pequena cabana e bati bruscamente na porta. Não demorou muito para o velho caseiro abri-la – ele estava acostumado a ser despertado no meio da noite para conduzir barcos pelo mar.

– Ei? – Ele olhou para mim.

– Preciso que você encilhe um cavalo para mim.

Ele me olhou por um bom tempo, e fiz um grande esforço para não ficar irritada.

– Eu nunca vi você aqui fora sozinha, já? – disse ele por fim.

Incomodada por ele ter percebido tal coisa, apenas ergui uma sobrancelha.

– Faz parte de suas obrigações questionar minhas idas e vindas? – A verdade era que eu não me surpreenderia se a abadessa ordenasse algo assim.

– Nossa, não precisa morder, moça. Vou pegar o casaco e a lanterna. – Ele entrou de volta em sua cabana e desapareceu, e eu me virei para olhar o mar, aliviada por não haver sinal de perseguição. Com certeza, o mais cedo que elas perceberiam minha ausência seria após o segundo sino da manhã.

O velho veio até a porta enrolado em sua capa e carregando uma lanterna para iluminar o caminho até o estábulo. Sem saber ao certo o que devia fazer, eu o segui, pelo menos até ele se virar e erguer

uma de suas sobrancelhas grossas para mim. Fingindo não ter visto isso, tirei a sacola de viagem do ombro, coloquei-a no chão e comecei a remexer em seu interior, à procura de uma de minhas bolsinhas de couro.

Quando a encontrei, peguei uma pitada de sal para deixar como oferenda para Saint Cissonius. Ele era o santo padroeiro dos viajantes e das encruzilhadas, e eu me senti mais segura. Era como se eu estivesse encarando uma espécie de encruzilhada invisível, sem conseguir discernir o caminho à minha frente. Enquanto espalhava sal na terra aos meus pés, sussurrei uma breve oração e pedi ao próprio Mortain para me guiar naquela jornada.

O velho voltou exatamente nesse instante. Quando vi que ele estava conduzindo meu cavalo favorito, Fortune, minha impaciência com ele se esvaiu, e sorri.

– Ela é minha favorita. – Passei a mão por sua crina negra e sedosa.

Ele me lançou um olhar de soslaio.

– Por que você acha que eu a trouxe?

Ocorreu-me que todas nós no convento devíamos prestar muita atenção àquele homem, que via muito mais do que deixava transparecer.

– Agradeço por isso.

Ele resmungou, em seguida me ajudou a prender a bolsa à sela antes de entrelaçar as mãos, estendê-las e oferecê-las para mim. Aceitei o apoio e, pisando de leve, joguei uma perna por cima de Fortune, acomodei-me na sela e tomei as rédeas.

Meu arco estava a fácil alcance, e minha aljava de flechas, às minhas costas. Eu não esperava problemas, mas tampouco estava com medo. Na verdade, estava ávida pelo que quer que a estrada me trouxesse, sabendo que era mais que capaz de encarar o desafio.



Montada em um cavalo que podia encarar uma perseguição, a tensão que tomava meus ombros se desfez, e percebi que eu não acreditava que poderia escapar sem ser notada. Mas eu já não era criança, e era totalmente capaz de ser mais esperta que qualquer uma das freiras mais velhas. Elas também já não conseguiam me assustar com facilidade com suas histórias sobre hellequins terríveis perseguindo quem ousasse desafiar Mortain.

O céu estava claro, e a lua tinha acabado de ficar plenamente cheia, fornecendo luz suficiente para iluminar o caminho. Fortune estava bem descansada e fresca, cavalgando pelo ar frio e cortante da noite, sua respiração saindo em pequenas nuvens brancas.

Quando partimos, rapidamente tomei consciência de como o mundo era diferente à noite. Havia infinitos tons de cinza, do prata mais pálido ao quase negro. Se eu já tinha me aventurado no continente antes, sempre fora com outras. Eu nunca tinha ficado tão completamente sozinha antes, como estava naquele momento. Não havia ninguém para me dar ordens nem para me dizer o que pensar ou como me comportar. Não havia ninguém para falar que eu devia virar para esse lado ou para aquele. Ninguém para me lançar olhares desapontados quando eu não fazia o que desejavam, e eu também não tinha que suportar o fardo daqueles desejos velados.

Havia uma sensação – uma leveza – em meu peito, algo que nunca havia sentido antes, e eu não sabia dizer se era desagradável ou prazeroso. Parte de mim desejava provocar, examinar e tentar compreender o significado dessa sensação. Em vez disso, apressei Fortune a um meio galope e olhei para o meu futuro, deixando o passado para trás.

O vilarejo mais próximo ficava a apenas três léguas da costa, mas, viajando no escuro, levei o resto da noite para alcançá-lo. Algum galo garboso cantou para saudar o amanhecer, e uma dezena de chaminés soltava fumaça, subindo como manchas pálidas contra a alvorada. Apesar de meus ossos doerem de cansaço e meus olhos arderem pela necessidade de sono, decidi continuar em frente. Por mais irracional que fosse, meu medo de ser seguida era tão grande

que eu não conseguia dormir nem descansar, quando me permitia fazer uma parada.

Quase não vi ninguém na estrada além de um homem puxando um carrinho carregado de lenha. Uma mulher estava sentada na porta de sua casa com um fuso, observando uma criança pequena alimentar as galinhas. Nos campos, a preparação da terra já havia começado. Um homem de sorte tinha dois bois atrelados a seu arado, mas passei por muitos fazendeiros pobres demais para poderem comprar tais animais, que simplesmente atrelavam as cangalhas aos próprios ombros. Com as tempestades recentes, tudo estava enlameado – era um trabalho estafante, e eu não os invejava. Pensei no fazendeiro viúvo para quem a abadessa ameaçara me entregar, e meu sangue fervilhou de raiva outra vez.

Minha mente não parava de voltar às escolhas diante de mim, e como honrar ao mesmo tempo meus próprios desejos e os de Mortain. Eu sempre esperei viver de acordo com Seus desígnios, mas, pela primeira vez, começava a temer ser obrigada a fazer uma escolha. Se ser vidente era mesmo Seu desejo e não o da abadessa, se Ele realmente queria de mim o que eu não podia oferecer, então eu teria que optar por um caminho. Esse simples pensamento me fazia sentir como se meu coração estivesse sendo rasgado ao meio.

Além disso, era difícil reconciliar esse Mortain com o outro que julgava conhecer – o que me confortava e encorajava, o que aceitava tudo o que eu lhe oferecia, até as pequenas mariposas negras e os besouros que eu encontrava em minhas tentativas infantis de dominar alguma nova habilidade em Seu nome. Não podia acreditar que Ele rejeitaria as oferendas que eu desejava colocar a seu serviço e exigir de mim coisas que me enchiam de medo e mau pressentimento.

Mas, afinal, e se essa fosse a vontade de Mortain?

Será que eu continuaria a dedicar minha vida a Ele, como eu sempre havia imaginado? E se esse serviço exigisse que eu passasse o resto de meus dias morrendo em vida?

Não sabia a resposta para essa pergunta, e isso me assustava quase tanto quanto as tramas da abadessa.



Cheguei à cidade de Quimper ao final do entardecer e fui uma das últimas autorizadas a entrar por seus portões antes que se fechassem. O guarda deu uma olhada no traje que me identificava como uma de Mortain e rapidamente acenou para que eu passasse. Quimper, apesar de grande, era bem próxima à costa – e ao convento –, e preservava a fé nos velhos costumes. Ou, pelo menos, tinha um respeito saudável por eles. Mais importante: era fácil se perder em uma cidade daquele tamanho, o que tornaria o trabalho daqueles em meu encalço muito mais difícil.

Parei em uma estalagem, onde a mulher do estalajadeiro me paparicou de modo superprotetor. Tive de me esforçar muito para não lhe dizer que eu era uma assassina treinada, mas ela me pôs sentada diante de um fogo e enfiou em minhas mãos uma caneca de vinho com especiarias. Seus cuidados eram tranquilizadores. Normalmente, era eu quem cuidava dos outros, portanto, aquilo era novidade para mim.

Na manhã seguinte, dormi até bem mais tarde do que intencionava, e quando acordei o sol já estava bem alto no pálido céu de inverno. Amaldiçoei-me por perder tanto tempo e coloquei o vestido extra que trouxera, o que não me marcava como serva da Morte. Trajada assim, não seria difícil me misturar com os outros moradores da cidade, e minha passagem por lá seria lembrada com menos facilidade se alguém do convento perguntasse por mim.

Assim que deixei a cidade, alternei entre galopar e trotar com Fortune, com a intenção de abrir a maior distância possível entre mim e o convento sem exaurir meu cavalo.

Estava um frio cortante naquela manhã, mas a umidade tinha deixado o ar, e a névoa recuara para o mar. Havia poucas aves enfrentando o inverno, e sua música era esparsa e lúgubre. O vento era penetrante e agudo; as árvores próximas se agitavam e farfalhavam.

As dúvidas que eu tinha ignorado no convento começaram a se

revirar em preocupações. Meu plano de expor as meias verdades e mentiras da abadessa, usando-as para convencê-la a mudar de ideia, de repente pareceu fraco. Eu me perguntei se não seria melhor esperar e enfrentá-la quando ela voltasse para o convento. Pelo menos lá as pessoas que realmente se questionavam se ela seguia as regras poderiam juntar suas vozes à minha. Mas será que fariam isso? Tinha dúvidas sobre se alguma delas sequer questionava, do contrário alguém teria feito alguma oposição mais forte quando ela mandou Matelaine para o exterior.

Mas a abadessa já havia partido fazia semanas, sem dar informações sobre quando pretendia retornar. Eu não podia suportar permanecer naquela ilha nem mais um pouco, por medo de enlouquecer.



Quando a noite começou a cair, ficou cada vez mais evidente que eu não chegaria à próxima cidade antes de escurecer. Não sabia se havia estalagens nos arredores. Talvez houvesse um convento ou mosteiro onde eu pudesse encontrar abrigo para a noite, mas não *sabia*. Minhas mãos se apertam nas rédeas de Fortune em frustração, e de repente me senti aborrecida por tudo o que não sabia.

As únicas coisas que vi na estrada foram cabanas e fazendas pequenas, mas seus ocupantes sem dúvida questionariam uma jovem viajando sozinha. E provavelmente já estavam dormindo em seis pessoas por cama, com nada além de um nabo murcho da última colheita para colocar em seu caldeirão de sopa.

Além disso, eu não podia deixar de notar que, quanto mais me afastava da costa, menos casas apresentavam as moedas de prata ou os ramos de salgueiro que as marcavam como seguidoras dos nove.

Resolvi acampar. À frente, logo ao lado da estrada, algumas árvores ofereciam proteção do pior vento de inverno. O céu acima

estava limpo, sem nuvens ameaçadoras de tempestade. A irmã Thomine saíra conosco várias noites para nos ensinar exatamente tais habilidades, então isso era algo que eu sabia, e não que devia apenas tentar adivinhar.

Com cuidado, escolhi um local protegido da estrada e do tempo, onde o chão estava coberto por mais folhas caídas que pedras e galhos. Havia até uma pequena faixa de ramos macios de capim crescendo através das folhas em decomposição, oferecendo um saboroso pasto para Fortune.

Depois de secá-la para garantir que ela não pegasse um resfriado, prendi-a com um cabresto de corda, depois a amarrei em uma árvore próxima da grama nova. Deitei sobre minha manta de dormir, e fiquei pensando se devia acender uma pequena fogueira. Por um lado, não temia atrair atenção de ninguém – era totalmente capaz de me defender –, mas também não queria agir de maneira tola. Optei pela cautela e peguei duas fatias de carne-seca e um pedaço de pão velho em meu alforje. Quando retirava a mão da bolsa, esbarrei na caixa de madeira lisa que tinha encontrado no gabinete da abadessa.

Coloquei a comida no colo, limpei as mãos, e peguei a caixa. Enquanto passava os dedos pela madeira escura e polida, imaginei uma vez mais o que ela poderia conter. Em determinado momento, perguntei-me se poderia conter a folha que faltava no livro de registros, ou talvez outros segredos em relação a meu nascimento. Mas, após refletir um pouco, percebi que não fazia sentido. De qualquer forma, não deveria ser só esse seu conteúdo. Eu a chacoalhei com delicadeza, tentando identificar o mais leve movimento lá dentro. Eu podia arrombá-la agora, pois estava bem longe do convento e ninguém podia me ouvir, mas, por alguma razão, hesitei. No mínimo, uma caixa como aquela merecia ser aberta com respeito e cerimônia, e não ser arrebentada com uma pedra à beira da estrada.

Guardei-a outra vez no alforje, pensei em pegar o pequeno diário com capa de velino e ler mais das anotações da Dragonette, mas tornei a hesitar. Não tinha certeza se desejava macular o início de minha jornada com sua presença, e por isso o deixei guardado em

segurança no fundo da bolsa.



O trovejar de cascos me acordou. Eram muitos, pensei, com o coração batendo quase tão alto quanto o barulho dos cavaleiros que se aproximavam. Abri os olhos e me sentei, tentando me orientar.

Eles estavam chegando perto, perto o suficiente para que eu ouvisse o bufar e o resfolegar de seus cavalos. Tentando manter a compostura, levei a mão às costas à procura da árvore. Quando meus dedos tocaram o tronco, fiquei de pé e procurei calcular quantos cavaleiros eram. Um cão latiu a distância, seguido por um segundo latido, mais próximo dos cavaleiros. O som sobrenatural arrepiou todos os fios de cabelo em minha cabeça. Fortune relinchou, depois bateu as patas no chão. Antes que eu pudesse acalmá-la, o som de cascos mudou. Não eram mais batidas surdas e secas sobre uma estrada de terra, mas batidas abafadas, acompanhadas de galhos quebrando e do farfalhar de folhas sendo pisoteadas. Eles tinham deixado a estrada.

Olhei para Fortune, presa. Seu cabresto tilintou quando ela sacudiu a cabeça, bufando e resfolegando de medo. *Merde*. Ela me entregaria, mas não ousei ir até ela. A única esperança de não ser pisoteada no escuro era me agarrar àquela árvore como se eu fosse uma trepadeira. Rezei para que Mortain tornasse Fortune invisível. Que fizesse com que os outros cavalos fossem tão barulhentos que nem percebessem os pequenos ruídos de Fortune.

Sem tirar a mão da árvore, dei a volta nela para não ficar tão visível se eles descobrissem a clareira.

O som dos cascos estava cada vez mais alto, acompanhado pelo latir constante dos cães. Senti um hálito quente e olhos vermelhos sobre mim. Foi necessário todo o meu treinamento e até o último fiapo de coragem para não sair correndo como um coelho assustado.

Respirei fundo e imaginei que era sólida e forte como a árvore à

qual estava agarrada. Antes que pudesse inspirar novamente, houve um sussurro de movimento em algum lugar ao meu lado. Virei bruscamente a cabeça, mas uma mão grande e firme cobriu minha boca, depois um corpo pesado se comprimiu sobre o meu, tão perto que eu podia sentir a pressão dolorosa de uma cota de malha contra minhas costas.

– Shhh. – Uma voz profunda penetra em meu ouvido sem mais peso ou substância que uma sombra. – Você não quer arriscar chamar a atenção deles.

Enquanto meu coração saltava contra minhas costelas pelo susto, comecei a avaliar sua pegada, onde seria mais fácil rompê-la. Antes que eu pudesse fazer qualquer movimento, um dos grandes cães tornou a latir. O ruído soou como se viesse das mais profundas entranhas da terra, envolvendo fitas sombrias de terror ao redor de meu coração e fazendo com que os pelos do meu braço se arrepiassem. Estava tão perto que eu tive certeza de que sentiria os dentes afiados do cão em minha carne a qualquer momento. O homem apertou a mão, com força, sobre a minha boca em um sinal para que eu ficasse quieta. E apesar de não querer lidar com a sua presença nem por um momento a mais do que o necessário, julguei que ele fosse uma aposta mais segura do que os cavaleiros que se aproximavam. Depois que eles passassem, eu podia facilmente enfrentar um único homem.

Abraçados tal qual dois amantes, esperamos, com o coração batendo quase como um só quando os cavaleiros irromperam na clareira. Eles passaram direto, desviando e se esquivando das árvores, em formas altas e escuras, com cavalos ainda mais escuros, cujo troar dos cascos fazia tremer o chão. O calor de seus corpos cobertos de poeira era como um vento quente de verão.

A passagem deles pareceu durar para sempre enquanto cavaleiro após cavaleiro seguia a galope; a terra se agitava com os cascos tamborilando como chuva.

E então, de repente, eles se foram, ficando cada vez mais longe a distância.

A tensão em meu corpo relaxou um pouco, mas o estranho não afrouxou sua pegada. Ele permaneceu apertado contra mim até que

não podíamos mais ouvir os cavaleiros. Na verdade, tudo estava tão silencioso que não dava nem para saber que eles tinham passado por ali.

Quando finalmente senti os músculos de sua mão sobre minha boca relaxando, dei um golpe com meus dois cotovelos para trás, onde avaliei que estaria seu estômago, ignorando a dor ao acertar a cota de malha que ele usava. Ele deu um grunhido de surpresa. Joguei as mãos para trás da cabeça, segurei seus braços e, usando meu próprio corpo como apoio, levantei o homem e o projetei sobre meu ombro. Senti-o saindo do chão, senti-o no ar voando por cima do meu ombro, e ouvi um baque seco quando ele acertou o chão da floresta.

Capítulo Catorze

Para seu crédito, além de um leve *umpf* quando o ar foi expulso de seus pulmões, ele não soltou um grito de surpresa nem emitiu qualquer som que pudesse nos entregar. Pelo tempo de uma, duas, três longas batidas de meu coração, fiquei olhando para ele.

A escuridão não permitia que eu o visse com clareza, por isso fui deixada basicamente com impressões, e elas não eram excessivamente reconfortantes. Observei um nariz forte e arqueado, um queixo quadrado e olhos escuros por baixo de sobrancelhas escuras. Ele me estudava com a mesma atenção com a qual eu o estudava.

Depois de um longo momento de silêncio, ouvi um ranger de couro e um tilintar suave de uma cota de malha bem lubrificada enquanto ele tentava ficar de pé.

– Um simples “obrigada por me salvar” teria sido suficiente.

Recuei para dar a ele espaço para se levantar, mas também para colocar uma distância adicional entre nós.

– Só que eu não tinha necessidade de ser salva. – Mantive a voz em um tom tão baixo quanto o dele, para não arriscar que fosse levada pelo vento. – Na verdade, sua tentativa de ajudar quase me entregou.

– Não fui eu quem quase a entregou, mas esse seu cabelo. Ele é claro e brilha como um farol à luz do luar.

Aborrecida, ergui o braço, peguei o capuz de minha capa e o puxei sobre a cabeça.

– Pronto. A ameaça passou. Você pode seguir seu caminho.

– Você está errada se acha que a ameaça passou. O grupo de caça vai permanecer na área até o amanhecer, e pode facilmente retornar por aqui. Você não vai estar em segurança até o sol nascer.

– O que tenho a temer? Eles não estão *me* caçando.

– Não estão, *demoiselle*? – Ele deu um passo à frente, e eu me forcei para não recuar um passo. – Como pode estar tão certa disso?

Não tentei ocultar minha irritação crescente.

– Quem são eles? Que tipo de homens caçam dessa maneira à noite? Os soldados franceses desembarcaram em nossa costa?

– Eles não são soldados franceses.

Não o conhecia bem o bastante para dizer se havia humor em sua voz, mas, por alguma razão, achei que havia, o que me deixou com raiva. Não tinha feito uma sugestão tão tola. Antes que eu pudesse pensar em algo a dizer para colocá-lo em seu devido lugar, ele perguntou:

– Para onde está viajando para ter de estar na estrada tão tarde da noite?

Não consegui pensar em razão alguma para não lhe contar.

– Guérande. Tenho família lá. E você?

– Estou viajando para o leste, pela mesma estrada que vai para Guérande. Você está gelada. – Houve som de folhas amassadas quando ele deu outro passo em minha direção.

Cruzei os braços para que os punhais em meus pulsos ficassem facilmente a meu alcance.

– Bem, é inverno, e as noites são frias.

– Você não pode arriscar acender uma fogueira. A luz e o calor vão atrair os caçadores de volta para cá.

– Você vai ficar satisfeito em saber que não tenho intenção de fazer nada tão tolo.

– Como, então, você planeja se manter aquecida durante a noite?

Pelas chagas de Deus! Será que ele não podia ser um pouco menos sutil? A irmã Beatriz havia nos alertado com frequência sobre homens como esse.

– Devo adivinhar o que você vai sugerir? Acha que devemos reduzir a distância entre nós para podermos compartilhar calor corporal, não?

– Nós não seríamos os primeiros a fazer isso – disse ele.

Por mais que eu tivesse passado muitas horas me perguntando qual seria a sensação de me deitar apertada contra um homem,

toda a curiosidade tinha desaparecido sob o peso de minha situação naquele momento. Expus abertamente minhas facas, deixando que as mangas subissem para que os cabos dos punhais aparecessem.

– Acho que vou me arriscar com o frio, pois não sou nenhuma rameira para aquecer seu leito. Se tentar algo, só vai encontrar o beijo do meu aço afiado.

– Não tenho intenção de forçá-la. – Ele pareceu levemente aborrecido. – Eu só queria observar que dois são mais fortes que um e mais capazes de se proteger contra o inesperado, só isso.

– Você montaria acampamento em outro lugar, caso eu lhe pedisse? – disse eu sem rodeios, sem fazer qualquer tentativa de ocultar a descrença em minha voz.

– Não – disse ele, e tive de me segurar para não reclamar, mas ele prosseguiu. – Eles vão voltar pelo menos uma vez antes do amanhecer. Não posso, em sã consciência, deixá-la para se defender sozinha.

– Não preciso de sua ajuda. Sou bem capaz de me defender.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Que tipo de donzela é você – disse ele –, que pode se defender contra todo um grupo de caça? Sem mencionar derrubar um homem duas vezes do seu tamanho por cima do ombro?

Abri a boca para orgulhosamente contar a ele sobre minha linhagem e usar a reputação das servas da Morte para evitar que ele tentasse qualquer truque, mas então hesitei. Não tinha a menor ideia de quem ele era. E por mais forte e habilidosa que eu fosse, ele era pelo menos duas vezes mais, ainda que eu tivesse sido capaz de arremessá-lo por cima de meu ombro. Ele não seria apanhado com a guarda baixa com tanta facilidade outra vez. Não tinha nem ideia se o nome de Mortain seria conhecido por ele, ou conhecido de tal modo que ele se sentisse intimidado.

– Fui criada para ser igual a qualquer homem e sei bem como me defender.

– Contra uma horda de oitenta ou mais?

Eram tantos assim?, pensei, um tanto consternada.

– Claro que não – retruquei. – Nenhum homem pode se defender contra tantos.

Ele se apoiou contra o tronco da árvore e cruzou os braços sobre o tórax. Não pude evitar lembrar da dureza pétrea daquele peito apertado contra minhas costas alguns instantes antes.

– Nem se esse homem for um deles e, portanto, tiver o poder de proteger você?

Ele era um deles.

– Por que você faria isso? Proteger-me?

Ele deu de ombros.

– Vamos dizer apenas que acredito saber como você foi criada e por que você afirma ser páreo para qualquer homem. Tenho uma… dívida com aquelas que a criaram, e pagaria uma pequena parte se garantisse sua segurança.

Sua confissão roubou minha fala, e tudo o que consegui fazer foi encará-lo boquiaberta, como um peixe fisgado. Quem era ele? Por que tinha tal dívida com o convento? E como ele havia adivinhado quem eu era? Mas não deixei que essa confusão transparecesse em meu rosto.

– Quem vagueia pelos campos ávido para fazer mal aos outros? Com certeza há outros alvos melhores para eles. Soube que fomos recentemente invadidos por tropas francesas. Eu sugeriria que começassem por elas.

Ele estreitou os olhos, voltando a me estudar.

– Como você pode não saber da natureza da caçada dos hellequins? Você brotou da terra totalmente formada, como algum repolho milagroso?

Houve um leve estalido de cota de malha quando ele se debruçou para frente, ansioso para me impressionar sob a seriedade da situação.

– Pois é isso o que vai perseguir você, se não vier comigo. Hellequins.

Uma faixa apertada de desconforto serpenteou por minha espinha, e precisei me esforçar muito para colocar um tom de desdém em minha voz, e não deixar que ela saísse trêmula.

– Você deve achar que sou mesmo muito tonta para acreditar nisso. Eles são criaturas de outro mundo, não são feitos de carne e osso. Eles cavalgam garanhões de fumaça e luar, não os cavalos

barulhentos que aquela horda estava montando.

– Eles pareceram espectrais para você? A força de seus cavalos pareceu sobrenatural?

– Não – disse eu, terrivelmente confusa. – Não pareceram. – O desconforto se transformou em um fio gélido de medo quando lembrei de todas as repreensões e alertas das freiras. Quem poderia dizer que as histórias das freiras sobre hellequins caçando aquelas que ousavam desafiar Mortain não eram reais também? A menção de Ismae ao arlequim que apareceu nas festividades de fim de ano surgiu em minha mente.

O que significava que, na verdade, eles podiam estar me caçando.

Será que minha ausência do convento já tinha sido notada? Será que, ao partir, eu rompi algum elo sagrado que convocou a caçada por mim? E se fosse isso, será que eles me devolveriam ao convento, ou simplesmente me caçariam?

Quase como se meus pensamentos tivessem chamado os caçadores de volta, senti um troar distante no chão aos meus pés. Olhei acusadoramente para o desconhecido.

– Isso é muito estranho – disse com delicadeza.

Ele balançou a cabeça uma única vez enquanto se afastava da árvore.

– Eu não os chamei. – Ele virou para espiar na escuridão, como se avaliando a distância. – Mas é melhor você decidir logo o que vai fazer.

– Quais são as minhas escolhas?

A cabeça dele girou, e seu olhar negro me apunhalou.

– Vir comigo e deixar que eu a proteja dos outros, ou ser caçada.

– Por que você se importa com o que vai acontecer comigo?

– Vamos dizer apenas que eu tenho uma boa ideia do que a aguarda lá fora na estrada aberta, sozinha, e não tenho certeza se você sabe. E lembre-se… – Ele deu um sorriso que só poderia ser descrito como impertinente. – Eu sou um hellequin. Estou à caça de redenção tanto quanto de presa. Talvez salvá-la me leve para mais perto desse fim. Além disso, estamos viajando na mesma direção.

Em se tratando de jogos de política e manobras, a irmã Eonette sempre dizia que era melhor manter os inimigos perto. Se os

hellequins fossem mesmo uma ameaça tão grande, então parecia sábio fazer o que ele sugeria e cavalgar entre eles, mantendo minha identidade em segredo, enquanto ele tentava me salvar do grupo de caça. Assim, depois que eu me tornasse parte de sua rotina e conquistasse um pouco de confiança, poderia fugir quando surgisse uma oportunidade.

Ele levantou a orelha, ouvindo, então ergueu a mão para mim.

– Agora, a menos que você queira ser apanhada…

– Está bem. – Ignorei sua mão e virei-me para pegar minha manta de dormir. Enquanto eu a enrolava às pressas, o estranho apanhou a sela no chão sem esforço, como se colhesse uma flor de um arbusto, depois a depositou sobre as costas de Fortune. Ela pisoteou o chão, irrequieta, agitando as orelhas nervosamente, antes de se acalmar sob o toque dele.

O som dos cavaleiros se aproximando ficava mais alto, e o ritmo de meu coração começou a acompanhar as batidas dos cascos.

– Precisamos correr – disse ele.

Joguei a aljava sobre o ombro e peguei o arco.

– Só estou esperando que você saia do caminho para que eu possa montar – disse a ele. Não era inteiramente verdade, mas me deu uma leve sensação de estar no controle de uma situação que rapidamente se deteriorava.

Ele ergueu uma sobrancelha com ironia, depois se afastou de Fortune. Ignorei suas mãos entrelaçadas e montei sem sua ajuda, outra pequena mas importante declaração de como eu queria que nosso relacionamento avançasse. Fortune captou o cheiro dos cavaleiros se aproximando e jogou a cabeça para trás. Antes que eu pudesse perguntar a ele o que pretendia montar – ele não ia comigo em Fortune –, ele se moveu para a beira das árvores, onde sua própria montaria estava amarrada. Ele saltou com graça sobre o cavalo, depois esporeou o animal de expressão demente em minha direção. Na verdade, o animal parecia ter saído do próprio Mundo Inferior. Seus olhos eram selvagens, e suas narinas, largas, como se estivesse absorvendo todos os cheiros da noite ao seu redor. Seu pescoço se arqueava com orgulho, e ele batia com a pata dianteira no chão, ávido para seguir seu caminho.

Então eles caíram sobre nós: um dos grandes cavalos irrompeu através das árvores que cercavam nossa clareira. Antes que eu pudesse reagir, o estranho estendeu a mão e segurou minhas rédeas. Eu nem tive tempo para protestar, e o solavanco para frente me forçou a segurar a sela com força para não cair, então tanto seu cavalo quanto Fortune saltaram adiante enquanto o resto dos cavaleiros emergia à nossa volta. Cães negros e sombrios, quase do tamanho de pôneis, corriam junto do bando.

Os cavalos a galope eram uma imagem tão sobrenatural que fez meus braços se arrepiarem. Eram da cor da meia-noite. Seus cascos revoltos, lábios e narinas pareciam ter um brilho avermelhado com o esforço. Eles nos engolfaram como um rio, redemoinhando como água ao redor de um barco. Nós nos juntamos a eles, mal provocando uma ondulação.

Os cavaleiros eram tão perturbadores quanto seus cavalos. Alguns usavam capas com capuzes, de modo que eu não conseguia ver seus rostos. Outros trajavam cotas de malhas escuras e couro fervido. Um cavaleiro tinha braçadeiras com pontas, e outro usava uma bandoleira de facas atravessada sobre o peito. Tive a impressão de ver olhos escuros e rostos com barba, ardentes com a emoção da caçada. Eles não reagiram quando me juntei a suas fileiras, só se moveram um pouco para abrir espaço para Fortune.

Não soube dizer por quanto tempo cavalgamos – pareceram horas, apesar de o tempo ter assumido uma forma quase fantasmagórica, de modo que podiam ter se passado apenas alguns minutos. De vez em quando, o grupo se dividia em quatro seções e parecia varrer os campos em busca de presas.

Não pude deixar de agradecer por não estarem me caçando ou, se estivessem, por ainda não saberem quem era eu.

Capítulo Quinze

Quando finalmente reduzimos o ritmo, percebi que o estranho que tinha me resgatado havia se movido para a frente do bando. Ele ergueu a mão no ar, e o grupo reduziu o passo até parar. Um pequeno bando de hellequins se separou dos outros e seguiu adiante.

– Por que estamos parando? – perguntou um homem gigantesco. Ele usava um peitoral de couro fervido, e seus braços estavam nus, exceto por longas luvas de couro que chegavam quase até os cotovelos. Ele tinha um machado pendurado nas costas, e uma espada enorme presa à sela. O cabelo era comprido, e esvoaçava de leve à brisa da noite. Ele era absolutamente aterrorizante.

– Já chega por hoje – disse o homem que me resgatou.

Um leve ruído de reclamação surgiu entre os outros cavaleiros, que cresceu e virou resmungos de insatisfação.

– Mas ainda há pelo menos uma hora até o amanhecer! – falou um jovem alto e magro.

Ele tinha braços frouxos e balançava um pouco sobre a sela, por isso presumi que ele não era acostumado a montar antes de se tornar um hellequin. Suas características mais marcantes eram o sorriso fácil – coisa bastante incomum naquele grupo – e os olhos, que pareciam os de uma criança convencida de que todo mundo ganhou um doce maior que o dela.

Um terceiro homem, que usava uma armadura elegante e era extremamente bonito, tirando o fato de não parecer conter nada além de vazio, lançou-me um olhar incompreensível.

– É por causa dela, não é?

Lentamente, o homem que me resgatou olhou para o que tinha acabado de falar com um olhar tão frio que fiquei surpresa por não surgir gelo no chão sob seu cavalo.

– Isso não tem nada a ver com ela. É porque não tem nada aí fora. Se vocês não tivessem ficado tão empolgados em cavalgar, teriam percebido que os cães não latem há horas.

Isso silenciou a maioria deles, apesar de uma voz solitária no fundo ainda resmungar, parecendo uma criança mimada.

– Fique aqui e não fale com ninguém – ordenou-me meu salvador, e saiu cavalgando para lidar com o descontente. Foi quando percebi que ele era não apenas um dos hellequins, mas o líder.

Enquanto esperava, os hellequins em volta de mim se aproximaram. Eu não os vi se movendo, mas percebi que havia menos espaço entre nós. Além do gigante, do cavaleiro de armadura e do jovem magro, havia um homem elegante de traços duros cujo rosto era marcado pela arrogância inconfundível da nobreza. Ele era um cavaleiro excepcional, levava ao lado uma espada bem trabalhada e usava elegantes luvas de couro.

Do meu outro lado havia uma figura realmente apavorante. Ele era quase tão alto quanto o primeiro gigante, que naquele instante estava sentado à minha direita, com ombros bem mais largos. Usava braçadeiras com pontas e um peitoral de metal, e na mão esquerda levava uma clava. Seu cavalo tinha um protetor de focinho de metal, e era o único dos cavalos dos hellequins que tinha isso. O que dava a ele um ar muito enervante. Só de olhar vinha à mente membros arrancados e cheiro de sangue, e tive de me segurar para não estremecer.

Eles não disseram nada, mas me estudaram com atenção, alguns com fome e outros com indiferença. Forcei-me a ficar quieta, mas Fortune, sentindo meu desconforto, agitou-se sob mim.

Quando decidi que seria mais seguro me mover que obedecer a ordem de ficar parada ali, o gigante à minha direita, o de cabelo comprido, falou:

– Você não tem nada a temer. Ninguém vai machucá-la – resmungou ele com o que só podia ser aversão. – Não com o cheiro de Balthazaar por você toda.

Suas palavras levaram uma onda de embaraço ao meu rosto, e quis explicar por que seu cheiro tinha ficado em mim, mas esse desejo contrariava a ordem de não falar com nenhum dos homens.

Então senti um lampejo de uma indignação virtuosa e desejei jogar minha identidade na cara de todos eles, como um açoite, e lhes dizer que eu pertencia ao próprio Mortain e que era melhor que me tratassem com respeito.

Só que, se estivessem me caçando, seria mais que tolice revelar quem eu era para eles, seria como lançar carne crua para os lobos. Em vez disso, engoli o orgulho – que queimou forte ao descer – e tentei parecer o tipo de mulher que permitiria que um homem (um hellequin!) a possuísse. Para me distrair, voltei a atenção para o resto do grupo. Apesar de ainda faltar algum tempo para o alvorecer, o céu já tinha começado a clarear o suficiente para que eu pudesse ver todos eles um pouco melhor que antes.

Eles eram entre sessenta e oitenta, todos homens. Alguns pareciam foras da lei e bandidos maltrapilhos, e portavam todo tipo de arma. Outros estavam escondidos na escuridão, sendo as capas e capuzes negros as únicas coisas que lhes davam forma e substância. Alguns cavaleiros eram extremamente belos, quase parecendo os anjos caídos dos quais os padres cristãos falavam. Outros pareciam guerreiros derrotados, endurecidos, cheios de cicatrizes e de modos brutos.

Meu salvador – Balthazaar, como o gigante o chamara – veio cavalgando de volta para o meu lado exatamente naquele instante, e foi a primeira vez que pude dar uma boa olhada nele. Ele era excepcionalmente bonito, e tinha um estilo sombrio, um tanto desalentado. Usava cabelo comprido e seu queixo e nariz eram fortes e bem definidos, como se esculpidos por um mestre. Seus olhos eram profundos e tão escuros que pareciam poços de noite sem nenhuma estrela brilhando em suas profundezas. Mais intrigante ainda: havia algo vagamente familiar em relação a ele. Apesar de saber que nunca o tinha visto antes na vida, havia algum fio de reconhecimento, alguma conexão oculta entre nós, tão indesejada quanto irritante.

Ele ergueu os olhos e me viu a encará-lo. Quis desviar o olhar, ocultar a ousadia de meu exame. A irmã Beatriz dizia que esse era o primeiro passo na complexa dança de laçar um homem com os charmes femininos, mas eu não queria laçá-lo – nem queria que ele

pensasse que essa era minha intenção –, por isso empinei o nariz em desafio e deixei que meu olhar permanecesse em seu rosto.

– É tarde demais para voltar atrás. – O canto esquerdo de sua boca se retesou no que podia ser divertimento ou irritação.

– Não quero voltar atrás. Eu só queria ver com que tipo de homem eu me juntei.

Sem sequer se mover, ele fez algo e seu grande cavalo negro deu um passo em minha direção, e mais outro, pressionando Fortune de modo que ela teve de recuar, ou seria atropelada.

– E você já fez seu julgamento? Detectou o fedor do pecado e do mal e nos achou deficientes? Condenou-nos outra vez no tribunal de sua cabeça?

Nossos olhares se encontraram e nada fiz para ocultar minha exasperação. Se ele – eles – estava me caçando, eu não podia me dar ao luxo de demonstrar medo e agir como uma presa.

– Não. Eu mesma conheço algo sobre as trevas e o pecado, e não sou tão rápida em julgar os outros.

Balthazaar virou-se de mim para a pequena multidão que havia se formado à nossa volta.

– Vão embora – rosnou ele.

Todos se espalharam, exceto o gigante de cabelo comprido, que permaneceu ali um instante, olhando duramente para o homem.

– Não é justo. Com os outros. – A voz dele era tão profunda que parecia sair do chão sob os cascos de nossos cavalos. – Ela é uma tentação grande demais para eles.

Balthazaar fez aquele seu movimento com o cavalo, para tentar atropelar o gigante, mas foi como atropelar uma montanha.

– Isso aqui não é nenhum passeio no campo, Miserere. É para ser apenas penitência e expiação. Estar cercado de tentação é parte do acordo.

O gigante o encarou por mais algum tempo.

– Há tentação e há provocação. – Seu olhar impessoal piscou mais uma vez sobre mim, depois ele se virou e foi embora. Seu cavalo conseguiu mandar uma chuva de terra em nossa direção quando partiu.

– Então você conheceu Miserere.

– Ele é um comitê de boas-vindas bem impressionante. Todos os homens são tão agradáveis quanto ele?

– Não, mas há outros mais perigosos, por isso você deve ficar bem ao meu lado.

– Como um espinho – disse eu com uma falsa alegria.

– Um espinho comprido, afiado e inconveniente – murmurou.

Eu o olhei boquiaberta.

– Isso foi sua ideia, não minha.

Ele deu de ombros.

– Agora que você já os viu, acha mesmo que estaria melhor por conta própria?

– Não.

Mesmo assim, já estava questionando a sabedoria de meu plano, pois aqueles não eram simples servos de Mortain, mas homens sombrios e torturados que cheiravam a ameaça e perigo. Quando o dia clareasse totalmente, eu iria fugir. Nenhuma das histórias antigas falava de hellequins cavalgando durante o dia. Sem dúvida, eu conseguiria escapar deles.

Balthazaar se inclinou em sua sela e aproximou o rosto do meu.

– Nem pense nisso – disse ele. – Eles agora conhecem o seu cheiro, e podem caçá-la em qualquer lugar. Não importa a vantagem que você acredite ter, eles vão encontrá-la. E não vão parar até conseguirem.

Fui poupada de responder quando por toda a minha volta os hellequins começaram a desmontar. Ansiosa para descer de minha sela, removi o pé esquerdo do estribo. Fiz duas tentativas para desmontar, e então, finalmente, meus pés estavam outra vez sobre terra firme. Eu me segurei à sela, esperando que minhas pernas lembrassem como desdobrar os joelhos. Balthazaar assomou sobre mim como um espectro da noite.

– Você está bem? – Sua voz era brusca.

– É claro – respondi, despreocupadamente. – Se você pudesse me mostrar onde prender meu cavalo, eu gostaria de cuidar dela. Ela não tem tanta prática com caçadas noturnas quanto os seus.

Tive quase certeza de ver uma pontada de arrependimento passar por seu rosto, e isso me encorajou, mesmo que fosse por meu

cavalo.

– Vou pedir que algum dos outros cuide dela…

– Não! – A força de minha recusa surpreendeu a nós dois. – Eu preferia fazer isso eu mesma. – Eu precisava de algo em que me concentrar além do estranho grupo de homens em meio aos quais eu me encontrava.

Ele acenou a cabeça, então seguiu para a direita, onde os outros cavalos estavam sendo guardados.

Olhei para eles com desconfiança.

– Acha que ela vai ficar bem com os outros?

Ele arqueou a sobrancelha.

– São apenas cavalos, *demoiselle*. Além disso, não são devoradores de carne.

– Não tenho tanta certeza – murmurei, então levei Fortune dali.

Meu corpo ficou agradecido por voltar a se movimentar. Balthazaar me seguiu. Apesar do que ele dissera, tomei o cuidado de escolher um local o mais distante possível dos outros animais. Quando me abaixei para desafivelar a cilha de Fortune, ele virou o rosto para o campo ao redor, como se não pudesse suportar olhar para mim nem por mais um instante.

No silêncio que se seguiu, terminei rapidamente de cuidar de Fortune. Quando acabei, Balthazaar gesticulou para que eu seguisse os hellequins, que estavam reunidos do outro lado do agrupamento de árvores, onde duas grandes rochas emolduravam uma abertura que parecia conduzir ao interior da terra. Assustada, percebi que era um portal para o Mundo Inferior, assim como o que havia no convento.

Então era para lá que eles iam durante o dia, porque ninguém jamais os via após o nascer do sol – eles retornavam para o Mundo Inferior. O que significava que devia haver muitas passagens como aquela por toda a Bretanha.

Lá dentro, vi que a passagem que levava ao Mundo Inferior não era uma caverna nem um túnel estreito como eu sempre imaginara, mas algo muito maior. Era uma antecâmara, foi meu primeiro pensamento. Era difícil dizer com as sombras e a escuridão que engoliam os contornos do local, mas parecia ser tão grande quanto

o convento. As paredes tinham sido escavadas na terra bruta, e o teto… Olhei para o alto, mas havia apenas escuridão e sombras acima de nós.

No fundo da câmara, ela tornava a se estreitar em um portal muito menor do que aquele pelo qual havíamos entrado, e ele parecia conter uma escuridão densa, quase viva.

– Você pode circular livremente pelo cromlech, o círculo de pedras, mas não atravesse aquele portal – disse Balthazaar bem às minhas costas. – Depois que um mortal atravessa os umbrais do Mundo Inferior, ele não pode mais voltar.

Estudei seu rosto para ver se era apenas um gracejo, mas não pareceu ser.

Depois de se reunirem no interior do cromlech, os hellequins se sentaram e se apoiaram contra as paredes da caverna, esticando-se no chão ou formando grupos de dois ou três. Alguns até acenderam fogueiras.

– Não achava que hellequins precisassem de fogo para se aquecer.

– Eles não precisam, exatamente. É mais uma fonte de conforto. Serve para lembrá-los de que já foram humanos.

Suas palavras me fizeram perceber que eu não sabia nada sobre aqueles servos de Mortain, por mais que servissem ao mesmo deus que eu. Abri a boca para fazer uma de uma dezena de perguntas que enchiam minha mente, mas ele ergueu a mão.

– Você está com os olhos fundos de cansaço. Suas perguntas podem esperar até o anoitecer.

O anoitecer. A manhã deles, quando começavam seu dia.

Balthazaar escolheu um ponto na frente e jogou meu alforje no chão.

– Você estará em segurança aqui. Mas se não se sentir segura, venha me procurar. Se não me achar, procure Miserere, pois ele é o de maior confiança entre todos eles.

– Isso não é tão reconfortante quanto você pensa.

Ele resmungou e saiu andando para se juntar aos outros, com a capa negra tremulando às suas costas como um pedaço do próprio Mundo Inferior. Sentindo-me inquieta, voltei a atenção para minhas

próprias necessidades. Estava perto da frente. Não achava que iria escapar naquela noite – nem naquela manhã, corrigi a mim mesma, ajustando-me aos ritmos invertidos dos hellequins.

Eu queria me levantar e explorar o lugar. Ficar assim, tão perto do Mundo Inferior, de Mortain, me deixava quase indócil de vontade de olhar no interior de Seus domínios e ver que mistérios eu podia descobrir. Era difícil estar na iminência de encontrar respostas e ainda assim ser incapaz de procurá-las. Mas era possível que as respostas não fossem de meu agrado. Talvez Mortain *tivesse* enviado os hellequins atrás de mim, e, se eu metesse o nariz em Seus domínios, Ele mesmo poderia me localizar.

Além disso, o alerta de Balthazaar ainda ecoava em meus ouvidos, e, mesmo que não fosse verdade, eu não era tão tola para sair saltitando em meio a todos aqueles homens violentos. Muitos deles ainda me observavam – eu podia sentir o peso de seus olhares queimando sobre mim, assim como eu sentia as asas das pequenas mariposas escuras que costumava perseguir quando criança. Havia algo selvagem ali – todos eles eram uma coleção de limites violentamente rompidos e espinhos pontudos e afiados. Estavam banhados em pecado, e apesar disso buscavam redenção. Aquilo dava outra perspectiva a meus pequenos pecados e me deixou orgulhosa de servir a um deus que tinha tamanha capacidade de perdoar.

Então outro pensamento me veio à mente: talvez Mortain tivesse atendido minhas orações. No início de minha jornada, eu não havia pedido a Ele por orientação e proteção? E se Ele tivesse me dado isso na forma de hellequins? Era uma ideia assustadora, e me deixou consciente de como era difícil determinar se as orações de uma pessoa tinham sido atendidas.

Depois da minha fuga do convento, do galope noite adentro e de pouquíssimo sono, eu estava realmente exausta. Nem me dei ao trabalho de comer, só estendi minha manta e desabei sobre ela. Fui tomada pelo sono antes mesmo de conseguir tirar as botas.



Algumas horas mais tarde, despertei. Dedos pálidos de luz do dia penetravam a escuridão da caverna, mas eu não sabia dizer que horas eram. Pisquei, confusa, tentando me situar, e percebi que havia alguém ao meu lado. Congelei. Todos os músculos do meu corpo se tencionaram – não de medo, mas de antecipação. Movendo-me o mínimo possível, peguei as facas em meus pulsos. Quando minhas mãos estavam firmemente envoltas nos cabos, virei e olhei.

Era Balthazaar, sentado no chão, encostado na parede de terra. Ele estava tão perto de mim que sua coxa quase tocava meu ombro. Minhas mãos relaxaram. Perturbada pela leve sensação de conforto proporcionada por sua presença, permiti-me um pequeno desafio particular, e revirei os olhos no escuro.

– Você está me sufocando – sussurrei entredentes.

– Estou protegendo você.

Girei a cabeça rispidamente. Ele não devia ter ouvido aquilo. Na verdade, *eu* mal tinha ouvido.

– Você não pode me proteger mais de longe?

– Não. – Nem um músculo sequer se mexeu; ele não abriu os olhos, não consegui nem ver seus lábios formarem a palavra.

– Achei que você tinha dito que eu estaria em segurança aqui.

– E você está. Porque estou protegendo você. Volte a dormir… ainda vai demorar horas para sairmos.

Eu me esforcei para ficar confortável outra vez, mas o chão da caverna era duro, e minha manta de dormir, muito fina.

– Você não precisa dormir?

– Eu estava dormindo. Até que você me acordou. E se você parar de falar, vou dormir um pouco mais.

Por alguma razão que não consegui explicar, quando finalmente comecei a pegar no sono, senti um leve sorriso surgir no canto de minha boca.

Capítulo Dezeseis

Quando acordei, a primeira coisa que percebi foi o rosnar dos cães. Sentei depressa e virei na direção do barulho. O hellequin com as braçadeiras com pontas estava brigando – brincando? – com os cães do inferno. Ou isso ou eles estavam tentando matá-lo.

Um homem mais velho de olhos tristes sentou ao lado de uma das pequenas fogueiras junto do jovem magro que eu tinha visto na noite anterior. O mais velho parecia estar ensinando ao mais jovem como fazer alguma coisa com uma faca. Havia muitos hellequins sentados em torno de fogueiras como aquela, untando seus arreios ou afiando suas armas.

– Isso lhes dá algo a fazer com as mãos. – Quase dei um pulo de susto com a voz profunda atrás de mim. Quando me virei, encontrei Balthazaar ainda encostado na parede, observando-me com olhos semicerrados. – Eles não usam mais suas armas. Elas são simples objetos de seus passados que levam consigo.

– Eles não precisam dormir? – perguntei.

– Não.

O que significava que, apesar do que ele dissera, ele também não precisava, mas decidira passar a noite sentado ao meu lado. Rezei para que eu não tivesse babado nem roncado. Para ocultar meu embaraço, falei, de maneira mais ácida do que era minha intenção:

– Sinto muito se retardei sua partida.

– Você não fez isso. Nós não vamos sair até anoitecer, então estamos presos aqui, tivesse você dormido ou não.

Sem saber ao certo como responder e bastante consciente de seus olhos sobre mim, puxei meu alforje para perto. Enfiei a mão em seu interior e procurei algo para jogar na minha barriga vazia antes que ela começasse a roncar. Meus dedos se fecharam em torno de um dos queijos redondos, e o tirei do embrulho. Eu o parti em dois,

em seguida comecei a retirar a cera de uma metade. Como uma onda seguindo através de um lago, o murmúrio e o burburinho ao meu redor cessaram. Quando ergui os olhos, vi que quase todos os hellequins estavam me observando.

– Queijo – disse o jovem magro, um tanto nostálgico.

Ele era tão jovem que era difícil imaginar o que poderia ter feito para merecer uma sentença com os hellequins. Envergonhada, olhei para Balthazaar.

– Eles também não comem?

Ele sacudiu a cabeça.

– Hellequins não precisam de comida, mas podemos comer, se quisermos. Para muitos, é uma lembrança dolorosa ou prazerosa de nossos anos mortais.

De repente, minha garganta se fechou, e minha fome evaporou. Sem saber o que fazer, peguei a segunda metade do queijo e a estendi para o rapaz.

– Você quer um pouco?

Ele olhou para mim com partes iguais de descrença e nostalgia, depois lançou um olhar inquiridor para Balthazaar. O que quer que ele viu ali o tranquilizou. Ele pulou de pé, cruzou a distância entre nós, e estendeu a mão para pegar o queijo, hesitante. Eu só desejei ter o suficiente para dar para todos eles, pois os rostos de todos os homens ali estavam tingidos de certa medida de fome, apesar de eu provavelmente jamais saber de que exatamente eles tinham fome.

– Obrigado – disse o rapaz. Ele olhou fixamente para o queijo como se fosse uma joia cintilante e voltou com pressa para seu lugar junto ao fogo. Entretanto, em vez de enfiar o queijo na boca como eu esperava, ele partiu um pedaço pequeno e o deu ao homem mais velho que o ensinava a entalhar madeira. Outros hellequins começaram a se aglomerar, e ele partiu mais e mais pedaços e os distribuiu, até que lhe restou apenas um pedacinho. Ele o jogou na boca e o saboreou enquanto mastigava.



Quando saímos naquela noite, Balthazaar tomou a frente, e os outros o seguiram. As únicas exceções foram Miserere e dois outros hellequins, mandados para cavalgar ao meu lado. Um era o jovem magro – Begard era seu nome –, e o outro, seu companheiro de antes, um ex-pedreiro que eles chamavam de Malestroit. Eles eram minha proteção, disse Balthazaar, mas não pude deixar de me perguntar se seu verdadeiro objetivo não seria evitar minha fuga.

Mas eles não precisavam se preocupar com isso. Ainda não. Eu estava sendo observada muito de perto. Não apenas por desconfiança, mas porque eu era uma coisa nova. Uma distração. Talvez até uma lembrança do que eles tinham perdido. Via isso nos olhos tristes de Malestroit sempre que ele olhava para mim.

Entretanto, nem todos os hellequins sentiam isso. Alguns lançavam olhares amargos em minha direção, como se minha presença em seu meio lhes fosse dolorosa. Outros, ainda, tentavam se aproximar com expressões de assombro, como se eu oferecesse a eles alguma esperança ou tocasse alguma nota de saudosa lembrança.

Sinceramente, era tudo extremamente desconcertante.

Enquanto Fortune corria pela floresta cercada pelo grupo de caça, árvores erguiam-se dos nossos lados, obscurecendo a Lua. Íamos tão depressa que eu não ousava olhar para as estrelas acima por medo de cair do cavalo e ser pisoteada. Sem mencionar que as estradas escolhidas pelos hellequins eram rústicas e pouco usadas, quase sempre pouco mais que sulcos de carroças.

Quando a trilha se abriu outra vez, vi que o grupo ao meu redor havia crescido. Miserere permanecia à minha esquerda, e Malestroit, à minha direita, mas outros se aproximavam.

– A senhorita atraiu uma multidão, *milady*. – A voz de Begard era alegre, como se eu devesse me orgulhar de tal realização.

– Parece que sim – murmurei, repentinamente muito grata pela cautela de Balthazaar.

– Não precisa ter medo. A maioria não é tão aterrorizante quanto parece. A senhorita conheceu Miserere. – O rapaz olhou para o

gigante que cavalgava em silêncio ao nosso lado e baixou a voz de modo exagerado. – Ele não é nem de perto tão assustador quanto parece.

Sem conseguir evitar, também me virei para Miserere, que olhava fixamente adiante e fingia que nós não existíamos.

– Temo precisar de mais que sua palavra para acreditar nisso – disse eu.

A boca carrancuda de Miserere se retorceu. Quis crer que era divertimento, mas muito provavelmente era impaciência. Ou raiva.

Begard o ignorou e continuou a tagarelar.

– Malestroit aqui era pedreiro. Ele está me ensinando a entalhar.

– Isso dá a ele alguma coisa para fazer com as mãos e o distrai de roubar coisas dos outros – explicou o pedreiro. – Um hábito bem ruim entre os vivos, mas especialmente estúpido quando cercado por homens como esses.

Begard pareceu encabulado.

– Eu sou… costumava ser… um ladrão – explicou ele.

Não me surpreendi por ele ser ladrão, mas fiquei surpresa por um crime menor como esse ter lhe valido um lugar entre os hellequins. Para desviar o assunto dele – e de seu desconforto –, perguntei a Begard quem era o segundo gigante.

– Você deve estar falando de Sauvage. – O rapaz fingiu estremecer. – Ele me assusta. Um pouco. – Ele baixou a voz, agora sério. – Ele era seguidor de Saint Camulos. Dizem que ficou tão tomado pelo ardor da batalha que destruiu aldeias inteiras. Pelo menos são esses os rumores. A maior parte, ele guarda para si mesmo.

– Ou para os cães – acrescentou Malestroit. – Ele tem grande carinho pelos cães.

– Isso, sem dúvida, ficou bem claro – disse eu. – E o homem com a armadura elegante e traços marcantes? Ali? – Inclinei a cabeça mais ou menos na direção dele, sem querer apontar e atrair atenção para mim mesma.

O jovem rosto de Begard era como um mapa. Suas expressões me informavam tão precisamente quanto suas palavras como ele se sentia em relação aos homens com os quais servia.

– Aquele é Maligne – disse ele, de cara amarrada. – Não gosto dele. Ele é cruel.

– Só porque você tentou roubar a faca dele – observou Malestroit. – Ele não está inclinado a esquecer isso.

Begard ignorou aquilo e sussurrou para mim:

– Ele fez um juramento ao duque da Bretanha durante a primeira guerra de sucessão, em seguida o quebrou. Ele é um dos renegados.

– Ah. – Eu sempre soube que quebrar um juramento era algo terrível, e não pude evitar me perguntar se eu havia rompido um juramento semelhante, mesmo inconscientemente, ao deixar o convento.

Ao meu lado, Miserere se remexeu em seu cavalo e se debruçou para frente para reprender Begard.

– Se você vai falar dos pecados de todo mundo, garoto, não esqueça de contar o seu.

Begard se contorceu em sua sela, então baixou os olhos para estudar as rédeas que segurava em suas mãos.

– Eu era ladrão – disse ele.

– Isso você já disse. Esta parece uma punição muito grave para tal crime – observei com delicadeza.

Ele foi tomado por uma expressão ainda mais infeliz.

– Eu… eu atraí um mercador e sua mulher para uma estrada isolada para roubá-los. O mercador resistiu, e eu acabei o matando.

Talvez para distrair a atenção do rapaz mais novo, ou talvez como parte de seu próprio voto de penitência, o pedreiro falou baixinho durante o silêncio melancólico de Begard:

– Já eu acidentalmente matei meu filho de pancada durante uma bebedeira. – Seu rosto se entristeceu com a lembrança, e evidentemente a própria culpa e o remorso eram piores que a punição de cavalgar com o grupo de caça.

Sem conseguir mais olhar para seu rosto cheio de tristeza, voltei-me para Miserere e me perguntei que pecados ele havia cometido. Para minha surpresa, vi que ele estava olhando para mim.

– Eu era carrasco – disse ele, sem jamais desviar o olhar do meu. – Tenho quase cem mortes nas mãos.

– Isso não parece muito justo, pois eram mortes sancionadas pela lei.

– Mesmo assim, são mortes – disse ele, olhando ao longe.

– Fora! Todos vocês!

Virei bruscamente a cabeça ao ouvir a voz de Balthazaar. Ele havia deixado a frente do grupo e se dirigido à minha direita, onde antes estava Malestroit.

– Vocês não são amas-secas. Têm seus deveres a cumprir.

Eu me perguntei se Miserere se importava em ser chamado de ama-seca, e dei uma olhada nele. Pela expressão aborrecida em seu rosto, pude ver que sim.

Os outros recuaram, mas Balthazaar não disse nada enquanto cavalgávamos lado a lado. Seu olhar examinava as árvores, como se desconfiasse de almas à espreita logo além de seu alcance.

– Devo perguntar o que você sabe sobre os hellequins – disse ele por fim.

– Muito mais do que eu sabia uma hora atrás – murmurei.

– O garoto fala demais.

– Pelo contrário, eu achei de grande ajuda.

– Você não está evitando minha pergunta, está? – O peso de seu olhar fez grande pressão sobre mim, como uma pilha de pedras.

– Sei que são as almas dos malditos que se entregaram ao serviço de Mortain em troca de Sua redenção.

– Parece que você sabe mais que a maioria.

– Também dizem que quando eles cavalgam à noite, levam o frio e o desespero do Mundo Inferior com eles.

– E a senhorita sente o frio e o desespero do Mundo Inferior, *demoiselle*?

Olhei ao redor para os hellequins cujas histórias eu tinha acabado de escutar.

– De certa forma – digo em voz baixa.

– O que mais? – escarneceu. – Nada sobre filhos do demônio ou embaixadores do próprio Satanás? Nada sobre nossas estripulias pelo campo espalhando pecado e destruição em nosso rastro?

Sei que ele queria que seus modos rudes criassem uma ruptura entre nós, que nos afastassem. Mas, por trás de sua amargura,

havia sofrimento. Estava escondido muito, muito no fundo, talvez até mesmo dele, mas estava lá. Sabia disso porque Sybella tentou nos afastar exatamente da mesma maneira quando chegou ao convento. A comparação me fez parar e pensar. Seria por isso que ele me parecia familiar?

– Não, pois eu não sigo a Igreja nova, mas mantenho os costumes antigos.

– Que tipo de donzela é criada tão enraizada na fé antiga que não tem medo de cavalgar com o bando de hellequins?

– Quem disse que não estou com medo? – retruquei.

– Eu a vi com meus homens. Você compartilhou sua comida com eles, e mais que isso: você viu humanidade neles e lhes ofereceu compaixão. Não havia medo.

Meu olhar se voltou para os hellequins à nossa volta.

– Alguns deles me assustam – murmurei. – Miserere, Sauvage, aquele sujeito encapuzado.

– Então como você foi criada de um jeito que consegue superar seus próprios medos com tamanha facilidade?

Ia responder a pergunta, mas parei. Todos os meus sentidos se aguçaram, como quando eu entrava no pátio de treinamento com a irmã Thomine. Quando ele me abordou naquela primeira noite, ele disse que sabia como eu fora criada e que tinha uma dívida. Mas agora ele agia como se *não* conhecesse a natureza de minha educação.

Talvez estivesse tentando me pegar em alguma mentira.

Era possível que o grupo de caça estivesse realmente em minha perseguição, mas eu não tinha dado muita importância a isso. Só que agora eu devia considerar mais uma vez a possibilidade.

– Sou de uma família antiga, uma das mais antigas da Bretanha – contei a ele. – Que permaneceu nas regiões mais remotas, onde muitos ainda respeitam os costumes antigos. Minha família é uma dessas, só isso.

– Não é. – Suas palavras fizeram meu coração vacilar de preocupação. – Você aceita com muita facilidade o que algumas pessoas acreditam existir apenas em mitos e lendas. Você não apenas respeita Mortain, você O venera. Dedica-se a Ele como

poucos. Especialmente agora que a Igreja nova invade cada vez mais a fé antiga.

Ele tinha razão. Mesmo aqueles que respeitavam os costumes antigos não eram muito apaixonados por Mortain. Eu tinha de responder, mas também tinha de afastá-lo de qualquer indício de que eu era uma das servas de Mortain.

– A irmã de minha mãe foi iniciada no convento de St. Mortain e ela nos escreveu várias vezes ao longo dos anos. Suas palavras glorificavam a obra que elas fazem lá. Por causa disso, os membros de minha família têm uma conexão profunda com Ele, diferentemente da maioria. – Ergui os olhos para ver se aquilo satisfaria sua curiosidade.

Seu olhar ficou pesado de intensidade, como se ele estivesse tentando invocar todos os meus segredos.

– E você nunca questionou sua fé? Nunca duvidou nem deu as costas para Ele?

Não foi sua pergunta que me fez parar e pensar, mas as entrelinhas sombrias de suas palavras, que sugeriam algo que eu não conseguia discernir completamente. Angústia? Raiva?

– Não – disse eu, simplesmente. – Nunca. – Não era mentira, pois eu estava questionando apenas a minha fé na abadessa.

Seguimos em frente, e o silêncio entre nós ficou denso e carregado. Com medo de que ele fizesse mais perguntas, resolvi eu mesma fazer algumas.

– Explique-me a natureza dos hellequins e seus deveres para que eu possa compreendê-los melhor.

Ele bufou de irritação.

– Não sou nenhum tutor.

– Ouvi dizer que, devido às próprias histórias sinistras, eles são facilmente corrompidos pela vontade dos outros, especialmente daqueles que os chamam de volta para as trevas de seu próprio passado. – Mantive a voz baixa e a enchi de toda simpatia que eu realmente sentia. – Dizem que, depois que eles se desgarram, acabam duplamente condenados e são lançados muito além de qualquer possibilidade de redenção ou mesmo de qualquer vida após a morte.

– Isso está na essência da coisa. – Ele agitou os ombros, como se para expulsar deles o peso desse fardo. Era um gesto surpreendentemente humano. – Somos desgraçados e amaldiçoados, a pilha de lixo da bondade e misericórdia de Mortain. Recebemos a tarefa de recolher as almas dos perversos para serem levadas a seu julgamento final e não provoquem mais o caos sobre os vivos. – Ele fez uma pausa antes de acrescentar: – E também recolhemos os perdidos… os que não conseguem encontrar seu caminho para o Mundo Inferior ou simplesmente se recusam a deixar o mundo dos vivos.

– Então não são apenas um grupo de caça – murmurei. – Mas também uma missão de resgate.

Seus lábios se retorceram com escárnio.

– Não precisa enfeitar com flores e pendurar uma fita, *demoiselle*. Não somos homens nobres nem galantes. Nós juramos servir a Ele, mas a honra que nos liga a isso é, no máximo, algo tênue.

– Diz o hellequin malvado que me salvou de seus próprios homens. – Eu o observei com atenção para ver se ele tinha alguma reação ao ser lembrado do acordo que fizera comigo.

Ele me encarou por um tempo, mas não percebi qualquer vislumbre de remorso, reconhecimento nem coisa alguma, na verdade.

– Como vocês são escolhidos? – perguntei, sem suportar mais aquele silêncio.

– Somos voluntários. É nossa última oportunidade de expiar os mais sombrios de nossos pecados. – Ele ergueu o rosto e apertou os olhos para ver através das árvores, como se tivesse avistado algo fascinante lá no alto. – Nós devemos circular entre as tentações de nossa carne mortal diariamente. E todos os dias devemos dizer sim à nossa penitência contínua, mesmo quando novas tentações nos saúdam a cada pôr do sol. Nós temos de escolher, não uma vez, mas repetidas vezes, a cada hora que passa, seguir esse caminho. – Ele se virou para olhar para mim, e fiquei surpresa pelo breve vislumbre de fome que percebi em seu olhar. – E há muitas tentações.

Eu, percebi, atônita. Ele me considerava uma tentação. E, apesar

disso, ofereceu-se para me esconder entre seus próprios homens.

Mas seria isso mesmo? E se, na verdade, ele desconfiasse de quem eu era e desejasse me manter por perto até saber com certeza?



Pouco tempo depois, os cães começaram a latir, e uma onda de excitação tomou conta dos hellequins, tão palpável quanto a brisa noturna em meu rosto. Sorrisos sombrios e ferozes se abriram enquanto esporeavam seus cavalos a galope. Suas montarias pareciam ter reservas de energia sobrenaturais, e eles seguiram adiante, com os cascos gigantescos pisoteando a terra sob suas patas até soarem como uma tempestade de granizo.

Fortune seguiu. Na verdade, era como se a selvageria e ferocidade dos outros cavalos fossem alguma espécie de doença sinistra que ela mesma tivesse apanhado. Quando ergui o rosto para a noite escura, eu me perguntei se eu também poderia pegá-la.

Os cães voltaram a latir, fazendo meu braço se arrepiar todo. À minha frente, o grupo se dividiu em dois, como água diante de uma rocha, se espalhando e depois circulando alguma coisa. Uma pessoa, percebi, quando um dos cavaleiros mudou de posição. Na verdade, várias pessoas.

Tínhamos parado em uma pequena clareira cercada de árvores curvadas pelo vento, seus galhos pesados caindo até o chão como longas barbas verdes. Agora que os cavaleiros haviam parado de se mover, meus olhos foram atraídos para os três homens no interior do círculo. Ou melhor, não eram homens, mas algo mais sobrenatural que isso, pois eles não pareciam sólidos nem realmente mortais: seus contornos eram meio borrados, e toda a cor tinha sido sugada deles, como um vestido secando no sol por tempo demais.

Aqueles homens encurralados não mostravam desafio, apenas medo. Agora que estavam cercados e não tinham como escapar, os

hellequins se aproximaram. Mas, para minha grande surpresa, eles foram quase gentis, e não os perseguiram, mas os conduziram, empurrando-os adiante com seus cavalos.

Seguimos em frente, mas muito mais devagar, para que os homens pudessem nos acompanhar.

Não levou muito para chegarmos a um cromlech. Não era o mesmo da noite anterior, mas outro ainda maior, e me perguntei quantos deles havia. Balthazaar desmontou perto da entrada, assim como Malestroit e Begard. Os hellequins conduziram as almas com delicadeza até o portal do Mundo Inferior. Elas se detiveram rígidas e aterrorizadas. Foi Malestroit quem falou primeiro.

– Vocês não querem permanecer aqui além de seu tempo.

As almas tentaram se afastar da escuridão vazia que parecia tentar agarrá-las, mas os hellequins se fecharam ao seu redor.

– Nós não vamos entrar aí – disse uma delas. – Sabemos o que nos aguarda.

– Sabem? – perguntou Balthazaar gentilmente.

– O fogo do inferno e a danação eterna. Demônios rasgando sua carne por séculos – foi a resposta da alma.

Begard deu um passo à frente, com o rosto alegre vincado de preocupação sincera.

– Não, não vai ser assim. Deixe-me mostrar a você.

A alma olhou de Begard para Balthazaar.

– E se eu me recusar?

– Então vamos deixá-lo partir, e você será livre para vagar, perdido e sozinho. E depois de vagar um pouco mais, vamos encontrá-lo e trazê-lo de volta a este lugar, onde outra vez lhe será dada esta opção.

– Aqui. Eu vou primeiro – disse Begard, e atravessou o umbral. A escuridão na abertura era tão absoluta que ela pareceu consumi-lo.

Uma das almas olhava fixa e avidamente para Begard, e, sem mais palavras nem discussão, seguiu-o. As outras duas pareceram perder a resistência e cambalearam adiante, quase como se aceitassem a atração de algo que temiam estar perdido para eles. E então eles desapareceram, engolidos pela escuridão. No momento de imobilidade que se seguiu, o estado de ânimo ao meu redor

mudou quase imperceptivelmente. Levei um instante para reconhecer que era uma sensação de dever cumprido. Os hellequins estavam ansiosos para realizar sua tarefa não só porque ela lhes valeria sua redenção, mas porque ela afirmava haver descanso para suas almas… um dia.

Capítulo Deze□ete

Balthazaar mais uma vez grudou em mim como uma sanguessuga enquanto eu dormia, e me ignorou completamente quando despertei. Era como se eu de algum modo tivesse contraído uma praga que ele tivesse medo de pegar. O que fez com que eu me perguntasse exatamente a quantos danos físicos os hellequins eram vulneráveis. Eu teria de perguntar a ele. Se ele tornasse a se aproximar de mim o suficiente para conversarmos de novo.

Depois de pouquíssimos preparativos – eu era a única que me preocupava com confortos como me cobrir com uma manta ou me alimentar –, nós partimos, avançando pela noite como uma serpente ondulando pela grama. Cavalgamos, lentamente a princípio, mas ganhando velocidade a cada momento, até estarmos a pleno galope, sentindo o ar frio noturno. Por um instante, por apenas um instante, senti o prazer puro de estar solta no mundo mais uma vez. Ergui o rosto para a brisa e simplesmente aproveitei a alegria de estar viva e em movimento. Não consegui não me entregar à essa emoção sem limites, cavalgando mais rápido que o próprio vento; o bando inteiro se deslocava como uma entidade cheia de graça.

Passar muito tempo na antecâmara do Mundo Inferior trazia uma nova valorização da vida.

Balthazaar cavalgava na frente, mas tinha mandado seus servos me vigiarem. Ou não avançávamos tão depressa quanto na noite anterior, ou eu já havia me acostumado ao ritmo deles. Cavalgamos em silêncio, exceto pelo troar dos cascos dos cavalos. Havia algo no ar, certa agitação semelhante à alegria, apesar de eu sentir apenas um primo mais frágil e sombrio desse sentimento enquanto os hellequins saboreavam a cavalgada. Aquilo não só os deixava mais perto da redenção, mas dava a ales a oportunidade de se libertarem dos confins de sua prisão diária.

Eu também estava satisfeita por me ver livre do cromlech, o círculo de pedras, pois ele me perturbava tanto quanto me fascinava. Era fácil sentir o espírito de uma pessoa se tornando mais tranquilo, quieto, como se estivesse se preparando para a jornada final para o Mundo Inferior.

Além disso, como eu não sabia se Mortain estava na minha caça ou não, parecia tolice demorar-me à Sua porta.

Mas que escolha eu tinha? Uma mulher sozinha, mesmo uma serva de Mortain, não podia ir contra tantos, assim como uma folha não podia nadar rio acima. Eu me deixaria ser levada pela corrente dos hellequins torcendo para que ela me conduzisse para onde eu desejava ir. Com o tempo.

Árvores passavam dos nossos lados, parecendo abrir caminho antes de nossa aproximação. O frio cortante de inverno ainda pairava no ar, e nosso hálito saía em bafejos de pequenas nuvens brancas, o que dava aos cavaleiros uma aparência completamente sobrenatural.

Balthazaar se retardou para cavalgar ao meu lado. Como se por algum acordo ou comando silencioso, os outros se dispersaram. Ele não disse nada. Nem sequer olhou para mim, só cavalgou junto comigo, com seu cavalo demoníaco imprensando Fortune e eu.

Enquanto viajávamos em silêncio, seu mau humor pareceu se esvair, então quando reduzimos o passo para oferecer um descanso a nossos cavalos, ele parecia muito menos hostil. Aliviada, finalmente me permiti fazer uma das muitas perguntas que vinham martelando em minha cabeça.

– Como você sabia que aquelas almas que encontrou ontem à noite eram apenas almas perdidas, e não malignas? Vocês veem marcas, como as filhas de Mortain?

Ele virou a cabeça e me encarou com um olhar penetrante e feroz.

– Como você sabe sobre a marca? Só os servos de Mortain deveriam saber disso.

Merde. Em minha avidez por respostas, deixei que minha língua tola escapasse.

– Não fique com raiva. A irmã de minha mãe não tinha má intenção quando nos contou. Ela só ficou tão impressionada com os

dons e misericórdia que Mortain dispensa sobre o mundo e sobre aqueles que O servem que não conseguiu se conter. – Encarei seu olhar duro por um instante, e então um pouco mais, para convencê-lo de que eu estava falando a verdade.

Quando Balthazaar finalmente desviou os olhos, eu me permiti um silencioso suspiro de alívio. Em seguida, mudei rapidamente de assunto.

– Você pode fazer uma alma segui-lo enquanto ela ainda está em seu corpo mortal?

– Só Mortain pode fazer isso.

– Você já viu Mortain alguma vez?

Seu cenho se franziu ainda mais, e não compreendi qual era o problema com *essa* pergunta.

– Sim, eu já O vi, mas Ele é o deus da Morte, não algum cavaleiro que provoca desmaios.

– Eu não vou desmaiar por Ele! Ouvi histórias minha vida inteira e quero saber o que é verdade e o que não é.

Fomos poupados de maiores discussões quando os cães começaram a latir. Em instantes, todo o grupo acelerou o ritmo. Seguimos velozmente através de árvores, saltando sobre riachos, galopando por campos recém-arados e pequenas cabanas de pedra com janelas bem fechadas e portas trancadas.

O ladrar dos cães ficou ainda mais frenético, e Sauvage assumiu a dianteira. Talvez porque ele era o mais assustador. Em vez de penetrar mais na mata, o grupo virou à esquerda. Foi quando vi dois homens – duas almas. Eles estavam correndo na direção de uma cruz na beira da estrada, que ficava na intersecção entre o nosso caminho e a estrada principal.

O grupo de caça aumentou a velocidade; os cães iam à frente com os dentes expostos. Seus modos eram tão diferentes da noite anterior que só pude imaginar que essa presa também era diferente. Não eram inocentes, talvez, mas perversos.

Os cavaleiros na dianteira do bando, liderados por Sauvage, se posicionaram à frente das almas, literalmente bloqueando seu caminho até a cruz de pedra. Com a esperança de santuário eliminada, as almas pararam de correr e viraram para encarar os

hellequins que se aproximavam. Os cães não se lançaram sobre elas, como eu temia, mas recuaram, se misturando com as patas dos cavalos, rosnando e mantendo seus olhares ferozes fixos em suas presas.

Seus olhos estavam vidrados de terror, mas também exibiam grande porção de desafio. Olhei ao redor, esperando para ver que hellequin falaria com elas, como na noite anterior, mas nenhum deles desmontou. Em vez disso, Sauvage pegou um laço de corda em sua sela, girou-o no ar e lançou-o sobre os dois homens, capturando-os. Ele puxou com força, derrubou-os no chão, então esperou. Após alguns instantes, os dois levantaram, desconfiados, olhando fixamente para o hellequin. Sauvage deu outro puxão na corda, não tão forte dessa vez, só para fazê-los andar. Assim, amarrados e cercados por hellequins sorridentes, eles foram escoltados até o cromlech mais próximo.

Não era difícil imaginar de onde vinham os rumores de que eram filhos do demônio.

Quando chegamos ao círculo de pedras, os hellequins apearam. Sauvage, com Balthazaar logo atrás, empurrou os homens pela entrada do cromlech, e o resto do grupo seguiu. Eles os conduziram até o portal para o Mundo Inferior, onde a escuridão aguardava, pulsante.

Então, surpreendendo a mim e às almas, Sauvage removeu a corda. Eles estavam livres outra vez.

– É hora de vocês passarem deste mundo para o próximo – disse Balthazaar.

Um dos prisioneiros cuspiu para o lado.

– A Igreja diz que vocês vão nos levar para o inferno.

– A Igreja está errada. O inferno não está atrás desse portal.

– Se quer que eu entre aí, você mesmo vai ter de me levar.

– Não vou fazer isso. Você tem de fazer isso de livre e espontânea vontade.

– E se eu não fizer?

– Então vamos caçá-lo de novo e de novo, até o fim dos tempos, se necessário, e todas as vezes vamos trazê-lo até a boca do Mundo Inferior, até você se cansar da caçada e se render ao que

deve ser.

Enquanto um dos homens discutia, o outro olhava para a escuridão que enchia o portal. Ele devia ter visto algo ali que o confortou, pois sem dizer sequer uma palavra para o companheiro, atravessou a porta.

Boquiaberto de surpresa, o outro homem ficou olhando para ele, como se esperasse gritos ou pedidos de ajuda. Não houve nada. A escuridão da passagem estreita pareceu se projetar para a frente, quase como se estivesse se estendendo para alcançá-lo. Em vez de fugir aterrorizada, a alma permaneceu imóvel, e alguma coisa em seu rosto mudou. O medo foi substituído por… assombro? Alívio? Ele deu um passo adiante para saudar a escuridão de bom grado, até com avidez.

Olhei para os hellequins ao meu redor. Um desejo nostálgico pairava pesadamente sobre eles, e pela primeira vez compreendi a fome em seus rostos. Eles não podiam esperar por sua vez para serem recebidos no lugar de seu descanso final.

Havia lágrimas em meus olhos quando me virei e saí andando, quase atropelando Balthazaar.

– Desculpe – murmurei, mantendo os olhos baixos. – Eu não o vi aí. – Ele estava tão perto que eu podia sentir sua respiração. Fiquei imóvel, aguardando que ele dissesse alguma coisa.

Em vez de falar, ele estendeu a mão para capturar uma das lágrimas que escorria pelo meu rosto.

– Por que você está chorando? – A voz dele ficou delicada, até íntima. E não consegui evitar: ergui os olhos para poder ver seu rosto. – Não vão fazer mal a eles – Balthazaar disse gentilmente. – Era seu próprio medo refletido de volta para eles, não fizemos nada.

– Eu sei – murmurei. – Estou apenas maravilhada com a imensidão da graça de Mortain. Pois mesmo que estejamos perdidos ou vagando, Ele vai nos encontrar… sempre. Ele vai nos encontrar, e tentar nos levar para casa.

– Sim – disse Balthazaar. – Ele vai. – Seus dedos permaneceram em meu rosto por um instante antes que ele se virasse e fosse embora.

Enquanto o observava se afastar, eu me perguntei se os

hellequins eram a maneira de Mortain se assegurar de que eu encontrasse meu caminho para casa, onde quer que isso fosse, e se as palavras de Balthazaar eram um alerta ou uma promessa.



A noite seguinte foi bem parecida, e percebi que tinha caído em uma rotina com os hellequins. Isso me incomodou, pois significava aceitação, resignação. Eu me distraí com as maravilhas da graça de Mortain, com esses habitantes do Mundo Inferior que tinham ganhado vida à minha frente, e com as próprias histórias trágicas dos homens.

Estava tão distraída que levei uma semana inteira antes de me perguntar por que ainda não tínhamos chegado a Guérande. Naquela noite, quando Balthazaar ficou para trás para cavalgar ao meu lado, eu o confrontei.

– Por que está demorando tanto? Já devíamos ter chegado a Guérande.

– Nós *vamos* chegar a Guérande – disse ele com teimosia. – Estamos só percorrendo o campo em zigue-zague. É assim que caçamos, e eu nunca disse que nós não iríamos caçar na viagem.

– Não, mas você também não disse que ia levar mais de uma semana para fazer uma viagem de três dias.

Ele baixou os olhos para as mãos, que seguravam as rédeas.

– O que está à sua espera lá é tão importante? – Foi o leve e quase imperceptível toque de melancolia em sua voz que me fez parar e pensar. – Um amante, talvez? – prosseguiu.

– Eu não tenho amante. – Fiquei ainda mais intrigada quando vi a pegada nas rédeas afrouxar (de alívio?). – Mas tenho negócios importantes a conduzir. Não esperava ficar tanto tempo na estrada.

Ele então ergueu os olhos para o meu rosto.

– Se há uma coisa que nós, hellequins, aprendemos, *demoiselle*, é que a vida é curta e deve ser apreciada. É melhor a senhorita não passar todo o seu tempo desejando estar em outro lugar. Vamos

chegar a Guérande quando chegarmos. – E então ele se foi, cavalgando de volta para a dianteira do grupo e gesticulando para que Miserere ocupasse seu lugar a meu lado.

Enquanto eu o observava se afastar, meu peito se encheu de frustração e anseio, que faziam pressão contra minhas costelas. Ainda queria ir até Guérande enfrentar a abadessa, mas a obra secreta de Mortain e Seu mundo tinham surgido à minha frente, quase como se Ele desejasse isso. Não seria melhor tirar o máximo daquele curto período de tempo em que estava livre? Aquilo era viver sem restrições, como eu sempre sonhara, apesar de as circunstâncias serem muito, muito diferentes do que eu tinha imaginado. Será que eu não devia apenas abraçar aquela oportunidade e aceitar que talvez fosse a própria mão de Mortain que me levara até ali? Será que aquela profundidade de experiência e conhecimento adicionais não me daria ainda mais combustível para meu confronto com a abadessa?

Não que meu encontro com a abadessa tivesse necessariamente de ter um resultado amargo. Na verdade, era provável que ela fizesse tudo em seu poder para me mandar de volta para o convento. De volta para cumprir o destino do qual eu estava fugindo. E que eu ainda não sabia se iria cumprir.

Enquanto mantivesse minha verdadeira identidade oculta, sem tagarelar demais, eu ficaria bem. Além disso, Balthazaar não parecia estar com muita pressa de se livrar de mim.

Com certeza, era por isso que eu não insisti no assunto. E não devido a um par de olhos escuros torturados que pareciam tocar minha alma sempre que olhavam para mim.

Capítulo Dezoito

A CAÇADA DA NOITE SEGUINTE se revelou infrutífera, e a decepção dos hellequins foi tão pesada e sinistra quanto uma tempestade iminente. Duas vezes, os ânimos se atiçaram, como se tivessem farejado uma presa, mas não deu em nada. Na verdade, aquela falta de sucesso para encontrar sequer um coelho para o meu próprio jantar lançou um desânimo sobre todo o grupo. Ainda não havia amanhecido quando retornamos, só que nenhum dos hellequins parecia pronto para se retirar. Em vez disso, fizeram uma fogueira maior que o normal, e cerca de dez deles se reuniram ao seu redor. Estava me afastando para deixá-los com sua desgraça particular quando Balthazaar me chamou.

– Venha – disse ele, estendendo a mão. – Você disse que respeita os costumes antigos e cultua Mortain. Venha e nos conte sobre sua fé. Talvez isso nos lembre da nossa.

Sem desejar negar esse pequeno conforto a eles, aceitei sua mão grande e firme. A sensação do toque era totalmente deste mundo, exceto por um leve frio transpirando por sua luva. Enquanto ele me conduzia até o fogo, eu pensava no que contar sobre Mortain. Que palavras eu podia compartilhar sem entregar minha verdadeira identidade?

Os outros abriram espaço para mim. Apesar de serem foras da lei e pecadores e terem todos os tipos de corações sinistros, essa aceitação me agradou – o que, sem dúvida, era extremamente tolo.

Acomodei-me sobre o chão duro de pedra e virei-me para as chamas, pois era mais fácil olhar para o fogo do que para os rostos desolados ao meu redor.

– O que posso dizer a vocês? Fui criada para considerar Mortain o mais importante dentre os nove, pois, sem a morte, não poderia haver vida. Assim como as raízes das árvores devem atravessar a

marga e a terra para obter seu sustento no Mundo Inferior, nós também somos sustentados pela morte. Tenho uma certeza: Ele me sustentou durante muitas… atribulações. – Olhei para os hellequins, para seus rostos duros e infelizes. – Apesar de minhas atribulações serem muito diferentes das suas, elas eram bem difíceis a seu próprio modo, e eu teria fracassado se Mortain não tivesse me emprestado Sua força.

Não estava olhando para ele, mas pude sentir a proximidade de Balthazaar, como uma mariposa que sente o calor de uma chama.

– As pessoas O temem, e estão erradas. Elas veem castigo e dureza na morte, mas há beleza também. Os pequenos besouros negros se enterram profundamente na terra para morrer todo inverno, só para depois renascerem na primavera. Os galhos das árvores se transformam em ossos estéreis, e depois se desfraldam em folhas novas. Essas são promessas que residem na morte.

"O Mortain em que acredito não é assustador nem aterrorizante. O terror das pessoas vem de seu próprio medo ou de histórias contadas pela Igreja e não de algo que Mortain tenha feito. As pessoas têm medo do que elas não entendem e, desde que abandonaram os velhos costumes, não entendem mais a morte e seu verdadeiro lugar, Seu verdadeiro propósito neste mundo."

Só depois que terminei de falar me permiti olhar para Balthazaar. A cabeça dele estava inclinada para o lado e ele me estudava com atenção, como se observasse minha alma através de minha pele e meus músculos.

– Você O ama – disse ele, com a voz cheia de assombro.

Baixei a cabeça, envergonhada.

– Ele é um deus, e eu apenas O respeito. – Mas Balthazaar tinha razão: eu O amava. E naquele momento, eu soube que não desejava deixar Seu serviço. Eu só queria compreendê-lo, entender o que ele queria de mim e acreditar que, seja lá qual fosse o modo como eu passaria minha vida, Seu desejo estaria irmanado com o meu, e não simplesmente com o do convento. Ergui o olhar para Balthazaar.

– Se você não O vê como eu, como se ofereceu a Seu serviço? – perguntei.

O silêncio que se seguiu foi tão denso e pesado como a pedra sobre a qual eu estava sentada, e temi ficar sem resposta até que, por fim, Balthazaar falou:

– Através do verdadeiro remorso – disse ele, olhando fixamente para as chamas. – No momento da morte, o desejo de se redimir se torna algo físico, como uma corda que você pode usar para se puxar de volta quando está prestes a se afogar.

Miserere sacudiu a cabeça com os olhos fixos nas sombras tremeluzindo nas paredes da caverna.

– No momento da morte, você se enche com uma necessidade febril de se agarrar e voltar pela mesma espada que o matou, e gritar que não terminou. Não ainda. Ainda precisa de tempo para pagar por tudo o que fez.

Algo na beira do grupo se moveu, e ergui os olhos para encontrar Sauvage parado ali, com a mão enterrada no pescoço de um dos cães gigantes.

– São todos aqueles que você matou, olhando para você com olhos assombrados, em silêncio, que o empurram de volta à vida. Você acaba disposto a pagar qualquer preço para evitar olhar para eles durante toda a eternidade.

O silêncio baixou outra vez sobre nós. Desejei que Balthazaar contasse sua história, pois estava desesperada para saber que pecado ele tinha cometido para obter aquela penitência. Como se tivesse escutado meu desejo, ele me olhou com um rosto que parecia esculpido de pesar e desespero. Quis estender a mão, eliminando a distância que nos separava, e passar um dedo por suas sobrancelhas escuras, como se eu pudesse limpar toda a desolação que via em seus olhos. Em vez disso, apertei bem os dedos contra a palma da mão e voltei os olhos para o fogo.



Durante os dias seguintes, toda a empolgação e emoção da caçada deu lugar à preocupação de estarmos sem sorte havia cinco dias.

Balthazaar, em especial, não estava encarando isso muito bem.

Eu não sabia ao certo o que significava essa ausência de almas, mas os hellequins estavam incomodados. O estado de ânimo deles ficava ainda mais sombrio, e as poucas brincadeiras e camaradagem que desfrutavam tinham praticamente desaparecido. Balthazaar, Miserere e Sauvage passavam muitas horas conversando, tomando o cuidado para que eu não escutasse.

Seria isso um terrível presságio? Um sinal da influência da nova Igreja sobre a nossa terra? Ou era algo mais pessoal? Será que, sem almas para recolher, os hellequins não poderiam conquistar sua redenção?

O clima após a caçada daquela noite era o pior de todos, e eu me vi desejando poder aliviar a frustração deles de algum modo. Mas não podia. Na verdade, eu mal podia aliviar a minha própria sensação de futilidade, que borbulhava pelas minhas veias como um dos venenos da irmã Serafina.

Enquanto os hellequins se ocupavam, um tanto morosamente, com seus parcos rituais noturnos, ocorreu-me como o tempo devia pesar sobre eles – eles não tinham o sono, tarefas, nem mesmo prazeres para aliviar a espera. Só que eu precisava fazer algo, senão enlouqueceria. Estar cercada por aqueles homens fortes e brutais me lembrava que eu tinha habilidades, habilidades que eu devia manter afiadas como o gume de minhas armas.

Com uma sensação de propósito renovada, segui até o fundo do cromlech sem ser observada. Queria me afastar dos outros para que não pudessem me ver nem zombar de mim, mas o alerta de Balthazaar contra me aventurar perto demais do portal do Mundo Inferior estava bem gravado em minha mente.

Quando avaliei estar suficientemente longe da vista dos hellequins, tirei o arco e a aljava das costas, e movi os ombros para soltar os músculos e as juntas. Não fazia nada além de cavalgar havia quase duas semanas. Treinar um pouco não apenas me ajudaria a manter minhas habilidades afiadas, mas também aliviaria a frustração acumulada que eu estava sentindo.

Dei início aos movimentos familiares, e uma sensação de calma tomou conta de mim, como se o próprio exercício me levasse de

volta a mim mesma, lembrando-me de quem e o que eu era. Perguntei-me se a essa altura a abadessa já teria sido informada de minha ausência, e, se sim, o que tinha feito em relação a isso. No mínimo, minha situação naquele momento fornecia uma cobertura excelente, pois nem em mil anos ela pensaria em me procurar ali.

Segui para a série mais complexa, que exigia toda a minha concentração.

– Isso não funciona melhor com um adversário? – Uma voz profunda e grave me distraiu e me fez errar.

Olhei para Miserere, que me observava com expressão implacável e braços cruzados.

– Mas eu não quero machucar nenhum de vocês – respondi sem pensar.

A boca de Miserere se retorceu, e ouvi uma ou duas gargalhadas.

– Se você precisa de uma rocha ou de uma árvore para servir de adversário, ele é seu homem – disse Begard alegremente, quase como se soubesse aquilo por experiência própria.

Miserere deu um passo à frente. Não havia antecipação nem reação em seus modos, nem mesmo resignação. Ele apenas se moveu como um rochedo que tivesse criado pernas.

Eu o observei com cautela. Tinha dito aquelas palavras de brincadeira, não em desafio. Agora, não ia, não podia recuar. Não com todos eles assistindo. No mínimo, talvez quando vissem meu nível de habilidade, pensassem duas vezes antes de me atormentar.

Quando fiz um gesto para que Miserere se adiantasse, uma grande luva negra surgiu em seu braço e o empurrou para o lado.

– Se a dama precisa de alguém para treinar com ela, eu farei isso. – Balthazaar não olhou para mim, mas para os outros homens, encarando cada um deles nos olhos por um longo momento. Suas sobrancelhas estavam franzidas em um sulco furioso, e sua boca era uma linha dura e implacável. O desconforto serpenteou através de meu corpo.

Uma coisa era golpear Miserere, que eu não tinha qualquer esperança de derrotar ou sequer machucar. Mas lutar contra Balthazaar era muito, muito diferente. Parecia muito… íntimo.

Ele estava parado na minha frente, com os braços relaxados ao

lado do corpo.

– Todos eles estão assistindo – disse ele em voz baixa, e eu não decifrei se o que ouvi em sua voz era resignação ou provocação.

– Bem, então não vamos desapontá-los.

Antes que eu terminasse minha frase, lancei-me para frente, tentando pegá-lo de guarda baixa. Eu o ataquei com uma série rápida de golpes, mas ele bloqueou todos, observando-me com atenção o tempo todo. Na verdade, a fome que sempre via nele estava ainda mais visível, e era mais perturbadora que sua força. Deixei que essa sensação de desconforto transparecesse em meu rosto, então aproveitei sua surpresa para girar o corpo e dar um chute sonoro em suas pernas, tentando desequilibrá-lo.

Ele não se mexeu. Mas a fome se aprofundou, e um sorriso quase selvagem surgiu em seu rosto, como se ele achasse que algum desafio primitivo estivesse sendo lançado, e ele tivesse resolvido aceitá-lo.

Estávamos apenas treinando, lembrei a mim mesma. Mais nada.

Tentei todos os modos que conhecia para alavancar meu corpo contra o dele, para desequilibrá-lo ou fazê-lo se mover, mesmo que um pouco. Mas, cada vez que nos tocávamos, parecia uma carícia. Sempre que nossos corpos batiam um no outro, parecia uma promessa não dita. Seria algum truque de hellequin? Algum feitiço que eles eram capazes de lançar com sua natureza sombria? Se fosse isso, era um jeito muito injusto de lutar. Entretanto, por mais que eu tentasse, não importando de que ângulo eu buscasse atingi-lo, percebi que jamais iria pegá-lo desprevenido, como naquele nosso primeiro encontro. Essa era a única maneira de superá-lo: entrando por baixo de sua guarda.

Irritada, tornei a atacá-lo, depois desviei para o lado e girei, posicionando-me atrás dele. Eu me comprimi contra seu corpo, exatamente como ele fizera comigo na primeira vez, e consegui dar uma chave em seu pescoço. Senti tudo em seu interior se imobilizar, então ele relaxou. Fiquei tão nervosa com isso que hesitei. Só por um segundo, mas foi o suficiente.

No instante seguinte, estava voando por cima de seu ombro em um ataque atordoante. Preparei-me para a queda no chão duro de

pedra, sabendo que ficaria sem ar.

No entanto, não cheguei a tocar o chão. Antes disso acontecer, Balthazaar me pegou e me colocou de pé, quase como se estivéssemos dançando. Minha respiração estava acelerada agora, e o bastardo não estava nem respirando com dificuldade. E seus braços ainda estavam ao meu redor.

– Se você queria que eles observassem você, conseguiu – sussurrou ele em meu ouvido. – Cada movimento seu, cada respiração que passa por seus lábios, tem toda a atenção deles.

Ergui bruscamente os braços para me soltar de suas mãos, então saltei para longe, irritada por só conseguir fazer isso porque ele permitira. Ainda estávamos perto, perto demais, percebi, mas, antes que eu pudesse recuar, ele tornou a falar.

– Qual era a sua intenção com esse seu treinamento? Provocá-los? *Me* provocar?

Diante dessa acusação, uma onda quente de mortificação percorreu todo o meu corpo. Eu não estava tentando seduzir ninguém. Estendi os braços e o empurrei com força, e me surpreendi quando ele cedeu.

– Se esse é o caso, então a culpa é deles, não minha. Eu só queria me manter em forma. – Dei outro empurrão, que novamente ele permitiu. – Só porque seus pensamentos são baixos não significa que vou aceitar a mácula que você joga aos meus pés. – E então, ao perceber que ele não estava mais tão alerta quanto antes, passei-lhe uma rasteira e o derrubei. Fiquei satisfeita quando ele caiu de costas na terra.

Com a cabeça erguida, virei-me e comecei a caminhar na direção de minha manta de dormir. Os outros hellequins não disseram nada, mas saíram de meu caminho.

– Se eu ouvir um riso sequer, mato todos vocês. – Eu o ouvi dizer aos outros.

Nenhum deles riu, mas meus próprios lábios se curvaram de deleite.



Levei um bom tempo para pegar no sono, enquanto fúria e embaraço fervilhavam em meus membros. Mas uma hora devo ter adormecido, pois, quando percebi, acordei. Apesar de fazer um frio incomum para a estação, eu estava aquecida, deliciosamente aquecida. Alguém devia ter acendido uma fogueira perto. Só que não havia nenhuma luz avermelhada tremeluzindo na parede da caverna. Foi quando notei que havia algo sólido contra minhas costas. Virei-me lentamente e encontrei Balthazaar esticado no chão ao meu lado. Estava deitado; toda a extensão de seu corpo estava encostada no meu, e ele tinha as mãos enfiadas sob a cabeça.

– Volte a dormir – murmurou.

– Você está me deixando com muito calor – murmurei em resposta.

– Estou evitando que você congele.

– Não preciso de sua ajuda.

Ele não respondeu, tampouco se levantou e foi embora. Decidi que estava cansada demais para insistir, e forcei minha mente para longe do homem complexo e exasperante ao meu lado. Quando estava quase pegando no sono, ele tornou a falar, dessa vez com tanta delicadeza que não pude ter certeza se era sonho ou não.

– Sinto muito. Você me deixa envergonhado do que nós somos, do pouco que podemos lhe oferecer, e eu a ataquei quando o que realmente queria era punir meus próprios pensamentos sombrios.

Então senti algo mais suave que um floco de neve tocando meu rosto – seu dedo, percebi. Foi um gesto tão chocante e doce que dissolveu qualquer rancor que eu ainda guardava. Eu não podia ter raiva dele, assim como não podia ter raiva de Sybella ao brigar conosco quando a dor em seu interior se tornava demasiada para que ela a suportasse. Não sabia quais eram os demônios pessoais contra os quais Balthazaar lutava, mas eu conhecia a dor quando a via.



Ao despertar, duas coisas me vieram à mente com uma nitidez repentina. Na verdade, eram tão simples que fiquei envergonhada por não ter pensado nelas antes. Sem dúvida, o choque de me encontrar entre os hellequins tinha turvado meu raciocínio.

Não mais, porém.

Eu podia fazer de Balthazaar meu amante. Se não fosse mais virgem, isso poria um fim àquela insensatez de vidente.

Além disso, não podia deixar de pensar que, ao cavalgar com os hellequins, eu estava servindo mais a Mortain do que sentada com a irmã Vereda em algum aposento de pedra. Eu podia desempenhar um papel ali, com aqueles homens. Eu era capaz de elevar seu estado de ânimo, aliviar um pouquinho seu desespero. E se eu pudesse ser um vislumbre de luz em sua longa e sombria busca pela redenção?

Talvez fosse por isso que Mortain havia me colocado no caminho deles.



Na noite seguinte, quando Balthazaar deitou ao meu lado, virei meu corpo inteiro para ficar de frente para ele, que permaneceu tão imóvel quanto se tivesse se tornado parte do chão de pedra sobre o qual estávamos deitados. Não disse nada, na esperança de que ele entendesse instintivamente o que eu queria, mas ele não fez nada. Acho que nem respirou, pensei. *Merde*.

– Balthazaar?

Houve um leve suspiro, um movimento ou expirar, não soube dizer. Lentamente, como se estivesse me aproximando de uma criatura selvagem, indomada, estendi o braço e coloquei a mão em seu peito. Seus músculos se contraíram sob meus dedos e, quase como se contra sua vontade, ele virou sua cabeça para mim. Quando nossos olhares se encontraram através da escuridão, foi

quase tão íntimo quanto um toque, e meu coração começou a bater mais rápido.

– O que você está fazendo? – Sua voz estava tensa, e eu mal a reconheci.

– Achei que podíamos… – Parei e engoli em seco. Agora que o momento estava diante de mim, temi que meus nervos falhassem. Fechei os olhos e me lembrei da expressão em seu rosto quando estávamos treinando, do modo como suas mãos permaneceram em meu corpo. – Sei que você me deseja. Eu… eu posso ver quando você me olha. – Mesmo com todas as lições da irmã Beatriz, eu estava fazendo aquilo errado, e fui tomada por uma lenta e quente onda de vergonha.

Ele pegou minha mão, e a sensação de seus dedos contra os meus enviou um choque até meu estômago. Nós mal tínhamos nos tocado, e nas raras ocasiões em que isso aconteceu, ele estava usando luvas. Ele levou minha mão à sua boca e apertou os lábios nela. Um gesto breve e fugaz que terminou rápido demais. Então, enfiou minha mão embaixo de meu queixo.

– Isso não é o que você quer. Não de verdade. – Sua voz estava rouca e cheia de uma solidão dolorosa, uma solidão que eu sabia poder aliviar.

– É sim. – Estendi o braço novamente, mas dessa vez deixei que meus dedos subissem até seu cabelo e tocassem seus fios escuros e macios. – Quero ficar com você – sussurrei.

Ele fechou os olhos por um bom tempo e se inclinou na direção de meu toque. Meu coração palpitou, achando que aquilo significava que ele ia concordar. Mas então ele se afastou e colocou um braço de distância entre nós.

– Isso não é permitido. – Sua voz era áspera, como algo sendo arrastado através de cacos de vidro. – E mesmo que fosse, você é jovem demais e boa demais para se entregar à estrada que eu devo trilhar. Para se entregar a *mim*. – Então, antes que eu continuasse a discutir, ele se levantou e foi embora, deixando-me com frio e sozinha no escuro.



Quando acordei, Balthazaar não estava ao meu lado, e meu coração se partiu ao me lembrar da noite anterior. Sentei e observei a caverna tentando localizá-lo.

Ele estava perto do fundo, quase fora de vista, olhando para algo que tinha no colo. Virei o rosto para que ele não sentisse o peso de meu olhar, mas continuei a observá-lo de esguelha. Assim que me levantei, ele enfiou apressadamente o que estava olhando de volta em seu alforje e ficou de pé.

Evitei encará-lo ou mesmo cumprimentá-lo enquanto nos preparávamos para sair. Na verdade, consegui evitá-lo a noite inteira, pois ele também estava me evitando. Quando o grupo retornou ao cromlech, ele ainda dormiu perto de mim, mas não se deitou até bem depois que eu já tinha adormecido, e se levantou antes que eu despertasse. Ele passou horas olhando fixamente para o que quer que guardava em seu alforje, como se estivesse tentando extrair uma resposta dali. Depois de dois dias, minha curiosidade estava aguçada.

Talvez fosse alguma lembrança dos pecados que havia cometido quando era humano, algo que usasse para manter sua força de vontade. Talvez ceder a uma tentação mortal como a que eu havia lhe oferecido fosse apenas prolongar sua punição ou mesmo eliminar completamente sua chance de redenção.

Talvez o que quer que ele guardasse naquele alforje respondesse todas as perguntas que me atormentavam.

Capítulo Dezenove

Por sorte, a noite seguinte foi movimentada, com tantas almas perdidas e vagantes sobre a terra que os hellequins conseguiam pegá-las como pescadores com uma rede.

– Tem alguma coisa errada – disse Balthazaar quando seus homens capturaram a quarta alma. – Não devia haver tantas em um só lugar.

– A menos que todas tenham sido mortas ao mesmo tempo – disse Sauvage. – Aí faria sentido. – Ele encolheu os ombros maciços. – Talvez tenha havido uma batalha. Ou um incêndio.

Uma batalha.

– Onde estamos? – perguntei.

Balthazaar mal olhou para mim.

– Cerca de seis léguas ao norte de Vannes.

– O que significa que estamos perto das cidades portuárias, um alvo certo se os franceses tivessem decidido invadir a Bretanha.

Ele me lançou um olhar inexpressivo.

– A guerra iminente? – lembrei com impaciência. – É possível que os franceses tenham decidido nos atacar, e houve uma batalha da qual ainda não ouvimos falar. – Não encontrávamos quase ninguém à noite, e aqueles por quem passávamos não estavam inclinados a parar e compartilhar rumores.

– Ela tem razão – disse Sauvage. Fiquei tão surpresa que quase pedi a ele que repetisse, mas silenciei minha língua antes que as palavras conseguissem escapar.

Balthazaar acenou a cabeça afirmativamente enquanto outra alma era cercada. Mais uma alma.

– Venham – disse Balthazaar. – Vamos ver se conseguimos perguntar a algum deles o que aconteceu. – Ele esporeou o cavalo e todos seguimos adiante.

Quando estávamos perto o suficiente, Balthazaar e Sauvage frearam seus cavalos e apearam. As almas deviam ser de soldados, pois não se curvaram nem se encolheram de medo com a aproximação dos hellequins.

Agora, pensei. Agora era minha chance, quando todos estavam ocupados. Desmontei e esperei, batendo os pés como se para me manter aquecida, caso alguém me notasse.

Como se estivesse apenas esticando as pernas, saltitei até o cavalo abandonado de Balthazaar. A criatura tinha se acostumado a meu cheiro depois de nossas semanas cavalgando juntos. Apesar de agitar a crina e bufar alto, eu sabia que era apenas para se exibir.

Soltei com cuidado a tira que prendia o alforje fechado, olhando ao redor para me assegurar que nenhum dos homens estava observando. Enfiei as mãos em seu interior e tateei às cegas, certa de que reconheceria o objeto, pois eu já o vira várias vezes a distância para poder discernir sua forma.

Pronto! Meus dedos se fecharam em torno de algo comprido e fino. Quando o tirei, a luz da lua caiu sobre ele. Fui tomada por uma pontada de reconhecimento.

Era a *minha* flecha. Não havia como confundir a madeira flexível de teixo, as penas negras de corvo que eu usava para emplumá-las, e a única pena de pombo, que era minha marca pessoal.

Meu coração começou a acelerar, e eu lentamente ergui a extremidade para poder ver a ponta da minha própria flecha.

Estava escura, manchada de sangue.

Meu sangue. Sangue que derramei na noite da cerimônia de solstício de inverno.

Todos os músculos de meu corpo se tensionaram. Enfiei a flecha no alforje e comecei a voltar, lutando para manter os passos lentos e comedidos.

Esperei um instante, depois outro, antes de procurar a figura de Balthazaar. Quando vi que ele ainda estava com os outros, tentando gentilmente extrair respostas das almas confusas que eles haviam capturado, eu me permiti tornar a respirar. Eu ainda tinha tempo. Minha bisbilhotice não havia sido notada. Cerrei os punhos, depois os abri, tentando liberar um pouco da tensão de meu corpo.

Não sabia o que aquilo significava, exceto que nada era o que parecia e que agora eu sentia estar em grande perigo. Eu só podia supor que os hellequins *estavam* a minha caça como eu originalmente temia, apesar de não saber por que Balthazaar não fizera nada contra mim. Ele devia estar jogando um jogo longo que eu ainda não tinha reconhecido.

Ou talvez antes que ele pudesse me mandar para o Mundo Inferior, ele tivesse se percebido atraído por mim e resolvesse aproveitar. Pois ele *estava* atraído por mim – as fagulhas entre nós crepitavam e estalavam desde nosso primeiro encontro.

Mas então por que ele havia rejeitado minha oferta? Seria um modo de usar meu próprio pecado do orgulho contra mim, esfregando sal na minha ferida? Seria um castigo pessoal dele antes de me entregar ao julgamento de Mortain?

Sacudi a cabeça, tentando me livrar de todas as perguntas que ameaçavam turvar meu raciocínio. Haveria bastante tempo para avaliar meus erros depois que estivesse em liberdade. Pois eu tinha de escapar antes que ele me ligasse àquela flecha ou, se ele já tivesse feito essa conexão, antes que ele decidisse agir.

A boa notícia era que os hellequins tinham ficado totalmente acostumados à minha presença. Eles agora confiavam em mim e estavam menos inclinados a vigiar cada movimento meu como faziam quando me juntei a eles.

Estava quase amanhecendo. Era a hora perfeita para escapar. Eu só precisava evitar ser capturada até a alvorada. Então eles teriam de retornar para um de seus círculos de pedra e esperar até que a noite caísse outra vez.

Olhei para o céu e tentei determinar quanto faltava para o amanhecer. Menos de uma hora, pensei. Se não agisse logo, seria forçada a passar outra noite com eles, com ele, e não sabia se conseguiria esconder o que tinha acabado de descobrir.

Para testar se havia alguém prestando atenção a mim, tornei a montar em Fortune, e me afastei alguns passos do grupo. Ninguém me deu nem uma olhadela; estavam interessados demais na conversa com as almas.

Agora. A palavra brilhou em minha mente como um farol, e só

pude torcer para que fosse um sinal de algum outro deus que não o deus dos erros. Com passos lentos e cuidadosos, permiti que Fortune continuasse se afastando cada vez mais dos outros. Ninguém tinha percebido ainda. Conduzi-a para a direita, para o meio das árvores, com a desculpa de ter de aliviar a bexiga ou de ter visto outra alma perdida pronta em meus lábios. Mas ninguém me seguiu.

Animada, deixei que Fortune acelerasse o ritmo, adentrando a mata mais densa, o que retardaria qualquer perseguição.

A floresta estava silenciosa por toda a minha volta, abafando o som de nossa passagem como um cobertor grosso. Eu tinha de abrir uma boa distância, mas para fazer isso teria de galopar. E daí não haveria como esconder que estava tentando escapar. Meu coração quase saiu pela garganta.

Depois de um momento de hesitação, finalmente golpeei a barriga de Fortune com os calcanhares, estimulando-a a voar. E ela voou. Como se de algum modo sentisse minha própria urgência, ela correu através das árvores, desviando delas com agilidade. Ou talvez fossem todas aquelas noites cavalgando com o bando que houvessem lhe dado tal velocidade. De qualquer modo, eu estava animada, pois cada passo me levava para mais e mais longe dos hellequins, da incriminação de minha própria flecha, da dor da rejeição e das mentiras de Balthazaar.

Corremos por quase quinze minutos antes que eu tivesse a sensação de estar sendo seguida. Virei a cabeça para o lado, esforçando-me para escutar, mas meus ouvidos estavam cheios do troar dos cascos de Fortune e de sua respiração pesada e ritmada.

Ela logo precisaria descansar.

Ergui os olhos para o céu ao leste, que começava a clarear. O alvorecer não estava distante.

Debrucei-me sobre o pescoço de Fortune, agarrei sua crina e sussurrei em seu ouvido para que ela corresse mais rápido se pudesse, e se não pudesse, bem, então que os próprios deuses nos ajudassem. Não podia rezar para Mortain, não quando Ele talvez tivesse mandado os hellequins para me encontrar. No mínimo, era como atraí-Lo para uma sórdida briga familiar.

Foi então que ouvi o trovejar distante de cascos de cavalos. Depois de passar semanas na companhia dos hellequins, percebi que o som era tão familiar quanto minha própria respiração.

Fortune já não aguentava mais. Seus flancos estavam cobertos de suor, e seus pulmões arquejavam como os foles de um ferreiro. Olhei ao redor, mas não havia construções, casas nem igrejas convenientes por perto onde eu pudesse implorar por abrigo. Não havia nada além da floresta. Olhei para o topo das árvores, perguntando-me…

Sem parar para pensar, sob o risco de perder a coragem, tirei os pés dos estribos e enrolei as rédeas frouxamente na sela.

– Não pare de correr – sussurrei para Fortune. – Mas vá mais devagar se precisar. Só os mantenha longe de mim.

Então me abaixei. Segurei-me na sela, usando-a para me firmar enquanto lentamente puxava as pernas para cima.

O chão abaixo passava correndo. Eu o ignorei, assim como ignorei as pedras afiadas e troncos que jaziam à espera se eu falhasse. Consegui posicionar minhas pernas embaixo do corpo, me equilibrei e lentamente comecei a ficar de pé.

Fazia meses desde que eu tinha feito aquilo, mas os movimentos retornaram para mim com facilidade. Ajustei meu ritmo ao do cavalo, encontrei estabilidade e me firmei bem com os pés.

Então esperei pelo galho perfeito. Um que fosse baixo o suficiente para eu poder agarrá-lo e me erguer sobre ele.

Fiquei meio agachada enquanto passávamos por grupos de árvores, mas os galhos eram altos demais, muito curtos ou muito finos.

O som dos caçadores agora estava mais alto. Em pouco tempo estariam à vista, e então meu truque não serviria de nada. Murmurei uma oração desesperada para Mortain. *Sei que eles são Seus, mas eu também sou. Por favor, não deixe que eu seja caçada como uma corça acuada.*

Uns dez passos depois, logo após uma curva leve na trilha, vi um galho grosso e baixo. Não tive tempo para pensar, para avaliar, para julgar se ia funcionar. *Tinha* de funcionar. Estiquei as pernas, estendi os braços e me preparei. O golpe do contato reverberou por todo o

meu corpo. Minhas pernas ficaram penduradas no ar, e vi Fortune continuar sem mim.

Não houve tempo para me parabenizar pela manobra. Subi, joguei as pernas para o alto, envolvi-as no galho e fui me arrastando até o tronco. Quando o alcancei, dei a volta até o lado oposto no exato instante em que o primeiro hellequin surgiu.

Era Sauvage, cavalgando à frente, tenso e focado em um objetivo único. Comprimi todo o meu corpo contra a árvore e os observei passar abaixo de mim, surpresa por ver Balthazaar na retaguarda.

Ele estava com o capuz levantado, por isso não pude ver seu rosto. Apesar disso, havia uma raiva, uma ferocidade em suas maneiras que fez meu coração se apertar dolorosamente. *Ele não é problema seu,* disse a mim mesma. Ele tinha deixado isso perfeitamente claro.

Esperei, tão imóvel que mal conseguia respirar. Só quando não podia mais ouvir o eco de seus cascos me permiti encher os pulmões de ar. Eles não me encontraram. Havia uma chance, uma pequena chance, de que Fortune fosse mais rápida que eles sem um cavaleiro em suas costas. Se não, bem, não iriam machucá-la, pois ela não era nada para eles. Mesmo assim, eu provavelmente nunca mais a veria de novo. Alguém poderia encontrá-la e tomá-la para si. Talvez ela até voltasse para os estábulos do remador noturno. Não tinha ideia de quão forte era seu instinto de retornar para casa.

Então me lembrei de meu alforje e do diário escondido no fundo dele, assim como das Lágrimas e da estranha caixa negra. Encolhi-me de medo ao pensar no convento descobrindo o que eu havia levado comigo. Pior ainda era imaginar aquelas coisas caindo nas mãos de estranhos: o prelado local, um pequeno fazendeiro ou algum estalajadeiro qualquer que encontrasse Fortune comendo sua aveia. Mas isso era algo que não podia ser evitado.

Devagar, abaixei-me e sentei na base do galho, encostada no tronco da árvore. Agora que os hellequins tinham passado, todos os meus músculos estavam tremendo, como se finalmente reconhecessem o perigo em que eu me encontrava. Ou talvez estivessem apenas exaustos.

Olhei novamente para o céu no leste, que agora se tingia de cinza e rosa. O amanhecer havia chegado. Arranjei uma posição confortável e me acomodei.

Devo ter dormido, pois tive um sonho.

Sonhei com um grande javali branco. Em meu sonho, estava deitada no chão da floresta em um leito de folhas mortas. Estava com frio, meu corpo doía, e eu não conseguia dormir. No início, ouvi um fungar, como se alguma criatura enorme tivesse aproximado o focinho para inalar todos os aromas suculentos da floresta. Mas, no instante seguinte, entendi: a criatura estava à procura de algo.

Ela estava à minha procura.

Um travo selvagem, de caça, encheu minhas narinas, e meu coração quase saiu pela boca, pois pelo som que fazia, era enorme. Comecei a me erguer com a intenção de fugir, mas percebi que devia ficar imóvel. Abracei o chão, na esperança de que a criatura não me achasse. Mas ela continuava farejando e procurando. Meu coração batia tão forte de medo que eu tive certeza de que ia explodir. Ou que a criatura ia escutá-lo.

Javalis daquele tamanho eram raros, e javalis brancos, ainda mais raros, pois eram sagrados para Arduinna.

Estava cada vez mais perto. Agora, eu podia sentir o calor de seu corpo, a leve umidade de seu hálito. Como uma criança assustada, mantive os olhos fechados e tremi no chão da floresta, sem conseguir encarar meu destino.

Então um frescor me cercou, e antes que eu pudesse me desvencilhar, uma pressão de lábios sobre os meus me chocou e me fez voltar à consciência. Uma voz grave e profunda ecoou perto de meu ouvido, arrancando-me da névoa de meu sono.

– Agora você estará segura. – Acordei em um sobressalto, quase caindo de meu abrigo precário na árvore.

Capítulo Vinte

Agarrei o galho e segurei firme até que a névoa do sono desanuviou. Pisquei os olhos e vi que havia amanhecido, e braços longos e pálidos de luz do sol se projetavam em todas as direções. Meus ouvidos se encheram com os sons delicados ao meu redor: o farfalhar de criaturinhas nos arbustos e o leve início do canto dos pássaros. O dia tinha definitivamente chegado, e não havia sinal dos hellequins.

Lembrei de meu sonho e fui atravessada por um calafrio de preocupação. O que eu senti… teria sido a pressão de *seus* lábios?

Era só um sonho, corrigi. Levei os dedos à boca, rememorando a sensação e o peso daqueles lábios. A voz disse que eu agora estava em segurança, mesmo enquanto minha mente se enchia com visões de javalis. Seria algum truque? Alguma habilidade sombria de hellequin de inserir sonhos na mente de suas vítimas?

Ou seria apenas minha própria imaginação fervilhante, mergulhada em meus medos?

Afastei os pensamentos perturbadores e me levantei, segurando-me em um galho para não cair em direção a uma morte dolorosa, depois de ter me esforçado tanto para escapar.

Os hellequins disseram que estávamos apenas algumas léguas ao norte de Vannes, uma cidade grande com muralhas grossas e robustas. Mas eu não tinha mais cavalo. Isso transformava o percurso em uma caminhada de um ou dois dias, se eu tivesse sorte. Permaneci imóvel mais um instante, tentando identificar o som de cavalos a galope ou de javalis farejando, mas não ouvi nada. Desci da árvore com cuidado para não rasgar o vestido, evitando que ficasse inutilizável, pois agora era o único que eu possuía.

Quando estava com os pés firmes no chão, parei e tentei me

localizar. Se mantivesse o sol nascente à esquerda, estaria seguindo para o sul, e deveria reencontrar a estrada principal. Parti depressa. Sem ter certeza absoluta de que os hellequins não podiam cavalgar durante o dia e com meu medo recém-descoberto de javalis, eu estava determinada a encontrar a estrada o mais rápido possível.

Já sentia falta de Fortune, não apenas porque montá-la era mais fácil que caminhar, mas porque ela tinha sido minha única companhia constante naquelas últimas semanas. Eu me aferrei a uma meia esperança de que poderia me deparar com ela na floresta, de que ela pudesse ter cansado de correr e agora estivesse pacientemente à minha espera. Mas não havia sinal de seu corpo cinza e malhado em lugar algum.

Estava caminhando havia quase uma hora quando escutei um nítido fungar, demasiado familiar por causa de meu sonho recente. Olhei para trás, mas não vi nada. Eu não podia correr mais que um javali, mas talvez pudesse parecer inofensiva o suficiente para ele não atacar. Por garantia, perscrutei as árvores ao redor à procura de outro galho que pudesse usar para me alçar, mas não havia nenhum ao alcance.

Com o farfalhar das folhas bem às minhas costas, meu coração começou a bater tão freneticamente que temi partir uma de minhas costelas. Apertei o passo; não podia correr, para não inflamar a criatura.

À minha frente, onde eu estimava ser a direção da estrada, ouvi a aproximação de cavaleiros. A julgar pelo som, eram apenas quatro – não, três –, e não um bando inteiro. E *estavam* vindo pela estrada, então não eram hellequins, mas simples viajantes. Viajantes aos quais eu podia me unir até a próxima cidade.

Não consegui me segurar e corri, tropeçando em raízes, em pedras e em meus próprios pés, quase caindo pelo barranco até a estrada abaixo. Parei sem fôlego diante dos cavaleiros. Nós nos encaramos em um longo momento de surpresa.

Eram mulheres, apesar de ser difícil dizer à primeira vista, pois não usavam trajes tradicionais. Seus braços e pernas estavam envoltos em um couro justo, e suas túnicas eram de pele marrom,

rústica. Cada uma tinha uma aljava de flechas no ombro e uma faca no cinto. Estavam em três, e frearam suas montarias ao me verem.

– Olá – disse a cavaleira do meio. Ela parecia ser a mais velha, pois seu cabelo castanho-escuro estava repleto de mechas grisalhas. Seu porte era tão ereto e elegante quanto se estivesse usando uma coroa.

Antes que eu pudesse devolver o cumprimento, vi que estavam conduzindo um quarto cavalo – um tordilho malhado.

– Fortune! – Dei a volta nas outras, desviando com habilidade dos cascos de seus cavalos, e me aproximei de Fortune. Acariciei seu pescoço e a examinei em busca de ferimentos.

– Parece que vocês se conhecem.

– Ela é minha.

– Não se trata mal assim uma criatura tão nobre, não se pode deixá-la vagar solta e sem cavaleiro, com o risco de tropeçar nas próprias rédeas. – A que falou era alta, mais alta que as outras, e quase tão alta quanto a irmã Thomine, a mulher mais alta que eu já tinha visto. Ela tinha prendido o cabelo castanho em uma trança comprida, que balançou quando ela apeou. Naquele instante, percebi que deviam ser seguidoras de Arduinna. Elas eram conhecidas por serem protetoras das mulheres, mas saber disso não me tranquilizou.

– Não fiz isso de propósito. – Não tentei ocultar minha indignação. – E eu *tinha* amarrado as rédeas para que ela não tropeçasse. Não tive escolha.

A mulher alta inclinou a cabeça.

– O que aconteceu com você para ter de abandonar seu cavalo desse jeito e viajar a pé?

Eu a encarei, tentando decidir o que contar a elas. Arduinitas eram mais raras que dentes em galinhas; eu tinha visto uma apenas uma vez, por acidente. Estávamos cavalgando com a irmã Widona no continente, perto de uma floresta, quando avistamos uma mulher de aspecto estranho – apesar de não sabermos de início que era uma mulher. A irmã Widona cumprimentou-a brevemente com a cabeça, depois nos tirou de lá depressa. Quando não podiam nos escutar, ela explicou que as seguidoras de Arduinna não tinham amor pelas

que seguiam Mortain, pois Ele roubara sua irmã.

As palavras de Widona soaram em minha mente como um grande sino alto, e eu mentalmente me repreendi por não ter lhe perguntado exatamente até que ponto ia aquela animosidade.

E então, o que eu poderia dizer a ela? O que seria pior: ser uma filha de Mortain, ou ser uma donzela teimosa que havia se comportado de maneira tola? Ocorreu-me o pensamento desconfortável de que eu podia ser ambas.

A mais nova desmontou e começou a se aproximar de mim. De repente, senti um cheiro de couro, pele e sangue.

– Você está bem? – perguntou ela. – Você foi ferida?

– Eu… não.

A mais alta olhou para mim com arrogância.

– Você não traz sinais de luta.

Suas palavras estavam carregadas de crítica, e me vi desejando ter me machucado mais quando desci daquela maldita árvore. Mas, nesse instante, uma pequena centelha de raiva se acendeu em meu interior. Eu não merecia sua censura. Retirei a capa que estava usando e exibi meus punhais para ela.

– Talvez seja porque meus perseguidores tenham sido dissuadidos por essas coisinhas aqui.

A mais velha, ainda em seu cavalo, falou:

– Não fique ofendida. É nosso costume ajudar mulheres em apuros, ou que foram feridas ou desonradas.

– Não sei se lançar dúvidas sobre sua honra é um modo eficaz de conquistar sua confiança – murmurei, ainda irritada.

– Você quer que nós acreditemos que uma jovem sozinha deteve perseguidores com um punhado de facas?

– Bem, eu também escapei subindo em uma árvore.

Os lábios da mais velha se curvaram, e a mais nova abriu um sorriso.

– O que faz você viajando sozinha na estrada? – perguntou ela.

– Tenho assuntos a tratar em Guérande.

– E você viaja sem um acompanhante ou guarda? – perguntou a alta, ainda com desconfiança na voz.

A mais nova entrou na minha frente, de modo protetor.

– Por que não nos asseguramos de que ela não está ferida antes de começarmos o interrogatório? – Ela era menor que as outras. Sua voz pareceu mais jovem aos meus ouvidos, e calculei que tivesse um ou dois anos a menos que eu.

A mulher alta continuava a me estudar com olhos estreitos, e me perguntei o que tinha feito para despertar sua ira.

– Ela já disse que está bem. – Ela começou a caminhar em minha direção. Quando chegou ao meu lado, parou, inclinou-se para frente e fungou.

– Você fede a homem.

– Aeva! – protestou a mais nova. Então, quase como se fosse incapaz de resistir, ela também fungou, e depois franziu o cenho. – Você também cheira a morte – disse ela, intrigada.

– Morte? – perguntei, tanto aborrecida quanto surpresa.

A alta, Aeva, torceu o nariz com aversão.

– É o fedor de hellequin que está grudado nela.

Ela pode sentir o cheiro deles?

– Isso é porque eram os hellequins que estavam me perseguindo.

Os lábios da mais jovem se entreabriram em surpresa, mas Aeva apenas escarneceu.

– Você tem certeza de que estava sendo perseguida, e que não é apenas uma rameira de hellequin?

Mesmo que eu não tivesse ouvido o forte desprezo em sua voz, a expressão preocupada no rosto da mais nova teria me alertado que era muito melhor ser vítima de um hellequin que sua rameira. Não foi nem um pouco difícil soar insultada, pois eu fiquei extremamente irritada por seus modos.

– Não sou rameira de ninguém. – Sem querer e repentinamente, eu me envergonhei de meus atos. No convento, não éramos ensinadas que era errado deitar com um homem, mas sem dúvida era errado deitar com um apenas para evitar um destino indesejado.

– Então por que você fede a morte?

– Eu não disse que não estive perto de hellequin, só disse que não era sua rameira. – Com minhas palavras, a tensão em seu corpo relaxou um pouco. – Mas eu também não fui sua vítima, pois escapei pouco antes de amanhecer, e esperei pela alvorada do alto

de uma árvore. Aí encontrei vocês.

– Foi a orientação da própria Grande Javalina Branca que nos trouxe aqui – disse a mais velha.

– Eu sonhei com ela – disse a elas.

Aeva virou a cabeça bruscamente.

– Você está mentindo.

– Eu *não* estou mentindo. Sonhei com um grande javali branco, que estava… – Não consegui dizer que ele me beijou com seu grande focinho branco, nem estava certa de que foi isso o que aconteceu. – Estava me protegendo.

As três mulheres trocaram olhares, e a mais nova olhou incisivamente para Aeva.

– Isso bate com a visão de Floris.

Meu interesse se aguçou.

– Floris é sua vidente?

– Não – disse a mais velha. – Eu sou Floris, uma das sacerdotisas de Arduinna. Eu também vi a Grande Javalina Branca ontem à noite, e ela me trouxe até você.

Aeva me estudou com mais ceticismo, como se ainda estivesse tentando entender como eu tinha surgido entre elas.

– Você fez alguma oferenda para Arduinna? – perguntou.

– Não. Nunca pensei nisso, não tenho familiaridade com os seus costumes.

– Não importa. – A mais nova estendeu a mão e apertou meu braço. – É um presságio muito auspicioso. Qual o seu nome? Eu me chamo Tola.

Ela foi tão simpática e seus olhos azuis dançavam com tamanha alegria que não pude evitar e sorri de volta.

– Eu sou Annith.

– Bem, Annith – disse Floris. – É um prazer saber que você não está ferida, e um prazer ainda maior saber que a Grande Javalina Branca a tomou sob sua proteção, pois a viagem a partir daqui vai ser perigosa. Infelizmente, você terá de adiar sua chegada a Guérande.

– O quê? – Toda a boa vontade que eu estava sentindo em relação àquelas mulheres nos segundos anteriores evaporou. –

Vocês não podem evitar que eu viaje por minha conta.

– Bem, isso é algo a discutir – disse ela, parecendo levemente divertida. – Mas não fomos nós que provocamos o atraso. As tropas francesas desembarcaram em Vannes e tomaram a cidade. Essa costa está cheia de soldados, como moscas em um cachorro. Na verdade, foi deles que pensamos resgatar você, de soldados franceses.

Capítulo Vinte e Um

Foi bem fácil me juntar a elas. Pelo menos naquele momento. Elas me protegeriam dos invasores franceses, e, apesar de não gostarem das filhas de Mortain, desprezavam ainda mais os hellequins. E esse ódio as tornava perfeitas para me oferecer cobertura.

Sem dúvida, a aparição repentina das seguidoras de Arduinna na estrada em meu momento de necessidade não era um acidente. Na verdade, parecia que Mortain estava tecendo uma trilha de pedras aos meus pés, uma de cada vez, de modo que eu tivesse uma chance de lutar para retirar meu destino das mãos mesquinhas da abadessa.

Ainda assim, precisava resistir à urgência de ficar olhando para trás. Os hellequins não caçavam à luz do dia, lembrei a mim mesma pelo menos uma dúzia de vezes. As outras percebiam meu desconforto, mas não diziam nada, e eu esperava que aquilo imprimisse uma marca de verdade em minha história.

Estávamos na estrada não havia nem duas horas quando nos deparamos com uma carroça coberta de negro. Dois padres itinerantes estavam sentados na frente. Nosso grupo se afastou para o lado, abrindo espaço para deixá-los passar. Eles seguiram, e eu não pude evitar olhar para sua traseira, perguntando-me quem tinha feito sua jornada final em direção à morte. Talvez essa fosse a primeira vítima dos franceses.

Mas, diante do vislumbre de um cabelo ruivo contra a mortalha negra, meu estômago se retorceu em um nó de medo.

– Parem! – A palavra saiu de minha boca antes que eu percebesse.

Surpresos com a autoridade em minha voz, os padres itinerantes pararam, relutantes, e me olharam de cara feia enquanto as

arduinitas me lançavam olhares curiosos. Desmontei e joguei as rédeas de Fortune para Tola, que as pegou com facilidade.

À medida que me aproximava da carroça fúnebre, o tempo pareceu ficar mais lento, como se estivesse aprisionado em um denso lamaçal. *Por favor, Matelaine, não. Por favor, por favor, por favor.* A oração martelava pelo meu corpo a cada batida de meu coração.

Finalmente, aproximei-me da traseira da carroça e olhei para baixo. O rosto da garota estava coberto por um sudário. Devagar, peguei a ponta do linho negro.

– Não a toque! – disse um dos padres itinerantes, ultrajado, mas nem dei atenção. Puxei o linho fino e o levantei.

Matelaine.

Quando a vi, foi como se uma lâmina de vidro tivesse se cravado em meu coração. Ela estava imóvel e mais branca que um osso; seu rosto contrastava com o sudário negro e o cabelo vermelho. Suas mãos tinham sido postas sobre o peito, e na direita ela levava uma peça de xadrez.

– Aonde vocês a estão levando? – Minha voz saiu embotada e vazia, até para meus próprios ouvidos.

– De volta ao convento de St. Mortain. Você a conhece? – perguntou o segundo padre itinerante, com delicadeza.

Acenei a cabeça afirmativamente, sem jamais tirar os olhos de seu rosto.

– Ela é minha irmã.

Enquanto olhava para ela, a dor daquela lâmina de vidro cravada em meu coração se espalhou, tomando meus pulmões, meu peito e meus braços com uma sensação de injustiça. Tive de me segurar para não jogar a cabeça para trás e gritar de ódio e fúria. Matelaine nunca devia ter sido mandada para o exterior.

E a abadessa sabia disso. Ela tinha traído os próprios princípios do convento. As freiras deviam educar e cuidar das filhas de Mortain como fariam como se fossem suas próprias filhas, mandando-as em missão apenas quando estivessem realmente prontas.

Também era minha culpa, percebi com um enjoo amargo no estômago, pois seja lá qual fosse a razão da abadessa para me

segurar, ela estava na origem de sua decisão de enviar Matelaine. Se eu tivesse sido mais forte, mais rápida, mais determinada, defendido melhor o meu caso, poderia ter evitado aquilo.

– O que aconteceu? – perguntei para o padre.

O mais simpático respondeu:

– Não sabemos. Só recebemos o corpo para transportá-lo de volta à ilha.

Senti uma mão em meu ombro, e virei-me, surpresa. Era a mais velha das arduinitas, Floris.

– Ela é sua irmã? – Seus olhos castanhos estavam cheios de compaixão.

– É – murmurei.

– O que você quer fazer?

Sua pergunta me lembrou que eu tinha escolhas. Parte de mim queria entrar naquela carroça e abraçar Matelaine bem forte, por toda a viagem de volta até o convento. Queria murmurar em seu ouvido todas as palavras de amizade que estivera ocupada demais para dizer na vida real. Queria apresentar seu corpo às freiras que ainda estavam lá e gritar com elas: *Viram o que vocês fizeram? Com seu silêncio, sua submissão?* As palavras não ditas queimavam e doíam em minha garganta, como as brasas vermelhas de uma fogueira.

Meus próprios planos se desfizeram como a primeira geada de inverno sob uma bota pesada. Uma raiva sufocante continuava a crescer em meu interior, e a fúria se espalhou tão rapidamente pelo meu corpo que foi impressionante eu não ter irrompido em chamas.

Lentamente, virei-me e olhei para Floris.

– Eu gostaria de continuar viajando e vingar sua morte enfrentando aqueles que fizeram isso com ela.

Seu olhar permaneceu fixo no meu por mais um instante, e percebi certa aprovação.

– Você também é filha de Mortain?

Eu virei o rosto.

– Sou. Desculpe por não dizer a vocês. Sei que há uma história de animosidade entre nós. Não vou mais viajar com vocês, se preferirem.

– Se você deseja vingar essa garota, então agora está envolvida em assuntos de Arduinna, por isso é bem-vinda para viajar conosco. Além disso, é muito fácil molestar uma mulher sozinha; já um grupo de quatro mulheres guerreiras e assassinas, não tanto.



Montamos acampamento pouco antes de anoitecer. Sugeri passarmos a noite perto de uma igreja, para assegurar a proteção de um solo sagrado, mas elas recusaram, e Aeva riu abertamente.

– Nós não temos amor nem utilidade para a Igreja.

– Mas os hellequins disseram que vão me caçar para sempre – expliquei. – Não quero trazer sua vingança sobre vocês também. – Sem falar em incitar alguma espécie de guerra civil entre os deuses e seus servos.

– Eles não têm como saber que você encontrou abrigo conosco – disse Floris. – E mesmo que soubessem, não ousariam se aproximar das seguidoras de Arduinna.

– Mas, por segurança, vamos proteger o acampamento – acrescentou Tola animadamente.

Aeva virou-se para ela, seus olhos brilhando de irritação.

– Você fala demais sobre assuntos que são apenas nossos. – Quando Tola simplesmente deu de ombros, Aeva pegou um punhado de gravetos e os jogou na fogueira. – Se você se importa tão pouco com os segredos que existem entre o deus dela e o nosso, por que não simplesmente se joga aos seus pés e se esfrega em seus tornozelos como um gatinho amistoso?

– Basta! – Era a primeira vez que ouvia Floris levantando a voz. – É Tola quem escolhe com quem ela quer fazer amizade, não você.

Sem conseguir me segurar, olhei para a mulher mais velha.

– Você não proíbe?

Ela sacudiu a cabeça em resposta.

– Não cabe a nós proibir. Cada uma deve decidir por si mesma.

Após outro longo momento de silêncio, eu tornei a falar:

– Por que há tanta animosidade entre Mortain e Arduinna? – perguntei. – Segundo as histórias antigas, Arduinna deu sua bênção à união de Mortain com Amourna.

Aeva me lançou um olhar de escárnio, e minha mão coçou de vontade de tirar aquela expressão de seu rosto com um tapa.

– Nós, que servimos Arduinna, não somos escolhidas e presenteadas com dons sobrenaturais, como as filhas de Mortain. Toda habilidade que possuímos, todo feito que realizamos, alcançamos com nosso próprio suor e determinação. E não porque fomos geradas por um deus – explicou ela.

Debrucei-me para frente, desejando que estivéssemos de pé, para que eu pudesse empurrá-la contra uma árvore e arrancar sua arrogância.

– Primeiro, você vai se sentir melhor ao saber que nem todas as filhas de Mortain são abençoadas com Seus dons e talentos únicos. Eu, por exemplo, nada recebi, e tive de trabalhar duro para conquistar cada habilidade que tenho, normalmente com grande custo pessoal.

Ficamos nos encarando por um bom momento, depois ela afastou o rosto. Respirei fundo para me acalmar, e virei-me para Floris.

– Como vocês servem Arduinna se não são suas filhas? – Assim que falei, percebi como minhas palavras eram tolas, pois nenhuma mulher, nem mesmo uma deusa, podia dar à luz centenas de filhas. Sem mencionar que, segundo se dizia, Arduinna era uma deusa virgem.

Floris levantou-se e colocou outro galho na fogueira.

– As mulheres rezam para Arduinna quando sentem a pontada dolorosa do amor. Todo coração partido, todo amante rejeitado, toda alma transtornada de ciúme pertence a ela. As meninas nascidas de tais uniões, seja do lado vingativo ou do lado atormentado e não realizado do amor, são filhas de Arduinna. Elas podem jamais saber, mas *ela* sabe, e cuida delas. Se as garotas escolhem se dedicar a seu serviço, são recebidas de braços abertos. E respondendo sua pergunta original sobre a animosidade entre nossos deuses: é porque seu deus foi falso com nossa deusa – disse ela com delicadeza.

O silêncio que se seguiu ficou denso, e elas trocaram olhares enquanto eu a encarava de modo estúpido. Aeva parecia presunçosa.

– Ah, você nunca ouviu a história, ouviu?

– Não, não ouvi.

– Bem, você não vai ouvi-la de nós. – Aeva lançou um olhar tão intenso para as outras que nem Floris a contradisse. Então ficou de pé, enojada.

– Vou fazer alguma coisa útil, como caçar o jantar, em vez de ficar encolhida aí, fofocando com nossas inimigas.

Ergui as sobrancelhas e virei-me para Floris.

– Sinto muito. Não me dei conta de que eu era inimiga. Não quero trazer desconforto para nenhuma de vocês…

Floris ergueu as mãos para me interromper.

– Você não é uma inimiga. Aeva simplesmente vê as coisas de modo mais rígido que a maioria. Agora, você pode, por favor, limpar uma área para nossas mantas?

Era uma tarefa simples, até mesmo maquinal, mas não me importei, pois minha cabeça já estava cheia demais. Enquanto catava pedras e gravetos do chão, tanto Tola quanto Floris riscavam marcas e sinais na terra com suas facas de cabo de osso. Fiquei consumida por curiosidade (nós, no convento, não tínhamos tal magia, ou pelo menos não que eu tivesse ouvido falar), mas não quis me intrometer em um ritual particular que estavam usando para me proteger, por isso me permiti apenas olhadelas eventuais.

Terminei minha tarefa antes que elas terminassem a delas e olhei ao redor à procura de mais alguma coisa a fazer. Estava anoitecendo rápido agora, e alguns esquilos e coelhos se arriscavam a sair para uma última abastecida antes da noite. Os coelhos estavam magros, mas isso era melhor que nada. Movendo-me devagar para não assustá-los, peguei o arco e duas flechas. Eles levantaram a cabeça, farejando o ar, e fiquei absolutamente imóvel para que não me sentissem. Assim que voltaram a comer, coloquei uma flecha no arco e mirei. Houve uma agitação quando as criaturas fugiram, mas fiquei satisfeita ao ver que o maior dos coelhos jazia no chão. Eu preferiria comer um jantar que eu mesma

tinha apanhado a contar com a hospitalidade amarga de Aeva.

Naquela noite, enquanto comíamos, Tola não tirava os olhos de mim, e eu sabia que ela queria me fazer perguntas. Fiquei agradecida por ela não ter feito isso. Aeva, entretanto, não teve tal restrição.

– Então você é filha de Mortain e mesmo assim estava sendo perseguida pelos hellequins?

Mantive a atenção concentrada no traseiro de coelho que eu estava comendo.

– Eu não disse a eles quem eu era.

– Por que não?

Eu devia mentir e desviar suas perguntas de mim, mas ver Matelaine me lembrara que minhas razões para partir eram justificadas.

– Por medo que eles estivessem atrás de mim.

A franqueza daquela resposta silenciou até a beligerante Aeva. Pelo menos por um instante. Ela abriu a boca para perguntar mais alguma coisa, mas Floris pôs a mão sobre o braço da mulher.

– Sem dúvida isso é uma questão do convento, e não é da nossa conta.

Aeva engoliu qualquer que fosse a pergunta que estava pensando em fazer. Podia ser apenas minha imaginação, mas acreditei discernir um novo respeito em seus modos.

Naquela noite, achei quase impossível dormir, apesar da exaustão. Toda vez que fechava os olhos, via o rosto frio e morto de Matelaine, e quis brigar comigo mesma por ter me detido tanto tempo pelos hellequins. Se eu tivesse chegado antes a Guérande, será que poderia ter evitado sua morte?

Quando estava quase pegando no sono, o chão começou a rugir, e despertei completamente.

O grupo de caça.

Congelei, como se permanecendo imóvel eu pudesse impedir que eles me encontrassem. O barulho ficou mais alto, e o chão tremeu contra o meu rosto à medida que se aproximavam. Virei para olhar para as outras e me deparei com os olhos de Tola bem abertos.

– Não se preocupe – murmurou ela. – As proteções vão funcionar.

E funcionaram. Mas eu vi as figuras sombrias e fantasmagóricas cavalgando bem ao lado das marcas no chão. Um cavaleiro parou e olhou para o nosso acampamento. Apesar de eu não poder dizer quem era a distância, minha pele reconheceu a carícia escura e pensativa de seu olhar, e senti um calafrio.



No dia seguinte, estávamos perto o suficiente de Vannes para ver as torres de suas igrejas. Também encontramos os primeiros soldados franceses. Eles haviam confiscado o carro de boi de um fazendeiro local, assim como o que parecia ser o resto de seus parcos mantimentos de inverno. Como novas colheitas ainda demorariam semanas, eles podiam muito bem ter acabado de condenar aquela família à morte por fome.

Havia seis deles, dois no assento do cocheiro e quatro ladeando a carroça para guardá-la. Por sorte, tínhamos deixado a estrada principal uma hora antes, e estávamos viajando em paralelo a ela, protegidas pelas árvores que se erguiam dos lados da estrada. As arduinitas trocaram um olhar e sacaram seus arcos. Minha pele formigou de antecipação quando percebi o que elas pretendiam fazer. Também saquei meu arco, pois não ficaria parada sem fazer nada, dando a Aeva a oportunidade de questionar minha habilidade ou compromisso.

Floris acenou levemente para mim com a cabeça, em seguida gesticulou em silêncio para designar um soldado para cada uma de nós. Eu devia cuidar de um dos homens da retaguarda.

Isso não era diferente dos alvos do convento, disse a mim mesma. O que era mentira, claro. Era completamente diferente, pois aqueles homens eram de carne e osso, seus corpos ainda pulsavam com vida.

Respirei fundo e apontei a flecha. O soldado era magro e sujo, e estava se gabando para seus colegas sobre como o fazendeiro quase havia se mijado de terror quando ele o provocara com sua

espada. Naquele segundo, tudo mudou. *Era* exatamente como atirar em alvos.

Minha visão se estreitou até que todo o mundo se reduzisse ao soldado francês. Apertei os olhos contra o sol pálido de inverno, bloqueei o trinado suave dos pássaros, e calculei a força da brisa.

Mas, quando estava pronta para atirar, por um breve instante, meus dedos se recusaram a soltar a flecha. Praguejei por dentro, e depois soltei os dedos da corda do arco, deixando que a flecha voasse. Para que ninguém suspeitasse que eu havia hesitado, rapidamente preparei outra flecha e a disparei também. O ar se encheu com uma série curta de pancadas surdas, e observei minha flecha acertar o guarda da frente segundos antes de Aeva. Ela virou a cabeça e olhou para mim.

– Ele era meu!

Dei de ombros.

– Ele ia pegar a faca. Eu não tinha ideia do quanto ele seria preciso ao atirá-la.

Aeva olhou para mim com uma mistura de admiração rancorosa e irritação.

Floris começou a dar ordens.

– Tola, pegue a carroça e veja se consegue devolvê-la a seu dono. Aeva, vá com ela. Você pode sugerir que eles escondam seus suprimentos melhor, a menos que não queiram comer nada mais que grama fresca e torrões de terra.

Desviei os olhos, sem querer observar enquanto Aeva e Floris jogavam os corpos de um lado para o outro como sacas velhas de grãos, e precisei me esforçar para impedir que o embrulho azedo em meu estômago me fizesse passar mal. Era a excitação, disse a mim mesma. A excitação de finalmente ter matado pela primeira vez.

Aquilo era o que eu tinha sido treinada para fazer, mas não senti o júbilo nem a justiça que esperava sentir. Precisei me lembrar que aqueles eram soldados franceses que tinham matado vários bretões, e matariam muitos outros, apenas para confiscar sua comida.

Depois que Tola estava com a carroça, Aeva subiu no assento ao

lado dela. Combinamos um lugar e hora para nos encontrarmos mais tarde. Elas seguiram pela estrada, e Floris me olhou de lado.

– Foi um belo tiro.

– Obrigada. Tenho anos de prática.

– Você superou Aeva no segundo tiro dela – observou.

Um pedido de desculpa começou a se formar em meus lábios, mas, em vez disso, eu disse:

– Achei que o elemento surpresa fosse importante.

Floris acenou a cabeça solenemente.

– Era, mas Aeva não gosta de ser superada.

Virei-me e encarei de frente o olhar de Floris.

– Nem eu.

Ela deu um grande sorriso, em seguida mudou de assunto.

– Pode levar horas até elas voltarem, por isso eu e você vamos fazer um pouco de reconhecimento para ver se os franceses se instalaram na cidade ou se espalharam pelo campo.

Passamos a maior parte da tarde cavalgando entre árvores e rastejando de bruços através de arbustos e sarças para nos aproximarmos o suficiente e avaliar a posição do inimigo. Mais de uma vez, eu me vi desejando ter perneiras de couro e uma armadura para me proteger dos ramos, farpas e espinhos afiados que encontramos.

Foi uma tarde muito produtiva, mesmo que desanimadora. Os franceses controlavam os portões da cidade, assim como as muralhas. Guardas adicionais tinham sido posicionados ao longo de todas as três estradas. As maiores fazendas e propriedades rurais próximas tinham sido tomadas, e eu só podia esperar que os soldados tivessem sido piedosos com os moradores das casas que eles haviam roubado.

Enquanto o sol mergulhava mais fundo no céu, tomamos o caminho de volta para o ponto de encontro combinado para ver se Tola e Aeva tinham voltado. Elas já estavam nos esperando fazia alguns minutos.

Enquanto Floris contava às outras o que havíamos descoberto, tentei decidir de que maneira contornar Vannes e seguir até Guérande. Será que as estradas nas proximidades da cidade

também estavam bloqueadas? E se estivessem, quanto ao norte eu teria de viajar para evitar as tropas francesas?

Naquela noite, conduzimos nossos cavalos bem para o norte de Vannes, na direção de uma área de floresta densa. Ao nos aproximarmos, ouvi o som de vozes e cavalos. Olhei inquisidoramente para Floris.

– É nosso acampamento principal – disse ela. – Pois não estamos aqui por acidente, mas por desígnios. Temos a tarefa de proteger os inocentes, assim como os hellequins têm a tarefa de escoltar as almas deste mundo.

A estrada subiu em zigue-zague até chegarmos ao topo de uma pequena elevação. Era uma boa posição defensiva, pois tinha boa visibilidade em todas as direções. Enquanto percorríamos o último trecho da subida, o acampamento das arduinitas surgiu em plena vista.

Havia talvez uma centena de arduinitas lá, todas elas vestidas em calças justas de couro e túnicas de aparência rústica. Havia tendas espalhadas, algumas grandes e outras menores. No sul do acampamento, elas tinham erguido uma cerca em torno de uma área vigiada, onde mantinham uma tropa de alguns dos cavalos mais bonitos que eu já tinha visto. Virei-me para Floris.

– Não tem medo que os batedores franceses encontrem vocês?

Aeva deu um sorriso feroz e congelante.

– Que encontrem. Nenhum deles vai sair daqui vivo.

Floris deu um aceno leve com a cabeça, concordando.

– Tola, você vai dividir uma barraca com Annith. Vá buscá-la nas carroças de suprimentos, e depois de armá-la, me procure. – Com isso, saiu na direção de uma das tendas maiores. Observei enquanto ela apeava, entregava as rédeas para uma jovem arduinita, que não devia ter mais de doze anos, e entrava na barraca.

Antes de fazer o que Floris ordenara, Tola e eu levamos nossos cavalos até a área do curral e cuidamos deles. Joguei meu alforje sobre o ombro e peguei a manta de dormir e o arco, antes de seguir Tola até onde três grandes carroças de suprimentos tinham sido estacionadas. Ela procurou em uma delas e achou uma tenda

enrolada e alguns cobertores.

Escolheu um ponto a meio caminho entre o perímetro do acampamento e o centro. A barraca era simples, feita de couro de boi, e mal cabiam duas pessoas lá dentro, mas nos protegeria do vento e da umidade.

Mesmo assim, eu não pretendia ficar lá por muito tempo.

Quando Floris e Aeva tornaram a se juntar a nós, disse a elas exatamente isso.

– Obrigada por me permitirem viajar com vocês até aqui, mas vocês têm deveres, então vou partir pela manhã e viajar o resto do caminho até Guérande sozinha.

– Como? Você mesma viu que todas as estradas estavam sendo vigiadas pelas tropas francesas.

– Vou viajar rumo norte, longe o suficiente para evitá-los, depois vou fazer uma grande volta antes de tornar a seguir para o sul na direção de Guérande.

Floris inclinou a cabeça e me estudou.

– Mas a estrada do norte está bloqueada.

– Então não vou usar a estrada.

– Mas e os hellequins?

– Não vou deixar que eles me detenham. Vou procurar cidades fortificadas e igrejas onde passar as noites.

– Como você pode ter tanta certeza de que vai haver uma em toda parte de sua jornada? – A voz dela era gentil ao observar o quanto eu estava deixando minha sorte ao acaso.

– Não tenho certeza, mas vou conseguir. – Pensei em pedir a elas que me ensinassem a desenhar aqueles sinais de proteção. Tola faria isso, com um pouco de persuasão.

Aeva cruzou os braços e olhou para mim com repulsa.

– Você abandonaria todos esses inocentes e os deixaria para os franceses para vingar alguém que já está morto?

– Aeva! – A voz de Floris foi dura. – Isso é escolha dela, não sua.

Meu olhar se fixou com firmeza no de Aeva.

– Todos esses inocentes têm as seguidoras de Arduinna para cuidar de sua segurança. Matelaine tem só a mim para vingar sua morte. Não posso permitir que tal coisa aconteça outra vez com uma

filha de Mortain.

Aeva deu uma gargalhada.

– Você quer proteger as filhas da Morte contra a morte?

– Não, eu quero protegê-las contra a traição que levou minha irmã à morte.

Todas caíram em um silêncio. Mas as palavras de Aeva tinham plantado uma pequena semente de culpa em mim, que começou a crescer, pois havia verdade no que ela dizia. Enfrentar a abadessa o mais rápido possível não traria Matelaine de volta. O mais importante era pensar com cuidado para não deixar que minha própria teimosia me jogasse direto nos braços dos hellequins. Quem vingaria Matelaine se eles me capturassem?

– Fique pelo menos mais uma noite – sugeriu Floris. – Para que nossas batedoras possam nos informar sobre as posições francesas. Assim, você vai conseguir evitá-los, mesmo que não os hellequins.

Com impaciência, Tola enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Nós não podemos ensinar a ela os sinais de proteção, para que ela consiga se proteger?

A resposta de Aeva foi rápida e clara:

– Não! Ela não é uma de nós, e não tem direito aos nossos segredos.

– Obrigada – disse eu com frieza. – Mas não desejo que ninguém traia seus segredos. Entretanto, ser capturada ou morta tentando vingar Matelaine só vai garantir que a verdade morra comigo, por isso vou ficar mais um ou dois dias para pensar em outros planos possíveis. – Virei-me para Floris. – Se vocês me aceitarem.

– Mas é claro. Você é bem-vinda para ficar o quanto quiser. – Ela deu um sorriso rápido. – Você também é mais que bem-vinda para lutar conosco. Isso pode ajudar a aliviar um pouco dessa dor que você está sentindo.

A sugestão me surpreendeu.

– Isso é permitido?

Aeva escarneceu.

– Ela não vai se rebaixar cavalgando conosco. Ela vai ficar e se

esconder em nosso acampamento enquanto fazemos o trabalho duro.

– Estou ficando cansada de suas reclamações e insultos.

– Então faça algo em relação a isso. Algo além de ficar sentada reclusa atrás de seus muros de pedra, aventurando-se apenas quando a morte se digna a fazer uma visita, sem compreender que a morte é a parte fácil.

– A parte fácil?

– Basta, Aeva! Todos nós que servimos nossos deuses temos papéis a cumprir. E existem muitos homens que discordariam de sua crença de que suas mortes foram fáceis. – Os olhos de Floris ficaram sombrios com a lembrança de alguma dor, e eu desviei os olhos para lhe dar alguma privacidade.

Estavam me oferecendo uma chance. Eu não sabia se a oferta vinha de Mortain ou de Arduinna, apesar de não imaginar por que ela me ofereceria tal coisa. Tampouco podia imaginar por que Mortain enviaria hellequins para me perseguir, e depois permitir que eu usasse minhas habilidades para escapar deles. Mas só porque eu não podia entender as razões dos deuses não significava que eu deixaria passar essa oportunidade. Eu queria uma vida fora daqueles muros de pedra dos quais Aeva escarnecia; eu mesma escarnecera deles de modo bem parecido quando temi ficar aprisionada em seu interior pelo resto de meus dias. Essa podia ser minha única chance. Não sabia como as coisas iam se desenrolar com a abadessa quando eu a encontrasse em Guérande, mas eu me sentia como uma criança faminta que precisava comer todos os doces naquele instante, antes que fossem levados embora para sempre.

– Sim. – As palavras caíram no silêncio, fazendo com que todas olhassem para mim. – Sim, vou seguir com vocês e ajudar sua causa.

– Bem. – Os olhos de Aeva se demoraram sobre o meu vestido de viagem. – Você não pode lutar conosco assim.

– Claro que não. – Tola pegou minha mão e praticamente me arrastou para longe das outras. – Vou cuidar para que ela esteja equipada de modo apropriado.

Se lutar para abrir passagem através dos soldados franceses fosse o único caminho para chegar até a abadessa, que fosse. Eu lutaria contra eles, contra cada maldito soldado.



Depois de me arrastar até as carroças de suprimentos, Tola procurou e depois me entregou um par de calças de couro, uma túnica de couro macio e um cinto. Desapareci em nossa pequena barraca, tirei meu vestido e vesti minhas roupas novas. As calças pareciam uma segunda pele, e a túnica era ao mesmo tempo mais grossa e macia que meu vestido. Quis ter um espelho para ver como eu ficava naquelas roupas estranhas, mas claro que não havia nenhum. Sentindo-me constrangida, saí da tenda. Tola acenou a cabeça em aprovação.

– Viu? Você vai se movimentar com muito mais liberdade assim.

E era verdade. Em seguida, Tola se ofereceu para fazer uma trança em mim. Sentei em um tronco próximo e joguei o cabelo por cima dos ombros para que ela os alcançasse com mais facilidade. Enquanto seus dedos se ocupavam, fazendo fileiras e fileiras de trancinhas, ela me contava qual era seu cavalo favorito e sobre sua empolgação com a nossa missão. De repente, ela parou e ficou em silêncio por um bom tempo.

– O quê? – perguntei por fim. – O que é?

Ela passou o dedo por minha nuca, logo abaixo da linha do cabelo.

– Onde você conseguiu essa marca?

– Que marca?

– Você não sabia?

– Não. Como ela é?

– Não é nada, deixe para lá. Deve ser alguma espécie de marca de nascença. – E então ela voltou a trançar meu cabelo.

Capítulo Vinte e Dois

Mesmo quando estavam em acampamentos grandes, as arduinitas se mantinham em pequenos grupos, ou clãs, como elas chamavam, que variavam de três a até uma dúzia de mulheres. Fogueiras decoravam o chão como os vaga-lumes do verão; suas chamas tremeluziam, alaranjadas, na noite ameaçadora.

Ao me aproximar de nossa fogueira, Tola e Floris pararam de conversar e se viraram para mim. Tola sorria orgulhosamente como uma jovem mãe, e de repente me senti tímida em meus novos trajes. Floris deu um sorriso caloroso, e até Aeva soltou um resmungo mal-humorado em aprovação (seria possível?). Havia quatro codornas em um espeto sobre o fogo, e minha boca se encheu de água com o cheiro de carne assando.

Floris e Tola, mesmo sempre amistosas comigo, pareciam especialmente relaxadas em minha presença naquela noite. Talvez fosse por estarem cercadas por um grande número de irmãs. Qualquer que fosse a razão, eu a apreciei, pois queria fazer perguntas, e seria muito mais fácil se eu não tivesse de enfrentar desconfiança nem hostilidade.

Quando estávamos jantando e toda sua atenção estava voltada para a comida, eu comecei:

– Floris, você disse que era uma sacerdotisa de Arduinna. Como as sacerdotisas são escolhidas? – Lancei um olhar rápido para Aeva, preparando-me para um protesto, mas não houve nenhum.

– As seguidoras de Arduinna podem escolher serem sacerdotisas se estiverem dispostas a se submeterem aos nove anos de treinamento necessários. Depois de completar isso, elas se revezam no serviço da deusa em épocas diferentes do ano, e retomam suas obrigações normais no resto do tempo. – Ela inclinou a cabeça com curiosidade. – Não é assim no seu convento?

– Não, nosso funcionamento é mais semelhante aos da Igreja nova. Temos uma abadessa que administra tudo, e também uma vidente que nos ajuda a interpretar os desígnios de Mortain. – Antes que ela pudesse pensar em questionar como nossas videntes eram escolhidas, apressei-me em fazer minha pergunta seguinte: – Quem lidera todas vocês? Com tantos grupos, sem dúvida vocês devem precisar de alguém para resolver as diferenças.

Floris jogou o último osso de codorna no fogo e se recostou, ficando mais confortável.

– Claro. Se não puder ser resolvido pela líder do clã, o problema é levado à suma sacerdotisa e seu conselho de sacerdotisas em serviço.

– E se isso não resolver? Digamos, se as sacerdotisas não conseguirem concordar, ou se forem contrariadas pela suma sacerdotisa? Que recurso restaria para as outras?

Floris me estudou com atenção.

– Então iríamos submeter à votação, e todas nós teríamos uma opinião sobre a questão.

Ignorei as dezenas de perguntas que brilhavam em seus olhos e voltei a atenção para o meu jantar. Arrependi-me por ter dado a entender que pudesse haver alguma discordância em nosso convento, mas era muito útil saber como outros que serviam aos nove resolviam suas disputas.



Em pequenos grupos de quatro ou cinco, totalizávamos mais de cinquenta cavalgando para enfrentar os franceses. O trabalho de Arduinna não se tratava de batalhas em larga escala, mas de proteger os inocentes e os humildes que outros destruíam muito rapidamente no processo da guerra.

Eu lamentava não estar fazendo o trabalho de meu próprio deus, mesmo satisfeita com a possibilidade de finalmente poder usar minhas habilidades a serviço de algum outro deus.

Também estava satisfeita por ter me misturado tão bem com as arduinitas que cavalgavam ao meu lado. Um observador jamais saberia que eu não era uma delas, nem que era a mais nova entre elas. Floris liderava nosso grupo, que, além de mim, continha Aeva, Tola e Odila, uma arduinita quase tão velha quanto Floris. Fortune também se misturava com as outras montarias. A única diferença era seu estilo de sela.

Naquele dia, não íamos nos aventurar na cidade propriamente dita. Em vez disso, abordaríamos as fazendas e casas nos arredores na esperança de protegê-las de novos ataques.

O fazendeiro cuja carroça fora devolvida por Tola e Aeva dissera que os franceses haviam chegado quatro dias antes, e que o dia anterior fora o primeiro que passaram à procura de comida. Tínhamos esperança de que outros fazendeiros ainda não houvessem sido saqueados.

A primeira fazenda pela qual passamos estava abandonada. Era a mais próxima da cidade, e pelo visto a família que vivia ali não tinha perdido tempo arrumando todos os seus pertences e animais e para partir.

A segunda fazenda era habitada por um sujeito mais teimoso: ele nos cumprimentou com um forcado em uma das mãos e um porrete na outra.

– Paz – disse Floris, erguendo a mão. – Nós viemos apenas nos certificar de que você está protegido dos franceses.

– Deixem só eles tentarem levar meus carneiros. Eu não cuidei deles durante o inverno inteiro para alimentar um bando de porcos franceses.

Floris conseguiu, por muito pouco, não sorrir.

– Ficamos felizes em ouvir isso. Só que eles são centenas, e você, apenas um. Por isso, se tem família, é melhor ir ficar com…

Ele deu uma cusparada para o lado.

– Eu não vou ser expulso de minha própria terra. Quem mandou vocês?

– Arduinna, a santa padroeira dos inocentes.

– Se esse homem for inocente, eu como meu arco – murmurou Aeva.

No fim, não conseguimos convencê-lo a ir a lugar algum, mas pelo menos ele não tinha esposa nem filhos que pudessem ser feridos.

Conforme nos aproximávamos do posto de controle francês, Floris gesticulou para que Aeva e Odila desmontassem. Elas deixaram os cavalos conosco e seguiram furtivamente adiante, desaparecendo rapidamente nas moitas que margeavam a estrada. Tola praticamente tremia em antecipação. Floris olhou para ela.

– Você vai na próxima.

Ouvimos com atenção, mas não escutamos nada. Bom. Isso significava que os soldados também não poderiam ouvi-las. Quase quinze minutos mais tarde, dois baques surdos e distantes romperam o silêncio, e um bando de pássaros levantou voo em pânico. Quando tudo silenciou, Floris acenou a cabeça em aprovação.

Não era agradável rastejar pelas moitas, aproximar-se das pessoas às escondidas e emboscá-las. Eu preferia muito mais o modo como nós, que servíamos Mortain, fazíamos – encarando nossas vítimas e nos assegurando de que elas sabiam por que estavam sendo punidas. Mas aquilo era guerra, e tinha seu próprio conjunto de regras, mesmo que eu não o tivesse estudado.

No dia seguinte, nossa missão revelou-se mais difícil, pois a informação de nossa emboscada tinha sido transmitida aos franceses, que haviam triplicado o número de homens em seus postos de controle. Só que eles fizeram mais que aumentar as sentinelas: começaram a pilhar ferozmente o campo. Vimos quatro grupos diferentes cavalgando em todas as direções, ávidos para encontrar qualquer alimento e provisões que pudessem antes que bloqueássemos seu acesso.

Naquele dia, matei mais três homens, todos eles soldados franceses. Estava grata que o arco fosse a arma favorita de Arduinna, pois era mais fácil para mim matar a distância, e fiquei satisfeita por aquele enjoo azedo não retornar ao meu estômago a cada morte.

Bem, ao menos não com a mesma força do primeiro dia.



Atormentamos os franceses sempre que podíamos, interrompendo sua cadeia de suprimentos e suas surtidas por alimentos, protegendo os inocentes ameaçados e recrutando os capazes para nossa causa. Floris estava certa: era um bom modo de liberar um pouco da dor pela morte de Matelaine. Era um trabalho duro, não só fisicamente, mas mentalmente, pois exigia paciência e astúcia para espreitar o inimigo, antecipar suas ações, e organizar as ações de outras pessoas, muitas vezes indisciplinadas e temerosas – elas tinham medo tanto dos franceses *quanto* das arduinitas, pois elas eram personagens lendárias.

Nos dias que se seguiram, matei mais sete soldados. Nenhum deles tinha a marca, mas não senti meu estômago embrulhar tanto de novo. Jamais iria gostar de matar, mas tinha de admitir que impedir que aqueles homens fizessem mal aos outros, fosse deixando-os famintos, fosse estuprando-os ou queimando suas fazendas, parecia justificado, especialmente quando não havia marca para me guiar.

Ficava mais fácil quando eles avançavam para nos atacar, pois aí matar se tornava um mero reflexo de autoproteção.

No décimo dia, uma das batedoras arduinitas chegou ao acampamento a cavalo e apeou antes mesmo que sua montaria parasse.

– O exército bretão chegou! – gritou ela, e as pessoas deram vivas.

Levou uma semana, mas as tropas bretãs, carregando a bandeira do marechal Rieux, conseguiram expulsar os franceses de Vannes. Foi por meio dessas tropas que soubemos que a duquesa não estava mais em Guérande. Na verdade, ela havia levado toda sua corte para Rennes em fevereiro.

– Rennes – repeti de modo estúpido.

Eu podia ter chegado a Rennes simplesmente seguindo direto para o norte por três ou quatro léguas, sem sequer precisar me

preocupar com os malditos franceses. Fui tomada pela frustração, e Floris e Tola me olharam de maneira estranha.

– Então preciso ir para Rennes. Vou partir hoje.

Floris concordou com a cabeça.

– Está na hora.

Ao ver minha surpresa diante de seu consentimento fácil, Tola se aproximou para murmurar em meu ouvido:

– Ela teve outra visão – explicou.

Floris ergueu a cabeça e olhou para o norte.

– Alguém no palácio da duquesa fez a oferenda sagrada pedindo a ajuda de Arduinna, e nós devemos honrá-la. Portanto, vamos viajar com você para Rennes.

Capítulo Vinte e Três

Floris, Aeva e Tola me acompanharam apenas até a ponte que levava aos portões de Rennes.

– Diga à duquesa que atendemos ao seu chamado, e vamos ajudá-la de todas as maneiras que pudermos – disse Floris. – Vamos aguardar suas instruções em nosso acampamento.

– Vocês não vêm comigo ao palácio?

– Não – disse Aeva. – Evitamos cidades sempre que possível. Elas são muito opressoras.

– Vamos montar nosso acampamento principal ali. – Floris apontou para o norte, onde a linha de árvores encontrava o vale. – O resto de nossas forças deve chegar em alguns dias.

– Como a duquesa mandou uma mensagem a vocês?

Floris sorriu.

– Através de você, é claro. Estaremos escondidas. Você pode vir nos encontrar sempre que quiser. – Ela voltou os olhos para as pessoas entrando e saindo da cidade, a maioria das quais eram soldados. – Sempre que há muitas tropas por perto, haverá inocentes precisando de proteção. – Contrariada, seus lábios se curvaram de leve. – Tenha certeza de que teremos muita coisa com que nos ocupar.

Eu me despedi delas e agradeci por toda a ajuda. Não consegui encontrar palavras para dizer que nosso encontro tinha sido muito mais do que simplesmente cavalgar com elas em segurança. Sentia como se elas tivessem aberto meus olhos para um modo de ser completamente diferente, de viver em grupo, e aquilo me deu muito sobre o que pensar.

Eu tinha me acostumado com a companhia e me senti quase nua sem elas quando conduzi Fortune na direção da cidade. Seus cascos ecoavam no vazio sobre a ponte de madeira.

As grandes muralhas de pedra de Rennes se estendiam até onde alcançavam os olhos, como os braços de uma mãe mantendo os filhos em segurança. Sentinelas e vigias patrulhavam as passarelas no alto dos muros, e guardas controlavam o portão. Eles não estavam parando pessoas que entravam ou saíam, mas seus olhos estavam atentos enquanto examinavam a multidão à procura de problemas.

E faziam bem, pois havia gente por toda parte. De fato, eu nunca tinha imaginado que tanta gente pudesse viver em um lugar murado. Ou que pudessem querer isso.

E Floris tinha razão: a cidade parecia tomada por soldados. Eles superavam os moradores na razão de cinco para um, pelo menos. A maioria não parecia estar em serviço, estavam apenas circulando em grupo pelas ruas. Havia um ar entediado e irrequieto nos homens que me fez me perguntar se as sentinelas não deviam apontar o olhar para o interior dos muros, em vez de para o exterior.

Afastei meus pensamentos dos soldados e olhei para a própria Rennes. Era enorme e muito mais grandiosa que Vannes, apesar de eu ter visto bem pouco dessa outra cidade, e na pior das circunstâncias. As ruas de pedras estavam cercadas por lojas e casas de madeira de dois ou três andares, pintadas de cores vistosas. A torre de uma grande catedral erguia-se no meio da cidade, como um farol.

Meu olhar encantado atraiu a atenção das pessoas – bem, isso e meu traje estranho, pois, mesmo que eu tivesse colocado uma saia sobre minhas calças, ainda estava vestida basicamente como uma arduinita. Três soldados parados perto de um ferreiro olharam para mim, e conduzi Fortune para outra rua antes que eles pudessem pensar em criar algum problema. Eu não me importaria em lutar contra eles, mas o lugar todo parecia uma pilha de gravetos, e eu não queria ser a centelha que colocaria fogo em tudo.



Quando me aproximei da sentinela no palácio, ela me deu um sorriso preguiçoso, que respondi com um risinho tranquilo.

– Estou aqui para ver a abadessa de Saint Mortain.

Gostei mais do que deveria quando o sorriso desapareceu de seu rosto e o homem ficou em posição de sentido.

– Seu nome?

– Diga a ela que Annith está aqui.

Ele fez uma breve reverência, gesticulou para chamar um pajem de um pequeno grupo de garotos parado junto da porta e lhe deu instruções. O garoto, que tinha uns olhos vivos e um sorriso travesso que me lembrou Audri, fez uma reverência protocolar para mim, e saiu correndo para o interior do castelo. Fui enviada para a antecâmara, e tentei não ficar babando, boquiaberta, como se tivesse acabado de chegar do campo.

A irmã Beatriz sempre nos falava sobre a grandeza que encontraríamos quando nossos deveres nos levassem à corte ducal, mas, como tinha aprendido nas semanas anteriores, havia uma diferença entre ouvir falar de uma coisa e experimentá-la. A irmã não era uma artista, e suas palavras não chegavam nem perto de pintar um quadro verdadeiro.

Só a antecâmara era tão grande quanto nossa capela e casa capitular juntas, e era ricamente decorada com tapeçarias coloridas, que ajudavam a absorver o frio que entrava pelas portas principais. Os painéis de madeira tinham entalhes intricados, e eu tive vontade de passar os dedos por eles para sentir a textura delicada da madeira.

Ainda mais impressionante, porém, era o número de pessoas no local, igual à população de uma pequena aldeia. Mais de doze sentinelas e soldados, alguns pajens e grupos de cidadãos bem vestidos e nobres vestidos com ainda mais elegância se misturavam. Aquela era a única coisa para a qual a irmã Beatriz tinha nos preparado bem: a elegância dos trajes daqueles nobres, pois suas roupas eram tão elaboradas e decoradas com tamanho luxo quanto ela nos dissera que seriam. Também percebi que a maioria deles estava parada com as cabeças bem próximas, absortos em conversas intensas. Será que já sabiam do ataque dos

franceses em Vannes? Ou havia alguma outra notícia os deixando nervosos?

Vi o pajem voltar apressado em nossa direção antes da sentinela, com olhos arregalados e sobrancelhas erguidas.

– A senhora disse para enviar Annith imediatamente. Eu mesmo devo acompanhá-la. – Ele disse esta última frase com boa dose de orgulho.

A sentinela me lançou um olhar curioso antes de acenar com a cabeça e permitir minha entrada. Apressei-me para alcançar o pajem, que aparentemente não queria caminhar quando podia correr.

Agora que eu estava realmente a segundos de encarar a abadessa, as palmas de minhas mãos estavam úmidas. Maravilhei-me por ter encarado e sobrevivido aos perigos dos hellequins e dos franceses – apesar disso, era aquela conversa que fazia minhas mãos suarem. Eu não ia sucumbir àquele medo.

Eu tinha provado sangue em minha primeira batalha, e na segunda e na terceira também.

Eu tinha vivido no mundo real, com todas as suas confusões e problemas, selvageria e beleza, e jamais poderia esquecer o que tinha visto. Jamais poderia deixar de saber o que agora sabia. Mais importante ainda: algo em meu âmago havia despertado, e uma vez que eu tinha andado pelo mundo totalmente consciente, era impossível me fazer voltar ao sono. Talvez fosse por isso que a abadessa me segurara. Talvez, por alguma razão que eu sequer imaginava, ela tivesse medo exatamente disso.

Depois de me conduzir por um corredor e depois outro, o pajem parou diante de uma grossa porta de carvalho e bateu nela rapidamente.

– É Annith, *milady*.

– Mande-a entrar. – A voz da abadessa estava nítida como um sino, mesmo através da porta.

– É *madre superiora* – sussurrei para ele.

Ele franziu o cenho para mim.

– O quê?

– Uma mulher de sua posição não é chamada de *milady*, mas de

madre superiora.

Seu rosto assumiu momentaneamente uma coloração rosada.

– Por que ninguém me disse isso? – Com uma expressão aborrecida, ele sacudiu a cabeça e voltou pelo corredor, apressado. Respirei fundo, levei a mão à porta e entrei.

A abadessa estava à minha espera, sentada atrás de sua mesa, ereta e rígida. Seu rosto estava pálido; suas narinas, franzidas; a pele, tensa sob os traços finos. Na verdade, sua fúria mal contida tinha o peso e a substância de algo vivo.

– Madre superiora. – Eu fiz uma reverência precisa.

Ela não se incomodou com as formalidades.

– Qual o significado disso, Annith? O que você está fazendo aqui em Rennes?

– Vim informá-la que Matelaine está morta.

A raiva que vincava seu rosto não se atenuou. Não houve nenhum vislumbre de surpresa, remorso nem pesar.

– Por mais que me entristeça saber disso, não havia razão para você mesma trazer a notícia. Uma mensagem teria sido suficiente. Você está apenas usando isso como desculpa para escapar de uma tarefa que você não deseja desempenhar.

A lembrança de Matelaine e seu corpo frio e imóvel deitado sobre as tábuas duras de madeira da carroça funerária ressurgiu, apertando meu coração até ele voltar a sangrar. Cerrei os punhos e os enfiei na saia, para que ela não visse.

– Não. Uma simples mensagem *não* teria sido suficiente, pois eu queria olhá-la no rosto quando a acusasse de ser responsável pela morte dela. Matelaine está morta devido a sua negligência e teimosia.

Ela engasgou com o ar, então eu soube que minhas palavras a haviam atingido.

– O que você quer dizer com isso?

Ao reabrir a recente ferida da morte de Matelaine, toda a dor tornou a fluir, quente e amarga.

– A senhora a mandou para o exterior antes que ela estivesse pronta. A senhora sabia que era cedo demais. A irmã Thomine a alertou. Eu a alertei, mas mesmo assim a senhora a enviou…

– Silêncio! – A voz dela cortou minhas palavras como uma faca. Ela espalmou as duas mãos sobre a mesa, apoiou-se nelas e se levantou. – Como você ousa? Como ousa entrar aqui gritando como uma plebeia sem educação, me repreendendo?!

Dei um passo na direção da escrivaninha, desfrutando do modo como seus olhos se arregalaram em surpresa.

– Ouso porque Matelaine não pode fazer isso pessoalmente. A senhora a traiu, traiu o santuário e a confiança das noviças, e eu gostaria de saber a razão disso.

– Confiança! Vamos falar de confiança e do fato de você ter me desobedecido abertamente. Você deixou o convento e seus deveres sem permissão. Você não pensou nas outras que colocou em risco com suas ações? Você não pensou nem uma vez em deixar o convento sem ninguém para Ver os desígnios de Mortain? Sou eu quem a acuso de trair minha confiança.

Descartei suas acusações com um breve aceno de mão.

– Não tenho o dom da vidência, e a senhora sabe disso. Por que enviou Matelaine quando ela não estava pronta? Qual a verdadeira razão por ter me segurado?

A abadessa fechou os olhos por um momento, então respirou fundo. Quando tornou a abri-los, estava mais calma, com menos raiva. Ela sorriu, um sorriso atraente, beatífico, parecia que estava lançando uma rede pegajosa, na esperança de me capturar com seus modos sedutores. Mas ela estava oferecendo uma isca envenenada, eu agora percebia isso.

– Querida Annith, admiro sua lealdade em relação àqueles com quem se preocupa. Mas você deve entender que eu, enquanto abadessa, tenho deveres que estão muito além da segurança ou do conforto de um indivíduo. Devo usar todos os recursos disponíveis da melhor maneira possível para assegurar que os desígnios de Mortain sejam cumpridos. Você sabe disso. Quem está falando é sua decepção e inveja. – Sua voz era delicada, até simpática, e ela se envolvia ao meu redor em uma tentativa de me atrair de volta à sonolência.

Por um cortante e doloroso momento, senti falta de um mundo onde tudo fazia sentido.

– Eu *fiquei* decepcionada, até com inveja, mas agora isso é apenas uma pequena parte do que sinto. Ao não me mandar para o exterior quando eu deveria ter ido, a senhora também me deu um papel na morte de Matelaine, e, para expiar isso, vou cuidar para que a senhora seja responsabilizada por seus atos.

A abadessa foi a primeira a desviar os olhos. Ela tentou ocultar isso com um gesto – um largo aceno com a mão, como se estivesse irritada, mas seus olhos se viraram, e eu soube que era uma pequena vitória minha.

– Você acha mesmo que eu trato as noviças de modo diferente do que as abadessas ao longo dos séculos trataram? Acha que Dragonette teria pensado duas vezes em usar as ferramentas à sua disposição?

– Seus métodos podem ser mais delicados, mas o que a senhora fez foi uma traição. Pelo menos com Dragonette nós não teríamos sido enganadas por uma falsa sensação de bondade e preocupação. Nós não fomos forçadas a acreditar que ela levava nossos melhores interesses em consideração.

Menos eu. Eu *tinha sido* estúpida e cega demais, e mesmo agora ainda não sabia se Dragonette gostava mais de mim que das outras ou se me odiava absurdamente.

Os lábios da abadessa se apertaram e suas pupilas se contraíram, eram dois pontos negros em órbitas de seda azul.

– É assim que você me agradece por todos estes anos de bondade com você? Por tudo o que fiz para você?

– Não quero sua bondade, se o custo é a vida de outros. Mesmo que a senhora esteja disposta a pagar tal preço, eu não estou. – E isso era a essência da coisa. A podridão no âmago de seu carinho por mim.

Ela ergueu a mão, como se defendesse um golpe.

– Basta. Não tenho tempo para disciplinar uma noviça desobediente. Há muitos problemas que ameaçam destruir nosso país e nossa fé. Tenho vontade de amarrá-la em uma carroça e mandá-la de volta ao convento. – Ela ficou em silêncio por algum tempo, e eu me perguntei se viu alguma coisa em meu rosto que a fez reconsiderar. – Mas, por enquanto – prosseguiu –, vou mandar

que a acompanhem a seus aposentos, onde vai permanecer até que eu a chame.

Ela saiu de trás da escrivaninha e passou por mim. Eu imaginei o que ela faria se eu estendesse o braço, segurasse-a pela manga e exigisse uma resposta. Minha mão se contorceu, mas não consegui fazer isso.

Ela abriu bruscamente a porta para chamar um pajem.

– Onde estão Ismae e Sybella? – perguntei.

Diante de minha pergunta, ela congelou, e virou-se para me encarar.

– Ismae está aqui, acompanhando a duquesa. Sybella… Sybella está fora, em uma missão. Na verdade, eu devo preparar você… é possível que ela não volte. Mesmo que sobreviva à tarefa que Mortain determinou para ela, sua própria vontade de morrer pesa sobre ela ultimamente, e não sei ao certo o que ela pode estar pensando.

Fui tomada por uma nova onda de fúria, mas, antes que pudesse fazer alguma coisa, o pajem chegou. Ignorando-me, ela se virou para ele:

– Cuide para que lady Annith receba um quarto na ala oeste, depois mande que as criadas preparem um banho. – Ela se virou para mim e me examinou com seu olhar abrasador. – Você fede a couro mal curtido e fumaça de madeira.

Capítulo Vinte e Quatro

Sozinha no quarto e sentindo-me tão sem ossos quanto uma enguia, eu me sentei em um dos banquinhos.

Eu tinha conseguido. Tinha encarado a abadessa e a desafiado. Todo o meu ser tremia com as consequências disso.

Desde criança, eu sabia em meu âmago que, se não queria ser expulsa do único lar que eu já conhecera ou perder as únicas e pequeninas migalhas de afeição que já recebera, precisava fazer e ser exatamente o que as freiras desejavam.

E agora eu tinha feito tudo desmoronar em uma desordem louca.

A batida na porta quase fez meu coração sair voando de meu peito. Apertei a saia nas mãos, levantei, empinei o nariz e torci para que a confusão de emoções que estava sentindo não transparecesse em meu rosto.

– Entre.

Eram apenas duas criadas trazendo uma banheira de cobre. Deixei-as enchendo-a e fui olhar pela janela; a conversa baixinha das mulheres caiu sobre mim como uma chuva suave.

A abadessa podia muito bem tentar me obrigar a voltar para o convento, em silêncio e em desgraça, mas eu não ia. Não assim. Na verdade, não havia como retornar, pois a abadessa não me deixaria voltar vitoriosa, e eu me recusaria a fazer isso derrotada.

– *Milady* precisa de ajuda com o banho? – Levei um momento para me concentrar na voz da criada.

– Não, obrigada. Posso cuidar de mim mesma. – Quando fiquei sozinha, tirei a saia, depois removi as calças de couro que usava por baixo, torcendo o nariz. A abadessa tinha razão: eu estava fedendo.

Retirei minha combinação, conferi se a toalha de linho e o pequeno pote de sabão estavam a meu alcance, e em seguida me

afundei na água quente e fumegante. Tentei me acalmar e simplesmente me sentir satisfeita por estar ali. Tinha conseguido chegar a Rennes e apresentar minhas reclamações à abadessa. Considerando todos os perigos e desvios da jornada, tinha conseguido muito mais do que jamais esperei alcançar.

Voltei-me para a tarefa de esfregar do corpo uma semana de viagem. Ao terminar, saí da banheira e peguei a toalha de linho. Estava quase seca quando percebi que o único vestido limpo que tinha para vestir estava embolado em minha bolsa havia mais de um mês. Fiz uma careta ao pensar em usar aquela coisa amarfanhada e amarrotada, especialmente após ver toda a riqueza da corte, mas não podia fazer nada. Não podia circular apenas em uma toalha de linho.

Tinha acabado de vestir minha única combinação limpa, ajeitando-a no lugar, quando ouvi uma pequena comoção do lado de fora do quarto. Esperei que fosse a abadessa, querendo recomeçar a discussão anterior, e virei-me no momento em que a porta se abriu. Não era a abadessa, mas…

– Ismae! – Todo o meu corpo se inflamou como uma vela, e antes que me desse conta do que estava fazendo, atravessei o quarto e joguei os braços em volta dela.

Ela levou um instante para fechar a porta com o pé, em seguida me abraçou também.

– É você *mesmo*. O pajem não parava de insistir que havia acompanhado alguém chamada Annith, e eu não parava de insistir que ele devia estar enganado.

Com as mãos firmes em meus braços, ela se afastou para me estudar. Era a mesma Ismae de antes, mas também estava diferente. Havia uma tranquilidade em seu rosto e em suas maneiras, e uma nova agudeza.

– Percebo pelo seu cumprimento caloroso que você não está com raiva de mim.

– Não! – Tornei a abraçá-la, aproveitando a sensação quente e sólida de tê-la em meus braços, segura, viva e ilesa. Obriguei-me a largá-la antes que ela começasse a pensar que eu era uma trepadeira grudenta. – Com raiva de você? Por que eu estaria com

raiva de você?

– Quando você não respondeu minhas duas cartas, achei que talvez a abadessa tivesse contado a você como eu me desviei do rumo que ela tinha determinado para mim.

– Mas eu respondi sua última carta. Aquela em que você perguntava sobre amantes. Você escreveu outras depois dessa?

– Sim. Você não recebeu a mensagem em que eu implorava para que você me contasse qual o antídoto para o laço de Arduinna?

A pergunta me acertou como um soco, pois ela só podia significar que a abadessa confiscara as cartas.

– Não, mas sem dúvida você conhece o antídoto, não? É um de seus dons!

Ismae baixou os olhos para as mãos, como se não pudesse acreditar.

– Agora eu sei, mas não sabia até ser quase tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Ah, temos tanta coisa para conversar! Mas, primeiro, me diga: o que você está fazendo aqui? Como chegou? A abadessa sabe?

Revirei os olhos e fiz uma careta.

– Ah, ela sabe. E está muito aborrecida, o que não é surpresa. Sobre o resto, é uma história longa e complicada.

Ela me estudou por um bom tempo, depois apertou meus braços.

– Vá. Sente-se. Vou providenciar um lanche, daí você vai poder me contar sua história longa e complicada.

– Eu ia gostar disso – respondi.

Ismae saiu pela porta e deu instruções para alguém do lado de fora. Peguei meu vestido na sacola e o vesti pela cabeça. Nesse instante, Ismae virou-se e fez uma careta.

– Você não pode vestir isso. Não nesse estado.

Ela tornou a abrir a porta e mandou que a criada trouxesse um vestido limpo de seus aposentos junto com o lanche. Fiquei maravilhada com as mudanças nela – não apenas as mudanças físicas, que eram evidentes, mas as mudanças em seus próprios modos, como ela se movia pelo mundo e falava com os outros. A garota hesitante que estava sempre pedindo permissão, toda insegura, agora tinha o porte e a confiança de uma de nossas

iniciadas mais experientes. Ela era uma serva completa da Morte, e vivia a vida que eu sempre imaginara para mim mesma. A alegria que senti ao vê-la diminuiu um pouco diante de meu próprio futuro incerto no convento.

– Você mudou – disse eu.

Ela sorriu.

– Você também. – Nós duas nos sentamos, e sua postura refinada desapareceu quando ela se debruçou para frente, com os olhos arregalados e incrédulos. – Você deixou mesmo o convento, contra os desejos da abadessa?

– Deixei. Ah, Ismae. Tenho tanto para contar a você, e a maioria não é coisa boa. Matelaine. – Minha voz ficou presa na garganta e mal consegui pronunciar as palavras. – Matelaine está morta. – Para minha grande surpresa, senti lágrimas se formando, lágrimas que eu não tinha sido capaz de derramar desde que eu vira o corpo da menina. Levei a mão ao rosto. Precisava colocar o resto delas para fora. – A abadessa se recusou a me mandar para o exterior, se recusou sequer a considerar a ideia, e mandou Matelaine. E agora ela está morta.

– Mas ela só tinha quinze anos!

– Eu disse exatamente isso para a abadessa, mas ela não deu ouvidos a meus argumentos e, em vez disso, disse que eu devia ser a vidente do convento.

– Mas isso não faz sentido! Você não mostrou nenhum talento para visões, não desde que eu conheço você. Sem falar que você é a mais habilidosa de todas nós.

Decidi não lhe contar nada sobre minhas visões da infância, pois não sabia se eram importantes.

– Não faz nenhum sentido. É uma traição. O convento faz um acordo com as noviças de que elas vão receber treinamento adequado e ser preparadas antes de serem mandadas para o exterior. Se não, elas acabam sendo apenas uma bucha. – Respirei fundo, incomensuravelmente aliviada por compartilhar tudo aquilo com alguém em quem eu confiava. – E é por isso que estou aqui, para insistir que ela encare a tragédia que seus atos provocaram. Quero responsabilizá-la antes que ela comece a enviar garotas

ainda mais novas em missão, porque pelo visto ela não vai me enviar. – Baixei os olhos para minhas mãos, que estavam retorcidas em meu colo.

Ismae sacudiu a cabeça.

– Nunca entendo por que fui mandada para a corte bretã, e você não.

– Talvez Mortain soubesse que seus dons com venenos seriam necessários. Não sei ao certo se acredito nisso, mas pode ser uma possibilidade.

Ismae acenou a cabeça lentamente.

– Talvez.

– Quando você se encontrou com a abadessa, pouco antes de partir, você conseguiu perceber se foi ela quem tomou a decisão? Ou a irmã Vereda a Viu na corte?

Ela deu de ombros, sem saber.

– A abadessa me informou da missão depois que Duval entrou em seu gabinete e a enfrentou. Se a irmã Vereda Viu algo antes disso ou não, desconheço.

– Bem, se foi decisão de Mortain, é difícil discutir com a abadessa, mas ainda não posso deixar de me perguntar por quê. Será que eu o desagradei de alguma maneira? Falhei em minha devoção ou obediência?

– Não consigo imaginar você fazendo isso.

– Mesmo assim, a decisão da abadessa de não me enviar para o exterior não faz sentido.

– Ela sempre gostou demais de você – observou Ismae.

Não consegui evitar uma expressão de escárnio.

– Só porque eu sempre cumpria perfeitamente minhas obrigações e era extremamente obediente. E… – A honestidade me forçou a admitir. – Acho que ela sentia pena de mim.

– Pena de você? Por quê? – A dúvida ficou clara na voz de Ismae. Ela não acreditava que alguma coisa em minha vida protegida no convento pudesse ter feito de mim digna da pena de alguém.

Fiquei de pé e me ocupei alisando os amassados de meu vestido. Ela merecia uma resposta, mas era tão difícil falar sobre aquelas lembranças, compartilhá-las com outra pessoa, que uma

necessidade de fugir dali quase me tomou completamente.

– A abadessa anterior, a que foi substituída pela abadessa atual, me dedicava uma atenção… especial.

Os olhos de Ismae se estreitaram de preocupação.

– Que tipo de atenção?

Um leve tremor de pânico percorreu meus membros, fazendo com que eu sentisse como se já tivesse falado demais.

– Não é nada importante, e foi há muito tempo. Conte-me, e Sybella? A abadessa disse que ela estava fora em uma missão perigosa, e que eu devia me preparar para a possibilidade de que ela pudesse não voltar.

A expressão de Ismae se fechou. Ela ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro.

– Ah, Annith. A abadessa agiu muito mal com Sybella. Ela a mandou de volta para a mesma família que quase a destruiu.

Todo o sangue se esvaiu de meu rosto, e precisei me agarrar à coluna da cama para me equilibrar. Mesmo naquele momento, eu não desconfiava de tamanha traição. Eu pensava que havia alguma missão para a qual as habilidades únicas de Sybella se revelassem úteis. Mas aquilo? Voltar para a fonte de sua loucura antes que ela estivesse completamente curada?

– E a família dela… é ainda pior do que nós havíamos imaginado. Annith, ela é filha do próprio conde D'Albret.

– O conde D'Albret! O que quase estuprou a duquesa?

Ismae fez que sim.

– Esse mesmo. E ele tem uma história muito mais sinistra do que os piores boatos diziam. Duval nunca confiou nele, por isso sempre foi tão contrário ao casamento. Mas agora que soubemos dos lábios da própria Sybella como o conde D'Albret tratava suas mulheres… – Ela estremeceu. Em seguida, seu olhar encontrou o meu, e seus olhos estavam cheios de horror. – Ele as matou. Todas elas.

– E quantas foram? – murmurei.

– Seis. A duquesa seria a sétima.

Meus joelhos de repente fraquejaram. Sentei-me na cama atrás de mim. Pensar em Sybella crescendo em uma casa como essa, com assassinatos sendo cometidos durante toda a sua infância… Era um

verdadeiro milagre que ela não estivesse irreversivelmente abalada e machucada.

Aquilo também tornava a decisão da abadessa de enviá-la de volta ainda mais terrível, e fui novamente tomada pela raiva.

– E é lá que ela está agora?

– Sim e não. Há três meses, quando a duquesa enfrentou D'Albret e o marechal Rieux diante de Nantes, D'Albret planejou uma armadilha. Foi só através dos esforços corajosos de sua pequena guarda que ela conseguiu ficar em segurança. Um desses guardas era Fera de Waroch.

– Já ouvi falar dele. Dizem que ele é o guerreiro mais valente que nosso país já conheceu. E não foi ele que reorganizou as forças do duque e permitiu que vencêssemos a Guerra Louca?

– Sim. Exatamente. E quando o marechal da duquesa se voltou contra ela, restaram-lhe poucas tropas. A habilidade de Fera em levantar e motivar homens para a luta tornou-se ainda mais crítica em nossa missão. Sob pressão, a abadessa concordou em arranjar para que Sybella o libertasse. Ele estava tão ferido que ela teve de acompanhá-lo até Rennes pessoalmente.

– Então onde está ela agora?

– Annith, a abadessa tentou mandá-la para a casa de D'Albret mais outra vez! Mesmo sabendo que seu papel em auxiliar Fera tinha sido descoberto, a abadessa estava determinada a enviá-la de volta. – Ismae virou o rosto. – Por isso eu tomei o assunto em minhas próprias mãos e disse a Fera o que ia acontecer. – Ela deu um leve sorriso. – Aí ele tomou as coisas para ele.

– Não entendo. Por que ele interviria a favor dela? Porque ela o resgatou da prisão?

Um sorriso divertido brincou nos lábios de Ismae.

– Não só por isso. Ele desenvolveu uma grande… afeição por ela, e ela corresponde, por mais que tenha tentado negar. Então ele a desviou de sua missão e a levou consigo quando foi prestar auxílio às tropas britânicas em Morlaix, mantendo-a longe da abadessa.

Sua expressão outra vez ficou muito preocupada.

– Mas nós recebemos notícias de Fera semana passada. As irmãs de Sybella foram ameaçadas, ela está sendo chantageada para

voltar para a família. Ela e Fera retornaram a Nantes para resgatá-las, mas até agora não ouvimos mais nada. – Ismae olhou para mim com lágrimas brilhando em seus olhos. – Ah, Annith, estou com tanto medo por ela, com tanto medo do que isso irá lhe custar!

Tive de fazer um grande esforço para não sair à caça da abadessa e estrangulá-la com minhas próprias mãos.

– O que podemos fazer? Podemos mandar alguém para ajudar?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não há nada que possamos fazer que não a coloque em perigo ainda maior, por isso agora devemos esperar e rezar. – Ela respirou fundo, depois se sentou no banco à minha frente. – Desde o momento em que fui mandada para o exterior pela primeira vez, nada foi como o que eu esperava. Não era nada preto no branco, como o convento tinha pintado para nós. As pessoas, a política e quem estava errado frequentemente se mostraram só uma questão de qual a sua posição.

"Ainda não sei se a abadessa ocultou a identidade de Duval intencionalmente de mim quando me mandou para a corte ou se achou que eu sabia quem ele era. E o chanceler Crunard? Bem, ele não é mais chanceler. Ele agora está dentro de uma cela de prisão nas profundezas do palácio em Guérande. O chanceler Crunard, que era o contato da abadessa, estava alimentando-a com informações falsas desde minha primeira missão, e possivelmente mais tempo."

De repente, lembrei-me do novo hábito da abadessa de visitar o criadouro de corvos para coletar suas próprias mensagens. Seria esse o motivo?

Fomos interrompidas por uma batida na porta. Duas criadas entraram apressadas, carregando bandejas de comida cujo cheiro fez minha boca se encher de água quando percebi quanto tempo fazia desde que eu havia comido. Enquanto serviam a refeição sobre uma mesinha, uma terceira entrou trazendo um vestido azul-escuro.

– Onde devo colocar isso, *milady*?

– Por enquanto, na cama – disse Ismae, e mais uma vez eu me maravilhei com sua compostura e seu comportamento.

Quando estávamos sozinhas novamente, Ismae se ocupou cortando pedaços do pão e fatiando o queijo. Ela ergueu os ombros em um gesto de desculpas.

– Então o que você diz não me surpreende. Como eu digo, aprendi muita coisa aqui na corte, e não estou muito inclinada a confiar na abadessa. – Ela largou a faca, como se tivesse acabado de tomar uma decisão. – Annith, eu me encontrei face a face com Mortain. Eu O vi tão nitidamente como estou vendo você agora. Ele falou comigo.

Apesar de suas palavras me deixarem atordoada, elas também me encheram de esperança. Sem desejar que Ismae percebesse meus sentimentos confusos, levantei-me e coloquei o vestido que a criada trouxera. Por anos, pensei que eu era a única de Suas filhas que O havia visto. Mesmo que a visão fosse uma fantasia infantil, ela ainda guardava uma promessa sedutora de que eu era a única para quem Ele tinha aparecido. Mas, se outras O tinham visto, isso significava que minhas próprias visões não me predispunham à posição de vidente.

– O que Ele disse? – perguntei por fim.

– Que Ele nos ama. – Sua voz era suave e cheia de fascínio. – Não importa como nós O servimos, a profundidade de Seu amor, a integridade de Sua graça… Ele é muito maior que qualquer coisa que nós possamos imaginar. Ou, aparentemente – acrescentou ela secamente –, o convento.

As palavras de Ismae se envolveram em meu coração, lembrando-me do deus que eu servia e de meu amor por Ele. Como se envergonhada pelas próprias palavras, Ismae pegou a faca e tornou a fatiar o pão.

– Você sabe a natureza da missão de Matelaine? – perguntou ela. – Talvez haja algumas respostas aí.

– Não consegui ouvi essa parte. Tudo o que sei é que seu alvo estava em Guérande.

– Guérande? – Ismae ergueu o rosto bruscamente. – Quando ela foi enviada?

– No fim de janeiro.

Abandonando o pão, Ismae começou a andar de um lado para o

outro, esfregando o queixo enquanto pensava, um gesto que eu nunca a vira fazer antes.

– Isso não faz sentido – disse ela, parando diante da janela. – Nessa época, a duquesa e seu grupo tinham deixado a cidade para apelar junto ao marechal Rieux e ao conde D'Albret em Nantes para tentar resolver suas diferenças com ela. A única pessoa de alguma importância deixada na cidade era o chanceler Crunard, e sem dúvida ele diria a ela que… oh! – A cabeça de Ismae ergueu-se bruscamente, e ela olhou para mim. – O chanceler Crunard.

– Se, como você sugeriu mais cedo, ele estava alimentando o convento com informações falsas, talvez fosse por isso que Matelaine foi enviada para ele. Mas, Ismae, não estou convencida de que a missão dela tenha sido ordenada por Mortain.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que a irmã Vereda estava doente demais para ver qualquer coisa realmente importante por semanas.

– Então você acha que a abadessa ordenou isso por vontade própria?

– Infelizmente, sim. E pelo que você me contou, agora faz ainda mais sentido, pois sem dúvida a abadessa iria querer punir uma pessoa que a traiu.

– Ou talvez ela tenha desejado silenciá-lo para que ele não pudesse revelar a profundidade do envolvimento dela com ele e com sua política.

As palavras de Ismae me penetraram como se fossem uma lança pontiaguda, pois eu não tinha pensado em uma traição de tamanha escala, eu só tinha pensado em como a abadessa havia traído seu dever sagrado. Mas aquilo ia contra os princípios básicos de sua posição. Sacudi a cabeça, como se pudesse afastar o pensamento.

– Não – sussurrei. – Não pode ser. Ela não trairia o próprio Mortain.

– Talvez isso não soe tão absurdo para mim porque eu não a conheço tão bem quanto você. No entanto, aprendi com a duquesa a olhar para as pessoas sem a influência dos sentimentos. Essas não passam de suspeitas que eu teria sobre qualquer outra em sua posição. – A boca de Ismae se curvou em um sorriso irônico.

– E você tem razão – disse eu, apesar de não falar com sinceridade.

Eu conhecia a abadessa havia tempo demais. Eu a conhecia desde que ela era apenas a irmã Etienne, a freira mais bondosa comigo. Ela foi uma das poucas pessoas decentes que habitara minha infância. Não tinha certeza se podia suportar que ela se transformasse em uma verdadeira vilã. Equivocada, sim. Cega por alguma emoção, sim. Mas trair o próprio Mortain conscientemente? Era impensável.

Ao sentir minha preocupação, Ismae mudou de assunto.

– Porém, há algo mais importante – disse ela. – A curto prazo, precisamos tentar antecipar o próximo movimento dela e tentar fazer o possível para impedi-lo.

– Ela sem dúvida vai me mandar de volta para o convento, apesar de eu não ter a intenção de ir de boa vontade.

Ismae inclinou a cabeça, com os olhos cintilando.

– Você a faria amarrá-la a uma carroça?

Sem sorrir, ergui o rosto e a olhei nos olhos.

– Sim.

O brilho desapareceu de seus olhos, e seus lábios se apertaram levemente.

– Você mudou – disse ela por fim. – Muito mais do que eu poderia imaginar.

Não entendi se suas palavras eram um elogio, mas percebi que elas me agradavam mesmo assim.

– Mudei.

– Bem. – Ela afastou-se da janela e veio terminar de amarrar o vestido para mim. – Vamos simplesmente ter de cuidar para que ela não mande você fazer as malas.

– Como podemos impedi-la?

O sorriso que iluminou o rosto de Ismae estava cheio de uma desobediência animada.

– Estou há meses na corte, e sirvo como acompanhante próxima da duquesa. Agora, tenho minhas próprias conexões. – Ela deu um puxão final nas fitas, depois as amarrou. – Não se preocupe. Vamos chegar ao fundo disso. Por enquanto, você deve descansar. Ou vá

explorar o palácio, se preferir.

– Obrigada. Talvez eu faça isso.

Ela me deu um beijo rápido no rosto, e saiu apressada do quarto.

Queria encontrar a mesma confiança que ela havia conquistado; não conseguia imaginar que o que ela estava planejando seria fácil.

Consciente da exaustão que tomava meus membros, estiquei-me na cama e tentei descansar um pouco, mas minha mente estava cheia demais com todos os possíveis e desastrosos futuros diante de mim. Espontaneamente, meus pensamentos voltaram-se para Balthazaar, e fiquei horrorizada ao perceber que sentia falta dele. Não, eu sentia falta era dos hellequins, disse a mim mesma. Eu não sentia falta *dele*. Ou, se sentia, era apenas do jeito que eu sentia falta da irmã Thomine para me ajudar nos treinamentos. Eu gostava de nossas provocações. Quando estava com ele, eu não tinha nem a mais leve vontade de controlar as palavras ou fingir ser algo que não era, e isso era incrivelmente libertador. Era *o* que eu gostava. Mais nada.

Com um suspiro de frustração, levantei da cama e comecei a andar de um lado para o outro diante do fogo que se consumia. Mas aquilo de nada adiantou para reduzir minha ansiedade. Agora que eu tinha experimentado o doce gosto da rebeldia, irritava-me ficar ali sentada em meus aposentos fazendo exatamente o que a abadessa me ordenara.

Eu não *queria* mais obedecer às ordens dela, nem mesmo as mais simples. Se ela me mandasse pular fora do caminho de uma carroça que vinha correndo, eu ficaria tentada a permanecer parada no lugar, apenas para desafiá-la. Não importava o quanto estava cansada, eu não podia continuar sentada, quieta em meus aposentos apenas porque ela mandou. Peguei minha capa, joguei-a em volta dos ombros e saí do quarto.

Capítulo Vinte e Cinco

Abordei a primeira sentinela que encontrei e perguntei se o palácio tinha alguma capela.

– A capela nova fica na ala norte. Se seguir esse corredor…

– Você disse capela *nova*. Isso significa que tem uma antiga também? – Uma capela antiga tinha muito mais chances de honrar os nove.

O guarda apertou os olhos em minha direção, como se estivesse intrigado por minha pergunta.

– Bem, sim, *milady*, mas quase ninguém a usa mais. E a capela nova é tão bela quanto a catedral na cidade.

Inclinei a cabeça.

– Isso pode ser verdade, mas fui criada em um convento, e prefiro fazer minhas orações em ambientes mais humildes.

Ele pareceu quase ofendido, como se de algum modo eu o tivesse insultado ao me recusar a ver sua linda e novíssima capela. No fim, ele acabou me dando as instruções que eu buscava, mesmo que com um pouco de relutância.

No momento em que atravessei as portas da capela, pude sentir sua antiguidade. E, junto com essa sensação, veio a paz que eu esperava, baixando sobre mim como neve delicada, suave e fria. Quis me envolver nela em pura gratidão. Sabia que, quando olhasse para frente, veria nove nichos logo abaixo do altar. Na presença de Mortain, eu encontrava a paz e satisfação que não encontrava em nenhum outro lugar.

A capela era mal iluminada por poucas velas, e grande parte do ambiente estava nas sombras; eu parecia ser a única pessoa ali. Adiantei-me e abaixei-me em um dos genuflexórios, agradecida. Meu olhar se dirigiu imediatamente para o primeiro nicho, e fiquei satisfeita ao encontrar um pequeno entalhe da Morte residindo ali.

Mas me distraí com um pequeno volume no terceiro nicho, o recesso de Arduinna. Havia um pedaço de bolo. As arduinitas estavam certas: alguém tinha feito uma oferenda, pedindo a proteção da deusa ali em Rennes. A duquesa? Talvez fosse alguma pobre criada enfrentando problemas, atormentada por pretendentes indesejados.

Eu descobriria isso mais tarde. Por enquanto, permiti-me fechar os olhos. Antes mesmo que um sussurro de oração passasse por meus lábios, uma visão do rosto da pobre Matelaine tomou minha mente. O pesar e a raiva que voltei a sentir foram como um chute em meu peito.

Podia ter sido meu desejo egoísta de conduzir minha própria vida que me fizera sair do convento, mas o destino de Matelaine levara aquilo muito além de minhas próprias diferenças e discordâncias com a abadessa e o transformara em algo muito mais sério.

Eu não tinha uma oração específica para recitar para Mortain. Eu nunca tinha. Eu simplesmente abria meu coração para Ele de modo que Ele pudesse ver e saber tudo o que eu estivesse sentindo, as coisas boas e as ruins, os pensamentos grandiosos e os pequenos. Fiz isso naquele momento, e fui tomada por uma onda de paz, que lavou todas as minhas dúvidas e renovou meu senso de propósito.

Por mais que eu fosse fisicamente forte e habilidosa, sempre duvidei de meu próprio coração. Como poderia não duvidar? Foi o que as freiras nos treinaram para fazer; elas quebravam nossa força de vontade para que pudessem recolher as peças como um vaso estilhaçado, remontando-o de acordo com suas próprias necessidades. Todas nós tínhamos permitido que elas fizessem isso, mas eu mais que a maioria. Na verdade, depois que percebi a intenção delas, tirei a tarefa de suas mãos e passei a fazer isso sozinha – tudo o que eu queria era ser a melhor noviça que jamais passara por aqueles corredores.

Aquele desejo agora parecia raso, algo que eu tinha sido ensinada a querer, em vez de algo nascido de meus próprios anseios.

Eu nem sabia o que meu próprio coração queria. Houve uma época em que isso teria me aterrorizado – ser tão amorfa e disforme –, mas agora eu achava libertador. Tinha removido de mim o desejo

escolhido pelo convento, como se arrancasse uma farpa há muito encravada em minha carne. Tinha recusado o caminho que elas haviam dito ser o que Mortain queria de mim. Em vez de medo, eu sentia… fome. Fome de tornar a encher meu coração, mas dessa vez com o que eu desejava. Eu agora reconhecia que meus anseios não eram egoístas apenas por serem meus. Na verdade, muitos de meus desejos eram dignos, até nobres: eu queria justiça para Matelaine, segurança para as outras garotas, honestidade da abadessa e integridade para o convento.

Ismae tinha conseguido forjar seu próprio caminho, equilibrando seus deveres entre o convento e Mortain. Não, não eram deveres, mas devoção, pois agora ela O servia por muito mais do que simples dever. Isso me dava grande esperança de encontrar tal caminho para mim mesma.

Assim, murmurei minha gratidão para Mortain e levantei. Enquanto ajeitava a saia, ouvi um leve farfalhar à minha direita. Assustada, virei-me e olhei para as sombras tremeluzentes. Um homem se moveu. Será que ele já estava ali o tempo inteiro? Ou havia chegado enquanto eu estava mergulhada em oração?

Ele se benzeu e ficou de pé, fazendo as juntas do corpo estalarem. Ele usava uma túnica marrom, simples. A corda de cânhamo em sua cintura, com nove contas de madeira, identificavam-no como seguidor dos santos antigos. Era mais baixo que eu. Seu cabelo era ralo e branco e dançava sobre sua cabeça como um halo à luz quente de velas. Estava com as mãos juntas diante do peito, e inclinou a cabeça em cumprimento.

– Saudações, filha. Eu não tinha a intenção de assustá-la.

– Eu não me assustei.

O brilho de diversão em seus olhos azuis me fez acreditar que ele reconheceu minha pequena mentira.

– Você estava completamente perdida em oração – murmurou ele. – Eu não tive coragem de interrompê-la.

Por algum motivo, eu me senti estranha e sem palavras em sua presença, apesar de não saber explicar por quê – o que parecia uma reação extremamente ridícula. Não era como se ele pudesse ler meus pensamentos e orações.

– Não importa, padre…

– Effram. Sou o padre Effram. – Ele deu um passo em minha direção. – Você está com algum peso no coração, filha?

Fiquei curiosa, mais que preocupada, com sua pergunta.

– Não, padre. Eu rezo para compreender melhor meus próprios pensamentos.

Seu rosto se abriu em um sorriso, como se minha resposta o tivesse agradado muito. Perguntei-me se isso significava que ele ia tentar me dizer o que achava dos meus pensamentos, e tive uma opinião melhor sobre ele quando não fez isso. Ele continuou a sorrir, deixando que o silêncio se estendesse, e não entendi se era para ser um silêncio confortável ou um desagradável, que ele achava que eu tentaria preencher. Se fosse o último caso, ele perderia o jogo, pois eu era uma jogadora muito experiente.

No fim, ele foi o primeiro a falar.

– Nunca vi uma seguidora de Arduinna vestida com tanta… elegância – disse.

Olhei para ele sem expressão antes de entender.

– Ah, mas eu não sou uma seguidora de Arduinna!

Ele ficou intrigado, e suas sobrancelhas brancas se juntaram.

– Não é? Meu erro, então.

Mas minha curiosidade tinha sido provocada.

– Por que o senhor achou que eu fosse?

Seus olhos piscaram para a pequena oferenda no nicho.

– Eu não deixei aquilo – apressei-me.

– Eu sei. Pensei que talvez você tivesse vindo em resposta. Você parece ser uma das de Arduinna. Tem certa ferocidade na expressão.

Bem, eu estava me sentindo bem feroz.

– Eu não sirvo Arduinna. Sirvo Mortain.

Ele ficou absolutamente imóvel, sua cabeça inclinou para o lado, estudando-me com ainda mais atenção, se isso fosse possível.

– Você? Agora? – murmurou. – Bem, isso é realmente interessante. – Ele tornou a sorrir, juntou as mãos, curvou-se outra vez e se retirou.

Depois que saiu, cheirei discretamente meu braço, apenas para

me certificar de que não estava mais fedendo a fumaça de madeira e couro mal curtido.

Capítulo Vinte e Seis

No dia seguinte, vestida em outro dos vestidos de Ismae, fui levada ao solário para conhecer a duquesa. Eu não via a abadessa desde minha chegada, e não tinha feito nada além de explorar o palácio e conversar com Ismae. Parte de mim coçava de impaciência, enquanto outra sempre soubera que qualquer desafio à abadessa seria tão longo e lento e arrastado como um jogo de xadrez.

Naquela manhã, sentia um nó no estômago com a expectativa do encontro com a duquesa, pois eu não merecia tal honra. Eu meio que temia que a abadessa já a houvesse informado de todas as minhas transgressões e tivesse lançado um sudário de desgraça sobre mim.

O jovem pajem que tinha me conduzido até os aposentos da duquesa disse à sentinela quem eu era, depois partiu pelo corredor para qualquer tarefa que o aguardasse em seguida.

Entrei no solário, que era absolutamente tão grandioso quanto eu fora levada a crer, e tive de me segurar para não ficar encarando e apontando como uma criancinha encantada. A parede era decorada com painéis de carvalho entalhados, grossas cortinas de veludo e tapeçarias elaboradas. Janelas transparentes com mainéis brilhavam ao sol da manhã, enchendo o ambiente com uma luz alegre. Foram, porém, as damas de companhia que atraíram toda minha atenção, pois elas não estavam sentadas bordando, mas reunidas em círculo, com a cabeça curvada demonstrando preocupação. Quando me aproximei, todas olharam para mim. Uma delas me deu um sorriso tímido.

– A duquesa não está disponível neste momento – disse-me ela.

Franzi o cenho, intrigada.

– Sinto muito. Achei que o pajem havia dito que ela tinha mandado

me chamar.

Uma delas me examinou com curiosidade explícita.

– Você se chama Annith? – Uma mulher lançou-lhe um olhar de reprimenda. – O que foi? Ela disse que se lady Annith chegasse, nós devíamos enviá-la para os aposentos da jovem princesa.

Pelos olhares venenosos que as outras lançaram em sua direção, imaginei que aquele gesto de favorecimento as tinha deixado desconfortáveis.

– Obrigada – disse eu enfaticamente. – Estou ansiosa para servir tanto à duquesa quanto à jovem princesa de todas as maneiras que me forem possíveis.

– Por aqui – disse a moça prestativa, conduzindo-me a uma porta do salão principal. – Ignore as outras – sussurrou ela. – Elas estão apenas mal-humoradas por não terem nada a oferecer que possa ajudar.

– Ajudar com o quê? – perguntei.

O rosto da garota assumiu uma expressão de tristeza.

– A princesa Isabeau. Sua situação piorou, infelizmente, e nem as famosas tinturas de Ismae estão ajudando. – Quando chegamos à porta, ela bateu uma vez, anunciando: – Lady Annith está aqui, Sua Graça. – Ela sorriu para mim, depois voltou para o grupo de damas de companhia.

A porta se abriu e eu me deparei com uma garota pequenina e muito jovem, ainda mais jovem que Matelaine. Ela tinha olhos castanhos, inteligentes, cabelos fartos e negros, e uma fronte alta e larga que, naquele momento, estava franzida de preocupação. Com um susto, percebi que estava encarando a própria duquesa. Curvei-me em uma reverência profunda.

– Sua Graça – murmurei.

– Lady Annith. – Ela ofereceu a mão para que eu a beijasse, em seguida gesticulou para que eu me levantasse. – Estou feliz por conhecê-la, especialmente depois do que Ismae me contou, apesar de eu sentir muito por ter de fazer isso desta maneira.

Olhei para Ismae, estava sentada junto à cama, depois outra vez para a duquesa.

– E que maneira é essa, Sua Graça?

– Infelizmente, eu a chamei aqui pela mais egoísta das razões. Minha irmã mais nova está gravemente doente, e Ismae achou que talvez você pudesse ter algumas ideias sobre novas curas. Ela disse que você cuidou de uma das freiras idosas de seu convento. – A esperança desesperada que brilhava em seu rosto quase partiu meu coração, pois tal desespero só existia em uma situação realmente ruim.

– Mas é claro, Sua Graça. Fico feliz em oferecer qualquer auxílio ou conforto que puder. Mas Ismae é uma mestra em tinturas e ervas medicinais melhor que qualquer outra.

– Talvez seja – disse ela. – Mas ela também disse que você sabe muitos truques para manter as crianças entretidas, e esses talentos também seriam muito bem-vindos.

Parte de mim quis rir. Lá estava eu, ao lado direito da governante de toda a Bretanha, finalmente livre dos muros do convento, e era em minha habilidade de cativar criancinhas que ela estava mais interessada.

Enquanto me conduzia até a cama onde estavam Ismae e sua irmã, tentei reconciliar aquela mulher altiva à minha frente com a imagem da duquesa de treze anos que por tanto tempo eu levara em minha cabeça. Aquela garota não era nenhuma criança. Ela era diferente de qualquer menina da sua idade que eu já tinha conhecido, se bem que as meninas de treze anos que eu conhecera também não eram garotas normais, fossem plebeias ou nobres. Elas, nós, não podíamos ser. Não éramos treinadas para sermos normais, éramos treinadas para sermos assassinas e espiãs e governantes. Para servir ao nosso deus e nosso reino com todo fiapo de habilidade e inteligência que possuíssemos. Havia pouco tempo para a infância em nossa vida. Com uma forte pontada no coração, reconheci que aquilo, de algum modo, estava errado, que pediam demais daquelas de quem exigíamos tantos sacrifícios.

A duquesa aproximou-se da cama, e Ismae levantou-se, abrindo espaço para ela.

– Isabeau? Você está acordada? Tem uma pessoa aqui que acho que você gostaria de conhecer.

A menina pálida deitada na cama *era* uma criança, mas era fácil

ver que sua doença havia lhe roubado grande parte de sua meninice. Seu rosto se iluminou com as palavras da duquesa, e seus olhos se voltaram em minha direção, mas a excitação neles diminuiu um pouco quando ela me viu.

Fiz uma profunda reverência e ofereci a ela meu sorriso mais caloroso, o que usava para arrancar Loisse de seu mau humor.

– Olá, princesa.

Antes que a duquesa pudesse prosseguir com a apresentação, a princesa perguntou:

– Foi Arduinna que mandou você?

Pisquei, surpresa.

– Não. – Quando sua expressão esperançosa desapareceu completamente, eu me perguntei se tinha encontrado a responsável pela oferenda na capela. Apesar de ser um mistério como ela havia conseguido levá-la até lá embaixo em seu estado.

– Sirvo no convento de Saint Mortain, assim como Ismae – disse a ela, mas isso não reacendeu seu interesse.

Ela voltou-se para a irmã.

– Estou cansada – sussurrou.

A duquesa debruçou-se sobre ela, retirando uma mecha de cabelos de sua testa.

– Eu sei, minha querida. Agora, durma, e mais tarde nós brincamos mais.

Ela acenou levemente a cabeça; seus olhos piscaram e se fecharam. Nós três saímos em silêncio, e a própria duquesa fechou a porta com cuidado, deixando uma pequena fresta aberta.

– Qual a natureza de sua doença? – perguntei.

– Ela tem problemas nos pulmões desde pequena. Os acessos vêm e vão, às vezes severos. Nos últimos meses, eles têm piorado, e pouca coisa lhe traz alívio. – Quando a duquesa virou o rosto para se recompor, olhei para Ismae. Ela sacudiu brevemente a cabeça. A jovem princesa estava morrendo, mesmo que lentamente.

– Vou relembrar tudo o que fizemos pela irmã Vereda – assegurei às duas. – E verei se há algo que Ismae ainda não tentou. No mínimo, terei algumas histórias e brincadeiras com as quais posso distraí-la.

– Eu apreciaria muito qualquer dessas coisas, *demoiselle*.

A pergunta de Isabeau sobre se eu tinha sido enviada por Arduinna me lembrou da mensagem que eu trazia.

– Sua Graça, viajei até Rennes junto com um grupo de seguidoras de Arduinna. Elas pediram que eu lhe transmitisse uma mensagem delas.

Ela piscou, surpresa, depois olhou para Ismae, que deu de ombros, sem saber de nada.

– Eu ficaria feliz em ouvi-la.

– Elas gostariam que Sua Graça soubesse que atenderam seus chamados e que estão aqui na cidade, prontas para lhe oferecer qualquer apoio que puderem.

A duquesa franziu o cenho.

– Mas eu não as chamei. Na verdade, não sabia que eu *podia* chamá-las.

– Não acho que elas vieram como súditas de uma governante, nem mesmo como uma ordem religiosa, mas porque uma oferenda sagrada foi feita pedindo a ajuda de Arduinna.

A duquesa olhou para Ismae.

– Você fez tal oferenda?

Ismae sacudiu a cabeça.

– Não.

– Nem eu – disse a duquesa.

Olhei de volta para Isabeau, adormecida. Agora eu estava quase certa de que tinha sido a jovem princesa quem requisitara a ajuda da deusa, apesar de não desejar expor seu segredo. Pelo menos, não até que tivesse compreendido melhor o que estava acontecendo ali.

– De qualquer modo, elas têm muito a oferecer. Apesar de não estarem em grande número, em torno de umas cento e poucas, elas são guerreiras fortes e corajosas, com um pendor especial pelos inocentes. Talvez haja algum serviço que elas possam desempenhar para Sua Graça.

– Tenho certeza que sim, ou haverá logo em breve. A esta altura, não estou em posição de recusar nem a menor ajuda.

No silêncio que se seguiu, o som de passos se aproximando

apressadamente ecoou no corredor lá fora, pouco antes de uma batida curta na porta do solário. Ismae e eu nos entreolhamos.

– Será a abadessa? – murmurei.

Ela deu de ombros.

– Talvez. Se for, deixe que eu falo.

Por um breve instante, fiquei tonta ao perceber o quanto nossas posições tinham mudado completamente. No passado, era Ismae quem insistia para que eu resolvesse as coisas com a abadessa; agora, ela estava fazendo isso por mim.

Uma das damas de companhia foi abrir a porta, e senti palpitações de alívio na boca do estômago. Não era a abadessa, mas um nobre. Ele era alto, tinha ombros largos e olhos cinzentos que brilhavam com inteligência e… alegria? A alegria transformou seu rosto de tal modo que levei um momento para reconhecê-lo como o homem com quem Ismae partira meses atrás.

– Duval? – Ismae deu um passo em sua direção. – Está tudo bem?

Ele acenou a cabeça vagamente em cumprimento. Ou talvez fossem desculpas pela interrupção.

– Fera e Sybella voltaram. Eles acabaram de entrar no pátio.

Só o decoro dos aposentos da duquesa impediu que Ismae desse um grito de júbilo. A duquesa entrelaçou as mãos e fechou os olhos, como se estivesse fazendo uma breve oração.

– Graças a Deus e a seus nove santos – sussurrou ela.

– Sua Graça nos dá licença? – perguntou Duval.

Ela rapidamente acenou, dispensando-nos.

– É claro. E voltem logo, pois quero um relatório completo!

– Venha! – Ismae estendeu a mão para agarrar meu braço, saindo do solário atrás de Duval.

Enquanto seguíamos apressadamente pelo corredor, eu não podia imaginar três indivíduos de aspecto menos digno. Estava claro que Duval queria correr, e Ismae e eu tínhamos erguido a barra de nossas saias para conseguir acompanhá-lo. Ele se refreou muito de leve, de modo que, quando chegamos à saída, pelo menos não atravessamos a porta a galope.

No pátio, não vi sinal de Sybella. O local estava movimentado com

cavalariços e soldados se preparando para descarregar uma carroça que levava um grupo de carvoeiros e seus filhos. Um cavalariço estava conversando com um dos carvoeiros a cavalo. Levando em conta o tamanho e corpulência do cavaleiro, fiquei surpresa por terem permitido que ele passasse pelo portão. Ele era ao menos uma cabeça mais alto que a maioria dos guardas, e seus ombros eram bem mais largos. Seu rosto era maltratado e repleto de cicatrizes. Na verdade, ele parecia um menir envelhecido pelo tempo que ganhara vida.

Fiquei para trás, mas Ismae continuou a correr adiante, e um dos carbonários – uma mulher – apeou de seu cavalo. Ela estava usando um vestido desmazelado que ficava em algum ponto entre o marrom e o cinza, e seu cabelo estava preso em uma touca de linho. Mesmo com o rosto sujo de carvão, ela era bonita… era Sybella!

O medo que estava apertando meu coração desde o momento que eu soubera de seu paradeiro deixou meu corpo em uma torrente tão atordoante que tive de parar e respirar fundo para me recuperar.

Ismae jogou os braços ao redor de Sybella, e fiquei surpresa ao ver a ferocidade com que Sybella retribuiu o abraço. Nunca pensei que ela fosse pródiga em gestos de afeição. De repente, fiquei tímida perto dela, perto das duas, pois elas tinham mudado muito, e eu sentia como se tivesse sido deixada para trás para calcificar e endurecer como uma craca no casco de um dos barcos do convento.

Quando Ismae se virou, gesticulando para que eu me adiantasse, os olhos de Sybella se arregalaram ao me reconhecer, e todos os seus modos mudaram. Seu rosto ficou branco, o que deixou seus olhos ainda mais negros. Ela caminhou em minha direção, segurou-me pelos ombros e sacudiu-me de leve.

– Por que você está aqui?

Senti um grande nó na garganta, que sufocou meu cumprimento alegre.

– É uma longa história – consegui dizer, por fim. – Que prefiro não compartilhar aqui no pátio, diante de tantas pessoas.

Ela me examinou com atenção, com a expressão feroz ainda no

rosto.

– A abadessa mandou você vir para cá?

– Pelos santos, não! Eu viajei até aqui por conta própria, e ela está com muita raiva por causa disso.

O corpo inteiro de Sybella relaxou, então ela sorriu e jogou os braços ao meu redor em um abraço que quase quebrou minhas costelas.

– Bom. Apesar de não fazer diferença. Mesmo se ela tivesse chamado você, a razão da missão não existe mais.

– Está feito? – perguntou Ismae.

Um sorriso triunfante e sinistro retorceu a boca perfeita de Sybella, acompanhado por uma sombra de dor.

– Está feito.

Olhei de uma para a outra, e de repente foi como nos tempos do convento, quando elas costumavam compartilhar informações mundanas ou piadas que eu não compreendia. Sybella virou-se para mim.

– O conde D'Albret, traidor da duquesa, está morto. Ou é como se estivesse morto. – Nenhuma pista do papel que ela desempenhou nisso nem as consequências de sua morte transpareceram em seu rosto. – Agora precisamos fazer alguns preparativos para receber minhas irmãs, pois a viagem não foi fácil, e Louise, em especial, está com a saúde frágil.

Ismae estudou as duas meninas mais novas na carroça, com os lábios apertados em reflexão.

– O palácio está ficando mais cheio a cada dia à medida que mais e mais barões se voltam para o lado da duquesa. Em algum momento, podemos acabar tendo de dividir um quarto, por isso acho que suas irmãs ficariam em maior segurança no convento das brigantianas. Na verdade, a jovem Isabeau devia ter sido levada para lá também, mas a duquesa não aguenta ser separada dela.

– Está bem. Elas provavelmente ficarão mais à vontade lá, de qualquer modo. E Tephanie ficará com elas.

Ismae piscou, e fiquei satisfeita ao notar que uma das revelações de Sybella conseguiu surpreendê-la, pois eu estava cansada de ser a única me revirando de espanto.

– Tephanie?

– Uma amiga querida e fiel que se afeiçoou a minhas irmãs.

Achei a ideia de Sybella ter encontrado uma amiga querida e fiel quase tão difícil de acreditar quanto a ideia de ela ter irmãs, mas Ismae não ficou assombrada.

– Bom. – Ismae gesticulou para chamar um dos vários pajens e o mandou ao convento brigantiano com uma mensagem.

Depois que ele se afastou, Sybella perguntou:

– Como *está* Isabeau?

Ismae fechou brevemente os olhos e sacudiu a cabeça.

– Nada bem. Entre meus conhecimentos e os das irmãs de Brigantia, tudo está sendo feito, mas nada é o suficiente, nem de perto. Mesmo assim, tenho certeza de que ela ficará satisfeita por ter algumas meninas mais novas como companhia, por isso suas irmãs podem visitá-la sempre que você quiser.

Senti como se tivesse pisando em alguma terra estrangeira e misteriosa, onde tudo me era estranho. Como se o destino desejasse tornar isso ainda mais evidente, o nobre Duval se aproximou com o carbonário que parecia um menir, e que era facilmente o homem mais feio que eu já tinha visto. Era alto como uma árvore, e duas vezes mais largo, com músculos que pareciam rochedos. Seu nariz assemelhava-se a um nabo amassado, e seus olhos brilhavam de um modo feroz e perturbador. Para minha grande surpresa, Ismae, que sempre considerara os homens apenas como alvos para suas habilidades de assassina, virou-se e jogou seus braços em torno dele. *Merde*. Eu nunca recebera abraços assim daquelas duas.

– Obrigada – disse ela de modo intenso. Quando se afastou, Sybella estava olhando fixamente para ela com olhos estreitos.

– Você o meteu nessa… situação? – Mas havia pouca irritação em suas palavras.

Ismae afastou-se do homem e deu de ombros.

– Eu disse a ele qual era sua missão e que você estava de partida, só isso.

Sybella abriu a boca para dizer algo, mas Ismae a ignorou e decidiu sacar suas boas maneiras como um lenço há muito tempo

esquecido.

– Annith, permita-me apresentar você a sir Benebic de Waroch, também conhecido como Fera. Você talvez tenha ouvido falar de seus feitos.

– Creio que sim – disse, fazendo uma reverência. – É uma honra, sir Benebic.

– Fera. – Sua voz grave trovejou pelo espaço entre nós. Então ele me surpreendeu ao tomar minha mão e curvar-se com a mesma graça de qualquer cortesão. – A honra é toda minha, *milady*.

Ismae pôs a mão em meu ombro e virou-me levemente na direção do outro nobre.

– E esse é Gavriel Duval, meio-irmão da duquesa e um de seus conselheiros mais próximos.

– E amante de Ismae – O sussurro de Sybella em meu ouvido quando eu estava fazendo uma reverência fez com que eu levantasse bruscamente a cabeça. Então era por isso que ela me escrevera perguntando se o convento permitia ou não que as iniciadas tivessem amantes.

– Esta é Annith – prosseguiu Ismae. – Uma das minhas irmãs e de Sybella, do convento.

– Bom – disse Duval com um aceno firme de cabeça. – Sempre podemos usar mais uma assassina nesse ninho de vespas.

Senti-me aquecida com sua recepção e com seu óbvio prazer de ter outra assassina na corte. Eu precisava reunir todo o apoio possível para evitar ser sumariamente mandada embora pela abadessa.

Um pequeno turbilhão irrompeu às minhas costas. Não era o movimento, nem mesmo o barulho, era mais como se um rodamoinho de violenta desaprovação tivesse chegado. Não fiquei nada surpresa ao me virar e ver a abadessa. Seu rosto estava branco como osso, e suas sobrancelhas estavam franzidas em dois traços furiosos.

– Sybella.

O rosto de Sybella ficou assustadoramente imóvel, então ela lentamente encarou a outra mulher.

– Madre superiora. – Sua voz era tão plana quanto grama pisada.

A abadessa esperou por um instante, aguardando que Sybella fosse até ela. Quando Sybella não fez isso, a abadessa cerrou os dentes, erguendo a barra da saia e descendo a escada para que aquilo que estivesse prestes a dizer não fosse ouvido por todo o pátio. Mas não funcionou, pois todos sentiram a tempestade que se formava entre elas, e pararam para assistir.

Seus olhos estavam frios como gelo.

– Você me desobedeceu? – A voz dela era terrível em sua delicadeza, como se ela tivesse envolvido um martelo em um veludo pouco antes de decidir usá-lo.

Com os olhos fixos nos da abadessa, Sybella segurou seu vestido desmazelado e curvou-se em uma reverência perfeita e respeitosa. Em seguida se levantou e ergueu o nariz bem de leve.

– O conde D'Albret está morto. Meu dever com o convento foi cumprido, e não vou mais servir à senhora.

Levei um susto. Não consegui evitar. A meu lado, Ismae se enrijeceu, mas a abadessa sequer piscou. Na verdade, achei ter percebido um leve brilho de triunfo em seu olhar.

– Então você não deseja mais servir como serva da Morte? Não deseja mais ser filha de Mortain?

– Ah, eu sou Sua filha, e planejo servi-Lo pelo resto dos meus dias. Eu apenas não preciso nem da senhora nem do convento para fazê-lo. – E, com isso, ela deu um braço a Ismae e o outro a mim, e nos arrastou para longe da abadessa. Pude sentir o troar da vitória pulsar através dela enquanto nos conduzia para a porta do palácio.

Capítulo Vinte e Sete

Depois que entramos, Ismae nos conduziu a uma parte do palácio que eu ainda não conhecia. Ela parou no corredor para pedir que preparassem um banho no quarto. Enquanto a empregada saía apressada, Sybella me deu um sorriso matreiro e perspicaz.

– Ela contou a você sobre seu amante?

Lancei a Ismae um olhar desconfiado.

– Não contou, não.

Extremamente sem graça, Ismae corou e olhou ao redor para verificar se alguém havia escutado, mas estávamos sozinhas.

– Ele *não* é meu amante.

Sybella ergueu uma sobrancelha, que formou um arco perfeito.

– Então você não se deitou com ele e…

– Ele é meu prometido.

Sybella e eu paramos de andar, e nossos braços unidos forçaram Ismae a parar também.

– Seu o quê? – perguntei ao mesmo tempo em que Sybella disse:

– Louvados sejam os nove! Então ele convenceu você?

– Shhh! – Ismae tornou a olhar ao redor, depois apertou o passo, puxando-nos com ela, como um fazendeiro arrastando carneiros teimosos para o mercado. Por fim, ela estendeu a mão para uma das portas fechadas, abriu-a e nos empurrou delicadamente para dentro.

– Sim. – Ela soltou a respiração. – Ele me convenceu. Nós concordamos que se a duquesa, ou melhor, *quando* a duquesa puser essa ameaça francesa para trás, vamos nos casar.

Tantas perguntas tomaram minha língua que elas se emaranharam, e tudo o que consegui foi soltar algo como:

– Você? Casada? – Não podia acreditar naquilo. Ismae odiava tanto os homens que fora justamente a promessa de matá-los que a

fizera abraçar seu papel no convento.

Ela voltou-se para mim.

– Eu disse que temos muita coisa a contar uma para a outra.

– Mas espere. – Coloquei a mão em seu braço. – Você já não é casada? Quero dizer, com o criador de porcos?

– Não. A abadessa anulou isso em meu primeiro ano no convento.

– M-mas… – Eu ainda não conseguia compreender. – Você disse que nunca iria…

Ismae soltou um suspiro.

– Você não precisa me lembrar do que eu disse. Eu tive várias ocasiões para engolir essas palavras.

– Mas e aquelas suas outras preocupações? – Sybella perguntou em voz baixa enquanto começava a soltar a touca de linho da cabeça. – Sobre dar a alguém tamanho poder sobre você?

Ismae foi até a lareira, pegou o atiçador apoiado na parede e reavivou as brasas.

– Eu confio nele – disse ela. – É simples assim.

Sybella soltou uma gargalhada, mas não foi tão brusca quanto teria sido antes.

– Confiança nunca é simples.

– Você confia em Fera?

Ela parou de se despir.

– Com a minha vida – disse ela.

Ismae tinha me avisado, mas ver o rosto de Sybella suavizado pelo amor enquanto falava de Fera revelava a força de seus sentimentos por ele de forma visceral.

Ismae olhou para mim, entristecida, e baixou o rosto.

– Sinto muito, mas, como Sybella, não posso em plena consciência servir mais ao convento. Não depois do que a abadessa a fez passar, e não depois do que você me contou. Vou continuar a servir Mortain pelo resto de meus dias, mas não devo nada ao convento, só a meu deus e a mim mesma.

– Como Sua misericórdia – murmura Sybella.

A cabeça de Ismae se ergueu bruscamente.

– O que você disse?

Sybella olhou por cima de mim para encarar seu olhar.

– Você vai servir como Sua misericórdia, e eu como Sua justiça. Esses são os papéis que Ele escolheu para nós.

– Como você sabe disso?

Sybella deu de ombros.

– Eu também me vi cara a cara com nosso Pai, e foi exatamente como você disse. Ele nos ama com um amor que vai além de nossa imaginação, um amor tão cheio de aceitação e graça que nada que nós façamos, nem mesmo nos afastar d'Ele, pode destruí-lo.

O mundo balançou de modo vertiginoso e fui atacada por toda uma hoste de emoções conflitantes. Senti alegria por Sybella ter nitidamente encontrado paz e felicidade. Alívio por outra de suas servas tê-Lo visto, removendo assim a possível importância de minha própria e breve visão de anos antes. Mas também fui tomada por uma sensação quase insuportável de perda. O fato de eu tê-Lo visto não era mais indício de nada especial em mim. Não só isso, mas minhas duas amigas tinham recebido papéis como Seus instrumentos aqui na terra, enquanto eu ainda não havia recebido nem uma única ordem d'Ele.

A batida na porta me arrancou de minha autopiedade, e um grupo de criadas entrou, carregando uma banheira e chaleiras de água fumegante. Enquanto se ocupavam com suas tarefas, voltei minha atenção para o enigma do convento. Era um alívio ver que Ismae e Sybella também estavam atormentadas pelas mesmas dúvidas e preocupações que eu – mas elas estavam dispostas a deixar tudo aquilo. Já eu não via como poderia abandonar Florette e Lisabet e Aveline e Loisse às maquinações da abadessa. Além disso, tanto Ismae quanto Sybella tinham algo, *alguém*, a quem recorrer.

Uma pontada repentina de perda se retorceu profundamente em meu corpo, e uma imagem dos olhos escuros e reflexivos de Balthazaar encheu minha mente. Eu não devia sentir tanta falta dele. Ele não só provavelmente estava à minha caça, mas sua longa penitência sugeria crimes terríveis demais para serem mencionados. Ele era uma criatura do Mundo Inferior, aprisionado em uma trilha rumo à redenção por quem sabia quanto tempo. Não havia futuro para nós, e mesmo o presente era um risco. E, apesar disso, eu sentia falta dele. Ele se encaixava de modo confortável demais nos

contornos de meus próprios silêncios e dúvidas.

Quando a banheira finalmente estava cheia, Ismae dispensou as criadas, e o quarto tornou a ficar em silêncio. Ela virou-se para Sybella.

– Chega de conversa fiada. Quero saber como foi sua missão.

Uma nuvem passou diante do rosto de Sybella. Ela retirou os braços do vestido e deixou que ele caísse no chão. Em seguida, puxou a combinação pela cabeça e caminhou até a banheira. Fiquei maravilhada com a naturalidade com que ela sempre se movia em sua nudez.

– Conte-nos – Ismae disse assim que ela entrou na água.

Os olhos de Sybella ficaram frios, e ela se ocupou com o sabão e a esponja.

– Está feito – disse ela. – O conde D'Albret está como se estivesse morto. Ele estaria morto, mas o próprio Mortain se recusou a recebê-lo no Mundo Inferior, devido a uma promessa que Ele fez a minha mãe e outras vítimas de D'Albret. A alma sinistra dele foi separada de seu corpo, que vai murchar e apodrecer como um cadáver. Quanto tempo isso vai levar, só Mortain sabe. A duquesa está livre dele.

– E você?

Não entendi a delicadeza na voz de Ismae, pois Sybella jamais fora sensível, e eu não imaginava que ela estaria assolada por remorso. Mas o sorriso de Sybella parecia tão frágil que temi que ela pudesse se despedaçar.

– Vou ficar bem. Alcancei minhas irmãs a tempo, por isso elas estão seguras. Mas Pierre ainda está vivo, e sem dúvida vai assumir o manto dos D'Albret.

Ismae franziu o cenho, intrigada.

– Achei que Julian fosse o mais velho.

– E era, mas ele também está morto. – Por um instante, ela pareceu a antiga Sybella, frágil e machucada, mas logo em seguida seu rosto assumiu uma expressão determinada. – Só que os planos de D'Albret não vão parar com suas mortes. Fazia um tempo que eles estavam negociando com os franceses acampados a algumas léguas de Nantes. Não sei toda a extensão de seus planos mas, se

eles estão se aliando aos franceses, não pode ser bom para a duquesa.

Ismae comprimiu os lábios, pensativa, enquanto Sybella afundava a cabeça na água para enxaguar o sabão.

– Eles não podiam apenas estar jogando os dois lados um contra o outro, ou talvez usando falsas promessas para manter os franceses afastados?

– Qualquer coisa é possível, mas mesmo assim nós devemos nos preparar para o pior. Agora, chega de falar de minha missão terrível. Quero saber das aventuras de Annith e como ela veio parar em Rennes, apesar dos desejos da abadessa. – Ela saiu da água, pegou a toalha de linho e começou a se secar.

Assim, eu me vi contando minha história para Sybella enquanto ela se vestia. Quando terminei, ela estava sorrindo para mim com orgulho, como se ela mesma tivesse sido responsável pela minha ousadia. O que em parte era verdade, percebi, com um lampejo de compreensão. Ao me oferecerem seu amor, Ismae e Sybella tinham me dado força.

– E o que nossa adorável abadessa disse quando a encontrou aqui, debaixo de seu próprio nariz?

– Ela ficou furiosa, como era de se esperar, mas parecia haver algo mais que apenas raiva. Eu gostaria de dizer medo, exceto pelo fato de que eu jamais ligaria essa emoção a ela.

– Nem eu. – Ismae sacudiu a cabeça com firmeza. – Contei a ela sobre meu encontro com Mortain, dizendo acreditar que o convento, ao menos de vez em quando, não compreendia Seus desígnios, e ela ficou furiosa comigo. Também achei que no fundo havia medo.

– O quê? – Eu a encarei, alarmada. – O convento compreende de modo equivocado os desígnios de Mortain? Por que você acha uma coisa dessas?

Seu olhar relaxou.

– Depois de ver tantas mortes neste mundo, mortes não dirigidas pelo convento, aprendi que todos os que morrem carregam a marca, e que isso não significa que alguém precisa morrer pelas mãos de uma de nós. Todos os homens que morreram no campo diante de Nantes tinham a marca, e tenho uma certeza: não era para eu matar

todos eles.

Suas palavras tiraram o ar de meus pulmões, e tudo o que consegui fazer foi encará-la enquanto minha mente se esforçava para compreender aquilo, para descobrir um modo de fazer com que tudo se encaixasse nos preceitos que me eram tão caros.

– Será que é por isso que a vidente é tão importante? – sugeri eu, por fim. – Porque esta é a única maneira de saber quais dentre os marcados devem morrer por ordens do convento?

– Era isso que eu esperava também, mas recebi ordens depois que você me informou que a irmã Vereda tinha adoecido, e se aquelas ordens não vieram de uma de suas Visões, então elas vieram das visões de quem? Suas?

Sacudi a cabeça.

– Não minhas, pois eu ainda não Vi nada. Sem dúvida nada que me deixasse inclinada a acabar com a vida de um homem.

Ouvimos outra batida na porta – não havia fim para as idas e vindas ali na corte. Ismae correu para abri-la, e ficou conversando em voz baixa com quem quer que estivesse ali.

Voltei-me para Sybella, que estava secando o cabelo junto ao fogo.

– Por que você estava com tanta raiva quando me viu pela primeira vez?

Ela fechou brevemente os olhos, depois os abriu.

– Desculpe-me por isso. Não é que eu não estivesse feliz por vê-la. – Ela se concentrou atentamente em esfregar as mechas molhadas de seu cabelo com a toalha. – A abadessa disse que, se eu não voltasse para a casa de D'Albret e lhe enviasse informações, então ela mandaria você em meu lugar. – Ela olhou para mim. Todo o seu rosto ardia com intensidade. – Eu não podia correr esse risco. Você é boa e pura demais. Eu não podia deixar que você se maculasse com a sujeira de minha família. Eu não poderia suportar. – Isso foi o mais próximo de uma declaração de amor de Sybella que eu já havia escutado, então eu a guardei. Tentei não me sentir menosprezada por ela ter duvidado que eu pudesse cuidar de mim mesma em tal situação, afinal, eu treinara por mais tempo que ela.

Mas talvez não fosse assim. Pelo que Ismae me contara sobre a

família de Sybella, nenhum treinamento poderia preparar alguém para seus feitos sombrios e perversos.

– Obrigada – disse eu com delicadeza. – Por se preocupar comigo o suficiente para você mesma voltar para o covil do leão.

Desconfortável como sempre com minha sinceridade, ela dispensou minhas palavras com um aceno de mão no momento em que Ismae voltava da porta.

– Fomos convocadas para o gabinete do conselho da duquesa – disse ela. Por um instante, mais uma vez me senti fora do círculo de nossa amizade. Virei o rosto para que elas não vissem minha ânsia e decepção, mas Ismae estendeu a mão e puxou a manga de meu vestido.

– A duquesa chamou você também. O conselho quer ouvir não apenas o relato de Sybella sobre o que aconteceu em Nantes, mas sua mensagem das arduinitas. – Ela piscou, e não pude deixar de retribuir com um sorriso. Com a ajuda da duquesa, Ismae tinha conseguido enganar a abadessa.

Pelo menos por enquanto.

Capítulo Vinte e Oito

Assim que entrei no gabinete do conselho, senti o olhar frio da abadessa sobre mim. Se a reunião fosse um pouco menos formal, certamente ela me puxaria de lado e me repreenderia por minha presença ali.

Fingi que ela não existia. Era um truque que Sybella usava no passado para deixar a abadessa quase louca de raiva, e eu esperava atingir um efeito parecido agora.

Enquanto Sybella relatava ao conselho privado o que contou a Ismae e a mim sobre Nantes, estudei os conselheiros e tentei ter uma ideia de seus caracteres.

Em frente a lorde Duval sentava-se um homem corpulento, que parecia tão forte quanto uma árvore densamente enraizada. Estava vestido com uniforme de soldado, e achei que fosse Dunois, o capitão dos exércitos da duquesa. Ao lado dele estava um homem alto e magro com cabelos grisalhos nas têmporas. Seus olhos eram simpáticos, seu sorriso, triste, e uma corrente grossa de ofício reluzia em seu pescoço, o que lhe marcava como o novo chanceler da duquesa, lorde Montauban, e capitão de Rennes, a cidade que ofereceu a ela o tão necessário refúgio.

Diante dele sentava um bispo de túnica escarlate, que usava grossos anéis de ouro e pedras nos dedos. Fiquei um tanto surpresa ao ver o padre Effram ao lado dele, sem nenhum dos aparatos de um alto dignitário da Igreja, e não pude evitar me perguntar qual era seu papel ali. A seu lado havia um homem cujos traços marcantes me deixaram alerta, como as águias marinhas que caçavam ao largo das costas rochosas próximas ao convento, mas não percebi nenhum indício de sua identidade a partir de sua aparência.

Mais de uma vez, meu olhar foi atraído para Fera de Waroch. Sua enorme feiura era quase uma afronta em companhia tão refinada,

sem falar no choque que provocava ao lado da beleza de Sybella. E apesar disso…

E, apesar disso, a ferocidade de seu exterior combinava com a ferocidade das cicatrizes da alma dela, e acreditei, contra todas as aparências, que eles iriam se dar maravilhosamente bem. Quaisquer dúvidas que eu pudesse ter foram rapidamente desfeitas pelo orgulho silencioso que vi nos olhos selvagens do homem enquanto ele observava Sybella e escutava seu relato. Eu quase podia sentir o peso de seu olhar tentando alcançá-la do outro lado da mesa, tentando envolvê-la como um braço protetor.

Também lancei olhares eventuais para aquele sujeito, Duval, que tinha roubado o coração de Ismae. Eu nunca teria acreditado que eles uma vez brigaram como cão e gato no gabinete da abadessa se não tivesse visto com meus próprios olhos. Duval passava menos tempo olhando para Ismae do que Fera fazia com Sybella, mas eu podia sentir a ligação deles – eram como raízes firmes e bem alimentadas de alguma árvore invisível.

Quando Sybella terminou sua história, o aposento mergulhou em um silêncio atônito, mas respeitoso. Após um momento, Duval voltou-se para Fera.

– Conte-nos sobre a batalha por Morlaix.

Algo no modo como Fera ajeitou os ombros maciços me fez acreditar que ele preferia estar no campo de batalha a estar sentado ali, falando diante do conselho.

– A abadessa de Saint Mer foi de grande auxílio – iniciou ele, com voz grave e rouca. – Assim como o povo de Morlaix e os carbonários. – O bispo bufou em desdém à menção dos carvoeiros, pois eles seguiram a Matrona das Sombras quando a Igreja a baniu. O padre Effram, entretanto, entrelaçou as mãos e sorriu beatificamente, como se estivesse satisfeito com seus amados filhos.

– Na verdade – disse Fera, um tanto ríspido. – Foram os carbonários e sua habilidade com o fogo que nos permitiram tomar os canhões de volta e usá-los contra os franceses. Mandamos outro grupo para o cabrestante, onde a grande corrente que guarda a boca da baía era vigiada. Eles dominaram o lugar e baixaram a

corrente. Depois que a ameaça dupla do fogo dos canhões e da barricada foi removida, os barcos ingleses conseguiram passar.

– E bem a tempo. – Sybella pegou o fio da história. – Pois nosso grupo era pequeno, e as tropas francesas na cidade eram em grande número. Mais uma vez, os carbonários foram cruciais, pois pensaram no esquema mais engenhoso para expulsar com fumaça o grosso das tropas inimigas dos alojamentos, por cima das muralhas da cidade, o que tornou possível lidar com seus números.

Com a graça e um *timing* de dar inveja a uma grande dançarina, Fera tornou a falar, como se ele e Sybella tivessem planejado aquilo.

– Depois que as tropas inglesas desembarcaram, tudo terminou rápido. – Ele ficou em silêncio por um instante antes de continuar. – Quatro bravos carbonários morreram pela causa, assim como seis de nossos homens. Mas não se enganem, nós não teríamos vencido se não fossem os carbonários.

O padre Effram sorriu e estendeu as mãos.

– É quase como se eles tivessem sido enviados por Deus e Seus nove.

Fera pareceu notar o velho pela primeira vez, e lançou a ele um olhar desconcertado.

– Acho que ainda não fomos apresentados…

O bispo de vermelho fez outra expressão de escárnio, e Duval levou a mão à boca. Não o conhecia bem o suficiente para ter certeza de que estava escondendo o sorriso, mas foi disso que desconfiei.

– Permita-me apresentar o padre Effram. Ele já foi bispo aqui em Rennes…

– Faz muito tempo – murmurou o bispo em exercício.

– Mas ele agora está aposentado. Sua sabedoria se revelou muito útil – acrescentou Duval, deliberadamente sem olhar para o bispo atual.

A duquesa inclinou-se para frente.

– Sir Benebic, lady Sybella. Os carbonários cumpriram sua parte no acordo, e agora vou cumprir a minha. Prometi a eles um lugar entre nós, e vou honrar isso. Vocês têm sugestões?

Fera e Sybella trocaram um olhar pensativo.

– Acredito que eles querem apenas continuar levando seu modo de vida sem serem ofendidos, Sua Graça.

– Que bom, pois nosso tesouro está vazio e não temos nada com que pagá-los – disse secamente o chanceler Montauban.

– Eles nunca pediram dinheiro – disse bruscamente Sybella.

Montauban faz uma reverência com a cabeça.

– Sei disso, *milady*. Foi apenas uma tentativa de aliviar o clima.

Sybella piscou, surpresa com as desculpas, depois deu um sorriso simpático para que ele soubesse que tinham sido aceitas.

– Eles precisam ser tratados com honra e respeito – disse Fera.

– E se… – refletiu Duval, coçando o queixo. – E se criássemos uma ordem militar apenas para eles? Uma guarda de honra, do reino, e não da duquesa? Isso iria ao mesmo tempo elevar seu status e reconhecer seus feitos passados.

– Feitos que não terminaram – corrigiu Fera. – Eles não têm intenção de retirar seu auxílio. Eles estão ainda mais comprometidos que antes.

– Uma ordem. – O velho padre comprimia as pontas dos dedos das duas mãos. – Gosto disso. Posso sugerir nomeá-la Ordem da Chama? – Ele deu de ombros, desculpando-se. – Se ninguém tiver outras propostas.

Duval olhou para Fera e Sybella, que se voltou para a duquesa. Ela acenou a cabeça afirmativamente.

– É perfeito. Uma referência a seus dons únicos e sua forma de serviço. Lorde Duval, cuide para que isso seja feito. Vamos fazer uma cerimônia para homenageá-los.

O pobre chanceler Montauban se encolheu.

– Quão extravagante Sua Graça quer que essa cerimônia seja?

– Percebo por sua expressão que nossos cofres não têm sequer uma migalha. Verdade?

Montauban sacudiu a cabeça.

– Infelizmente, não. Os fundos das joias da duquesa já foram usados para pagar às tropas mercenárias *parte* do que devemos, para evitar que saqueiem o interior da cidade.

– Nossos soldados também não são pagos há um bom tempo –

disse o capitão Dunois. – Eles não gostaram de ver que os mercenários foram pagos antes. Já ocorreu mais de uma briga por causa disso.

Duval lançou um olhar penetrante para o homem e sacudiu brevemente a cabeça. Ele não desejava discutir o assunto naquele momento, e não entendi se era pela presença da duquesa ou por alguma outra razão.

Pela primeira vez, a duquesa olhou para o homem que parecia um gavião.

– Alguma notícia do senhor meu marido? – Ela vacilou na palavra *marido*, e percebi que o homem a quem ela se referia devia ser o vassalo do Sacro Imperador Romano, Jean de Chalon.

– Sua Graça, sinto muito, mas ele está extremamente assoberbado com problemas cada vez maiores, e não por acaso. A regente francesa aumentou as tropas ao longo de suas fronteiras, e foi necessário que ele ficasse lá. O fato de terem conseguido se tornar uma barreira entre vocês dois é apenas uma vantagem a mais para eles.

A duquesa tentou manter o rosto impassível, mas empalideceu completamente com essa notícia. Como se para sustentar as próprias esperanças, ela disse:

– Há outros que vão lutar ao nosso lado. – Ela olhou para mim. – Lady Annith, por favor, conte o que as arduinitas ofereceram.

Apresentei a oferta delas, e todos os olhares no aposento se voltaram para mim.

– Sem dúvida elas não passam de lenda! – exclamou Chalon quando eu terminei.

O bispo debruçou-se para frente. A expressão em seu rosto era uma mistura de ultraje e incredulidade.

– Mas elas são mulheres!

A abadessa, que permanecera tão imóvel e silenciosa quanto uma estátua durante todo aquele tempo, voltou lentamente seu olhar gelado para o bispo.

– Assim como nós que servimos Mortain, devo lembrá-lo.

O bispo engoliu em seco uma, duas vezes, e se contorceu em sua cadeira. O capitão Dunois lançou um olhar simpático para o homem

antes de falar.

– Com certeza seus números são pequenos demais para serem de qualquer utilidade para nós.

Fera virou-se na cadeira para poder ver o homem.

– Acho que os carbonários iriam discordar dessa afirmação.

– Assim como as arduinitas – disse eu. – Apesar de seus números serem pequenos, elas causaram grandes danos aos franceses em Vannes.

– Vamos aceitar qualquer ajuda que nossos conterrâneos estejam dispostos a oferecer. – A voz da duquesa era alta e firme. Então ela virou-se para Duval. – Será que as derrotas em Morlaix, Vannes e Guingamp vão deter a regente francesa?

– Se não detiverem, seu casamento deve fazê-lo – murmurou Chalon.

Duval dirigiu-se à duquesa.

– Podemos ter esperança de que isso os detenha – disse ele. – E, pelo menos, não temos mais D'Albret e suas tropas para nos preocupar.

Sybella se remexeu em sua cadeira.

– Não esteja tão certo disso, lorde Duval.

Ele voltou seu olhar na direção dela.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que o que quer que D'Albret estivesse planejando, não vai necessariamente terminar com sua morte. Ele estava negociando com os franceses, que estão junto do Loire, perto de Nantes. Eu não consegui descobrir o que ele havia planejado, mas se seus homens estão trabalhando com os franceses, tenho certeza de que isso não vai trazer nenhum tipo de benefício para a duquesa.

– Acha que eles souberam do casamento por procuração com o Sacro Imperador Romano? – perguntou Chalon.

– Uma coisa é certa: D'Albret sabia. Mas não podemos ter certeza se ele, ou alguma outra pessoa, levou essa informação aos franceses.

– Com tantos espiões quanto eles têm na corte, não tenho dúvida de que eles já sabem a esta altura – murmurou Duval.

– Mas o mais importante é – disse o capitão Dunois para que

todos ouvissem –: será que isso vai fazer com que eles tomem alguma atitude?

Capítulo Vinte e Nove

Quando o conselho se dispersou, a duquesa quis que Ismae a acompanhasse, e Sybella pediu licença para poder ver como estavam suas irmãs no convento de Saint Brigantia e verificar se elas estavam instaladas confortavelmente. Enquanto observava todos partirem, meu coração sofreu com a sensação familiar de ser deixada para trás. Só que, dessa vez, não era de uma missão importante que eu estava sendo excluída, mas da própria vida, e eu me senti tão solitária e aprisionada quanto no convento.

Ismae agora tinha alguém com quem construir uma vida. Assim como Sybella. Mesmo que eu não soubesse muito sobre Fera de Waroch, podia ver a grande alegria e a paz que ele trazia a ela, e isso bastava para que eu o amasse imensamente.

Mas e eu? Que papel estava em meu destino? A única coisa que poderia tornar suportável ser vidente seria ver Sybella e Ismae em minhas visões de suas missões, e depois ouvir as histórias de suas aventuras. Eu poderia ao menos viver de forma indireta através delas.

Mas agora… agora parecia que elas jamais colocariam os pés naquela ilha outra vez.

Apesar de estar a cem léguas de distância do convento, de repente senti a pressão de seus muros sobre mim com a mesma solidez como se eu estivesse nos aposentos da vidente. Ou talvez, depois de semanas na estrada aberta, eu tivesse apenas me acostumado ao ar livre. De qualquer modo, se eu não tomasse um pouco de ar fresco, temi que fosse sufocar.

Fui ao meu quarto para pegar uma capa, joguei-a sobre os ombros e voltei para os corredores do palácio.

Não tinha ideia de aonde estava indo, mas caminhei a passos largos e deliberados, ignorando os poucos olhares curiosos

lançados em minha direção. Se eu continuasse a andar, certamente chegaria a alguma porta.

Só que não havia porta no fim daquele corredor. Em vez disso, ele terminava em outro corredor, forçando-me a escolher entre direita ou esquerda. Fui para a esquerda, supondo que o caminho me levaria para os limites do palácio. Não encontrei, porém, nenhuma porta para o lado de fora, mas uma escada. Subi os estreitos degraus de pedra por um bom tempo até que, finalmente, encontrei uma porta. Mas estava guardada por sentinelas.

Lembrando-me da afirmação de Ismae de que, como filha de Mortain, eu podia ir aonde quisesse, acenei serenamente com a cabeça para os soldados e gesticulei para que abrissem a porta. Para minha grande surpresa, eles abriram. Ao atravessá-la vi que, por fim, estava no exterior. Inspirei profundamente o ar fresco e tentei me situar. Não estava diante do palácio, como esperava, mas nos fundos, diante das muralhas da cidade. Subi outra escadaria e cheguei às ameias.

Parada lá no alto, olhando para o vale além dos muros, algo em meu interior relaxou. Ergui o rosto para a brisa fresca da noite que fustigava meu cabelo e minha capa. Pensei nas arduinitas, em seu acampamento escondido entre as árvores. Pensei nos hellequins e em sua triste existência, iluminada apenas por uma promessa distante de redenção e pelos dons individuais que eles levavam para seus deveres. Maravilhei-me com tudo o que aprendera que confirmava minha resolução. Eu não ia me deixar derrotar pela abadessa, nem pela autopiedade.

Lentamente, fui tomada pela consciência de que eu não estava sozinha, como se despertasse de um sono muito profundo. Havia alguém por perto, nas sombras onde as paredes encontravam as ameias. Podia senti-lo me observando. Não podia ser uma sentinela, pois ela não teria permanecido tão imóvel por tanto tempo sem se fazer notar. Sem saber se minha falta de medo era sinal de sabedoria ou tolice, cruzei os braços a minha frente de modo que os punhais nos pulsos ficassem facilmente a meu alcance, depois virei para encarar as sombras, encostando-me contra a parede de pedra às minhas costas.

– Apareça.

Uma escuridão dentro das sombras começou a se mover levemente. Prendi a respiração até ver que era apenas uma capa negra tremulando enquanto um homem dava um passo adiante.

Fui assaltada pelo reconhecimento. Meu coração bateu forte contra minhas costelas e todo o sangue se esvaiu de meu rosto.

Balthazaar.

Uma enorme alegria saltitou por minhas veias, mas levei a mão à faca em meu pulso, pois aquela alegria estava coberta por um latejar sombrio e pesado de apreensão.

– O que você está fazendo aqui? – Não sei como consegui parecer tão calma com tantas emoções passando por mim, mas mesmo assim fiquei aliviada.

Em vez de me agarrar ou atacar, Balthazaar soltou uma risada, que cortou a noite como uma lâmina.

– Eu me perguntei isso mil vezes. E me chamei de tolo todas elas, mas mesmo assim aqui estou.

E apesar de estarmos nas sombras, não estava tão escuro para que eu não visse a dor que a admissão de seu próprio desejo lhe provocava. O que era bom, pensei, pois, se eu estava atormentada pelo que quer que houvesse entre nós, ao menos eu não sofria sozinha.

– Então os hellequins não estão à minha caça?

Ele ficou tão imóvel que até sua capa pareceu ter parado de se mexer.

– Por que você acha que estaríamos atrás de você?

Ele não levava minha própria flecha em seu alforje? E se eu tivesse me equivocado? E se ela apenas se parecesse com a minha? Talvez fosse minha própria culpa e incerteza que me fizeram acreditar que fosse minha. Ou talvez fosse realmente minha, e eu fosse covarde demais para insistir no assunto. Virei-me e olhei para o vale.

– Você me disse que eles fariam isso se eu fugisse. Você disse que eu só ficaria em segurança entre eles.

Houve um leve retinir de malha de ferro quando ele cruzou os braços sobre o peito e se recostou na parede.

– Se eles estivessem com o sangue fervilhando e no ardor de uma caçada, talvez não parassem para pensar e perceber que eles *não* estavam caçando você. – Ele inclinou a cabeça, avaliando-me. – Você fez alguma coisa que poderia nos fazer caçá-la? – Havia um tênue fiapo de humor em sua voz, que me deixou irritada.

– Não, mas eu tampouco sou quem você acha. Sou filha de Mortain, uma de Suas servas. – Observei seu rosto com atenção, à procura de qualquer vislumbre de reconhecimento que demonstrasse que ele estava à minha caça e agora havia encontrado o que buscava.

Apesar de ainda estar quase todo nas sombras, o peso de seu olhar me oprimiu.

– Por que você está me dizendo isso agora?

Por quê, mesmo? Porque eu não achava mais que ele estava me caçando? Porque eu me sentia inexplicavelmente segura com ele? Ou era só porque eu era completamente tola?

– Muito provavelmente, pela mesma razão que levou você a me seguir até Rennes – murmurei.

Ele cerrou os punhos. Seus olhos escureceram em poços de escuridão, e todos os seus traços de humor desapareceram.

– Por que você fugiu? – Era difícil dizer se o que detectei em sua voz era um toque de angústia ou apenas meus próprios anseios refletidos de volta para mim.

Por um átimo, pensei em contar a ele sobre a flecha, mas, por alguma razão, isso parecia uma admissão de que eu estava fazendo algo errado, sendo que não estava.

– Eu tinha assuntos em outro lugar. Eu lhe disse isso várias vezes, e várias vezes você me prometeu que estávamos chegando. E nós nunca chegamos a Guérande. Meus assuntos não podiam esperar mais.

Ele deu um passo em minha direção, e meu coração começou a bater mais depressa.

– Se você estava viajando para Guérande, por que agora está em Rennes?

– Fiquei tanto tempo na estrada que a pessoa que eu precisava ver veio para cá, por isso eu a segui.

Disse a mim mesma que ele me estudava com tamanha intensidade só para ver se eu estava mentindo, mas não foi isso que senti em seu olhar. O que senti foi sua necessidade, vontade e desejo quebrando-se sobre mim como ondas contra a costa, chamando meus sentimentos indesejados por ele. Também senti… aquela conexão inexplicável que sempre me atraía para ele.

A irmã Arnette uma vez nos mostrara uma pedra especial que tinha o poder de atrair limalha de ferro. Lembrei como a poeira e as farpas de metal se moviam inexoravelmente na direção da pedra. Apesar de saber que ele era perigoso, eu era atraída para Balthazaar assim como aquela limalha para o ímã.

– Você tem permissão de estar aqui? – Esforcei-me para que minha voz soasse despreocupada. Estava determinada a ocultar dele minhas próprias emoções traidoras. – Achei que as cidades fossem proibidas para vocês.

– Não podemos caçar nem cavalgar pelas cidades, mas, como pode ver, eu posso entrar.

Eu tinha inúmeras razões para não confiar nele. Na verdade, eu deveria mandá-lo embora. Ele tinha feito coisas horríveis, que lhe valeram aquela penitência cruel. Ele e seus hellequins não passavam de foras da lei e malfeitores; mal se juntava um fiapo de decência entre eles enquanto tentavam desesperadamente expiar seus pecados mundanos. Eles eram a verdadeira pilha de lixo da graça de Mortain. Enquanto eu… eu era comprometida com uma vida a serviço de Mortain. Nossa situação era mais parecida com a de uma filha de carcereiro cortejando um prisioneiro.

Mas nenhum desses argumentos significava nada se comparados à dor e ao desespero que pairavam tão pesadamente sobre ele. E ele sabia que eu, de algum modo, era capaz de aliviar isso, assim como sua presença preenchia alguma necessidade sombria e solitária que eu carregava dentro de mim.

Ele se aproximou mais até que eu consegui vê-lo – seu peito estava coberto pela cota de malha, seus olhos me penetravam como se ele pudesse ler as profundezas de minha alma. Seu olhar era irresistível, por isso me concentrei na barba escura em torno de seu queijo e me perguntei qual seria a sensação de tocá-la; tive de

fechar a mão para não esticar o braço até seu rosto.

A brisa noturna mudou e trouxe uma lufada de ar fresco, e eu estremeci. Balthazaar ergueu lentamente a mão, pousando-a em meus braços e me puxando para a proteção de seu corpo. Eu ainda não tinha coragem de encarar seu olhar, pois ele se movia sobre minha face como uma carícia. Temi que, se erguesse os olhos, minha própria fome ficaria exposta de modo tão evidente quanto a dele. Contentei-me apenas em permanecer em seus braços, deixando que agissem como um isolante entre mim e o resto do mundo durante aqueles momentos roubados.

Então ele se moveu. Com uma emoção súbita, percebi que ele ia me beijar. Inclinei a cabeça para cima para ir ao encontro de seus lábios e imaginei se seriam frios como a noite ou quentes como seus olhos quando ele pensava que eu não o estava observando.

Mas, antes que nossos lábios se encontrassem, ouvimos o salto de uma bota na passarela às nossas costas. Afastei-me rapidamente, sentindo-me culpada. Ele estendeu a mão e segurou meu braço.

– Diga que vai voltar – disse ele. – Amanhã à noite.

Livrei-me de sua pegada e olhei para trás. Havia dois guardas fazendo a ronda. Com certeza iriam ver o hellequin, e nada bom poderia sair disso.

– Eu vou. Se não amanhã, na noite seguinte. – Quando me virei para dizer ao hellequin que ele devia ir naquele instante, ele já havia partido.



Depois de dar boa noite aos guardas, desci as escadas até o palácio, devagar. Meu coração estava agitado de um modo bastante inadequado enquanto eu retornava aos meus aposentos. Balthazaar havia me seguido até ali. Não era como a nova vida de Ismae com o nobre Duval, nem mesmo como a nova posição de Sybella ao lado do heroico Fera. Mas era o início de uma vida além do convento, e

era totalmente minha. Para esta noite, era suficiente.

Capítulo Trinta

Na manhã seguinte, antes mesmo de o sol nascer, bateram à porta de meu quarto. Era um pajem, informando-me que a abadessa exigia que eu fosse encontrá-la imediatamente. Corri para me vestir, e minha mente ficou repassando todos os argumentos que eu não tivera a chance de apresentar em nosso primeiro encontro. Eu ia explicar a ela que sabia como as videntes eram escolhidas, e que sabia que não tinha de ser seu. Essa era uma decisão dela, não de Mortain.

Então eu a forçaria a me dizer que falha ou defeito ela via em mim que a impedia de me enviar em missão, e insistiria para ter uma chance. Se ela negasse haver algo por trás de sua decisão, eu perguntaria se ela arrancara a página com o meu nome dos registros do convento. Se sim, por quê?

Ao ser conduzida para o interior dos aposentos da abadessa, uma espécie de calma se abateu sobre mim. Agora que eu estava fora dos muros do convento, o poder que ela exercera sobre mim por tanto tempo havia se dissipado, como fumaça em uma sala cuja porta alguém abrira.

– Annith. – Sua voz fria atravessou o ambiente.

Fiz uma reverência.

– Sim, madre superiora?

Ela deixou que o silêncio entre nós se avolumasse. Se sua intenção era escolher as palavras com cuidado ou me enervar, eu não sabia. Tampouco me importava.

Para mostrar a ela que não estava nervosa, olhei para os corvos nos poleiros atrás de sua mesa. Havia três poleiros, mas apenas dois corvos, e pensei que ela poderia ter enviado um para o convento com notícias de minha chegada.

– Pode se sentar. – Seu tom tinha um toque de calor, no qual eu

não confiava nem um pouco.

– Obrigada, madre superiora, mas prefiro ficar de pé. – Desse modo, ela teria de esticar o pescoço para olhar para mim.

Sua boca se estreitou levemente em irritação antes que ela expulsasse toda a emoção do rosto.

– A escolha é sua. – Ela se recostou na cadeira e me estudou. – O que você quer de mim, Annith? Saber que sinto muito, que estou inconsolável com a morte da jovem Matelaine? Pois é claro que estou. A morte dela me dói tanto quanto a de qualquer uma de nossas servas. Sofro da mesma maneira que uma mãe sofre por seus filhos. – Seu rosto estava tranquilo, com uma compreensão gentil nos olhos, e suas sobrancelhas estavam franzidas em uma imitação de preocupação.

– E a morte de Sybella? A senhora teria sofrido por ela se ela tivesse morrido naquela missão para a qual a senhora a enviou? Uma missão que não foi chancelada por nenhuma vidente?

– Sybella não é preocupação sua…

– A senhora está errada. – As palavras voaram de minha boca como pequenas rochas afiadas. – Ela é uma de minhas maiores preocupações. Assim como Ismae e Florette e todas as garotas com quem eu fui criada. E a senhora mandou Sybella de volta para aquele… aquele monstro.

– O que faz você pensar que essa não era a vontade de Mortain? Como pode estar tão certa de que não é expressamente por isso que Ele a colocou nesta terra, para acabar com D'Albret? Nenhuma outra pessoa poderia ter chegado perto dele, ninguém mais teria sido capaz de ganhar uma posição de tamanha confiança.

– Mas e a confiança dela na senhora? Ela chegou a nós quase louca de desespero e sofrimento, e mal havia se curado quando a senhora a enviou de volta para aquele covil de leões. E Matelaine? Ela estava conosco havia menos de dois anos, nem de perto tempo suficiente para aprender metade do que ela precisava saber. E Ismae? A senhora a enviou às cegas, sem sequer dizer a ela quem era sua vítima.

– Eu não queria que a identidade dele prejudicasse suas conclusões.

– E as cartas de Ismae?

A abadessa piscou.

– Que cartas?

– As que ela me enviou e eu nunca recebi. A que perguntava se eu conhecia o antídoto para um veneno.

Nós nos encaramos por um bom tempo antes que eu me debruçasse para frente e plantasse as mãos sobre sua mesa.

– A senhora nunca sequer contou a ela sobre a totalidade de seu dom. Como ela podia extrair veneno da pele de outra pessoa, assim como a irmã Serafina.

– Eu precisava ter certeza de que ela era capaz de cumprir seus deveres com Mortain sem remorso ou hesitação. Temi que seu coração bondoso a levasse a usar isso sem permissão, e esses temores revelaram ter fundamento quando ela escreveu a você.

– A senhora não tinha o direito de pegar minhas cartas…

– Não tinha direito? Que direitos você acha que tem além daqueles que eu lhe concedo? Tudo o que você tem, as roupas que veste, o alimento que encheu sua barriga… é tudo critério meu. Você parece ter esquecido isso.

– Não esqueci de nada.

– Então eu torno a perguntar: o que você quer de mim?

– Quero me certificar de que a senhora leva realmente em consideração os interesses das noviças. Que não está simplesmente escolhendo o que fazer com elas com base em algum capricho ou favoritismo pessoal.

A abadessa escarneceu.

– Não se iluda. Eu não me importo *tanto* assim com você. Tenho sido gentil com você, só isso.

As palavras da abadessa tinham o peso da verdade, mas ainda assim eu não acreditava nelas. Ela gostava de mim mais do que das outas, por mais que naquele momento não quisesse admitir.

– Quero uma explicação por não ter sido enviada para o exterior.

– Será que preciso gravar na pele de seu braço? Você foi escolhida para ser a vidente do convento. De onde você acha que elas vêm se não do quadro de nossas iniciadas? De uma árvore mágica?

– Exceto que tive a oportunidade de pesquisar o assunto e agora sei que existem várias outras qualificadas para tal posição. Mais especificamente, qualquer uma que seja virgem ou que tenha passado dos anos reprodutivos e faça um voto de celibato. Não sou a única que serve. Por que a senhora está tão decidida por mim?

– Como você sabe que estou? A primeira missão dada a uma noviça não é para provar sua obediência e lealdade absolutas? Uma tarefa forjada para ela demonstrar que é de confiança para realizar seus deveres?

Ignorando a súbita desconfiança que se retorcia em meu estômago, inclinei a cabeça e permiti que um sorriso amargo se formasse em meus lábios.

– Isso é muito estranho, porque me lembro nitidamente de ouvi-la dizer à irmã Thomine que era exatamente por eu ser tão respeitadora e obediente que eu seria uma excelente vidente.

Seus olhos se arregalaram quando ela se deu conta da frequência com que eu devia ouvir à sua porta, e seu rosto ficou lívido. Ela virou para olhar para os papéis em sua mesa para esconder isso, mas era tarde demais. Eu já sabia que ela estava com medo do que eu podia ter escutado.

– Talvez não seja o que você tem, mas o que lhe falte – disse ela por fim.

Suas palavras foram como um tapa.

– O que a senhora quer dizer com isso?

– Quero dizer que você não tem dons, nenhuma habilidade especial, *nada* que seja de algum uso para Mortain na execução de Seus desejos. A vidência pode ser ensinada. Já o dom que as outras noviças possuem não pode. Entretanto… – Ela se recostou na cadeira outra vez e ergueu uma mensagem dobrada de sua mesa. – Esta última reviravolta nos acontecimentos deve agradá-la bastante. Apesar de sua falta de dons verdadeiros, terei de enviá-la em uma missão, afinal de contas. Ela dará a você uma oportunidade de provar seu valor. De me convencer que eu estava errada ao desperdiçá-la como vidente.

E lá estava: tudo o que eu sempre quisera, tudo para o que eu sempre treinara e pelo que sempre lutara. Só que agora eu não

confiava mais nela.

– A senhora terá de me perdoar se não pareço tão grata, mas acho difícil confiar em tal ordem. Pelo menos neste momento.

– Você me pediu uma explicação, e eu lhe dei uma. Uso as ferramentas que Mortain me dá da maneira mais apropriada aos dons de cada uma. Matelaine, com toda sua juventude, tinha dons inerentes que a tornavam mais valiosa em seu serviço a Mortain que você. Mas agora ela está morta, e todas as outras são jovens demais, como você observou de modo tão tocante, por isso não resta ninguém além de você. – Ela inclinou a cabeça. – Achei que você estivesse disposta a fazer qualquer coisa para provar sua capacidade de servi-Lo exatamente dessa maneira.

Um leve tom de zombaria em sua voz me irritou muito.

– É tarde demais para me pegar com essa armadilha. Além disso, a duquesa pediu que eu a auxilie com Isabeau, e não posso dar as costas a uma ordem de minha soberana.

Seu rosto se tencionou de aborrecimento.

– Isso foi um pedido, não uma ordem, e provavelmente foi feito apenas como um favor a Ismae, para dar a você algo a fazer. E Sybella está de volta, ela pode ajudar Isabeau em seu lugar. – Em seguida, ela arqueou as sobrancelhas para mim de um jeito que fez todos os músculos de meu pescoço e meus ombros se contraírem em apreensão. – Além disso, o homem a ser morto não só é um traidor comprovado da coroa, mas também o responsável pela morte de Matelaine.

Fui fisgada como um peixe imediatamente. E ela percebeu. Mesmo assim, tentei fingir indiferença.

– E quem é esse traidor comprovado da coroa?

– O chanceler Crunard. Ou, devo dizer, o ex-chanceler Crunard.

Olhei para o poleiro vazio atrás de sua mesa.

– A irmã Vereda Viu isso?

– Viu. – Nossos olhares se encontraram, e pensei em todas as vezes que achei que ela estava dizendo a verdade só para mais tarde descobrir que ela havia mentido. Não podia confiar em suas palavras, de jeito nenhum.

– Por quê? De acordo com Ismae, ele está na prisão há meses.

Que possível ameaça ele pode apresentar agora?

– Alguém está comunicando nossos movimentos, posições e estratégias aos franceses. Sabemos que Crunard tem laços estreitos com eles, e somos levados a crer que ele está usando algum guarda comprado em Guérande para informá-los sobre nossas atividades.

– Sim, mas como ele está descobrindo os planos da duquesa? Ele não goza mais de sua confiança.

– Talvez haja outro traidor. Não sei, só sei que devemos fazer todos os esforços para deter os franceses. Você está disposta a fazer isso?

– E se eu não vir uma marca? E então?

– Eu lhe disse. A irmã Vereda Viu. Mate-o mesmo assim.



De volta aos nossos aposentos, Ismae me encarou com olhos preocupados.

– Acho que é uma má ideia.

Virei o rosto e comecei a dobrar algumas roupas para levar.

– Não é, se sei que a abadessa está tramando algo – observei.

Sybella afastou-se da janela.

– Você não entende completamente os motivos dela.

– Entendo o bastante para saber que meu interesse não está sendo levado em consideração.

– Mas por quê? – perguntou Ismae. Como se não conseguisse permanecer imóvel, ela estendeu o braço e começou a me ajudar a dobrar. – Por que você iria, sabendo disso?

Olhei para Sybella.

– Por que você partiu ao encontro de D'Albret? – perguntei com delicadeza.

Ela me encarou por algum tempo, depois acenou levemente a cabeça.

– É verdade. É uma coisa que você tem de fazer.

– Exatamente. Eu tenho de fazer isso, por Matelaine.

E por mim, mas não disse isso a elas. A abadessa tinha conseguido me provocar com minhas próprias deficiências, e me sentia pronta para uma batalha de determinações. Para aquilo, eu estava completamente preparada. Não estava é preparada para me afastar, desistir nem dar as costas para o único destino que eu já desejara.

Ismae parou de dobrar meu vestido extra.

– Você adquiriu a habilidade de ver marcas? Pois, se não, como você vai saber se ele deve morrer?

Dei de ombros e evitei responder a pergunta fazendo eu mesma uma outra.

– Vocês revistaram Crunard com cuidado? Talvez ele tivesse uma marca oculta sob as roupas.

– Infelizmente não temos as Lágrimas de Mortain aqui conosco – disse Sybella. – Pois sem dúvida isso resolveria nosso problema.

Abri a boca para dizer a elas que nós *tínhamos* as Lágrimas, mas algo me impediu. Não queria que elas soubessem que eu era baixa ao ponto de ter roubado algo tão precioso do convento.

– Vocês acham que a duquesa vai se incomodar com a minha ausência? Tentei dizer à abadessa que esses compromissos com ela não me permitiriam ir, mas ela ignorou isso.

Ismae sacudiu a cabeça.

– A duquesa e Isabeau vão ficar bem. É com você que estou preocupada. – Ela colocou o vestido dobrado em minha bolsa, depois cruzou os braços sobre o peito, nitidamente desconfortável. – Crunard é astuto como uma raposa velha, e não se importa nem um pouco com sua honra ou com qualquer causa. Tudo o que ele fez foi por amor a seu único filho remanescente.

– Sabemos se esse filho ainda está vivo? – perguntou Sybella. – Crunard falhou na tarefa que lhe foi incumbida pela regente francesa e foi preso. Temos alguma razão para achar que a regente não o matou, como disse que faria?

Ismae abriu a boca, mas tornou a fechá-la.

– Não sei – admitiu ela por fim. – Mas eu gostaria de acreditar que ela não mataria um homem inocente.

Sybella revirou os olhos.

– Há uma razão para você ser a misericórdia de Mortain, e eu não.

– Uma coisa é mantê-lo vivo para obter um resgate – disse Ismae. – Outra bem diferente é executá-lo abertamente. – Ela fez uma careta. – Vamos esperar que ela tenha andado ocupada demais tramando seus outros movimentos contra a Bretanha.

Capítulo Trinta e Um

Saindo da cidade, vi pequenos grupos de arduinitas patrulhando os campos ao redor. Uma das mulheres acenou para mim, mas estava longe demais para eu ver se era Tola ou Floris. Sabia que não era Aeva, pois ela jamais seria tão amistosa comigo. Fingi não vê-la, pois não queria parar para conversar, não com meus deveres com Mortain repousando tão pesadamente sobre meus ombros. Ainda mais se Aeva estivesse com elas.

Eram vinte e seis léguas até Guérande, dois dias de cavalgada forte, e não vi razão para me demorar. Apesar de não confiar na abadessa, uma pequena parte de mim estava empolgada por finalmente estar fazendo o que eu fui treinada para fazer. Esta não seria uma luta simples, como a contra os soldados franceses em Vannes, pois eu estaria agindo como uma autêntica serva de Mortain.

Havia poucas aldeias e cidadezinhas na estrada entre Rennes e Guérande, e ela era pouco usada, especialmente com a ameaça de invasão francesa pairando sobre o país. Fortune estava bem descansada após o período no estábulo, e não precisamos parar com frequência. Seguimos voando. Por sorte, os dias tinham ficado mais longos, se não mais quentes. Puxei a capa para junto de mim e olhei para as nuvens ameaçadoras acima, na esperança de que a chuva esperasse mais um dia.

Não sabia o que esperar em Guérande. Era provável que a abadessa estivesse tramando alguma armadilha, mas se estivesse, seria para mim ou para Crunard?

Se fosse para mim, pelo menos eu não estava despreparada. Não só tinha treinado mais que Matelaine mas, graças aos acontecimentos recentes, eu tinha muito mais experiência também – experiência com a falsidade do coração humano e com as muitas

maneiras como ele podia mentir.

A questão premente era: por que a abadessa estava me dando agora o que tinha evitado por tanto tempo? Havia uma possibilidade, apesar de remota, de que fosse exatamente como ela dizia, que não houvesse mais ninguém, sendo que eu estava à disposição, e que a irmã Vereda tivesse Visto.

Ou, mais provavelmente, era porque agora eu tinha algo com o que pressioná-la. Talvez ela achasse que eu esqueceria a morte de Matelaine se me desse aquilo que eu sempre desejara.

Se era isso, ela ficaria extremamente decepcionada.

No fundo, eu esperava ardentemente estar sendo enviada em missão por ter passado em qualquer que fosse o teste que Mortain houvesse posto diante de mim. Mortain, não o convento. Eu ficara cara a cara com os hellequins e controlara a situação; lutara ao lado das fiéis de Arduinna e deixara nosso convento orgulhoso, apesar da história e da animosidade existente entre nossas duas ordens; e, talvez o mais importante, eu agora tinha uma visão muito mais ampla dos dons de Mortain e de como eles afetavam a todos nós.

Sem dúvida, minhas ações haviam provado além de qualquer dúvida como eu estava totalmente comprometida com Ele. Não com a atual abadessa, tão boa comigo anos atrás, e não com Dragonette, que me ofereceu um acordo perverso em troca de um lar, segurança e a sensação de *pertencer* a algum lugar. Não, era com Ele que eu estava comprometida.

Cansada desses pensamentos, voltei a mente para as armas que estava levando e me distraí revisando as muitas maneiras de matar que eu conhecia. Qual devia usar em Crunard?

Poderia usar pequenas doses de veneno para neutralizar qualquer guarda. Tinha um bracelete de prata trançada que servia como garrote e carregava cinco facas escondidas entre minhas saias e mangas, assim como meu amado arco. Tive certeza de que, se aquela fosse uma morte sancionada por Mortain, não sentiria qualquer incerteza ou hesitação que sentira no passado, pois estaria envolvida na obra de meu próprio deus.

Se Crunard fosse realmente o assassino de Matelaine, vingar sua morte parecia justificável, ao menos para mim. Mas percebi que não

sabia como Mortain se sentia em relação à vingança. Isso nunca viera à baila em nossas lições.

Sem dúvida, se Matelaine tivesse percebido que sua vida estava em perigo, teria todo o direito de se defender. Só que esse desejo frio e calculado de vingança que eu levava em meu coração parecia muito mais humano que divino. Toda a questão tornava-se ainda mais complexa com tudo o que aprendi com Ismae e Sybella; tantos culpados não eram marcados, e tantos inocentes eram. Sem dúvida isso sugeria que os desígnios de Mortain não eram facilmente discerníveis, ou mesmo perceptíveis.

Quem deveria pagar pela morte de Matelaine: Crunard ou a abadessa?

E então lembrei que não estava entrando naquilo às cegas. Eu tinha as Lágrimas de Mortain comigo. Sorri, ao me dar conta de que seria capaz, no fim das contas, de entender o desejo de Mortain. Tive de me segurar para não parar ali mesmo e usar as Lágrimas no meio da estrada, mas me obriguei a seguir adiante. Haveria tempo suficiente quando parasse para descansar.



Quando o sol começou a mergulhar no horizonte, percebi que tinha de alcançar um vilarejo logo ou montar acampamento. Viajei mais meia légua, na esperança de encontrar uma estalagem ou fazenda solitária onde pudesse passar a noite, mas não havia nada. Olhei para o céu outra vez e fiquei aliviada ao ver que as nuvens pesadas tinham sido sopradas para o norte. Ao voltar os olhos para a estrada, um bando de corvos levantou voo de uma árvore próxima; eram cem asas negras se elevando no céu, batendo em uníssono como se fossem uma.

Ao vê-los, lembrei-me subitamente de Balthazaar, e fui tomada por uma onda de remorso. Estava tão ansiosa para partir que me esqueci completamente da promessa de encontrá-lo nas muralhas.

No rastro de meu remorso, veio uma onda de fogo. Eu não o

convidara para me seguir a Rennes, e sem dúvida não devia a ele nenhuma satisfação sobre meu paradeiro. Tinha sido escolha dele ir, e não era minha responsabilidade cuidar de seu conforto. Além disso, eu pensei que não tínhamos mais nada a dizer um para o outro, que nunca mais tornaria a vê-lo.

E apesar disso, eu não conseguia justificar a pequenina sensação de alegria que senti ao vê-lo. E se me entristecia pensar que minha indiferença poderia aumentar o desespero que já o atormentava, esse não era um problema meu. Não importava a frequência com que via seu rosto quando fechava os olhos à noite ou quanto sentia falta de sua presença silenciosa e protetora. Naquele momento, eu tinha de me concentrar no serviço de Mortain e nas tramas da abadessa.



Pouco tempo depois, avistei um pequeno grupo de árvores perto de umas rochas cobertas de musgo. As copas eram densas e forneceriam proteção caso as nuvens voltassem, enquanto as pedras me ocultariam da estrada. Havia até um pequeno riacho do outro lado. Depois de me decidir, desmontei e levei Fortune até a água e deixei que ela bebesse. Fiquei satisfeita ao ver que havia alguns brotos verdes de capim para ela.

Removi sua sela e arreios, esfreguei-a inteira e a levei até a área de pasto. Em seguida, cuidei de minhas próprias necessidades enquanto ainda havia alguma luz. Quando terminei de acender uma pequena fogueira, a escuridão já havia caído. Meu estômago roncava de fome mas, ao puxar o alforje, não foi comida que meus dedos buscaram. Enfiei a mão até o fundo da bolsa, onde o pequeno frasco de Lágrimas estava protegido pelo diário encadernado em velino.

Peguei o frasco pesado, desembalei o tecido que o cobria, e me vi olhando fixamente para o cristal negro; as chamas da fogueira, refletidas no cristal, saltavam e dançavam em suas profundezas

facetadas.

Pensei em todas as servas que saíram antes de mim e que tiveram seus sentidos abertos para os desígnios de Mortain, para poder ver o mundo como Ele o via. Sem dúvida, algumas precisaram ver Seu desejo com o mesmo desespero que eu naquele instante. Eu tinha não só a vida de Crunard na balança, mas meu próprio futuro no convento também.

Puxei a tampa com cuidado, revelando uma longa e fina haste de cristal. Eu a mergulhei nas Lágrimas, depois a puxei lentamente para fora. Pus o frasco sobre uma das pedras que cercava o fogo e aproximei a haste do olho esquerdo. Fiz uma pausa para dizer uma breve oração. *Por favor, Mortain, que Seu desejo se torne claro para mim para que eu possa servi-Lo melhor*. Segurei a pálpebra aberta com a mão livre, e dei uma batida na tampa.

Uma Lágrima caiu, pesada e fria. Enquanto tateava para recolocar a haste no frasco, uma queimação começou. Abri o olho direito e repeti o procedimento, estremecendo diante da sensação.

A queimação agora era mais forte, e aumentou em vez de diminuir. Queimava com tamanha força que deixou o interior de minhas pálpebras vermelho, como se eu estivesse olhando para o sol de olhos fechados. Aguentei firme e esperei que passasse.

Mas não passou. Senti a primeira onda de pânico quando a sensação foi de meus olhos para minha testa, depois tomou meu crânio e desceu pelo pescoço, de modo que até minha garganta latejava.

Ergui as mãos para esfregar e aliviar a dor, então parei, sem saber se isso iria melhorar ou piorar. Cerrei as mãos e rezei para que a sensação parasse.

Não sei quanto tempo levou – quando uma pessoa está sentindo dor, todo segundo parece uma hora –, mas por fim a queimação começou a diminuir e arrisquei abrir os olhos.

Pisquei, e pisquei de novo. Aproximei a mão do rosto, e prendi a respiração. Pisquei uma terceira vez.

Eu não conseguia ver nada.

Não. Não podia ser. Apertei os dedos com delicadeza sobre as pálpebras fechadas, como se pudesse esfregar e limpar a

escuridão. Mas quando tornei a abrir os olhos, ainda não via nada, apenas mais escuridão. Meu coração começou a acelerar, pulsando alto em meu peito. Talvez fosse apenas temporário, uma reação forte às Lágrimas sagradas. Devia acontecer com todas as noviças.

Exceto que… se fosse verdade, com certeza teria ouvido algum rumor sobre isso. Além do mais, Ismae recebeu as Lágrimas pouco antes de partir com o chanceler Crunard em sua segunda missão. Se isso afetara sua visão dessa maneira, não podia ter sido por muito tempo.

Antes que eu tirasse algum conforto disso, ocorreu-me um novo pensamento, tão incômodo que meus membros começaram a tremer.

E se aquele fosse o frasco errado?

Era totalmente possível, pois não havia nenhum rótulo, e os aposentos da irmã Vereda eram uma bagunça total de uma miscelânea de coisas. Aquele parecia o vidro do qual eu tanto ouvira falar, mas apenas o ímpeto de meu desacato me levara a essa conclusão.

Ou será que este era outro teste? Fiquei em dúvida. Por favor, Mortain, não. Eu já tinha passado por testes suficientes; sem dúvida não havia necessidade de mais provas de minha dedicação.

Ou talvez… Meus pensamentos se embaralharam e se rearranjaram em uma formação completamente nova. Será que a abadessa tinha se apropriado das Lágrimas e as alterado de algum modo? Estive em meus aposentos poucas vezes, e ela tinha acesso livre ao palácio. Provavelmente ninguém daria atenção a suas idas e vindas se ela fingisse estar se encontrando com suas servas.

Ela estava absolutamente determinada a não me usar como assassina a serviço de Mortain, mas será que teria recorrido a uma tática tão brutal como essa?

Escarneci, respondendo minha própria pergunta. Claro que sim. Nós havíamos cruzado uma nova linha em nosso relacionamento.

Com medo de passar mal, plantei as mãos nos joelhos e inclinei-me para frente, esforçando-me para inspirar grandes haustos de ar. Desejei desesperadamente me mover, ficar de pé, andar, *fazer alguma coisa*, mas tinha medo de me perder. Fechei os olhos, e o

pânico de algum modo arrefeceu, como se meu corpo estivesse confortável sem visão, desde que eu permanecesse com os olhos fechados.

E então? O que significava isso em minha jornada até Guérande?

O que significava isso para minha própria vida? Agora eu não teria outra escolha que não permanecer atrás dos muros de pedra do convento, naqueles aposentos escuros como um túmulo, pelo resto de meus dias.

Não.

A palavra emergiu de meu interior como um peixe vindo da parte mais profunda do mar. Não. Eu não ia ficar sentada ali como um buraco na estrada, à espera de que a abadessa chegasse para me buscar e me conduzir de volta ao convento, como uma criatura obediente, pronta para receber suas preciosas e infinitas visões.

Eu tinha provado a liberdade e não podia abrir mão de ter o controle da minha vida.

Mas como poderia seguir em frente se não conseguia ver?

Um passo de cada vez. As palavras penetraram em minha consciência como chuva sobre um solo ressecado, acalmando-me um pouco.

Em vez de me entregar ao desespero, simplesmente teria de rezar para que minha visão retornasse pela manhã.

Tateei o rochedo à minha direita até que minha mão encontrou o alforje. Passei os dedos por seu volume até tocar as estreitas tiras de couro e o metal frio das fivelas que prendiam minha manta de dormir no lugar. Foi bem fácil removê-la do resto do embrulho. Tornei a fechar os olhos para me concentrar e me lembrar do ambiente. Tinha prendido Fortune pouco além da árvore mais ao norte. As outras árvores se espalhavam em uma meia-lua. Apertando a manta em meu peito como um escudo acolchoado para não quebrar o nariz se calculasse errado, comecei a contar os passos até a árvore seguinte, e fiquei satisfeita quando senti algo áspero sob as palmas de minhas mãos – a casca da árvore – apenas dois passos mais longe do que eu tinha calculado.

Meu olfato estava mais forte, não sei se devido às Lágrimas ou simplesmente por eu não poder enxergar, mas percebi que aquilo

também me ajudava. O cheiro pungente de seiva me guiou até a árvore seguinte, apenas quatro passos à frente. Bom. Estava longe o suficiente de Fortune, para que ela não pisasse em minha cabeça por acidente enquanto eu dormia.

Mantendo a árvore às minhas costas e o calor do fogo à minha frente, abaixei-me até o chão. Com toda a graça e precisão de um urso de circo, limpei as pedras e galhos antes de desenrolar a manta de lã. Ao terminar, sentei de cócoras. Apesar de estar frio, suor escorria pelo meu corpo devido ao esforço.

Estava fora da estrada e escondida o suficiente, e não havia lua naquela noite. Mesmo assim, rezei para Mortain, pedindo a Ele que me ocultasse na escuridão.

Capítulo Trinta e Dois

Acordei com o chão a ribombar como trovões distantes. Olhei para o céu para ver se haviam se formado nuvens de tempestade, e praguejei ao ser recebida apenas pelo nada.

Levantei-me lentamente. Fortune bufou e bateu as patas. Outro ruído seguiu-se ao primeiro, o pio de uma coruja, talvez, ou o grito de alguma criatura cuja vida tivesse acabado de chegar ao fim.

O trovejar ficou mais alto, e ouvi Fortune agitar a cabeça e relinchar. Não eram trovões, mas cavalos. Meu coração bateu forte em meu peito… os hellequins.

Ergui o ouvido, esforçando-me para escutar melhor. Não. Era apenas um cavalo. Um viajante solitário, então. Eu não sabia, porém, por que alguém estaria cavalgando com tamanha pressa tão tarde da noite. Se ele estava com tanta pressa, provavelmente passaria sem ver meu acampamento. Especialmente agora que o fogo estava morrendo.

Esperei na escuridão, preparada, ouvindo com atenção, surpresa ao perceber que o cavaleiro não passou por mim, mas, em vez disso, saiu da estrada e seguiu em minha direção. Rapidamente tateei com a mão direita até encontrar uma flecha, e peguei meu arco com a esquerda. Devagar, fiquei de pé, mantendo todos os sentidos focados no cavaleiro que se aproximava.

As batidas dos cascos ficavam cada vez mais altas, e não pude evitar me perguntar se era o medo que fazia com que soassem tão altas ou se era simplesmente minha audição compensando a falta de visão. De qualquer modo, armei uma flecha no arco e esperei.

Quando o cavalo explodiu no interior das árvores, tive de me segurar para não liberar a flecha. Eu só tinha um tiro, era melhor ter certeza de que ele não seria desperdiçado.

Com um bufo alto e um arquejar dos pulmões, o cavalo deteve-se

bruscamente, parando logo além do círculo de rochas que cercava meu acampamento. Ouvi o ranger de uma sela e o deslizar de couro quando uma pessoa desmontou. Pensei em exigir para que se identificasse, então percebi que não queria entregar minha posição nem revelar o elemento surpresa.

Ouvi o ruído de botas pesadas sobre o chão da floresta, e minha pele se retesou sobre meus ossos enquanto eu esperava.

Seu cheiro me alcançou primeiro: o cheiro pungente e rico de terra e folhas de primavera acompanhado pelo leve odor de couro e cavalo.

– *Balthazaar?* – Seu nome saiu, meio sussurro, meio prece.

Ele me respondeu apenas com um grunhido. Eu nunca me senti tão vulnerável, literalmente sem saber onde pisar. Era como se o próprio mundo tivesse se transformado em uma enorme armadilha por onde eu tivesse de me situar. Isso me enfureceu; ergui meu arco carregado e o apontei em sua direção. Seus passos pararam.

– O que foi? – perguntou ele. – Qual o problema?

O som e o timbre de sua voz se envolveram ao meu redor e eu cedi ao doce alívio que correu pelos meus membros.

Será que eu lhe contava? Não. Não até descobrir por que ele estava ali.

– Só fiquei surpresa de ver você, só isso. Por que está aqui?

– Você disse que ia voltar, que ia me encontrar nas muralhas. E, em vez disso, você fugiu. Outra vez.

Apesar de sua voz pulsar de raiva, ela não conseguia ocultar completamente o leve tom de sofrimento que continha.

– E por isso você *me caçou*?

– Não. – Ele pareceu levemente ofendido. – Eu tinha assuntos aqui perto.

Não entendi se meu coração acelerou de alegria ou apreensão.

– Você me seguiu.

– Eu *não* sigo. Eu caço.

Sua voz estava mais próxima agora, mas não fui capaz de ouvir o arrastar de seus pés no chão da floresta nem sequer um graveto partido sob o salto de sua bota. O homem se movia tão silenciosamente quanto um espectro, sem clangor de armas nem

ranger de armadura para me ajudar a localizá-lo.

Era difícil fingir manter meus olhos concentrados nele quando ele se movia de modo tão silencioso, mas não queria que ele soubesse que eu estava cega. Sentia-me tola e ridícula, e preferia guardar esse segredo dele.

– Não entendo você. Às vezes não sei dizer se você me odeia ou deseja me devorar.

– Os dois – murmurou ele, e senti seu calor mais próximo.

Abri a boca para dizer a ele que estava perto demais mas, em vez disso, eu me vi dizendo:

– Que bom que você está aqui.

Ele segurou meus braços com força, e me puxou para ainda mais perto. Nossos corpos se tocaram, e ouvi farfalhar de minhas saias se emaranhando em torno de suas pernas.

– Que feitiço você lançou sobre mim que não tenho escolha além de sair a galope atrás de você pelo campo como um cachorro apaixonado?

Meu coração bateu forte, excitado com suas palavras.

– Achei que você tinha dito que não estava me caçando.

– Caçando. Seguindo. – A aversão a si mesmo pesava em sua voz. – De qualquer modo, não vou conseguir nada assim. – Ele me abalou um pouco com cada uma de suas palavras, como se pudesse se livrar do poder que dizia que eu possuía sobre ele. E então, sem qualquer aviso, ele apertou os lábios contra os meus.

Quando sua boca cobriu a minha, eu me vi girando, como se estivesse caindo de ponta-cabeça; até as estrelas do céu estavam rodando. Seus lábios eram quentes e macios, a atração implacável de seu desejo por mim era tão forte quanto as ondas batendo na areia.

Não era como treinar com Ismae, nem mesmo com Sybella. Não era nada como os primeiros beijos que eu havia imaginado ao longo dos anos. Era muito, muito melhor e mais maravilhoso, e ao mesmo tempo apavorante, como uma das tempestades furiosas que fustigavam os muros do convento no inverno, ameaçando romper suas defesas. Seu beijo ameaçava algo em minhas profundezas que eu não sabia nem dizer o que era.

Então, de maneira igualmente repentina, ele me afastou, deixando meu corpo frio e vazio – e desejando *mais*. Ouvi um leve farfalhar de sua capa quando ele se afastou de mim. Quis levar os dedos aos meus lábios. Para verificar se eles estavam diferentes. Então lembrei quem – e o que – ele era.

– Você vai pagar por isso? – perguntei, pensando nos hellequins e o que ele dissera sobre o preço da tentação.

– Você me cobraria por um beijo?

Tive vontade de lhe dar um tapa, mas eu teria de primeiro conseguir vê-lo. Em vez disso, virei-me na direção do suave calor do fogo que se apagava e estendi as mãos.

– Não, seu estúpido. Eu estava preocupada que, ao ceder à tentação, você aumentasse sua penitência.

Houve um momento de silêncio antes que ele finalmente falasse.

– Eu a sigo por doze léguas, a interpelo no meio da noite, e você está preocupada com minha penitência?

Eu escarneci.

– Você não me interpelou. Eu *deixei* que você me beijasse, não se engane.

Por alguma razão, tive certeza de que ele estava sorrindo, apesar de não ouvir nada. Imaginei se era um sorriso breve e afiado, ou doce e tranquilo.

– Obrigado pelo esclarecimento, *milady*.

Seus olhos estavam fixos em mim, eu podia sentir isso tão claramente quanto senti seu toque apenas alguns instantes antes, e quis me esconder deles. Mas qualquer movimento que eu fizesse entregaria minha situação.

– Qual o problema com você? – perguntou ele com gentileza.

– Nada. – Dei as costas para ele, sem me preocupar com o quanto parecesse infantil.

– Mas há alguma coisa. Venha cá. – Ele estendeu a mão, pegou meu queixo com os dedos e ergueu meu rosto delicadamente. Em desespero, olhei para onde esperava que estivessem seus olhos.

– Você está cega.

Tive de fazer um grande esforço para não tocar meu próprio rosto.

– Como você sabe? Meus olhos estão marcados? – perguntei,

temendo a resposta.

– Não, eles estão bem. – O calor e a suavidade de sua voz me fizeram sentir um calafrio na espinha.

Ele aproximou-se. Esperei um beijo, mas ele me cheirou. E de novo. Quando achei que ia me cheirar pela terceira vez, ele se abaixou mais e tornou a capturar meus lábios em um beijo extremamente breve.

– Conte-me.

E eu contei. Deixando de lado a parte do roubo das Lágrimas.

Enquanto contava minha história, percebi que ele me escutava de um modo que poucos faziam. Eu podia *senti-lo* prestando atenção, e temi que ele ouvisse coisas que nem eu sabia estar dizendo.

Ao terminar, ele ficou um bom tempo sem dizer nada. A noite estava tão silenciosa que imaginei poder ouvir as estrelas no céu.

– Você estava tão ansiosa assim para experimentar o mundo como Mortain? – perguntou ele por fim.

E apesar de temer que isso fosse machucá-lo, eu não pude mentir.

– Sim.

Ouvi o sussurro de lã grossa quando ele se remexeu, e sua mão tomou a minha; senti o couro frio de sua luva contra minha palma.

– A maioria em sua situação simplesmente desistiria, voltaria. – Ele apertou minha mão com delicadeza, e se sentou no chão da floresta, fazendo as folhas farfalharem suavemente.

Como ele não ia largar minha mão, eu me abaixei.

– Sempre fui determinada e teimosa. É um de meus maiores pecados.

– Mas isso é um pecado? Se permite que você sobreviva, resista, vença?

Fiquei absurdamente aquecida por suas palavras. Isso ele não poderia ver, escarneci com sarcasmo.

– Não acho que isso – gesticulei para meu corpo cego sentado no acampamento no meio do nada – se qualifique como *vencer*.

Ele beijou minha fronte e, por alguma razão, tive vontade de chorar.

– Por enquanto, por esta noite, é sim. Não sabemos o que o amanhã vai trazer, mas não é sempre assim? – Ele passou o braço

ao meu redor e me apertou contra seu peito.

Eu fiquei imóvel.

– Você vai me seduzir? – perguntei, sabendo que, na verdade, eu não era uma grande conquista, pois precisava de pouco convencimento.

Ele inclinou-se para junto de mim e esfregou o rosto em meu cabelo.

– Você gostaria que eu fizesse isso?

Sim, pensei, mas não consegui dizer exatamente.

Ele plantou um beijo atrás de meu ouvido, depois suspirou.

– Infelizmente, não. – Ouvi o sorriso em sua voz. – Não quando amanhã você precisa passar o dia inteiro em cima de um cavalo. Não sou tão egoísta, não tanto.

Quando compreendi todo o significado de suas palavras, corei de maneira tão furiosa que emanei mais calor que a fogueira, e Balthazaar riu. Como era apenas a segunda vez que ele fazia aquilo, não me importei tanto em ter sido o alvo.

– Durma – sussurrou ele com delicadeza. – Vou cuidar de você até amanhecer, e depois nós decidimos o que fazer.

Nós. Não *você*, mas *nós*. Sei que devia estar ressentida por ele presumir tanta coisa, mas, pelo contrário, aferrei-me a isso como uma promessa.



– Tome cuidado, meu amor – murmura uma voz. Em seguida, sinto a pressão de lábios frios sobre minhas pálpebras.

Com a surpresa de seu toque, esforcei-me para abrir os olhos. O sol começava a brilhar através das árvores, e jurei que ainda podia sentir o corpo do hellequin contra o meu, a marca da cota de malha que ele usava contra minhas costas. Mas, quando virei para olhar para ele, ele tinha ido embora.

Foi quando percebi que podia ver. Fui tomada por um alívio tão poderoso que quase fiquei tonta.

A distância, ouvi o som de cascos a galope. Ergui os olhos, vendo que ele tinha mesmo partido. Meu interior encheu-se de confusão e dor, formando um nó em minha garganta.

Não. Eu não ia sentir nenhuma dessas coisas por ele. Eu não ia me deixar ser vítima das emoções. Nem por ele nem pela abadessa. O desejo de meu deus era meu único objetivo naquele momento. E estava envergonhada por Balthazaar ter me feito esquecer disso. Eu tinha uma missão. Uma missão da qual dependia meu próprio futuro, e eu não ia permitir que Balthazaar turvasse minha mente.

Ocorreu-me que ele, também, podia ser um teste enviado por Mortain. Abaixei-me e comecei a recolher minha manta de dormir. Se fosse, então eu estava ficando profundamente cheia desses testes. Se àquela altura Mortain não entendesse minha dedicação, sem dúvida não havia mais nada que eu pudesse fazer para prová-la.

Capítulo Trinta e Três

Eu me aproximei sozinha do portão de Guérande. As torres altas que se assomavam dos lados faziam com que eu me sentisse pequena e insignificante. O guarda que operava o portão ficou me observando. Peguei uma moeda na bolsa e joguei para ele.

– Qual a melhor estalagem para passar a noite? – perguntei.

– O Martelo e A Cruz, se não estiverem lotados.

Olhei ao redor para as ruas quase vazias.

– Será que estariam?

Ele sacudiu a cabeça.

– Atualmente, estamos recebendo poucos viajantes. Deve haver acomodações à disposição.

– Obrigada.

Guérande era menor que Rennes, com menos gente e menos movimento, pelo menos àquela hora da noite. Uma mulher solitária correu pela rua com sua cesta de feira. Dois mercadores caminhavam lado a lado com as cabeças próximas, conversando.

A estalagem era uma construção robusta de pedra, levemente afastada da rua. Havia um letreiro de madeira pintado com um martelo de ferreiro e a cruz de Saint Cissonius acima dela. Enquanto eu conduzia Fortune para o interior do pátio, um cavalariço não mais velho que Florette aproximou-se correndo para tomar as rédeas.

– Tome um cuidado especial com ela – disse a ele enquanto apeava. – Ela cavalgou muito nos últimos dois dias.

Entrei na estalagem e fui engolfada pelos aromas de carne assando, fumaça, vinho e ar fresco se movendo junto ao chão. O estalajadeiro, um homem corpulento, que parecia um urso e era quase tão peludo quanto, ergueu os olhos quando cheguei. Sua cabeça e seu rosto estavam cobertos de pelos castanhos e ásperos, e sua face estava avermelhada devido a seu trabalho. Seus olhos

eram desconfiados, mas não antipáticos. Ele esfregou as mãos no avental de couro e veio me cumprimentar.

– Posso ajudá-la?

– Estou à procura de um lugar para passar a noite. Talvez duas. O senhor tem um quarto?

– Sim. Se a senhorita tiver dinheiro.

– Eu tenho. – Tirei duas moedas da bolsa em minha cintura e as estendi para ele.

A desconfiança deixou seus olhos enquanto ele pegava as moedas.

– Gostaria de jantar também?

– Sim, obrigada.

Após uma refeição satisfatória no salão comum, retirei-me para meu aposento, confiando que ia mergulhar no sono como uma pedra em um rio. Mas, em vez disso, rolei na cama, irrequieta.



Na manhã seguinte, levantei cedo, peguei pão e queijo no salão comum, em seguida saí para as ruas de Guérande. Elas estavam, então, bem mais movimentadas, com pessoas andando de um lado para o outro e cuidando de seus afazeres. Era fácil misturar-me à multidão. Parei e admirei os produtos de um vendedor de fitas, fingi considerar comprar uma das galinhas magras do mercado, mas durante todo o tempo estava formando um mapa em minha mente. A catedral serviu para me nortear, e comecei a entender as ruas da cidade e os portões aos quais levavam. Quando tudo isso estava firmemente fixado em minha cabeça, voltei para o palácio e passei o resto do dia registrando na memória as entradas, as saídas e as sentinelas. Ia retornar à noite, sob o manto da escuridão, e fazer o que tinha de ser feito.



De volta à estalagem, jantei cedo, retirei-me para meu quarto e esperei. Três horas após anoitecer, armei-me com cuidado com tudo o que tinha, coloquei os frascos de veneno no bolso em minha cintura e pendurei a aljava no ombro. Eu a levava mais baixo do que era confortável, mas, dessa forma, ficaria oculta pela capa.

Enquanto descia pela escada estreita, percebi que o salão comum estava silencioso, estranhamente silencioso. Pisei com mais delicadeza nos degraus para fazer o mínimo de barulho possível, e saquei uma das facas da bainha. Quando cheguei ao fim da escada, entrei lentamente no salão principal.

O estalajadeiro estava segurando um martelo de ferreiro, olhando com uma expressão séria para a porta da frente. Segui seu olhar e vi uma figura alta, com uma capa escura, encarando o estalajadeiro de volta. Ele emanava o cheiro do Mundo Inferior, como névoa marinha, e enchia todo o aposento com escuridão e mau presságio.

Pisquei, perguntando-me brevemente se os hellequins podiam ser convocados meramente por alguém se permitir pensar neles.

– Deixe-me passar. – A voz de Balthazaar era grave e baixa e completamente ameaçadora.

– Você não vai entrar em meu estabelecimento. – O estalajadeiro fez o sinal da cruz com a mão direita. Com a esquerda, ele segurava o cabo do martelo com uma pegada frouxa, erguendo-o acima do ombro.

Murmurando uma praga, enfiei de volta a faca na bainha e corri adiante. Minha mente girava à procura de um modo de acalmar aquelas águas turbulentas.

– Milorde? – disse, com voz jovem, delicada e baixa. – Eu lhe disse que ia procurá-lo. – Eu mal tinha consciência do que estava balbuciando. Sabia apenas que tinha de criar alguma distração que impedisse que os dois chegassem às vias de fato.

Balthazaar afastou lentamente o olhar do estalajadeiro assustado e virou-se para mim. Vi toda uma tempestade de emoções em turbilhão em seus olhos. Olhei nervosamente ao nosso redor, depois suavizei a voz, como se estivesse envergonhada.

– Eu… Eu não queria encontrá-lo aqui. Na frente dos outros, milorde – sussurrei. Ao baixar o rosto e pegar a saia, percebi uma expressão de compreensão e repulsa brilhar no rosto do estalajadeiro, e a tensão em seu ombro se reduziu um pouco. Ele pendeu o martelo uma fração de centímetro.

– A senhorita conhece este homem?

– Ah, sim! – Dei um passo à frente para me colocar de modo sutil entre os dois homens. Mostrei-me alegre (eu estaria alegre se estivesse me encontrando com um amante). Olhei para Balthazaar com evidente admiração. Se eu não achasse que a vida do ferreiro estava em risco, estou quase certa de que teria passado mal. – Estou pronta para ir, milorde.

Ele olhou para baixo e piscou. Seus olhos escuros eram indecifráveis. Balançou uma vez a cabeça, segurou meu braço, e puxou-me na direção da porta.

Entrelacei o braço no dele e me aninhei contra seu corpo para que parecesse que ele estava me acompanhando, e não me arrancando dali para ser raptada ou arrastada para o Mundo Inferior.

– Estarei de volta em breve – gritei para o estalajadeiro.

– Nós trancamos as portas antes das batidas do terceiro sino e só as abrimos outra vez de manhã. Se não voltar até lá, não adianta vir.

– Obrigada! Vou voltar antes do terceiro sino. – Já estávamos na porta. Balthazaar abriu-a, empurrou-me para a noite e a fechou às nossas costas. Antes que eu pudesse repreendê-lo por tal cena, ele me apertou contra a parede, inclinou a cabeça e capturou meus lábios nos dele.

A força daquilo me deixou sem fôlego e, por um instante, tudo o que pude fazer foi me entregar. Tirando proveito de minha reação, ele envolveu os braços ao meu redor e me puxou mais para perto, como se mesmo o pequeno espaço entre nós fosse demais. Por sorte, o movimento trouxe de volta meus sentidos, e eu, menos vigorosamente do que devia, afastei-o.

– O que você está fazendo aqui?

Ele me encarou, e tive de me obrigar a virar o rosto por medo de me perder outra vez naquele olhar.

– Você não estava agindo como minha amante agora?

Olhei ao redor para ver se alguém havia testemunhado nossa exibição. Mas estávamos sozinhos no pátio, muito provavelmente porque seu enorme garanhão negro estava empinando e batendo as patas no chão, como a criatura do Mundo Inferior que era.

– Sim, seu grande tolo, mas só para que você e o estalajadeiro não brigassem. Agora solte-me. Tenho um trabalho a fazer. – Eu queria perguntar a ele por que tinha me deixado e para onde tinha ido, mas me recusei a deixar que essas questões saíssem de meus lábios. Lábios que ainda sentiam a pressão dos dele.

– Terminei meu trabalho em Nantes – disse ele.

Minha cabeça se ergueu bruscamente, e temi que ele tivesse lido minha mente.

– É isso o que estou fazendo aqui.

Afastei-me da parede.

– Que negócios você tinha em Nantes?

– Um novo hellequin fez votos a nosso serviço.

– Verdade?

– Verdade.

Insisti, pois mentiras caíam de seus lábios com a mesma facilidade que frutas maduras de uma árvore.

– De que pecados ele busca a redenção?

– Ele foi tomado de luxúria pela própria irmã. E ainda assim morreu tentando protegê-la. No momento de sua morte, ele implorou por uma chance de se redimir, e, portanto, isso lhe foi concedido.

– Então foi por isso que você partiu sem nem ao menos falar comigo.

A voz dele suavizou.

– Eu me despedi.

Certo, então aquilo não fora um sonho. Eu o estudei com desconfiança.

– Você partiu sem sequer saber se minha visão tinha retornado.

– Mas tinha.

E como ele poderia saber? *“Tome cuidado, meu amor”, murmura uma voz. Em seguida, sinto a pressão de lábios frios sobre minhas pálpebras.* Escarneci de minhas desconfianças. Os hellequins não tinham tais poderes. Não passava de uma coincidência. Meu corpo

finalmente se ajustara ao poder das Lágrimas, só isso.

– Bem, agora estou boa, como pode ver. E tenho trabalho a fazer.

– Vou acompanhá-la.

Merde, era tudo o que eu precisava agora, ele tomando conta de mim.

– Não vai, não! Meu trabalho deve ser feito com privacidade.

– Assim como o meu, mas mesmo assim você o testemunhou por quase três semanas.

– A *seu* convite.

– Além disso, e se você ficar cega outra vez? Ou perder a audição? Ou o poder da fala? Vai precisar de minha ajuda. – Havia um leve tom de satisfação presunçosa em sua voz.

Quase tornei a empurrá-lo, frustrada, mas então vi uma centelha de humor iluminando seus olhos, elevando o desespero e tornando-os quase humanos. E imediatamente minha raiva se dissipou.

– Está bem. Mas você deve fazer o que eu mandar.

Ele levou a mão ao peito.

– Sempre.

Eu revirei os olhos.



Crunard estava preso na torre do portão nordeste. Enquanto seguíamos pelas ruas quase desertas de Guérande, eu mantinha um olho atento aos vigias da cidade. Ao meu lado, o hellequin se movia tão silenciosamente quanto um espectro. Na verdade, as sombras da noite pareciam se juntar em torno dele, como se sua própria presença as atraísse. Aquilo era muito perturbador, e foi necessário cada grama de meu treinamento para afastá-lo de minha mente e me concentrar na tarefa que tinha à frente.

Estava pronta. Passei a vida inteira me preparando para aquele momento, para aquela chance de servir a Mortain. Em vez de ficar sentada, confinada a um túmulo sufocante sem usar nada de mim para servi-Lo, agora cada habilidade que eu possuía, cada parte de

meu intelecto, cada hora de treinamento seriam necessários para realizar Sua tarefa, e, ao fazer isso, eu dedicaria minha vida a Seu serviço.

Se Ele me recebesse.

Eu não sei o que faria se a vida que desejava me fosse negada, mas a ideia agora era menos desoladora do que antes. Disse a mim mesma que isso nada tinha a ver com o hellequin ao meu lado. Ou, se tivesse, era apenas por que eu tinha aprendido com ele até onde a graça e a misericórdia de Mortain podiam se estender.

Ignorei sua presença sombria e pensativa e repassei tudo o que aprendera sobre marcas, como e onde apareciam e as diferentes maneiras como as filhas de Mortain as viam. Eu sabia que Ismae via marcas desde pequena e que elas apareciam para ela de forma a sugerir o método de morte. Sybella só as via nas testas das vítimas, e após lhe ministrarem as Lágrimas.

Havia iniciadas que nunca viam, apesar de serem mais raras. Era por isso que confiávamos tanto na vidente, e por isso eu estava tão apavorada de ter esse fardo sobre meus ombros. Eu não conseguia acreditar que eu era a voz d'Ele neste mundo.

Quando chegamos à torre do portão, estendi a mão para deter o hellequin. Imediatamente, dois guardas emergiram da porta. Antes que eu pudesse reagir, o hellequin me pegou pelo ombro e me virou, deixando-me de costas para a parede. Então debruçou-se sobre mim, apertando nossos corpos juntos, o que fez sua capa girar para frente com o movimento e se envolver em torno de minhas pernas. Em seguida, baixou a cabeça encapuzada na direção da minha, e ficou tão perto que achei que ele ia tornar a me beijar. Se, por um lado, fiquei aborrecida com suas ações, meu coração traidor deu um pequeno salto ansioso. Quando me preparava para me afastar, ele sussurrou em meu ouvido:

– Segure firme.

Amaldiçoei minha própria falta de concentração. Ele tinha razão. Essa era uma das primeiras lições que aprendíamos no convento: como nos misturar com as sombras. E eu teria lembrado, se não estivesse tão distraída com a ideia de ser beijada por ele. Havia boa chance de que as sentinelas não nos vissem, e, se vissem,

provavelmente pensariam que era apenas algum namorico de soldado.

Senti o coração de Balthazaar bater contra o meu enquanto dois soldados passavam. Eles estavam tão próximos que o hellequin podia estender o braço e tocá-los se desejasse, mas eles sequer olharam em nossa direção. Depois que passaram e seus passos deixaram de ecoar nas pedras do calçamento, Balthazaar se afastou.

– Eu disse que você ia precisar de mim.

Evitei seus olhos enquanto ajustava minhas saias.

– Eu podia ter escapado por conta própria. Tenho me ocultado e espreitado desde criança, e sou muito boa nisso. Agora, você está pronto para fazer a sua parte? – Era o preço que eu exigia se ele insistisse em vir comigo.

– Ainda acho que você seria uma distração melhor que eu.

Dei a ele um sorriso largo, mas não muito bem-humorado.

– Sim, mas eu tenho a poção do sono, e você não. – Eu o empurrei, o que foi o mesmo que empurrar um muro de pedra. Ele fez questão que eu soubesse disso resistindo por um bom tempo antes de finalmente recuar.

Segurei a vontade de lhe dar um chute.

Enquanto se afastava, evitei perguntar a ele o que planejava fazer para distrair os guardas. Em vez disso, deslizei ao longo da parede da torre do portão, segui na direção da sala da guarda, e entrei. Tochas tremeluziam preguiçosamente em seus suportes de ferro, projetando longas sombras que dançavam à luz mortiça. Depressa, fui até a mesa onde os homens estiveram sentados. Os dados ainda repousavam no tampo. Rapidamente, removi o pequeno papelote de pó branco do punho de minha manga, joguei uma pitada em cada caneca, e o resto na jarra. Antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, ouvi os passos dos homens voltando.

Recuei para as sombras no canto da sala, grata pela luz tremeluzente da tocha mal ser suficiente para ver os dados.

Então esperei.

Os homens sentaram. Um deles disse algo, riu, depois ergueu a caneca e tomou um gole de vinho. Enquanto levantava a jarra para

se servir de mais, seu companheiro secou sua caneca e a estendeu para que também fosse cheia. Parte da tensão em meus ombros relaxou, e encostei na parede, aguardando que a tintura fizesse seu trabalho.

Não soube dizer se demorou mais do que deveria ou se a espera foi só muito difícil agachada ali nas sombras. Finalmente, eles começaram a pender a cabeça, e acabaram dormindo em cima da mesa, o que fez os dados caírem no chão.

Fui tomada por uma sensação de vitória. Agora eu podia encarar Crunard.

Lentamente, virei-me e atravessei a antecâmara na direção do corredor que havia além, e parei. Ali não havia portas, apenas barras de ferro, um pouco parecidas com um portão levadiço. Havia um homem solitário sentado atrás de uma delas. Por mais que estivesse precisando cortar o cabelo e aparar a barba, eu o reconheci imediatamente de suas visitas ao convento.

Ao sentir meus olhos sobre si, ele ergueu o rosto. Lentamente, encostou-se na parede e ergueu um lado da boca formando um sorriso amargo.

– Eu me perguntei quando ela mandaria alguém atrás de mim. Não é do feito dela desperdiçar uma oportunidade quando um de seus oponentes foi enfraquecido.

– Não fui enviada pela duquesa – disse a ele enquanto procurava em seu rosto algum sinal da mancha escura pela qual eu estava rezando com tanto desespero.

– Eu sei. Você foi enviada pela abadessa de Saint Mortain.

Capítulo Trinta e Quatro

Com suas palavras, tudo em meu interior paralisou.

– O senhor sabe por que estou aqui?

– Talvez mais ainda que você.

A frase provocou algo desconfortável em mim.

– O que o senhor quer dizer com isso? – Era enervante ter de fazer essa pergunta, mas minha necessidade de conhecer a teia oculta que estava sendo tecida era maior que meu orgulho.

Ele deu de ombros, em um gesto surpreendentemente elegante.

– Isso significa que entendo melhor que você por que foi enviada. Você acha que está aqui a serviço de Mortain, mas não está. Está aqui a serviço dela.

Forcei uma risada, e esperei que não parecesse tão falsa aos ouvidos dele quanto pareceu aos meus.

– O senhor está diante da morte, milorde. Não é surpresa que diga qualquer coisa para me deter.

Ele então ficou de pé. Bom! Se se aproximasse da luz, talvez eu visse a maldita marca. Ergui meu arco em silêncio.

Ele ignorou a flecha apontada direto para seu peito e parou bem do outro lado das barras de ferro.

– Ela disse a você por que eu preciso morrer?

– O senhor traiu a duquesa, e fez tudo em seu poder para entregar nosso reino para a regente francesa. Não acho que haja muito o que explicar.

– Sua colega serva escolheu não me matar uma vez. Talvez ela soubesse de algo que você não sabe.

Meu coração se retorceu de dor.

– Matelaine?

Ele franziu levemente o cenho.

– Não, Ismae. Quando descobriu que era eu quem estava por trás

das tramas aqui na corte, ela decidiu não fazer justiça. Você já se perguntou por quê?

Apesar de mal haver espaço, aproximei-me um passo.

– Não, estava ocupada demais tentando entender por que você tinha matado a segunda serva enviada atrás de você. Sem dúvida, o senhor reconhece que agora, além de seus crimes contra o reino, cometeu crimes contra Mortain.

Sua testa franziu-se mais, e ele pareceu realmente intrigado.

– Uma segunda serva?

Eu tornei a rir.

– Fazer-se de inocente não vai ajudá-lo, não quando eu estou aqui com uma flecha apontada para o seu coração sombrio.

Ele estendeu as mãos, como se me oferecesse um ângulo aberto para seu peito.

– Se acha que estou disposto a me aferrar a esta vida quando tudo aquilo que amei se foi, minha família, minha terra, minha honra, então você está tristemente equivocada. – Crunard agarrou as barras com as mãos. – Eu aguardo a morte – murmurou.

– Então o senhor a terá – respondi com um sussurro. Mas, apesar de cada fibra de meu ser desejar ver aquele homem morto pelo que ele tinha feito com Matelaine e com a duquesa, descobri que não era capaz de liberar a flecha.

Ele debruçou-se para frente.

– Você vê uma de suas marcas preciosas em mim?

O choque por ele saber de tais coisas viajou pelos meus ossos.

– Ela provavelmente está escondida. – Gesticulei com o arco. – Tire a roupa. – Estava ansiosa para ver se ele portava a marca, mas também para arrancar aquela certeza presunçosa de seu rosto.

Senti um movimento suave à minha esquerda. Era Balthazaar se esgueirando pelas sombras, e me perguntei por quanto tempo ele estava ali. Ele se inclinou perto o bastante para murmurar em meu ouvido:

– Deixe-me acabar com ele.

De cenho franzido, voltei minha flecha para ele.

– Ele é meu.

Balthazaar ergueu a mão em um gesto apaziguador, e retornou

para as sombras. Voltei a atenção para Crunard e observei enquanto ele tirava o gibão, depois desamarrava a camisa de linho e a puxava pela cabeça. Seu peito ainda era largo e musculoso, apesar dos pelos brancos. Não havia marca nenhuma.

Antes que eu pudesse reagir àquele fato evidente, o hellequin me tomou pelo braço e me puxou de lado, para longe dos ouvidos de Crunard.

– Você *vê* a marca nele?

– Não – admiti, fazendo um esforço para ocultar meu desgosto. Com esperança, sua audição amaldiçoadamente aguçada não perceberia meu desespero. Mesmo com as Lágrimas, eu não possuía a habilidade mais básica.

– Você viu tudo o que precisava ver? – A voz seca de Crunard atravessou meus pensamentos. – Pois está frio e úmido, e eu preferia não pegar uma febre e morrer dessa maneira. É melhor você simplesmente me matar com sua flecha, agora. Seria uma morte muito mais piedosa.

– O senhor supõe merecer minha piedade – retruquei. – Quando tenho certeza de que não merece. E, sim, o senhor pode tornar a vestir suas roupas.

Enquanto ele se vestia, refleti sobre minhas opções.

Não podia dizer com toda a certeza que Crunard devia morrer. Se o próprio Mortain ou a duquesa o exigiam, isso seria feito, mas eu não confiava na palavra da abadessa. Especialmente com as insinuações nada sutis que Crunard estava fazendo.

Soltei um suspiro.

– Muito bem. – Diante do olhar ansioso de Balthazaar, dei-lhe um empurrão, lançando sobre ele um pouco da minha frustração. – Não, você *não* vai caçá-lo – disse para o hellequin e voltei-me para Crunard. – Mas eu vou levá-lo de volta a Rennes para encarar a justiça da duquesa, e ela pode decidir seu destino. A menos que Mortain o marque durante a viagem, aí vou matá-lo.

Balthazaar me examinou por um instante, depois balançou a cabeça uma vez.

– Então que seja – disse ele.

Minha cabeça girava furiosamente, pensando em um plano. Seria

fácil libertar Crunard daquela prisão, e um pouco mais complicado tirá-lo da cidade. Voltei-me para ele, que nos observava com olhos famintos.

– Como ouviu, o senhor vem conosco. Mas, se fizer um ruído ou qualquer tentativa de escapar, vou matá-lo com prazer, depois vou arrastar seu corpo de volta para a abadessa e a duquesa. Está claro?

Ele fez que sim.

– Muito claro, *demoiselle*.



No fim, decidi que me mover depressa era melhor do que ficar parada pensando no plano perfeito. Fui até a antecâmara e os dois guardas drogados, removi a chave do cinto do carcereiro, e retornei à cela de Crunard. Enquanto enfiava a chave na fechadura, fiz uma pausa, por alguma razão lembrando da antiga história da menina cuja curiosidade a levou a abrir uma caixa que soltou todos os tipos de males sobre o mundo. Eu também sentia como se estivesse perto de respostas, que tinham o poder de afetar minha vida como uma tempestade violenta. Não pude evitar de me perguntar o que restaria quando eu estivesse do outro lado.

– Venha – disse eu a ele, sacando uma de minhas facas e deixando-a à mostra. – E em silêncio.

Ele acenou a cabeça, em seguida saiu de sua cela lentamente, como se não conseguisse acreditar que eu não fosse bater a porta em sua cara. Virei-me para Balthazaar.

– Amarre as mãos dele.

Após um instante de hesitação, Crunard deu as costas para o hellequin com relutância. Enquanto o Balthazaar cuidava daquilo, fechei a porta e a tranquei, depois joguei a chave no interior. Ao vê-lo erguer a sobrancelha, dei de ombros.

– Vai dar a eles algo em que pensar. – Agarrei o braço de Crunard e o empurrei para frente. Balthazaar veio caminhando atrás de nós

como uma sombra sinistra.

Crunard lançou um último olhar para os dois guardas dormindo sobre a mesa, e para os dados no chão.

– Você os matou? – perguntou ele.

– Matei – menti, na esperança de que ele me achasse cruel e, portanto, ficasse menos inclinado a tentar escapar. – Agora fique quieto, e aja como um prisioneiro contrito, ou vou matar você também.

Meu plano era fingir que tínhamos sido encarregados de transferir o prisioneiro para Rennes, onde deveria ser julgado por seus crimes. Todas as lições em engodos e mentiras que haviam me servido tão bem no convento e iriam me servir igualmente bem ali. Ou pelo menos era o que eu esperava.

Quando chegamos ao fim da escada, parei, tentando ouvir as sentinelas. Somente duas, adivinhei. Muito bem. Olhei para o hellequin.

– Você é minha escolta, fornecida a mim pela própria duquesa.

Ele ergueu uma sobrancelha escura e arqueada, então acenou a cabeça. Respirei fundo, aprumei os ombros, empinei o queixo e saí.

Imediatamente, deixei as sentinelas em estado de alerta, e elas ergueram suas armas em surpresa.

– Parados! – exclamou o mais alto, arregalando os olhos ao reconhecer Crunard.

Eu franzi o cenho para eles.

– Se nos atrasar, o risco é seu – alertei.

Eles se entreolharam.

– Fomos enviados para levar o prisioneiro a Rennes para ser julgado por seus crimes. Se nos detiverem, estarão retardando os interesses da própria duquesa.

Por fim, sem conseguir evitar, o mais alto perguntou:

– Como vocês entraram aqui?

Meu olhar encontrou o dele, sem piscar.

– Passamos direto por vocês, e pode ter certeza de que sua falta de atenção não deixará de ser mencionada.

O mais baixo olhou para minha mão livre, a que não estava segurando a faca.

– Você tem alguma espécie de ordem? – Podia ser imaginação, mas pensei detectar um novo tom de respeito em sua voz.

Empurrei Crunard para que eles pudessem ver meus trajes.

– Vocês ousam questionar uma serva do próprio Mortain?

O guarda mais alto se benzeu. O gesto supersticioso me irritou, mas o guarda mais baixo fez uma pequena reverência.

– Além disso, os guardas lá embaixo não tiveram nenhum problema em nos deixar passar. Talvez vocês devessem se consultar com eles.

Eles fizeram uma longa pausa, então finalmente cederam.

– Muito bem, *demoiselle* – disse o mais alto. – Podem seguir. Não quero impedir que esse traidor receba o castigo que ele merece.

Acenei a cabeça de maneira régia.

– Eu agradeço, em nome de Mortain.

Quando saímos do raio de audição dos guardas, senti o hellequin se inclinar para perto.

– Você sente um grande prazer em usar esse nome por aí, não é?

Eu dei um tapa nele, decepcionando-me ao errar e não acertar seu nariz comprido.

– Você pode ir agora. Não preciso mais de seus serviços.

– De jeito nenhum – disse ele, e achei ter ouvido diversão em sua voz. – Além disso, você vai precisar de assistência para levá-lo de volta a Rennes. Na verdade, você vai precisar de assistência para tirá-lo da cidade, não?

E apesar de minha vontade de discutir, de dizer que ele estava equivocado, eu não estava disposta a pôr meu prisioneiro em risco devido a meu orgulho.

– Eu conseguiria sozinha, mas se você insiste em ficar por perto, então é melhor fazer algo útil. Volte à estalagem, pegue o alforje em meu quarto e depois busque nossos cavalos. Se conseguir encontrar mais um, seria ótimo.

– E você? O que vai fazer?

– Vou levá-lo para fora dos portões da cidade. Nós nos encontramos lá, perto do bosque logo à vista da ponte.

Balthazaar sequer hesitou, apenas concordou, e, mesmo com certa relutância, fiquei impressionada. Passar com dois cavalos,

ainda mais três, pelos portões da cidade àquela hora não seria um feito pequeno. Minha tarefa com Crunard era bem mais fácil.

Depois que o hellequin desapareceu pela rua, virei-me para Crunard.

– Qual o modo mais fácil de sair da cidade quando o portão principal está fechado?

– Há um portão lateral perto da torre norte. Ele normalmente é guardado apenas por um homem, e será nossa melhor chance.

Observei seu rosto, tentando determinar se ele estava dizendo a verdade ou me mandando para uma armadilha.

– Não é mentira, *demoiselle*. A senhorita é minha única esperança de liberdade, e não vou arriscá-la.

No fim, não tive outra escolha que não confiar nele, e fui recompensada pela verdade de suas palavras. Havia apenas um guarda solitário de serviço. Melhor ainda: ele estava cochilando. Olhei para Crunard.

– Sem dúvida, a segurança desta cidade é deficiente.

Ele deu de ombros.

– A duquesa não está aqui. Não há ninguém que valha a pena proteger. E eles nunca deram muita importância a quem sai. Eles sempre se concentraram em evitar que alguém entrasse.

– Eles não têm medo de que os franceses tentem tomar a cidade?

– Não sei – disse ele, e seus olhos brilharam com algo penetrante. – Eles não me incluem mais em seu conselho.



Tivemos sorte de ter a luz da lua crescente para iluminar nosso percurso até as árvores, e pudemos caminhar sem tropeçar ou quebrar um tornozelo. Enquanto seguíamos, tentei avaliar o movimento de Crunard e determinar sua idade e o quanto a prisão havia minado sua força. Ele não parecia maltratado nem faminto, o que era um alívio, pois ele não atrasaria nossa viagem por isso.

Quando chegamos ao ponto de encontro, não me surpreendi ao

encontrar Balthazaar ali já montado em seu cavalo sinistro. O hellequin estava segurando as rédeas de Fortune e a de outro animal que eu nunca tinha visto, que exibia uma bela sela. Quase perguntei como ele o tinha conseguido, mas achei melhor não falar nada.

– Não vou ser perseguida, pelo menos não até os guardas descobrirem que não fui enviada oficialmente, mas devemos estar bem atrás dos portões de Rennes quando isso acontecer, por isso não estou muito preocupada. Mesmo assim, acho melhor colocarmos algumas horas de cavalgada entre nós e a cidade imediatamente. – Olhei para Crunard. Ele era velho, mas tinha descansado na prisão por semanas, e sem dúvida estava tão ansioso quanto eu para abrir alguma distância entre ele e a cidade. Ele assentiu com a cabeça, depois virou-se e gesticulou com o braço para que eu o desamarrasse.

– Um soldado experiente como você certamente é capaz de andar a cavalo com as mãos amarradas.

Ele virou para trás para olhar para mim.

– Andar a cavalo, sim. Subir em um, não.

Infelizmente, ele tinha razão. Olhei para Balthazaar.

– Saque sua espada.

Ele me fez uma reverência irônica de sua sela.

– Com prazer, *milady*. – O retinir do aço ao ser desembainhado ecoou alto na escuridão silenciosa. – O que quer que eu faça com ela?

– Assegure-se de que ele não vai tentar fugir quando eu o desamarrar.

– Você pretende deixá-lo solto?

– Não. Só por tempo o suficiente para ele montar em seu cavalo. – Peguei minha faca, dei um passo à frente e usei a ponta para afrouxar os nós da corda que prendia os pulsos de Crunard, tomando cuidado para não cortar sua carne. Quando terminei, mantive a faca apontada para ele. – Suba. Quando estiver montado, estenda os pulsos para frente e abaixe-os para que eu possa alcançá-los.

Ele me encarou por um longo tempo.

– E se eu lhe der minha palavra que não vou tentar escapar? Estou tão ansioso para ir embora desta cidade quanto vocês.

– Embora desta cidade, sim, mas não estou totalmente convencida de que o senhor deseje enfrentar a justiça da duquesa. Além disso, por que eu iria confiar na palavra de um traidor?

Após mais um momento de hesitação, ele fez o que eu pedi. Torci para que ele não discutisse a todo instante, ou seria uma jornada extremamente tediosa. Talvez eu precisasse amordaçá-lo.

Depois que ele estava instalado em seu cavalo e novamente amarrado, montei em Fortune, satisfeita por ter seu volume sólido e amistoso embaixo de mim novamente. Estendi a mão para o hellequin para pegar minhas próprias rédeas e as de Crunard. Mas ele não largou as de Crunard.

– Deixe-me conduzi-lo – disse ele, parecendo Aveline quando estava ávida por alguma tarefa que ela sabia que lhe seria negada.

Dei uma gargalhada.

– Acho que não.

– Eu não vou brincar com ele. Não muito… – resmungou o hellequin.

– Não. – Estendi a mão e, com grande relutância, ele finalmente me entregou as rédeas.

Prendi-as à minha sela, e conduzi Fortune para a estrada aberta.

– Então, como você sabe das marcas? – perguntei, após algum tempo de viagem. – Isso é um segredo bem guardado entre os que pertencem a Mortain.

– Como o contato entre o convento e a corte bretã, trabalhei de perto com a abadessa por muitos anos. Por necessidade, tivemos de compartilhar informações um com o outro para podermos garantir que erros não fossem cometidos.

– E, apesar disso, não só erros foram cometidos, mas o senhor traiu a duquesa e toda e qualquer confiança que a abadessa depositou no senhor. – Não me esforcei para ocultar a censura em minha voz e tornei a me perguntar como a abadessa julgara aquele homem de modo tão equivocado. – Agora que decidi poupar sua vida infeliz, conte-me como Matelaine morreu.

– Quem?

Examinei seu rosto em busca dos sinais de mentira que nos haviam ensinado a procurar, mas não encontrei nenhum. O que também poderia significar que ele era um excelente mentiroso.

– A primeira assassina enviada para matá-lo.

– Além de Ismae, você foi a primeira.

– O senhor está enganado – disse eu com firmeza, na esperança de que não fosse eu a enganada, manipulada pelas tramas da abadessa.

– Como ela era? – perguntou ele delicadamente.

– Era jovem, não tinha mais que quinze anos. Pele branca como o leite, e cabelos bem vermelhos.

– Ah – disse ele.

– Conte-me.

Houve um longo momento de silêncio antes que ele falasse.

– Como você está faminta por informações, assim como eu, proponho uma troca. Um negócio, se preferir. Eu respondo uma de suas perguntas, e você responde uma das minhas.

Antes que eu pudesse responder, Balthazaar intrometeu-se.

– Ou podemos jogar do meu jeito: se você simplesmente não responder as perguntas dela, eu o corto ao meio com minha espada.

Crunard nem se deu o trabalho de olhar para ele.

– Temos um acordo?

– Cuidado – alertou-me Balthazaar. – Ele está brincando com você, atraindo-a para uma falsa sensação de segurança.

– Não que eu não concorde, mas o que faz você pensar isso?

O hellequin olhou para Crunard, e sua expressão tornou-se sombria.

– Vamos dizer apenas que um caçador é capaz de reconhecer as táticas de outro.

Segui o seu olhar.

– Você está com ciúmes! – Fiquei tão surpresa que sequer me lembrei de manter a voz baixa.

Ele recuou ao ouvir a palavra, parecendo severamente ofendido.

– Ciúmes? Desse velho? Não, é só que, se alguém vai caçá-la, esse alguém devia ser eu.

Senti uma palpitação ao mesmo tempo aterrorizante e excitante no fundo de meu estômago. Eu já o conhecia bem o suficiente para entender que, quando ele parecia aborrecido comigo, na verdade era com ele mesmo que estava insatisfeito. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele bateu com os calcanhares no cavalo e, com um tremular de sua capa escura, assumiu a dianteira.

Voltei meus pensamentos outra vez para a proposta de Crunard. Eu não tinha segredos para esconder, e parecia saber quase tanto quanto eu sobre como o convento operava.

– Muito bem. Vamos fechar o negócio. O que o senhor sabe sobre Matelaine?

– A verdade é que eu nunca a conheci – disse Crunard. Quando abri a boca para protestar, ele ergueu as mãos atadas em um gesto apaziguador. – No entanto, uma das criadas da cozinha flertava com um de meus guardas. Ela se encaixa em sua descrição dessa Matelaine.

Matelaine. Flertando com um guarda. Muito provavelmente para se aproximar de Crunard.

– Mas eu não a vejo há semanas – acrescentou Crunard.

– Porque o senhor percebeu que ela era do convento e a matou.

– Eu já disse que não fiz isso. A esta altura, não tenho nada a ganhar mentindo.

– Ainda assim, ela está morta. – Eu o encarei, desejando ver sua alma além da carne e do osso e discernir se ele estava ou não dizendo a verdade.

– Como ela morreu? – perguntou ele.

Virei o rosto.

– Não sei. Não havia marcas em seu corpo, nenhuma mancha, corte ou ferida.

– Sem dúvida o convento tem meios de determinar a causa de uma morte.

– Sim, mas não temos como saber só dando uma olhada no corpo em uma carroça funerária à beira da estrada.

Os olhos de Crunard estavam estreitos em reflexão.

– E ela não levava nada com ela?

– Só o vestido. – Pensando melhor, lembrei que Matelaine estava

usando um vestido simples, de criada. – Ela segurava uma peça de xadrez na mão esquerda.

A pele em torno de seus olhos se retesou quase imperceptivelmente, assim como sua boca.

– Então eu sei como ela morreu, e temo que não tenha passado de um acidente – disse ele com delicadeza. – Ela simplesmente caiu em uma armadilha preparada para outra pessoa.

– Um acidente – repeti, deprimida. Já era bem terrível que Matelaine tivesse morrido em uma missão que ela não tinha qualificações para assumir. Mas sua morte ter sido um acidente a tornava não só trágica, mas um desperdício.

Ao sentir minha hesitação, Crunard prosseguiu.

– Se a senhorita está atrás da verdade, talvez devesse se perguntar por que eu tive acesso ao Laço de Arduinna, veneno do próprio convento. Se está atrás da verdade, talvez devesse se perguntar por que a abadessa a mandou para cá. Vai haver um julgamento? A duquesa está sabendo? Duval? Você sabe mesmo de quem são as ordens que está cumprindo, parada aí distribuindo morte como se fosse Deus no juízo final?

– O senhor é culpado.

– Não. O homem que tentei envenenar está bem vivo. – Ele franziu o cenho, como se ainda não conseguisse entender como aquilo tinha acontecido, e pensei em Ismae e seu dom e seu amor por Duval.

– Talvez o senhor não conheça tantos segredos do convento quanto pensa conhecer – disse a ele. – Agora, o que quer saber? Por mim, nosso assunto estaria acabado, pelo menos por enquanto, mas não vou quebrar minha promessa.

– O que a abadessa lhe falou de mim?

Fiquei confusa com a pergunta, e mais ainda com seus modos quase hesitantes, o que parecia não se encaixar com sua personalidade.

– Nada – disse eu com sinceridade. – Só sei que o senhor era seu contato na corte. Ela nunca falava do senhor. Não até explicar que o senhor foi o responsável pela morte de Matelaine.

Ele ficou quieto por algum tempo, em seguida tornou a falar.

– Tem mais alguma pergunta, *demoiselle*? – Suas palavras eram extremamente educadas, mas havia uma tensão subliminar em seu tom que me intrigava.

– Por enquanto, não – disse a ele. – Só um alerta. Se me irritar demais, eu *vou* matá-lo. Que se danem a abadessa e a justiça de Mortain.

Ao som do nome do deus, o hellequin levantou uma sobrancelha e ergueu três dedos. Era a terceira vez que eu mencionava Mortain naquela noite. Olhei para ele, até que também ficasse em silêncio.



Duas léguas depois, avisei que iríamos parar. Nossos cavalos precisavam descansar, mesmo que nós não precisássemos. Foi um acampamento entediante, com Crunard fazendo movimentos artificiais e exagerados, como se suas amarras estivessem cortando sua própria força vital, e o hellequin enchendo a pequena clareira com sua morosidade, como fumaça de um fogo vacilante. Fiz o possível para ignorar os dois, cuidar de Fortune e encontrar um local onde passar o resto da noite.

Em uma tentativa de dar a Balthazaar algo para fazer além de encarar Crunard, entreguei a ele um pedaço de corda.

– Aqui. Amarre-o para que ele não consiga escapar.

Ele se animou visivelmente com aquilo, batendo a corda contra as mãos e olhando pensativamente para Crunard enquanto caminhava em sua direção.

– Não vou tentar fugir – disse o homem. – Não há necessidade de me amarrar.

– Há toda necessidade. Não confio no senhor, como não confio em uma raposa farejando um galinheiro. Sua liberdade o chama tão alto que *eu* posso ouvi-la cantando em meus ouvidos. Então, sim, nós vamos amarrá-lo.

Com um suspiro, Crunard se posicionou no chão, onde o hellequin indicava.

– Não tenho manta de dormir – observou Crunard.

Dei um riso curto, sem acreditar.

– Não sou nenhuma criada para fazer suas vontades e cuidar de seu conforto. O senhor é um prisioneiro escoltado para um julgamento, e muito provavelmente será condenado à morte. Não me importo se o senhor está confortável ou não. – Olhei ao nosso redor. – Está quente o bastante para que o senhor não congele, e não há nuvens de chuva por perto. Além disso, sem dúvida um soldado experiente como o senhor está acostumado a algumas durezas.

A boca de Crunard formou uma linha tensa e firme. Minhas palavras o desagradaram, e pude ver as engrenagens de sua mente girando enquanto ele tentava descobrir como me fazer pagar por aquele insulto.

Virei-me para Balthazaar.

– Eu fico com o primeiro turno de guarda, ou você?

Ele parou de amarrar.

– Escute! Que barulho é esse? A bela donzela está pedindo minha ajuda?

Eu cruzei os braços.

– Se eu não planejasse usá-lo, não teria permitido que você nos acompanhasse. Eu faço o primeiro turno, ou você?

– Eu faço o primeiro, pois minha necessidade de sono é menor que a sua.

– Tenho sua promessa que você não vai dar um jeito de matar o prisioneiro enquanto eu durmo?

Ele olhou para mim com olhos levemente arregalados de surpresa.

– Você confia em mim tão pouco assim?

– Vamos dizer apenas que é fácil reconhecer a tática de uma pessoa tão ávida para fazer a obra de Mortain quanto eu. Dê a sua palavra.

Depois de uma pausa, ele acenou com a cabeça.

– Você a tem.

Crunard protestou.

– Não posso acreditar que você aceita a palavra dele, mas não a minha.

Sacudi minha manta de dormir com um estalo alto.

– Ele teve oportunidade de provar seu valor mais de uma vez. O senhor, não. Agora, segure a língua, ou vou mandar que ele o amordace.

Então fez-se um silêncio abençoado. Mas mesmo depois de me acomodar o mais confortavelmente que o chão da floresta permitia, não consegui acalmar minha mente. Ela estava tão inquieta quanto um cavalo que sentiu o cheiro de uma alcateia, e seria bom dar atenção ao alerta.

Capítulo Trinta e Cinco

Dois dias mais tarde, chegamos a Rennes no início da tarde. Não queria anunciar aos quatro ventos que eu estava trazendo um traidor para a cidade, pelo menos não até compreender melhor a natureza das ordens que recebera. Olhei para Crunard.

– Puxe seu capuz o mais para frente que puder.

Ele lançou-me um olhar inquisidor, como se me desafiasse.

– Não me diga que está lhe faltando coragem, *demoiselle*?

Inclinei-me em sua direção para que ele pudesse me ouvir com mais clareza.

– Para que os moradores da cidade não o reconheçam, não o arranquem de seu cavalo e decidam aplicar a justiça da duquesa por conta própria.

Ele fez o que lhe ordenei.

Não fomos parados no portão. Uma das sentinelas estudou Balthazaar com expressão fechada por um bom tempo, mas depois me viu e reconheceu que eu servia a Mortain.

Nossa jornada pelas ruas da cidade foi igualmente tranquila. As pessoas pareciam abrir caminho a nossa frente, e não soube dizer se era devido à leve sensação lúgubre que envolvia Balthazaar com a mesma firmeza que sua capa, ao seu garanhão rampante, ou a Crunard e suas mãos amarradas. Qualquer que fosse a razão, quando chegamos ao pátio do palácio, uma pequena multidão nos seguia a distância.

Posicionei meu cavalo para esconder Crunard e desmontei. Um cavalariço se apressou para tomar as rédeas, olhando nervosamente para o cavalo de Balthazaar. O hellequin ignorou-o e falou diretamente comigo.

– Não acho que você vai precisar mais de minha ajuda.

– Não, acho que não vou. – Tive vontade de perguntar quando, e

se, eu o veria outra vez. Nas muralhas, talvez mais tarde naquela noite? Mas não falei nada.

Ele fez uma reverência em sua sela, virou-se com sua montaria e saiu a meio galope do pátio. Cavalariços e passantes demasiado curiosos se espalharam como cinzas ao vento.

Quando desviei o olhar da figura de Balthazaar se afastando, notei Crunard a me observar. Antes que pudesse mandá-lo parar com aquilo, percebi um vislumbre de movimento na entrada do palácio, e uma silhueta magra e negra emergiu da porta. Era a abadessa. Ela levava as mãos juntas na frente do corpo e examinava o pátio. Ao me ver, relaxou um pouco, e um sorriso de boas-vindas tocou seus lábios – como se ela acreditasse que eu tinha feito exatamente o que me pedira, e agora tudo seria como antes entre nós.

Sorri de volta, mas sem qualquer calor. Então saí do caminho para mostrar a ela quem eu trouxera comigo. Quando viu *monsieur* Crunard, uma máscara de raiva tomou conta de sua expressão.

Percebi também uma ponta de medo. Ela não estava apenas com raiva por Crunard estar ali, ela estava aterrorizada.

Ismae chegou correndo do palácio naquele instante. Se estava aliviada por me ver de volta, não demonstrou tão abertamente quanto a abadessa. Ou talvez ela simplesmente tivesse mais fé em minhas habilidades.

Diante da visão de *monsieur* Crunard, seus olhos se arregalaram de surpresa. Ela ergueu a barra da saia e desceu a escada apressadamente para se juntar a mim no pátio. Enquanto se aproximava, seu olhar tornou a se dirigir a Crunard, dessa vez se estreitando, e o calor de seus olhos lembrou-me de tudo o que aquele homem fizera para trair seu país e nosso convento. Sem conseguir me segurar, procurei a abadessa, e descobri que ela não estava mais parada nos degraus.

Peguei o braço de Ismae e a afastei um pouco de Crunard para que ele não pudesse nos ouvir.

– Ele tem a marca?

Ela observou-o atentamente, examinando-o com completo desprezo.

– Não, e não sei por quê. O que você vai fazer com ele agora que

está aqui?

– Ismae, ele sabe coisas sobre o convento e a abadessa. Coisas que podem nos ajudar a determinar que jogo ela está jogando. Ele parece achar que fui mandada para matá-lo porque a abadessa queria se livrar dele, e não para pagar por seus crimes verdadeiros. Não me surpreende que ele afirme uma coisa dessas, mas, se você não vê a marca, isso de certa forma corrobora o que ele diz.

Ela acenou a cabeça com relutância.

– Pelo menos garante uma reflexão ponderada.

– Podemos colocá-lo nas masmorras, aqui? Não deve fazer nenhuma diferença onde ele fica preso, certo?

Ela deu um tapinha em meu braço para me tranquilizar.

– Se fizer, daremos um jeito de tirar proveito disso. Deixe-me acompanhar você e ajudar a instalá-lo.

Olhei para ela, surpresa, e ela riu.

– Oh, não quero que ele fique confortável. Só quero garantir que os guardas saibam que ele é um prisioneiro e que deve ser bem vigiado.

Agradecida, aceitei a oferta de Ismae, pois não sabia onde ficavam as masmorras, nem sabia se os homens aceitariam minhas ordens. E, principalmente, não queria parecer uma tola atrapalhada sob o olhar penetrante de Crunard, que nada deixava passar. Sempre que eu hesitava ou vacilava, temia estar dando a ele, sem querer, uma nova arma para usar contra mim.



Depois que Crunard estava trancado em segurança atrás de uma porta de madeira e ferro, Ismae e eu voltamos para o palácio. Minha mente girava como um moinho de água.

– Em que você está pensando tão furiosamente? – perguntou Ismae.

– Em como fazer a abadessa me contar a verdade.

Ismae riu.

– É a mesma coisa que perguntar como impedir um burro de zurrar ou um pássaro de voar. Estou começando a achar que ela simplesmente perdeu essa habilidade.

– Temo que você possa estar certa. Talvez eu deva apenas dizer que Crunard me contou tudo e questionar se está certo. Como se estivesse dando a ela uma chance de limpar seu nome antes de condená-la em minha mente.

Ismae sorriu.

– Você é assustadoramente boa em jogar esses jogos com ela.

– Só porque fiz isso minha vida inteira – murmurei. Nesse momento, um pajem veio correndo em nossa direção e parou abruptamente, ofegando.

– *Milady* – ele disse com dificuldade para Ismae. – A senhorita deve se apresentar nos aposentos da duquesa imediatamente.

Ismae segurou o garoto pelos ombros.

– É a princesa Isabeau? – perguntou ela; o medo pela saúde da garotinha estava nítido em sua voz.

O pajem respondeu:

– Oh, não, *milady*! É o marechal Rieux. Ele está aqui e exige uma audiência com a duquesa.

– Vá – disse eu. – Posso encontrar o caminho até os aposentos da abadessa sozinha.

Em resposta, Ismae estendeu o braço e pegou minha mão.

– Não, venha comigo. É melhor você também estar presente. Além disso, sem dúvida a abadessa já deve ter sido convocada.



Os aposentos privados da duquesa estavam quase lotados quando chegamos. Todos os seus conselheiros, Duval, o capitão Dunois, o chanceler Montauban, Jean de Chalon, o bispo e até o padre Effram estavam lá. Ismae e eu entramos sem ser notadas pela maioria, exceto por Duval, que parecia atraído pela presença dela como uma abelha por uma flor, e a abadessa, que percebeu minha chegada

com uma expressão séria de reprovação.

Depois que a duquesa se sentou, os conselheiros ocuparam seus lugares. Ismae, Sybella e eu permanecemos de pé. Duval tinha nos posicionado bem atrás da duquesa, e gesticulou para que expuséssemos nossas armas. Acomodei-me ao lado de Sybella, e ela estendeu a mão para apertar meu braço em saudação.

Em seguida, o marechal Rieux foi anunciado e introduzido no aposento. Ele era um homem alto, de modos imponentes, e estava vestido com um gibão e capa elegantes.

– Sua Graça – disse ele, fazendo uma reverência profunda. Por mais que precisasse reconquistar a confiança da duquesa, parecia incomodado por ter de dobrar os joelhos para ela.

– Marechal Rieux. – Ela inclinou a cabeça em resposta, com voz fria e distante.

– Fico satisfeito em ver que está bem, Sua Graça. – Ele falou de um modo estranho, mas pareceu sincero.

– Não graças a você. – Duval atirou as palavras como se fossem uma manopla.

O marechal Rieux sacudiu a cabeça.

– Eu nada tive a ver com a armadilha que D'Albret armou antes de Nantes. Nós discutimos seriamente por causa disso, e essa foi uma das muitas razões por que nossos caminhos se separaram.

Duval olhou para Sybella, que baixou levemente a cabeça em confirmação. Rieux acompanhou o movimento, e seus olhos se arregalaram ao ver com quem Duval estava se comunicando.

– O que ela está fazendo aqui?

– O senhor não tem autoridade para questionar aqueles que servem a mim. – A repreensão da duquesa foi rápida e dura, e tive vontade de abraçá-la por seu apoio aberto a Sybella.

Com alguma dificuldade, Rieux engoliu quaisquer argumentos que estivesse pensando em apresentar.

– Isso é verdade, Sua Graça, mas ela também pode confirmar o que digo. Ela estava presente e me viu discutindo com D'Albret. Nós quase chegamos às vias de fato por causa disso. Diga a eles – exigiu ele.

Todos nós viramos para Sybella, que o estudava como um gato a

decidir se um camundongo magro era digno do esforço.

– É verdade que o senhor discutiu com ele sobre aquela armadilha. Mas também é verdade que estava ao lado dele quando ele tomou Nantes, e que não teve qualquer reação enquanto seus homens assassinavam criados do palácio e moradores inocentes.

O ambiente ficou tão silencioso quanto um túmulo, e o próprio Rieux empalideceu quando Sybella atirou seus crimes em sua cara.

– Sim, mas o que a senhorita não tem como saber, pois não estava presente na surtida, é que nem eu nem meus homens participamos. Não tínhamos ideia de que seus métodos seriam tão brutais, ou não o teríamos apoiado.

– Quer dizer que, se não fosse isso, o senhor não teria traído a duquesa? – A voz de Duval era mais dura que pedra.

Rieux voltou-se para a duquesa e falou diretamente para ela.

– Sua Graça, seu pai me incumbiu de sua guarda, tanto como seu tutor quanto seu conselheiro.

– Um dever sagrado que o senhor não apenas abandonou, mas traiu.

Ele deu um passo à frente e, como se fôssemos uma só, Sybella, Ismae e eu levamos as mãos às armas. Ele parou.

– Tudo não passou de uma tentativa de forçá-la a fazer o que eu achava ser o melhor para Sua Graça e para o país. A meu próprio modo, eu estava sendo leal ao dever que seu pai me confiou.

– Mas o senhor não foi leal a *mim*.

– Nunca deixei de estar ao seu lado – insistiu ele. – E é por isso que abandonei D'Albret assim que entendi toda a dimensão de seus planos. Minhas tropas e eu expulsamos os franceses de três cidades.

– Mas como podemos saber se o senhor está dizendo a verdade? – perguntou Duval. – Como podemos saber que não está aqui só porque D'Albret está morto e porque o senhor quer ficar do lado mais forte, agora que a maré virou?

A cabeça do marechal Rieux voltou-se bruscamente para Duval.

– D'Albret está morto?

– Praticamente.

O marechal olhou para Sybella, que assentiu brevemente,

confirmando as palavras de Duval. Ele pareceu surpreso por um instante, depois sacudiu a cabeça.

– Apesar de me doer dizer isso, talvez seja uma coisa boa, infelizmente.

Com essas palavras, o lorde Duval e o capitão Dunois trocaram um olhar.

– Então por que o senhor está aqui? – perguntou o capitão.

O marechal Rieux tornou a erguer os olhos, como se estivesse surpreso com a pergunta.

– Ora, para oferecer minha lealdade à duquesa e servir outra vez como seu marechal. Não é hora de deixar que diferenças internas nos dividam.

– Também não era hora de sermos divididos quatro meses atrás.

– E eu percebi meus erros. Estou pedindo uma segunda oportunidade e oferecendo a vocês recursos nada insignificantes que tenho à minha disposição.

– Como podemos confiar no senhor novamente? – perguntou a duquesa, e, dessa vez, sua voz pareceu jovem aos meus ouvidos. Por baixo da pergunta, havia tanto tristeza quanto cálculo político.

– Sei que terei de reconquistar essa confiança lentamente, pedaço após pedaço agonizante, mas estou pedindo uma chance.

Foi a resposta certa, e Duval e Dunois trocaram olhares mais uma vez.

– O senhor não pode esperar que Sua Graça tome essa decisão imediatamente. Ela vai precisar pensar no assunto.

– É claro. Eu vou aguardar com prazer, Sua Graça. Mas não demore muito, pois uma coisa é certa: a regente francesa não vai esperar.

– Um minuto! – Foi Sybella quem falou, atraindo todos os olhares. – Isso significa que o senhor conhece a trama que D'Albret estava armando com a regente francesa?

Rieux encarou-a, com evidente surpresa em seu rosto, como se tivesse percebido como era valioso.

– E vocês não conhecem?

Sybella sacudiu bruscamente a cabeça, e Rieux se voltou para a duquesa.

– D’Albret sempre disse que, se não pudesse ter o ducado para si, ele o entregaria para a regente francesa. Quando soube que Sua Graça tinha se casado por procuração com o Sacro Imperador Romano, entrou em negociações com os franceses. Ele planejava entregar a cidade de Nantes para eles.

Um espanto coletivo se espalhou pelo ambiente, e as pequeninas mãos da duquesa ficaram brancas quando ela apertou os braços de sua cadeira.

– É por essa razão que estou aqui, Sua Graça. Se não juntarmos forças, sem dúvida vamos fracassar.

O silêncio que encheu a sala era mais alto que mil vozes murmurantes. Depois, quase como se fôssemos um só, todos se viraram para olhar para Sybella, eu incluída. Ela mantinha a cabeça orgulhosamente erguida, mas senti os sentimentos confusos em seu interior: raiva, embaraço, desafio e vergonha. Em vez de reconhecer qualquer uma dessas emoções, ela encarou o olhar questionador de Duval.

– Bem, agora nós sabemos – disse ela.

– Tem certeza, certeza absoluta, *milady*, de que não sabia disso antes? – Foi Chalon quem fez a pergunta.

Antes que ela pudesse responder, Fera virou-se para Chalon, que empalideceu visivelmente diante da raiva e do ardor que viu nele.

– Sei que não está questionando a lealdade da senhorita, milorde, pois ela fez mais que qualquer um de nós para garantir a segurança da duquesa e de nosso reino. – A voz de Fera era suave, até educada, mas não havia dúvida de que todas as suas palavras ocultavam uma ameaça.

Todo o aposento observou em silêncio Chalon balbuciar suas desculpas. Depois que ele terminou, Sybella respondeu:

– Eu não sabia – disse ela. – Mas não posso dizer que estou surpresa com isso, pois ficou claro que ele era como uma criança mimada e enraivecida que prefere quebrar um brinquedo a deixar que outra brinque.

Não pude evitar pensar que essa era uma descrição assustadoramente apropriada para o que o conde D’Albret fizera com nosso país.

Capítulo Trinta e Seis

Ao compreender o peso do que Rieux nos contara, Duval começou a esfregar o queixo.

– Vamos precisar saber se a cidade está resistindo ou se seus cidadãos aceitaram o domínio francês com a mesma facilidade com que aceitaram o de D'Albret.

O marechal Rieux estava agitado.

– Existem rumores de haver pequenos bolsões de resistência, milorde. Poucos sabiam que D'Albret não estava agindo com a bênção da duquesa, mas quase todos sabem que os franceses sem dúvida não têm essa bênção.

– O que eles planejam fazer? Simplesmente manter a cidade? Usá-la para lançar sua ofensiva?

– Não sei – disse Rieux. – D'Albret não me confiou todos os detalhes de seu plano.

– Ele fez o acordo com a regente francesa ou com o próprio rei?

– Isso importa? – perguntou Chalon.

– Talvez, possivelmente. A regente, irmã do rei, está no poder desde a morte de seu pai, e apesar de o rei ter alcançado a maioridade dois anos atrás, ela ainda parece estar segurando as rédeas. Se eles não estão de acordo, ou se o rei está aguardando a oportunidade de assumir o controle, talvez possamos usar isso para criar uma espécie de divisão entre os dois.

– Com que propósito? – perguntou o bispo.

Duval deu de ombros, depois olhou incisivamente para o marechal Rieux.

– Para enfraquecê-los, como nossas divisões nos enfraqueceram. E talvez para nos comprar tempo suficiente até alguma oportunidade surgir.

– Para nos comprar um milagre, o senhor quer dizer.

Duval fez que sim.

– É exatamente o que estou dizendo. Oportunidade, milagre… qualquer uma das duas coisas seria bem-vinda.

– Como definimos quem está no comando? – perguntou o capitão Dunois.

A voz de Fera trovejou pelo salão.

– Nem pensem em mandar lady Sybella.

Duval olhou para o amigo.

– Isso nunca passou pela minha cabeça – garantiu-lhe ele.

O chanceler Montauban falou pela primeira vez.

– Mas a informação poderia se revelar extremamente benéfica, como vocês disseram.

– Eu vou. – As palavras baixas de Ismae mergulharam o salão em silêncio.

Duval olhou para ela como se estivesse louca.

– Não, não vai. Podemos mandar outros. Além disso, e seus deveres com a duquesa?

Ismae acenou para mim com a cabeça.

– Annith está aqui agora, e ela é mais que capaz de servir a duquesa em meu lugar. Na verdade, ela é muito mais preparada para isso que eu.

Os dois se encararam por um bom tempo antes de Ismae falar:

– É para isso que sou treinada – lembrou-lhe ela com delicadeza. – Não se pode transformar um lobo em um cãozinho de companhia.

Duval abriu a boca, fechou-a, em seguida tornou a abri-la.

– Vamos discutir isso mais tarde – disse ele por fim.

Ismae sorriu.

– Vamos sim, milorde. – E eu não tive dúvidas de que ela iria para Nantes.

A reunião terminou rapidamente depois daquilo, em grande parte porque ficou claro pelos olhares sombrios que Duval não parava de lançar para Ismae que ele queria dissuadi-la de ir. Em relação a mim, eu só pensava na abadessa e no que diria a ela quando estivéssemos sozinhas.

A duquesa nos dispensou formalmente, agradecendo nosso conselho. Quando se levantou, seus olhos procuraram os meus, e

ela sorriu.

– Estou ansiosa para tê-la como uma de minhas damas – disse ela.

Fiz uma reverência.

– A honra é toda minha, Sua Graça.

Ela tornou a sorrir e voltou a atenção para o irmão, liberando-me de sua presença. Virei-me e vi que a abadessa já tinha deixado o salão, então tive de me apressar para alcançá-la. Não podia correr atrás dela, pois havia outros cortesãos no corredor; em vez disso, chamei-a com delicadeza.

– Madre superiora! Se não for incômodo, gostaria de ter uma palavra com a senhora. – Ela se deteve, mas não se virou para mim.

Quando eu a alcancei, fiz outra reverência.

– Gostaria de falar com a senhora sobre minha viagem a Guérande e o que descobri lá. Acredito que a senhora vai achar tão esclarecedor quanto eu.

– Sei tudo o que preciso saber sobre sua viagem. – A fúria mal contida em sua voz quase queimou minha pele. – Você falhou com os deveres que Mortain colocou a sua frente.

Abri a boca para explicar que Crunard não tinha a marca, mas ela nem me deixou falar.

– Sem dúvida – prosseguiu ela, com uma voz baixa e inflamada – eu estava certa em não mandá-la antes em missão. Agora, deixe-me. Não tenho tempo para discutir seus erros em profundidade. – Ela olhou além de meu ombro, depois me ofereceu um sorriso amargo.

– Além disso, acho que a duquesa precisa de você.

Então continuou caminhando pelo corredor, de cabeça erguida. Fiquei lá parada, com todas as minhas perguntas e acusações girando como pedras em um barril, sem ter para onde ir.

– Lady Annith?

A voz da duquesa arrancou-me de meus pensamentos. Virei-me para ela e fiz uma reverência profunda.

– Sua Graça.

– Gostaria de pedir que você fizesse companhia a mim e a Isabeau, pois Ismae deseja discutir com meu irmão se vai ou não

para Nantes.

– Mas é claro, Sua Graça. Seria uma honra. – Esperava, pelo bem de Ismae, que sua discussão com Duval se revelasse mais frutífera que a minha com a abadessa.

Enquanto caminhava com a duquesa de volta a seu solário, ela me lançou um olhar de desculpas.

– Sinto muito se você tem outros compromissos urgentes aos quais precisa comparecer. – Percebi um leve tom de curiosidade em sua voz e me dei conta de que ela estava intrigada com meu papel no convento. Se ela soubesse o quão pouco eu tinha feito…

– Não é nada, Sua Graça. A madre superiora e eu estávamos apenas combinando de nos encontrar mais tarde.

– Bom. – Ela sorriu, revelando uma covinha charmosa. – Isabeau tem implorado por histórias, e eu não sei nenhuma. Talvez você tenha uma ou duas.

– Mas é claro, Sua Graça, conheço várias histórias. Como está a saúde dela, por falar nisso? – Senti uma profunda pontada de culpa por não ter feito nada para ajudar a jovem princesa.

A covinha desapareceu.

– Ela está segurando firme, e não piorou. Mas também não melhorou.

Chegamos ao solário, e entrei no aposento atrás da duquesa. Isabeau estava aninhada em sua cama; tinha a pele pálida como neve, assim como seus lençóis de linho brancos, e grandes olhos em um rosto pequeno e anguloso. Ela podia não ter piorado, mas não era necessário servir a Mortain para saber que aquela criança nunca iria melhorar. Seus dias estavam realmente contados.

A duquesa me conduziu até Isabeau e depois foi falar com as acompanhantes da menina. Sentei-me em um banco próximo e aproximei-me da cama. Nós não tínhamos passado muito tempo juntas, Isabeau e eu, mas me senti imediatamente atraída por sua fragilidade aliada a seu espírito corajoso.

– Soube que você quer ouvir umas histórias. Qual é a sua favorita?

– Minha favorita é a que conta como Amourna foi ao Mundo Inferior para se tornar rainha.

Ah, como Ismae foi inteligente ao lhe contar essa história! Que outra narrativa eu poderia contar? As meninas no convento amavam ouvir a de Salonius, o deus dos erros, que conseguiu enganar a Morte. Mas eu não queria dar falsas esperanças a Isabeau. Em vez disso, contei a ela a história de como Saint Brigantia iludiu Camulos, deus da guerra e das batalhas.

Quando terminei, ela perguntou:

– Você sabia que minha irmã é serva de Saint Brigantia?

– Não, mas isso não me surpreende, pois ela é muito inteligente.

– Talvez ela possa enganar a França, assim como fez Saint Brigantia.

– Se existe alguém que pode encontrar uma solução, é ela – garanti. Depois pensei na história que não havia contado, uma que tinha certeza de que ela amaria escutar. – Você já ouviu a história de Saint Arduinna? De como ela ajudou uma jovem governante?

Isabeau ficou completamente imóvel, com olhos arregalados.

– Não – murmurou.

– Bem, era uma vez uma jovem que governava nossa bela terra. Ela era sábia e boa e muito amada por seu povo, mas era assediada por inimigos por todos os lados: eram inimigos no norte, inimigos no sul e, especialmente, inimigos logo além da fronteira ao leste.

“A jovem governante tinha muitos recursos à sua disposição, um exército valente, uma marinha habilidosa e muitos, muitos sábios conselheiros.

“Ela também tinha algo que nenhum governante tivera antes: uma irmã mais nova que a amava com um amor mais forte que todos esses exércitos reunidos.”

Isabeau olhou para as mãos, mas vislumbrei um pequeno sorriso de satisfação. E prossegui:

– Os inimigos da pobre governante eram poderosos, e seus problemas eram muitos. Por isso, uma noite, sua irmã mais nova resolveu tomar os problemas em suas próprias mãos. Ela saiu da cama quando ninguém estava vendo, desceu as escadas e percorreu longos corredores até a capelinha.

– Ela estava com medo?

– Ela estava apavorada, mas também estava determinada a fazer isso pela irmã. Era a única maneira de ajudar. Por fim, chegou à capela. Lá, colocou uma oferenda no nicho de Saint Arduinna e recitou a prece sagrada para invocar sua proteção. Depois, voltou para a cama, exausta, e adoeceu por causa de sua caminhada noturna.

Isabeau tossiu, e pareceu levemente culpada.

– As histórias não dizem que tipo de proteção a irmã invocou para a jovem governante. O que você acha que foi? – perguntei.

– Bem… – Isabeau fingiu refletir, retorcendo o rosto e colocando um dedinho no queixo. – Ela tinha exércitos e cavaleiros para ajudar na luta, então provavelmente não foi isso.

Bom, pensei. Eles tinham conseguido impedir que aquela criança soubesse como nossa situação era difícil.

– Meu palpite é que a garota estava preocupada com o coração da irmã.

– O coração?

– É. Pois a jovem governante não tinha ninguém para amar, além da irmãzinha, e ela desejava que a governante tivesse alguém para amar no caso… no caso de alguma coisa acontecer com ela.

Olhei fixamente nos olhos de Isabeau e vi que ela sabia muito bem que não ficaria muito tempo nesse mundo. Sua preocupação com a irmã em um momento como aquele era um testamento de seu notável caráter.

– Bem… – Sem conseguir me segurar, estendi a mão e afastei os fios sedosos de cabelo de seu rosto. – Os caminhos de Arduinna são misteriosos, mas a deusa do amor ouviu a menina e aceitou sua oferenda. Logo depois, ela mandou várias de suas melhores guerreiras para ver o que podiam fazer para ajudar a jovem governante.

Isabeau recostou-se no travesseiro com um sorrisinho satisfeito nos lábios.

– Eu sei – disse ela, surpreendendo-me, pois eu tinha inventado toda essa história só para dizer a ela que as arduinitas tinham chegado.

– Como você sabe? – perguntei, fingindo estar ultrajada. – Como

você pode saber o fim de minha história?

Ela deu um risinho realmente adorável.

– Porque o padre Effram me contou.

– Contou?

– É. – Ela olhou ao redor do quarto para ver onde estava a irmã. Quando teve certeza de que não seria ouvida, inclinou-se um pouco para frente.

– E ele me disse que elas mandaram você.



Depois que a criança dormiu, deixei-a e atravessei o aposento para me apresentar à duquesa. Quando me aproximei, ela ergueu os olhos de seu bordado.

– Você é boa com crianças, *demoiselle*.

– Fui criada em um convento cheio de meninas órfãs, muitas delas mais novas que eu. Estou acostumada a seus modos e necessidades.

– Você sabia que essa é uma das opções que a regente francesa me ofereceu? Trancar-me em um convento para o resto da vida?

Ergui as sobrancelhas.

– Não tinha ouvido falar disso, Sua Graça.

– Ah, não é nada oficial, claro. Oficialmente, eles localizaram vários maridos adequados para mim, quase todos com mais de sessenta anos e sem a posse de mais da metade de suas faculdades mentais. Ou me caso com um deles, ou me mandam para um convento. E garanto a você que o convento que a regente tem em mente não é nem de perto tão interessante quanto o que você serve. – Ela ergueu os olhos para mim de repente. – Você está satisfeita com a sua vida? A passar seus dias em oração e devoção e a serviço de seu santo?

Ah, e o que eu diria a ela? Que eu achava que sim, até descobrir que a abadessa era corrupta e não confiar mais em nada que ela falava? Lembrei a mim mesma que isso não era tudo.

– Sempre desejei servi-Lo, Sua Graça.

– Quando você percebeu pela primeira vez que esse era o desejo de sua vida?

Isso era mais difícil de responder. Especialmente naquele momento em que eu precisava trabalhar para separar meus próprios desejos dos que o convento plantara em mim. Mas… não. Na verdade, não era difícil, pois eu me recordava daquele instante com muita clareza: quando Mortain veio a mim, sentou-se ao meu lado, e Sua presença gentil foi uma inspiração, um conforto e uma fonte de força, e percebi que eu queria ser digna daquela presença, queria senti-la o máximo possível.

– Desde que tinha idade para ter desejos, foi isso o que desejei fazer: servir a Ele de todo o coração. – E agora a abadessa tinha destroçado tudo com suas tramas e mentiras conspiratórias e calculistas.

– Eu também sempre desejei apenas uma coisa: servir a meu povo como sua líder. Eu também amei minha Igreja, e sem dúvida minha fé me ajudou a atravessar esses anos difíceis. Mas, acima de meu amor pela Igreja, meu amor pela Bretanha deu forma a minha vida, a mim. Eu amei meu povo, recebi seu apoio, encontrei forças em sua fé em mim, e fui confortada por seu respeito amoroso. Foi para isso que fui criada: para ser sua líder e cuidar de seus interesses. Mas agora, agora temo que eles tenham depositado a confiança na pessoa errada. Temo não ser digna da honra que eles me deram. Estou aqui sentada com a guerra à nossa porta e a convicção de que, não importa o que eu faça, vou falhar com eles.

O desespero em sua voz cortou meu coração. Ajoelhei-me a seu lado.

– Sua Graça foi deixada com pouquíssimas escolhas, e nenhuma delas é boa. Tenho certeza de que seu povo entende que Sua Graça está fazendo o melhor que pode.

– Mas isso vai ser bom o suficiente? – sussurrou ela.

Olhei para a menina cujo pai deixara um reino instável, um tesouro vazio e uma fartura de pretendentes – sendo que nenhum deles se importava com ela, apenas com as riquezas que ela poderia adicionar aos seus cofres – e fiquei com raiva. Era como a raiva que

senti por causa de Matelaine. De repente, estava furiosa por essa garota – uma menina de treze anos – ter sido abandonada pelos seus próprios guardiões ambiciosos.

– Sua Graça não falhou, foi seu pai. – No momento em que as palavras saíram de minha boca, eu me arrependi delas, pois sem dúvida estava tomando uma liberdade a que eu não tinha direito.

Então ela olhou para mim com um leve vislumbre de… esperança? Alívio? Eu não a conhecia bem o suficiente para entender o que ela estava sentindo. Ela parou de bordar e fechou os olhos por um instante. No início, achei que ela estava se esforçando para não chorar, mas, ao abri-los, vi que estava com raiva, estava furiosa na verdade, lutando para se controlar. Quando falou, sua voz era tão suave que tive de me inclinar para perto para entender.

– Às vezes, sozinha na cama à noite, não consigo dormir devido ao nó de medo e preocupação tentando sair de meu estômago. Nessas noites, fico com muita raiva de meu pai. – Ela sussurrou como se, mesmo morto, ele pudesse de algum modo ouvi-la.

E, de repente, ela não era mais minha duquesa ou minha soberana, mas uma menininha ferida, como as que chegavam ao convento todo ano, e foi com essa garota que tentei conversar.

– Tudo bem, Sua Graça. Nós não temos escolha na vida, temos de contar com nossos pais ou guardiões. E quando eles tomam decisões ruins, arriscam destruir toda a nossa vida com seus erros. Como podemos não sentir raiva? – Quando terminei de falar, não tinha mais certeza sobre quem estava falando, se sobre a duquesa ou sobre mim mesma.

Capítulo Trinta e Sete

Depois que fui dispensada, voltei para meus aposentos. Minha conversa com a duquesa tinha revolvido toda minha raiva e frustração, como lodo no fundo de um lago. Sozinha no quarto, minha respiração acelerou e cerrei os punhos. Entre as insinuações de Crunard e meu próprio enfrentamento com a madre superiora, estava chegando perto, muito perto, de finalmente entender o que estava no centro das tramas e intrigas da abadessa. Crunard sabia mais do que dizia. E eu não tinha certeza se aquele era um jogo estranho entre ele e a abadessa ou se ele tinha mais conhecimento sobre o convento que ela.

Claro, a resposta mais simples era a mais dolorosa: que ela estava mentindo, que tinha mentido para mim desde o começo.

A frustração fervilhou nas profundezas do meu ser, tão quente e imperiosa que tive medo de gritar. Em vez disso, fui até o baú de roupas, ergui a tampa e remexi meus parcos pertences. Minha mão se fechou em torno do acabamento liso de madeira laqueada, puxei a caixa negra do fundo do baú e a levei até a janela. Mesmo sob a clara luz do sol da tarde, não consegui encontrar emenda, junta, nada que indicasse como ela podia ser aberta. Pelo visto, só quebrando.

Levei a caixa até a lareira, coloquei-a sobre a base dura de pedra e peguei um atiçador de ferro que estava apoiado na parede. Eu o ergui acima do ombro, depois o golpeei contra a superfície lisa e sem marcas.

Ele se enterrou com um estalo de madeira partindo. Pisei na caixa para prendê-la firmemente, e bati de novo. E de novo, e de novo, até pensar que o barulho faria alguém aparecer correndo. Joguei o atiçador no chão, peguei o objeto destroçado e comecei a retirar os restos de madeira do buraco que fizera.

Quando havia uma abertura grande o suficiente, enfiei a mão no interior, ignorando as farpas entrando em minha carne. Procurei, mas não encontrei nenhum pergaminho ou velino, apenas uma espécie de haste comprida. Lentamente, movi a coisa até conseguir extraí-la pelo buraco.

Era longa e fina, e tinha um pedaço de pedra lascada na extremidade. Uma flecha, percebi, com uma ponta antiga ainda presa a ela. Nada de respostas então, apenas uma relíquia embolorada. Com um resmungo de frustração, joguei a flecha sobre a cama e atirei a caixa no chão, saboreando o estalido que fez. Tive de me segurar para não destruir aquela coisa desgraçada com meu salto até não restar nada além de serragem e cinzas.

Em vez disso, respirei fundo e me forcei a me acalmar. A abadessa tinha se recusado a me ver naquela tarde, mas ela não podia me evitar para sempre. Não me importava com quem ela estava nem o que estava fazendo; eu ia me encontrar com ela e descobrir a essência podre da perversa teia que ela estava tecendo. Eu estava muito perto de *descobrir*. Era como se eu pudesse estender a mão e sentir a forma e os contornos das mentiras, mas ainda não discernia sua totalidade.

Eu ia me encontrar com a abadessa amanhã, e dessa vez ela não ia me evitar.



Não consegui vê-la até o entardecer. Era tarde, e a maioria das pessoas tinha se retirado para se preparar para o jantar, mas a abadessa não. Ela ainda estava trabalhando em seu gabinete. Bati uma vez na porta.

– Entre – disse ela, surpreendendo-me. Eu esperava alguma resistência da parte dela, mas entrei no gabinete e fechei a porta com firmeza às minhas costas.

Ao ouvir o estalido alto, ela ergueu os olhos, e sua expressão se fechou ao me ver.

– Eu não mandei chamá-la.

– A senhora me mandou matar Crunard e eu não fiz isso, então está bem evidente que meu desejo de seguir todas as suas ordens arrefeceu um pouco.

– Você está cometendo um grave erro. Você acha que eu a favoreço tanto que não vou puni-la?

– A senhora acha, honestamente, que ainda me importo? Minha necessidade de obter respostas tornou-se muito maior que minha necessidade de agradá-la. Agora, conte-me – exigi. – O que há entre Crunard e a senhora? Por que a senhora demorou tanto para me enviar em missão? Por que me pediu para matá-lo se ele não tem marca nenhuma?

– Você consegue ver marcas? – Ela me examinou com atenção, e pensei em questionar o que era aquilo que ela colocara nas Lágrimas que tinha me deixado cega. Só que eu não tinha certeza de que ela estava por trás daquilo para arriscar dividir essa informação. Seria fácil demais para ela usá-la contra mim.

– Não, não posso, mas Ismae pode. Quando Crunard chegou aqui, pedi que ela procurasse para mim. O que aconteceu com Matelaine? Por que ela demorou tanto se devia apenas matar Crunard?

Sua boca se franziu de contrariedade, mas ela me respondeu.

– Era uma missão complexa. Todo mundo em Guérande estava tenso, e o homem estava na prisão. Ela levou algum tempo para ficar em posição de agir.

– Nunca houve nenhuma Visão de que ela devia matar Crunard, não é? Ela hesitou porque também não viu a marca, e mesmo assim a senhora ordenou que ela ficasse lá.

As narinas da abadessa se dilataram. No início, achei que fosse por irritação, mas então vi como suas pupilas estavam enormes, como o pulso em seu pescoço estava acelerado, e percebi que era medo. Dei um passo em sua direção.

– Por que a senhora tem tanto medo dele?

Ela virou-se e dobrou com cuidado a carta que estava lendo.

– Não tenho medo dele. Ele apenas se tornou um risco para o convento. Ele traiu o país e nos envergonhou. Eu realmente

acreditei que ele teria a marca.

– Acreditou? A senhora me disse que a irmã Vereda tinha Visto, mas, se fosse verdade, ela teria visto a marca.

Ela ergueu bruscamente os olhos da carta e estreitou o olhar.

– E eu disse a você que Vereda está velha demais, debilitada demais para continuarmos confiando nela. Não jogue a Visão dela em minha cara quando foi você quem desafiou minhas ordens de substituí-la.

– Como a senhora pode tomar o desejo d'Ele em suas mãos dessa maneira? O que lhe dá o direito de quebrar as regras que estão no âmago de nosso serviço a Ele?

Ela não respondeu. Enquanto ficava sentada ali, sem dizer nada, minha frustração fervilhava… até que transbordou.

– Conte-me exatamente o que está acontecendo e por que eu não devo contar isso aos outros. Depois disso, a senhora vai explicar por que mandou Matelaine em missão em vez de me mandar.

– Você tinha sido escolhida para ser a próxima vidente…

– Não! A *senhora* me escolheu para ser a próxima vidente, não Mortain, não Vereda. *A senhora*. E sem motivo nenhum que alguém possa determinar. Há várias outras noviças virgens e freiras além da idade reprodutiva que poderiam facilmente ocupar esse papel, talvez até com alegria. A irmã Claude adoraria uma oportunidade de deixar o aviário.

A abadessa emitiu uma expressão de escárnio.

– Você deixaria decisões tão relevantes nas mãos de uma mulher de idade que fede a cocô de pássaro?

– Não – disse eu em voz baixa. – Eu deixaria nas mãos de Mortain, que é quem tem o poder de decidir algo. – Mas era tarde demais. Naquele instante, entendi por que ela queria tão desesperadamente que eu preenchesse aquele papel. – A senhora quer que eu seja a vidente porque acha que pode me controlar. Acha que terá apenas de fazer uma sugestão aqui, ou me conduzir um pouco ali para me fazer "Ver" exatamente o que quiser que eu Veja. – Afinal, eu não só recebera um treinamento excepcional nas artes da Morte, mas também em obediência e no cumprimento cego de regras. A ideia de quanto de minha própria vontade eu tinha

entregado a ela e a Dragonette ao longo dos anos fez com que eu fosse tomada por uma onda quente e dolorosa de mortificação.

– Como você pode me ameaçar? – A abadessa ficou de pé e cerrou os punhos. – Eu, que passei a vida inteira no convento protegendo, defendendo, salvando você daquela mulher desprezível?

– Dragonette? – escarneci. – A senhora não me protegeu nem me salvou, estava apenas presente de vez em quando para me oferecer conforto.

Ela permaneceu parada como uma estátua enquanto minhas palavras ecoavam no silêncio entre nós. Então ela se virou, como se não suportasse olhar para mim nem por mais um segundo, mas vislumbrei a dor que retorcia sua boca.

– Você não quer saber as respostas para suas perguntas, não mesmo.

– Ah, como eu quero. É por isso que deixei o convento e viajei cento e vinte léguas pelo país. Eu vim em busca de respostas e do meu destino.

– Seu destino? Acha que vai encontrar seu destino aqui? Pois você não vai encontrar nada, nada além de sofrimento e coisas que não quer saber. – Ela virou-se, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo e angústia nos olhos. – Annith, eu lhe imploro, esqueça. Volte para o convento, assuma o posto de vidente e você terá um destino do qual se orgulhar, algo que cabe a poucas.

– O que a senhora não parece entender é que eu não vou voltar para o convento. Não, se for obrigada a ser vidente.

Ela se deteve e, para minha surpresa, seus lábios se curvaram em um meio sorriso.

– Você vai mudar de ideia quando ouvir a verdade, pois qualquer pecado que caia sobre mim também cairá sobre você.

– Por quê? Eu nunca fiz parte de seus esquemas. Eu não tinha conhecimento de seus planos.

– Isso não vai fazer diferença, pois nossos laços vão falar muito mais alto que qualquer palavra que você disser. – Ela deu um passo em minha direção, e mais um, até estarmos perto o suficiente para que eu pudesse ver as suaves rugas que começavam a aparecer no

canto de seus olhos. Ela se virou abruptamente. – Você quer saber a história de seu nascimento? Sei que isso a atormenta há anos, não saber como você veio ao mundo.

Pisquei, surpresa, e tudo em meu interior ficou imóvel.

– O que a senhora quer dizer? – Minha voz não soou como se fosse minha. – Ninguém sabe nada sobre meu nascimento. – Não tinha certeza se queria ouvir, pois de repente fiquei aterrorizada com a história que desejara durante toda minha vida.

Sem perceber meu tormento interior, a abadessa começou a falar com uma voz delicada, como se estivesse olhando pelo corredor do tempo.

– Estava chovendo naquela noite. Elas tinham viajado muito, e a dama tinha apenas uma velha criada para lhe fazer companhia. Ela fora expulsa da residência de seu pai, pois ele a declarara morta assim que soube de seu problema. Ela estava exausta, e muito além de onde devia estar viajando, mas era como se sua vergonha e seu coração partido fossem um local no mapa, e ela tivesse de se afastar o máximo possível.

“Então as dores começaram, a léguas de qualquer cidade, e a dama e sua criada entraram em pânico. Elas pararam na primeira casa pela qual passaram e perguntaram pela parteira mais próxima. Não havia nenhuma. Só havia uma curandeira, que morava na beira da estrada do moinho. Ela teria de servir.

“Elas levaram uma eternidade para chegar lá, com a chuva e a lama, e a dama tinha de parar a cada poucos minutos para esperar a dor passar. Era como se alguém tivesse envolvido tiras de aço em volta de sua barriga e apertasse com força. Ela caiu de joelhos na lama duas vezes devido a dor.

“Mas ela se recusou a ter o bebê na lama, mesmo um bebê bastardo, por isso seguiu em frente, usando a pobre criada quase histérica como muleta. A curandeira…”

Nesse ponto, a abadessa fez uma pausa, com um leve sorriso brincalhão em seus lábios. Em seguida, prosseguiu:

– A curandeira parecia estar esperando as duas e abriu a porta quando elas se aproximaram. O fogo já estava alto, e havia lençóis limpos na única cama estreita na cabana de um único aposento.

Ervas secavam, penduradas no teto, e de vez em quando a mulher tinha de se abaixar para desviar das plantas.

“As dores, então, estavam chegando com muito mais frequência, tão rápido que ela mal conseguia recuperar o fôlego. Antes que ela conseguisse se deitar, a bolsa estourou, e água começou a escorrer por suas pernas. Ela achou que fosse morrer de vergonha, mas essa sensação logo desapareceu com o aperto que sentiu em sua barriga.

“A curandeira e a criada colocaram a dama na cama, e as horas seguintes se reduziram a um borrão infinito de dor e suor. Ela só conseguia gritar, pois achava que a dor iria dividi-la ao meio. Era um castigo, sem dúvida, pelos pecados que cometera.

“Você chegou ao mundo depois de uma última contração angustiada.”

Ela tornou a sorrir, e olhou para mim com tanto carinho, tanta ternura, que fiquei surpresa. E continuou:

– Enquanto a curandeira a envolvia em faixas apertadas, a criada limpou sua senhora o melhor que pôde, e depois você foi posta em seus braços. Você já era perfeita, mesmo então.

– Como a senhora pode saber disso tudo? – murmurei.

Ela ergueu os olhos para encontrar os meus.

– Você ainda não adivinhou, Annith? Você é minha própria carne, meu próprio sangue, nascida de meu corpo. Todos os pecados que cometi, todas as regras que quebrei, todas as garotas que você acha que de algum modo eu traí, tudo foi em nome do meu amor por você. Você é minha filha.

A audácia descarada de sua afirmação pesou sobre meu peito, fazendo-me perder o fôlego. Minha mente se reorganizou para encaixar aquela revelação com o que eu conhecia do mundo. Se eu fui gerada por Mortain, será que a abadessa também foi gerada por Ele? Sem dúvida ele não iria se deitar com a própria filha.

– Então a senhora mentiu para o convento? A senhora não é filha de Mortain? – A enormidade daquilo era tamanha que eu mal conseguia compreender sua abrangência.

A abadessa me encarou, com olhos mais humanos do que eu jamais os tinha visto, e havia verdadeira simpatia neles. Tive de me

segurar para não levar as mãos aos ouvidos, e algo frio e escorregadio se revirou em meu estômago.

– Não, Annith. Não sou. – Ela deu um passo em minha direção, e, apesar de querer me afastar dela, a parede estava às minhas costas, e eu não tinha para onde ir. – E nem você.

Capítulo Trinta e Oito

Meu mundo se estilhaçou em mil pedaços, cada um tão afiado como vidro. Cada um me arrancando do ancoradouro em que me aferrara a vida inteira.

Eu não pertencia a Mortain, não era sua filha, nem sua serva. Eu não era nada para ele. Nada. Senti um nó cada vez mais apertado no peito, como se o próprio deus estivesse espremendo o ar de meus pulmões até que eu mal pudesse respirar.

– A senhora está mentindo – disse eu, mas minha voz saiu fraca. Minhas palavras eram nada mais que uma tentativa débil de aparar um golpe mortal. – A senhora está simplesmente dizendo isso para me corromper com seus pecados, na esperança de que eu tema que qualquer punição imposta à senhora também recaia sobre mim. A senhora enganou todo mundo, não eu, levando-os a acreditar que foi gerada por Mortain. – Meu estômago foi tomado por um amargor febril, e tive receio de passar mal.

Ela ignorou minha explosão e prosseguiu com sua história.

– Toda a minha raiva e revolta diante da situação desapareceram naquele momento, pois tudo o que eu havia suportado me levara a você. Só que a sensação de euforia durou apenas uma hora antes que surgissem as preocupações sobre o que faríamos, como sobreviveríamos por conta própria naquele mundo, sem família para nos sustentar nem amigos dispostos a nos receber. Cheguei até a pedir para me tornar aprendiz da curandeira em troca de meu sustento e do seu, mas ela riu e disse que mal conseguia se sustentar ela mesma.

“Por isso, durante toda aquela longa noite, enquanto eu a segurava e você dormia e mamava em meu seio, tentei pensar em um modo de ficarmos juntas e termos uma vida que não envolvesse a mendicância nem nos vendermos pela melhor oferta. Como você

era uma bastarda, um erro, eu podia levá-la para um dos orfanatos de Saint Salonius, mas eles não me permitiriam ficar, e eu nunca mais tornaria a vê-la. Eu poderia tentar arranjar trabalho em um bordel ou uma taverna, mas quem iria contratar uma mulher com um bebê?

"Então me lembrei de minha irmã mais nova, que tinha sido mandada para um convento aos treze anos, um convento que recebia meninas e as treinava. Assim, de manhã, depois que o sono restaurou meu raciocínio, a curandeira me perguntou quem era o pai. Eu disse a ela que era Mortain, e comecei a criar as fundações de minha maior mentira.

– E ela acreditou em você?

– Acreditou. Ela me contou que Mortain trazia muitas filhas àquele mundo, e que eu devia ser especialmente favorecida, se tivera a permissão de viver para criar a minha.

"Mas, ainda que isso significasse que o convento a receberia, não garantia minha entrada, exceto, talvez, como ama de leite pelos primeiros meses de sua vida. Por isso, elaborei melhor minha trama e, ao fim da semana, já tinha um plano firmemente arquitetado. Ele tinha altos custos, mas foi o que consegui resgatar dos destroços de minha vida, e por isso me entreguei a ele com cada fibra de meu ser, e jurei fazê-lo funcionar.

"Eu disse à curandeira que iria acompanhá-la até o padre itinerante que a levaria até o convento, o que eu fiz. Essa foi a parte mais difícil, ficar separada de você durante seus primeiros meses, mas foi para que pudéssemos ficar juntas pelo resto de nossos dias.

"Parada na sombra da igreja, observando o remador noturno seguir para o converto com você, chorei tanto que achei que fosse morrer. Essa dor era muito pior do que a dor do parto."

– E depois, o que a senhora fez?

– Fui para Brest, arranjei emprego em uma taverna respeitável durante três meses e criei uma história convincente que pudesse apresentar no convento quando chegasse. Inventei que tinha sido gerada por Mortain e que tinha entrado tardiamente para o Seu serviço. – Ela estendeu as mãos abertas em súplica, e o desespero brilhava nitidamente em seu rosto. – Agora você entende por que

não pode falar disso com ninguém. Meus pecados podem ser enormes, mas você vai sofrer também.

Eu não conseguia pensar. Não conseguia nem sentir. Estava vazia como um barril.

– Qual o castigo para tamanha mentira? – perguntei.

A abadessa deu de ombros.

– Não sei. Nunca soube de ninguém que tivesse feito isso, mas talvez signifique simplesmente que o assunto permaneceu em silêncio.

– E meu pai? Quem é ele?

– Ele era charmoso, e tinha muitos títulos. Os domínios de sua família eram vizinhos aos nossos, por isso eu o conhecia desde pequena. Eu o amava, ou achava que amava, e tinha certeza de que ele me amava também. Ele ia me visitar com frequência, caçar com meu pai e seus homens ou fazer a corte às mulheres da casa.

"Eu sabia que no início ele ia por minha irmã mais velha, Marie, mas logo ficou óbvio, pelo menos para mim, que, em sua inconstância, suas atenções se voltaram para outra. Mas ele não percebeu, ou não queria aceitar. Nem agora eu sei o que aconteceu. Mas minha irmã tinha ambições mais altas que o barão vizinho. Ainda assim, ele acreditava ter uma chance, mesmo que ela estivesse sendo forçada por nossos pais a um casamento diferente.

"Nós dois conversávamos com frequência, pessoalmente ou por cartas. Pensei que isso significasse que ele tinha voltado sua atenção e sua afeição para mim, mas ele estava apenas colhendo informações sobre aquela que realmente desejava."

– Então ele foi falso com a senhora. – Endureci meu coração contra ela e contra o que deve ter parecido uma traição chocante para ela. – Qual o nome dele? O nome de minha família?

Ela, então, afastou-se de mim.

– Não basta saber que ele não é Mortain? O que existe entre nós é uma história antiga que não desejo ressuscitar.

– Conte-me.

Ela deu um suspiro. O som saiu de um grande e profundo poço de desespero em seu interior.

– Crunard – disse ela por fim. – Seu verdadeiro pai é Crunard.

Capítulo Trinta e Nove

Enquanto deixava os aposentos da abadessa, sentia como se estivesse envolta em uma névoa densa que não deixava meus pensamentos tomarem forma. Era como se alguém tivesse enfiado a mão em meu peito e arrancado meu próprio eu de meu corpo. Ou como se, com suas palavras, a abadessa tivesse soltado um fio que então usou para desenrolar minha alma inteira.

Eu não tinha sido gerada por Mortain.

Eu não tinha uma única gota sequer de Seu sangue.

Eu não tinha nascido para servi-Lo, não recebera nenhum de Seus dons. Na verdade, eu era uma impostora em uma escala tão grande que era difícil, mesmo agora, compreender toda a sua dimensão.

Minha mãe nunca se deitara com a Morte, jamais a recebera em sua vida, exceto quando precisou de refúgio, um lugar seguro para se esconder do mundo. E ela me arrastara junto para essa duplicidade, sem saber nem desejar.

Pior ainda: ela tentara me fazer cometer parricídio. De todos os crimes que cometeu, sem dúvida este era o mais vil. Eu podia ter matado meu próprio pai sem jamais ter consciência disso.

Claro, essa era a intenção da abadessa. Agora, era fácil ver isso, conhecendo toda a história. Seria um golpe rápido, e a única pessoa de seu passado que poderia expor seus segredos seria silenciada para sempre.

Sem perceber, meus pés me levaram para os fundos do palácio, depois para fora. Desci dois longos e tortuosos lances de escada, até que me vi diante da porta que escondia meu pai, à espera de seu julgamento.

O guarda solitário pensou em perguntar que assunto me levava até ali, mas, quando olhou meu rosto, calou-se imediatamente. Ele ainda não sabia que eu não tinha sido gerada por Mortain.

Havia uma única tocha no exterior da cela de Crunard. A luz projetada por suas chamas era fraca contra a densa escuridão da masmorra. Eu me movi tão silenciosamente quanto uma sombra até sua cela, e me encostei na parede para observá-lo sem ser vista. Apesar de todo o cuidado, ele ergueu a cabeça e me viu. Lentamente, ele se aprumou e seus olhos encontraram os meus.

– O senhor sabia, não é? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça.

– Eu desconfiava, o que é muito diferente de saber.

– E o senhor desconfiou desde o começo, quando apareci pela primeira vez em Guérande?

– Não. Naquela época, eu só sabia que você tinha sido enviada para me silenciar. Só quando estávamos na estrada no dia seguinte e a vi em plena luz do dia percebi as semelhanças entre você e a abadessa.

Meu olhar permaneceu fixo no dele, sem piscar.

– E o senhor também soube, então, que era meu genitor? – Eu não conseguia chamar aquele estranho de pai.

Ele ficou completamente imóvel. Na verdade, não parecia nem que estava respirando. Então algo em seu rosto mudou, e ele sorriu, surpreendendo-me.

– Você é minha filha. Bem, eu fiquei em dúvida. Sua abadessa era virgem quando nos conhecemos, e sua idade parecia bater.

Ele me encarou com uma mistura tão sofrida de calor e esperança que cruzei os braços, como se com esse gesto eu pudesse afastar sua afeição.

– O senhor vai me desculpar se não recebo essas notícias tão calorosamente. Durante toda a minha vida agi sob a suposição de que eu tinha sido gerada por um deus. Descobrir que, em vez disso, fui gerada por um dos maiores traidores do rei não me traz muita alegria.

Ele deu de ombros.

– E você me perdoe se pareço muito animado, mas passei três meses nos calabouços de Guérande acreditando que o último de meus três filhos tinha sido morto. Descobrir que tenho outra filha é uma misericórdia inesperada com a qual jamais ousei sonhar.

Mesmo que ela tenha tentado me matar.

Então eu compreendi. Não só eu tinha um pai humano agora, mas já tivera uma família inteira. A ideia trouxe uma pontada surpreendente de dor. Saber disso após todos estarem mortos era… mais uma coisa que a abadessa tinha roubado de mim.

– Por que ela o queria morto?

A expressão astuta estava de volta a seu rosto antes que eu terminasse a pergunta. Com certeza, qualquer afeto que ele pudesse sentir pela filha não seria à custa da própria pele.

– Para encobrir seus crimes, é claro.

– E que crimes seriam esses?

– Não ser uma filha de Mortain. Enganar não apenas o convento, mas a coroa também. Isso é fraude, você sem dúvida percebe. Não é difícil imaginar a punição para tais crimes.

Suas palavras nada mais eram que um eco de meus próprios pensamentos, mas eu sabia, no fundo do coração, que não era só isso. Eu não fiz a pergunta que pendia em meus lábios: *Como o senhor a abandonou à própria sorte com seu filho não nascido?* Em vez disso, perguntei:

– Como o senhor voltou a entrar em contato com ela depois de tanto tempo?

Seu sorriso leve me surpreendeu.

– Isso foi puramente por acaso. Foi um grande choque tanto para mim quanto para ela, garanto a você. Em minha posição de chanceler do falecido duque, eu também era o chefe extraoficial de seus espiões e o contato com o convento. Imagine minha surpresa quando fiz uma visita a elas e descobri minha ex-amante posando de abadessa.

O escárnio que ele demonstrou por ela, quando a havia abandonado tão cruelmente, era irritante.

– Ela não estava posando de abadessa. Ela chegou à posição por meio de seus próprios esforços e habilidades.

– Ah, eu admiro a lealdade em meus filhos. Isso depõe a seu favor, Annith.

Não liguei para o som de meu nome saído de seus lábios, nem liguei para o carinho com o qual ele o envolveu.

– Pena que o senhor não foi tão leal assim àqueles cuja vida o senhor irresponsavelmente usou e depois descartou – eu disse baixinho. – Minha lealdade não veio do senhor.

Com o coração mais pesado que nunca, virei-me e deixei o calabouço.

Eu tinha um pai. E irmãos, apesar de estarem provavelmente mortos. Uma família.

A consciência disso tudo foi me invadindo aos poucos enquanto eu seguia pelos corredores do palácio tentando encontrar o caminho de volta para meus aposentos. Precisava de um lugar onde pudesse ficar sozinha com meus pensamentos enquanto o peso da traição da abadessa se assentava sobre mim.

Ela tinha roubado coisas demais de mim. Com suas escolhas, ela pegou minha vida e me deu… um cárcere. Memórias de minha primeira infância no convento voaram sobre minha cabeça como um bando de corvos atormentados, sombrios e perturbadores. As sessões especiais com Dragonette. Os castigos duros quando eu não passava em seus testes. E a abadessa, ou melhor, a irmã Etienne, nada fizera para impedir.

Não. A honestidade me obrigava a admitir que aquilo não era exatamente a verdade. Ela costumava *sim* intervir quando podia. Ela me dava pão ou queijo quando eu ficava sem jantar. Passava-me uma vela às escondidas para que eu pudesse iluminar a escuridão de minha punição. E era ela quem normalmente destrancava a porta quando tudo terminava, de modo que podia me dar um pouco de atenção e ver se eu estava bem.

Ah, como ela devia ter ficado surpresa quando seu refúgio imaginário se transformou em tamanha dor de cabeça! Seus planos bem traçados para nós duas desmoronaram diante da ambição espiritual de Dragonette.

Esse pensamento fez meus passos vacilarem quando compreendi completamente como aquilo devia ter sido difícil para ela – ver o paraíso que buscara se transformar em uma realidade tão dura. Uma realidade diante da qual ela era tão impotente quanto teria sido se tivesse ficado fora do convento. O santuário que nunca separaria nós duas se transformou em um pesadelo.

Era por isso que ela queria que eu fosse vidente? Para que ela jamais tivesse de se separar de mim? Como ela vislumbrava esse futuro? Será que ela pensava honestamente que poderia orientar e moldar minhas visões de acordo com sua vontade?

Ou… outro motivo me ocorreu. Talvez fosse o temor pela minha segurança que controlasse suas ações. O medo de que, por não ter sido gerada por Mortain, eu ficasse vulnerável executando Seus desígnios neste mundo. Ou talvez ela estivesse preocupada com minha alma imortal.

Mas isso não importava, pois o que ela fizera era errado. E era mais errado ainda se levasse em consideração o fato de que ela sacrificou outras como Sybella e Matelaine para me manter em segurança. Não era *ela* a prejudicada ali, não importava o quanto ela quisesse se mostrar assim.

Quanto mais me aproximava de meus aposentos, mais percebia que era incapaz de encarar Ismae e Sybella no estado em que estava, então meus pés mudaram de rumo e pegaram a passagem seguinte, que saía do corredor principal. Como estava tentada a baixar a cabeça de vergonha pela mentira da qual eu fizera parte, forcei-me a mantê-la erguida e encarar os olhares de quaisquer nobres ou cortesões que olhassem para mim. Eles não sabiam. Ainda não.

Mas saberiam em breve.

Eu não conseguia imaginar como poderia existir neste mundo sem meu papel de serva da Morte para dar forma e propósito à minha vida. Sentia-me tão inútil quanto vinho sem uma taça.

E quando soubessem quem era meu pai? Eu poderia acabar sendo jogada em um calabouço ao lado dele.

Não. Ismae não deixaria que isso acontecesse. Ela diria que eu não tinha o menor conhecimento de nada daquilo. Mas será que acreditariam nela?

A dor daquilo tudo se contorcia em meu interior com tanta intensidade que precisei parar e me apoiar na parede para me equilibrar. Através das nuvens da dor, tive de olhar para baixo para me assegurar que minhas pernas ainda estavam presas a meu corpo, pois mal podia senti-las.

Obriguei-me a voltar a caminhar, mais rápido agora, como se fosse capaz de escapar da informação que a abadessa tinha me transmitido. Em pouco tempo, encontrei-me parada aos pés da escada que levava às muralhas. Fui atraída até ali, da mesma maneira que uma limalha de metal era atraída por um magneto.

Sim, uivava a dor. Procure Balthazaar. Ele vivia com uma dor parecida havia centenas de anos. Sem dúvida saberia o que fazer com ela.

Sem ninguém à vista, ergui a barra da saia e comecei a subir a escada dois degraus por vez, satisfeita com o esforço que o exercício causava em minhas pernas. Quando cheguei ao topo, estava sem fôlego e trêmula, mas isso nada tinha a ver com a subida. Saí no frio, e não me surpreendi ao ver que a noite havia caído. Na verdade, parecia que vidas inteiras tinham se passado no espaço de uma hora.

Todas as coisas em que eu sempre acreditara durante a minha vida inteira não passavam de mentiras. Essa ideia se contorcia em minha mente e através de todo o meu corpo, como uma serpente. Nada, nem uma única coisa, era verdade. As garotas que eu sempre chamara de irmãs não compartilhavam o meu sangue. Nem mesmo Ismae e Sybella. Eu não era a primeira e mais habilidosa de Suas servas, mas uma impostora descarada que penetrara em Seu ninho enquanto Ele não estava olhando.

Todas as orações que eu já tinha proferido para Ele voltaram à minha mente, deixando-me mortificada. Tentando fugir da dor que isso me provocava, observei as sombras que se acumulavam junto das paredes de pedra. Fui tomada por raiva quando não o vi, e concentrei-me nisso em vez de em meu desespero. Na única vez que desejei que ele estivesse ali, ele não estava. Quis jogar a cabeça para trás e rugir uma ordem para que ele aparecesse, mas, mesmo na situação em que me encontrava naquele momento, não consegui ser tão ousada. Então comecei a caminhar ao longo das ameias, na direção oposta à das sentinelas.

– Balthazaar? – sussurrei para a escuridão.

Não houve resposta, e continuei seguindo para o canto mais escuro, onde a passarela desaparecia em uma torre de guarda. Virei

e olhei para a cidade por cima da muralha. Tive vontade de rezar, mas não sabia mais para quem dirigir minhas orações. Salonius, o deus dos erros, talvez?

Ouvi um sussurro delicado às minhas costas. À medida que eu girava, meu coração foi se aquecendo, esperançoso. E lá estava ele.

– Você veio.

– Sempre estive aqui – disse ele. – Esperando.

Animei-me com a leve provocação em sua voz. Cruzei os braços e dei três passos em sua direção.

– Bem, você não precisa esperar mais. Estou aqui.

Estendi o braço, coloquei a mão em seu peito e o empurrei. Pego desprevenido, ele cambaleou. Tornei a empurrar, de novo e de novo até encostá-lo contra a parede. Ele olhou para mim. Seu rosto era uma máscara de confusão.

– Você me desejou desde a primeira noite que me viu. Bem, agora estou me entregando a você. – Eu tinha me negado demais na crença de que devia minha vida a outros, mas essa crença agora havia desaparecido. Eu não passava da mais comum das mortais, por isso podia muito bem rolar nas ladeiras da vida.

Queria os braços de Balthazaar me envolvendo. Queria ficar na ponta dos pés e grudar os lábios nos dele. Ou pelo menos tentar.

– Espere. – Ele afastou-se, olhando para mim como se tivessem crescido antenas em mim. – O que você quer?

Encarei-o com firmeza.

– Você. Eu. Entrelaçados. – Queria que ele me fizesse esquecer, me fizesse lembrar, me fizesse me sentir extraordinária naquele novo mundo, que era tudo o que me restava.

Ele continuou a hesitar, e fiquei furiosa. Como ele ousava mudar de ideia naquele momento, quando eu tinha decidido que aquilo era o que eu desejava?

– Mas, se você não tem coragem, existem milhares de soldados por aí na cidade. Tenho certeza de que um deles fará o obséquio.

Virei-me para partir. Prendi a respiração ante a possibilidade de ele me deixar ir embora, mas exultei quando ele estendeu a mão e me segurou pelo braço. Ele me girou, deixando-me de costas para a

parede. Agora ele estava com raiva. Reagi recostando-me nela, permitindo que sua fúria acendesse a minha, e usando-a para aquecer o frio em meu âmago.

– Alguma coisa mudou você.

– Sim.

Algo tinha me mudado, mas também tinha me libertado. Senti um borbulhar louco de uma gargalhada se erguendo em minha garganta. Eu sempre me sentira dividida em dois por meus desejos antagônicos: viver minha própria vida, ou servir a Mortain como Ele desejasse. Bem, agora eu só tinha a minha vida para viver. E o que eu queria, naquele momento, era *sentir*. Queria sentir algo novo e proibido. Queria me sentir poderosa de algum modo, como me sentia quando Balthazaar olhava para mim com fogo nos olhos. Queria sentir toda a força daquele calor em meus lábios, em minhas mãos, em todo o meu corpo. Tornei a estender os braços em sua direção, e dessa vez ele não me impediu. Lentamente, aproximei meus lábios dos dele.

– Não quero tomá-la contra a parede. – Seus lábios roçaram os meus e seu olhar me perfurou, como se estivesse explorando meus recônditos para ver o que havia escondido lá.

– Mas eu *quero* ser tomada contra a parede. – Mordi de leve seus lábios do mesmo modo que faria com um doce. Apreciei a mordida e o atrito da pedra áspera contra minhas costas.

– Você está com raiva…

– Não tem nada a ver com você.

– Mas e se você se arrepender disso?

Afastei-me o suficiente para poder olhar para ele.

– Para um filho do Mundo Inferior, você tem honra demais.

Ele não desviou os olhos de mim, aguardando pacientemente minha resposta.

Eu suspirei.

– Confie em mim. Da longa lista de arrependimentos que eu talvez carregue, isso estaria perto do fim. – Para convencê-lo, comecei a desamarrar o vestido.

Ele segurou minhas mãos para detê-las, mas dessa vez me puxou para longe da parede. Sem soltar minha mão, ele me conduziu até

as ameias.

Quando saímos das sombras, fiquei tentada a manter a cabeça baixa, para caso uma das sentinelas nos visse. Só que minhas ações não levavam vergonha a ninguém, apenas a mim, e eu não estava envergonhada do que estava fazendo. Naquele momento, talvez fosse a única coisa de que não me envergonhava. Parecia uma das coisas mais verdadeiras que eu já tinha feito na vida.

Aquele novo conhecimento de onde estavam meus limites era reconfortante. Antes, era como se eu ainda estivesse em formação, à espera de que meus contornos se preenchessem. Mas agora eu sabia que era aquilo, e só. A soma e o total de quem eu era e quem poderia ser já estavam contidos em meu interior.

Balthazaar fez uma pausa diante de uma porta estreita, escutou e a abriu. Era uma espécie de depósito, cheio de armas extras e armaduras sem uso. Era o lugar perfeito, pensei.

Ele fechou rapidamente a porta, depois me puxou para mais perto. Ele levou as mãos em concha ao meu rosto. Seus olhos miravam os meus.

– Tem certeza?

Em resposta, passei os braços em torno de seu pescoço outra vez e apertei todo o meu corpo contra o dele.

– Sim.

A palavra soou tão nítida e clara como um sino. Se eu tinha certeza de alguma coisa, era daquilo. Minha espera tinha chegado ao fim. Aquela era a hora de reivindicar a vida que eu desejava, mesmo que precisasse agarrá-la e arrastá-la se debatendo para o interior de um depósito da guarda.

Então, finalmente, ele se inclinou para cobrir meus lábios com os seus.

No início, estavam surpreendentemente frios, mas em segundos foi como se o calor de meu próprio desejo fluísse para dentro dele enquanto ele tomava o que eu oferecia, movendo a boca de modo que capturasse a minha completamente. Mergulhei no beijo como uma rocha caindo em um lago profundo, afundando cada vez mais até não saber mais se um dia conseguiria sair. Esqueci-me de tudo. Tudo menos das sensações que me engolfavam.

Ele tinha lábios lindos, percebi, passando a língua por toda sua extensão. Eram bem delineados e volumosos o suficiente para convidar ao beijo. E o melhor de tudo era que expulsavam o gosto de amargura e desespero que haviam ameaçado me afogar.

O leve roçar de sua barba. O ponto macio que meus dedos encontraram logo abaixo de sua orelha. Suas mãos, seguras e fortes, acariciando minha cintura, subindo por minhas costelas, e tornando a descer até meus quadris, como se quisessem memorizar minhas formas.

A sensação de seu coração ecoando o meu enquanto os dois batiam acelerados demais.

Afastei-me, só um pouco, para terminar de desamarrar o vestido. Encontrei seus olhos e fiquei emocionada por não ver neles sinal de vazio, desespero nem dever cruel. Eles eram quentes e brilhavam como pedras aquecidas pelo sol, e o calor neles fez meu coração bater mais rápido e meus dedos vacilarem.

– Aqui – sussurrou ele. – Deixe-me.

E eu deixei.



Mais tarde, deitada em seus braços, saboreando a sensação de tê-los ao meu redor, saboreando a sensação de sentir seu coração martelando sob minha mão pousada sobre seu peito, eu me dei conta de que não podia fingir que nosso tempo juntos tinha sido suficiente. Eu estava mais atraída por ele que nunca, atraída por aquele encontro não apenas de corpos e corações, mas de almas. Era uma intimidade pela qual eu tinha ansiado durante toda a vida, e ainda assim nunca conseguira dar nome a ela. Se achasse que aquilo era tudo o que eu teria dele, temia chorar.

Eu vi esperança em seus olhos e um relaxamento em sua desolação, e também vi esperança em meu próprio coração. Não me sentia mais sozinha. Prometi a mim mesma que aquilo era apenas o princípio. Agora que eu não tinha mais nenhuma

obrigação com o convento nem com a abadessa, podia começar a forjar o futuro que queria para mim mesma.

Capítulo Quarenta

ENQUANTO EU ME ENCAMINHAVA a meus aposentos, fiz uma súplica silenciosa para que estivessem vazios. Por favor, que Sybella estivesse visitando as irmãs, que Ismae estivesse com a duquesa. Ou trancada em algum aposento privado com Duval. Com tudo o que havia acontecido nas últimas horas, eu estava me sentindo confusa e sensível demais para conseguir explicar qualquer coisa para qualquer pessoa, mesmo minhas melhores amigas.

Minhas orações não foram atendidas. Abri a porta e vi tanto Ismae quanto Sybella lá. A expressão de Sybella se aguçou quando seus olhos passaram por mim, e suas narinas se dilataram. Se alguém pudesse detectar a atividade com a qual eu estivera recentemente envolvida, seria ela. Mas, para meu imenso alívio, ela não disse nada sobre suas desconfianças.

– Aqui. – Ela entregou um traje para Ismae. – Vista isso. – Enquanto Ismae desaparecia atrás do biombo, Sybella serviu uma taça de vinho e me entregou. Fiquei surpresa com tamanha atenção, que era apenas mais um exemplo de como ela tinha mudado.

– Obrigada.

– Você está bem? – perguntou ela em voz baixa, acabando com qualquer crença que eu pudesse ter de tê-la enganado.

Encarei meu cálice como se fosse a coisa mais fascinante no mundo.

– Estou bem – tranquilizei-a, em seguida dei um gole no vinho. O quarto estava em silêncio, exceto pelo som de Ismae colocando seu vestido.

Quando terminou de se trocar, Ismae saiu de trás do biombo e correu em minha direção com preocupação no rosto. Não sabia como poderia contar a ela, às duas, que nós não éramos irmãs. Que

não tínhamos o mesmo pai e que, na verdade, eu não tinha direito ao título que reclamara durante minha vida inteira.

Ela estendeu a mão e apertou meus braços.

– Como foi? – perguntou ela. – A abadessa estava muito furiosa?

Eu ri.

– *Furiosa* não chega nem perto.

Sybella franziu o cenho.

– Ela vai castigar você?

Isso, pelo menos, eu podia responder com honestidade.

– Não sei. Ela ainda não disse.

Ismae se aproximou de Sybella e gesticulou para que ela amarrasse seu vestido.

– O que ela vai fazer com Crunard?

Com essa pergunta, lembrei de uma das afirmações de Crunard.

– Ele disse que antes, quando você estava em Guérande, teve a chance de matá-lo e não matou. Posso perguntar por quê? Na ocasião, ele também não estava marcado?

Ela baixou os olhos para as mãos, depois voltou a olhar para mim.

– Ele tinha a marca. Só que eu tinha acabado de chegar de um campo de batalha, onde vi muitas marcas, sendo que não tive qualquer participação nessas mortes. Por isso, minha desconfiança sobre como o convento estava interpretando essas marcas começou a se formar. E agora ele não está mais marcado.

Fui tomada pelo desespero ao perceber que jamais veria as marcas.

– O que acha que deveria ser feito com ele? – perguntei a Ismae. – Você está mais familiarizada com os crimes dele do que eu ou a abadessa.

Sybella deu um sorriso irônico.

– Por que será que ela não perguntou a *mim*?

Ismae ficou em silêncio por um bom tempo enquanto calçava os sapatos.

– Acho que isso devia ser deixado para a justiça da duquesa. Ele deveria ser levado a julgamento. Que ele responda por seus crimes. Então, se tiver de morrer, que seja pelos crimes pelos quais foi preso, e não por alguma sombra que caiu sobre sua testa e que não

confio que o convento interprete corretamente.

Sua honestidade criou um espaço seguro, quase sagrado, ao nosso redor. Era a oportunidade perfeita para contar a ela o que eu tinha descoberto. Respirei fundo, com a intenção de fazer exatamente isso, mas percebi que não conseguia obrigar minha língua a falar. Eu ainda não sabia o que fazer com meu novo conhecimento.

Deixar o convento? Denunciar a abadessa? Se sim, a quem? A enormidade daquela revelação absurda e suas consequências me forçavam a agir com cautela.

Enquanto olhava fixamente para seus rostos, percebi o mais importante: por mais corajosa que eu tivesse sido, por mais que eu tivesse suportado, eu não era forte o bastante para romper com aquele laço. Se perdesse aquilo, eu acabaria me desfazendo em uma pilha de trapos esfarrapados.

– Ela ainda não me contou tudo. – Se isso não era toda a verdade, não parecia uma mentira grande demais. Então me dei conta de que elas estavam vestidas de modo muito estranho. – Por que estão usando roupas de criadas?

– Gostou? – Sybella ergueu a barra da saia e girou graciosamente, como se estivesse usando um vestido magnífico, e não apenas trapos. – Vou fugir esta noite com Fera quando ele e seus homens estiverem patrulhando a cidade. Todas as tropas e facções mercenárias estão cheias de energia acumulada e frustração, e não têm nada contra o que lutar. Exceto uns contra os outros.

Ismae ergueu uma sobrancelha.

– Não acredito que ele permitiu que você fosse com ele.

Sybella deu um sorriso alegre.

– Ah, ele não permitiu. Ele nem sabe que é essa a minha intenção. Mas vou enlouquecer se tiver de ficar aqui sentada mais um dia, revirando os polegares com bordados.

– E você, Ismae? – perguntei. – Você vai sair para refrear os mercenários também?

O rosto de Sybella ficou sóbrio.

– Não. Ela vai partir para Nantes em algumas horas.

– Então você convenceu Duval?

Ismae deu um riso de escárnio.

– Vamos dizer apenas que todos os argumentos dele de nada adiantaram.

– O que significa… – disse Sybella, tirando o cálice de vinho de minhas mãos. – Que você deve cuidar da duquesa enquanto estivermos ocupadas. Mas não antes de lavarmos e arrumarmos você.

– Não era onde você estava? Com a duquesa? – perguntou Ismae.

– Não. Eu… precisava de algum tempo para pensar e me acalmar depois do encontro com a abadessa.

Sybella começou a pentear meu cabelo com dedos leves e delicados. Fechei os olhos e deixei que o conforto do toque me conduzisse à calma. Agora, pensei. Agora era a hora de contar a elas. Quando abri a boca, bateram na porta. Todas ficamos tensas.

– Se for a abadessa, ainda não voltei – alertei-as.

Mas quando Ismae abriu a porta, foi a voz grave de Duval que ouvimos.

– Não vou mais discutir sobre isso – disse ela.

– Bom. Não estou aqui para discutir, mas gostaria de vê-la antes de sua partida.

– É claro. – Antes de sair com ele para o corredor, ela deu um abraço em Sybella e em mim. – Cuidem-se, vocês duas.

– E você… – disse Sybella. – Lembre-se: a abadessa de Brigantia vai lhe dar santuário se for necessário.

– Não será.

E foi minha vez de abraçá-la antes que ela se fosse.

Capítulo Quarenta e Um

QUATRO DIAS DEPOIS, CHEGOU o embaixador francês. Com a lama da viagem ainda presa às botas, ele entrou a passos largos no salão onde a duquesa recebia sua corte. Quando ele cruzou a porta, a cabeça de Duval se ergueu bruscamente, e o embaixador ficou imóvel, como um lobo que tivesse acabado de sentir outro predador.

Sybella e eu estávamos paradas de pé atrás da duquesa. Trocamos um olhar e, quase como se tivéssemos ensaiado, levamos as mãos às armas. Não que fôssemos matá-lo ali, às vistas de todos; tratava-se simplesmente de um recado para lembrá-lo de andar com cuidado.

O embaixador era alto e de porte elegante, tinha um grande nariz adunco e penetrantes olhos verdes. À medida que o homem se aproximava da plataforma, Duval fez um gesto sutil com as mãos, ordenando aos soldados que conduzissem os outros para fora.

Enquanto as pessoas se dirigiam à porta, a duquesa ergueu os olhos do burguês sem graça cuja solicitação ela estava avaliando e entendeu o que estava acontecendo. Ela manteve o rosto sereno e composto, mas pude ver um leve tremor em seus dedos antes de apertarem firme os braços da cadeira.

– Gisors. – Apesar da voz de Duval soar agradável, todo o seu corpo parecia positivamente ressonar de tensão. – Não esperava tornar a vê-lo. Nunca mais.

Gisors ignorou-o e fez uma reverência impecável, sem desviar a atenção da duquesa nem por um instante.

– *Milady*. – Leves expressões de espanto ecoaram pelo salão, pois ele deliberadamente não usou a respeitosa forma de tratamento que o título dela exigia. A mão de Sybella se fechou em torno do cabo de sua faca, e seus olhos se estreitaram em antecipação. O embaixador captou seu movimento e ficou um pouco mais

circunspecto. – Rogo para que minha visita a encontre em boa saúde.

– Felizmente, lorde Gisors. E espero que o senhor tenha feito uma viagem agradável. – A duquesa se aferrou ao protocolo e às cortesias exigidas por sua posição.

– Sinto muito por comparecer em sua presença em tal estado inapropriado, mas a mensagem que trago não pode esperar.

– Então certamente vamos ouvi-la – disse Duval. Gisors continuou a ignorá-lo e esperou que a duquesa assentisse com a cabeça.

– Fui enviado por sua majestade para aceitar a rendição incondicional da Bretanha, sua administração, propriedades, terras e exércitos. Depois que entregá-los, estou autorizado a lhe oferecer salvo-conduto para a corte de seu novo… *marido*. – Ele conseguiu imbuir a palavra em extremo desprezo.

O salão inteiro ficou quieto como uma cripta. Não se ouvia sequer o som de respirações para perturbar o silêncio absoluto provocado por suas palavras.

Duval debruçou-se para frente.

– E a mensagem vem de sua majestade o rei ou da regente francesa?

– Isso não importa, pois eles falam como se fossem um só. *Milady*? Posso informar a sua majestade que aceita os termos?

Pelo vinco tenso no queixo da duquesa, eu podia dizer que ela queria falar não, mas, mesmo naquele momento, sob tais circunstâncias, ela manteve a graça e a atitude.

– Temo não poder tomar uma decisão dessa enormidade sem grande consideração, milorde. Vou responder ao senhor e a seu *rei*… – Ela conseguiu encher a palavra de tanto ácido quanto Gisors fizera apenas alguns instantes antes. – Em alguns dias.

– Tempo é algo do qual não dispomos em abundância, *milady*.

– Ainda assim, preciso insistir. Tenho de considerar meu povo, e seus interesses devem vir em primeiro lugar.

Gisors abriu a boca para discutir, mas Duval gesticulou para que as sentinelas se aproximassem e o acompanhassem para fora. A menos que o homem quisesse ser arrastado do salão, ele não tinha escolha além de aceitar.

– Espero uma resposta amanhã, *milady*.

– O senhor pode esperar o quanto quiser, mas não a terá – murmurou ela em voz baixa.

Depois que ele foi embora, ela virou-se para Duval, trêmula.

– Acho que vou voltar para meus aposentos agora – disse a duquesa.



Sozinhas em seu quarto, tirei o enfeite pesado que ela usava na cabeça e o coloquei sobre a cômoda.

– Você já esteve apaixonada?

Sua pergunta me surpreendeu tanto que quase deixei cair a escova que levava na mão.

Sem esperar uma resposta, ela disse com delicadeza, quase para si mesma:

– Eu, sim. Uma vez. – Comecei a escovar seu cabelo. – Eu era muito nova. – Ela fechou os olhos. – Você acha possível se apaixonar quando se é tão jovem?

Uma imagem de Mortain sentado ao meu lado na adega encheu minha mente.

– Sim, Sua Graça. Acho.

Seus olhos piscaram e abriram, e ela virou-se para me olhar, surpresa. Depois, sorriu.

– Você é a primeira a concordar comigo – confidencia ela. – Sabia que nós íamos nos dar bem. – Ela tornou a me dar as costas para que eu terminasse de arrumar seu cabelo. – O nome dele era Louis, Louis d'Orleans, e ele veio à corte de meu pai quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Ele era muito charmoso e galante, e principalmente simpático. Simpático e gentil com a criança que eu era na época. E, é claro, eu tinha ouvido muitas histórias de como ele lutara com bravura ao lado de meu pai enquanto eles tentavam impedir a invasão da França nos ducados ao redor.

Lembrei da tapeçaria do convento, mas Louis d'Orleans era um

nobre francês, não bretão, por isso eu pouco sabia sobre ele além de que era primo de Carlos VIII, e que lutara na Guerra Louca ao lado do pai da duquesa.

– Por que seu pai não a prometeu a ele? Sem dúvida, teria sido um bom casamento.

A duquesa deu um suspiro de tristeza.

– Louis foi obrigado a se casar com Joan, a filha do falecido rei, quando ele tinha apenas catorze anos. O que foi especialmente difícil porque as enfermidades físicas dela a deixaram estéril, então ele não tinha esperanças de ter um herdeiro.

– E assim não haveria ameaça à coroa francesa – murmurei.

– Exatamente. Conversamos, durante aquela visita, sobre anular o casamento para que nós pudéssemos nos casar, mas o plano foi bloqueado com veemência pelos franceses, que eram muito influentes junto ao papa. Ele foi capturado no ano passado e é prisioneiro desde então. – Havia lágrimas em seus olhos. Eu não soube dizer se era por ele estar preso ou por seus sonhos perdidos.

Capítulo Quarenta e Dois

Era tarde, já bem perto do alvorecer. Eu precisava dormir algumas horas, mas estava tomada por uma necessidade de ver Balthazaar, mesmo quando uma indesejada sensação de timidez e incerteza baixou sobre mim diante das lembranças das coisas que tínhamos feito juntos quatro noites atrás. Perguntei-me se agora aquilo era tudo em que ele pensaria ao me ver.

Perguntei-me se ele iria querer fazer aquilo de novo.

E quando.

Ao chegar às muralhas, subi em silêncio até as passarelas. As sentinelas estavam tão acostumadas comigo assombrando seu domínio que mal deram atenção à minha presença, apenas ficaram um pouco mais alertas e se sacudiram para acordar. Virei e caminhei na direção oposta. Normalmente, quando chegava ao canto oposto, Balthazaar estava ali me esperando. Mas, naquela noite, enquanto espiava as sombras e sussurrava seu nome, percebi que estavam vazias.

Meu coração contorceu-se desconfortavelmente no peito, e depois me repreendi por ser tola. Ele tinha outras coisas a fazer – deveres de hellequin que precisava cumprir. Não era razoável querer que ele estivesse sempre ali quando eu precisasse dele. E, apesar disso, ele sempre estava, e eu sempre precisava.

Tornei a sussurrar seu nome e aguardei alguns instantes. Debrucei--me nas ameias para que, se as sentinelas olhassem em minha direção, achassem que eu estava pensativa ou em oração.

Os minutos se arrastaram até um quarto de hora, e ainda assim ele não apareceu. Fui tomada por um pensamento extremamente desagradável. Será que ele já tinha obtido o que desejava, e não via razão para retornar? Ele era um caçador, afinal de contas, e eu, sua presa. Agora que eu tinha sido devidamente atraída para sua

armadilha, será que seu interesse cessara? Minhas mãos se agarraram à parede de pedra à minha frente. Não. Nossa conexão era mais que simples luxúria, apesar de isso estar presente, sem dúvida. Mas ele não estava interessado apenas em meu corpo.

Olhei para o céu. Quase uma hora mais tarde, eu já estava sem argumentos e justificativas para a ausência dele. Levei a mão ao peito, sobre aquele ponto delicado, e disse a mim mesma que o que estava sentindo não era dor. Quando me virei para ir embora, percebi um movimento nas sombras.

– Balthazaar?

Após um momento de hesitação, ele se aproximou.

– Há quanto tempo você está aí? – perguntei.

– Não muito. É tarde. Sem dúvida você devia estar dormindo.

– Eu vou, mas queria ver você.

– Por quê?

Franzi o cenho.

– Porque estou maluca, sem dúvida.

Ele deu um suspiro, depois se aproximou das ameias, pôs as mãos nos muros e se debruçou para fora, olhando para a cidade abaixo, tomando cuidado para manter uma boa distância entre nós.

– Eles não sentem sua falta quando você vem aqui em cima? – Sua voz estava rouca, reservada, e ele não olhava para mim.

– Não venho com muita frequência. – Não era nem de perto a frequência que eu gostaria.

– Você não devia mais vir aqui.

Fiquei absolutamente imóvel, tentando estudar seu rosto, mas ele o mantinha virado para a cidade.

– O que você está dizendo? – Mantive a voz baixa. – Você está me *rejeitando*? – O ultraje se misturou com a mortificação.

– Não. – A palavra saiu dura. Ele se virou para me encarar, e me encolhi diante da emoção em seus olhos. Ele deu um passo em minha direção, assomando sobre mim. – Não estou *rejeitando* você, estou tentando salvar você. Salvá-la de ser arrastada ainda mais para dentro de minha existência desolada.

– Não sou *eu* quem precisa ser salva, mas *você*.

Ele piscou, surpreso, com a boca levemente entreaberta, mas não

disse nada. Percebi que tinha acertado o alvo com mais precisão do que imaginara.

Ele virou-se e tornou a olhar para a cidade.

– Não seja ridícula. – Ele disse, com desprezo e ironia. – São os outros, inclusive você, que precisam encontrar refúgio de mim.

– Verdade? – Dei um passo em sua direção, e ele se encolheu. Foi uma mera contração de músculo e pele, mas eu vi, e de repente percebi que ele não estava se encolhendo por repulsa ou rejeição, mas porque estava lutando uma batalha feroz contra seus próprios desejos e seu próprio coração. – O que devo temer de você? – Minha voz era tão suave e delicada quanto a carícia que eu desejava fazer nele. – Que você me toque?

Estendi o braço e coloquei a mão em seu pescoço, sentindo-o se retorcer e estremecer sob meus dedos. Cheguei ainda mais perto e apertei-me contra seu corpo rijo.

– Que você faça isso? – Toquei sua cabeça, forçando-o a olhar para mim. A angústia e o conflito em seus olhos quase partiram meu coração. Se alguém precisava de salvação, era aquele homem torturado. – Ou isso? – Fiquei na ponta dos pés e encostei delicadamente meus lábios nos dele. No início, ele resistiu, mas, em seguida, foi como se uma comporta se abrisse e desse vazão a toda sua necessidade.

Ele virou-se das ameias e puxou-me para os seus braços como se pudesse me arrastar para dentro de seu peito para que eu morasse junto de seu coração. Seus modos se transformaram – ele foi de resistente para possessivo. Ele envolveu meu rosto em suas mãos em concha e devorou minha boca como se quisesse me sugar toda para o seu interior. Sem fôlego, ele parou e descansou a testa contra a minha. Nossos corações batiam em uníssono, frenéticos.

– Como você pode esperar que eu me afaste disso? – sussurrei.

– Mas não há liberdade para mim, apenas morte.

– Mesmo agora? Depois de tudo o que você fez e todos os anos que você cavalgou com os hellequins?

Ele deu de ombros, em um movimento brusco e cheio de frustração.

– É a natureza de minha existência. Quero salvá-la de dar seu

coração a alguém que não pode estar com você como você merece. Que não pode ser o homem que você merece.

Mas esse alerta chegou tarde demais. Meu coração já era dele.



Não dormi muito naquela noite, não sem que os pensamentos sobre Balthazaar ficassem girando em minha cabeça como uma roda torta de carroça. Quando não estava pensando nele, estava pensando na duquesa e na situação para a qual os franceses a haviam empurrado. E quando meus pensamentos finalmente deixavam essas questões, era a jovem Isabeau que me vinha à mente. Fiquei me perguntando por quanto tempo mais ela viveria e como a duquesa reagiria diante de sua morte.

Mas, ao amanhecer, eu estava determinada a fazer algo, qualquer coisa. Foi então que me lembrei de Crunard penando no calabouço, um traidor que antes tivera a atenção da coroa francesa e que talvez ainda estivesse em contato com a regente.

Fui até sua cela e o encontrei esticado no pequeno catre. Quando ouviu meus passos, ele se sentou. Ao me ver, passou rapidamente a mão pelo cabelo e ajeitou a camisa. Não consegui decidir se achava aquele gesto engraçado ou tocante. Ele acenou com a cabeça em uma saudação. Eu não disse nada, simplesmente o encarei, dando ao turbilhão de emoções que eu sentia sempre que olhava para ele uma oportunidade de se acalmar.

– O que o senhor sabe do marechal Rieux e sua aliança com D'Albret?

– Era demais esperar uma conversa de pai e filha, não era?

– Era. O que sabe sobre a aliança?

Ele se encostou na parede de pedra e deu de ombros.

– Que Rieux acreditava que se aliar com D'Albret seria nossa melhor chance de conseguir força suficiente para repelir a agressão francesa.

– Ele não sabia dos rumores sobre os casamentos anteriores de

D’Albret, ou simplesmente não se importava? – Pois isso, mais que a traição política, era o que me incomodava.

– Todos tínhamos ouvido rumores, mas Rieux acreditava que fossem apenas isto: rumores que perseguiam um líder brutal que não era amado por seu povo. Acho que ele também acreditava que a posição da duquesa iria mantê-la em segurança. Uma coisa é uma esposa sofrer um acidente quando está longe de sua casa e das pessoas que poderiam vingá-la, mas algo bem diferente é atacar abertamente a amada governante de uma nação.

– E o senhor?

Seu olhar sustentou o meu com firmeza.

– Tive receio de que fossem mais que meros rumores. Acuse-me de qualquer outra coisa, mas eu não estava disposto a entregar a duquesa aos cuidados de D’Albret.

– Devidamente registrado. – Cruzei os braços sobre o peito e comecei a andar diante da porta. – A pergunta é: a duquesa pode confiar na oferta de Rieux de se tornar mais uma vez seu súdito fiel?

– Não acho que ela tem outra escolha. Rieux é um tático militar brilhante, e traz muitas tropas consigo. Tropas das quais a duquesa sem dúvida vai precisar.

– Mas como ela pode ter certeza de que ele não vai traí-la novamente?

– Ela não pode. Mas pode ter certeza de que ele não vai traí-la outra vez com D’Albret, e pode tomar precauções caso sua lealdade mude com os ventos da oportunidade. – Ele ficou de pé e se aproximou da porta. – Você precisa entender. Por anos, a coroa francesa subornou a corte bretã para que a informassem sobre todas as atividades, opções e conselhos do ducado. A importância de uma pessoa podia ser medida pelo fato de os franceses tentarem recrutá-la ou não. A maioria aceitava o dinheiro. Alguns deram a eles informações úteis. Outros lhes deram migalhas insignificantes. Madame Hivern, François, madame Dinan, marechal Rieux e metade dos nobres da Bretanha receberam subornos ou pagamentos de algum tipo.

– E o senhor?

Ele me olhou com firmeza.

– Não. Eu nunca recebi subornos. Não até o duque morrer, e a ameaça recair sobre o último filho que me restava.

Sacudi a cabeça.

– Não é de espantar que o pobre duque nunca tenha conseguido ganhar uma maldita guerra – murmurei.

– Exatamente. O estranho é que alguns de seus homens mais leais eram na verdade franceses: o capitão Dunois, Louis d'Orleans.

Era a segunda vez que eu ouvia esse nome.

– Quantos filhos o senhor teve, no total? – Perguntei com delicadeza, pois tratava-se de meus irmãos.

– Quatro.

– Como eles se chamavam?

– Phillipe era o mais velho, depois vinha Rogier, seguido por Ives, e Anton.

– Era Anton quem era prisioneiro dos franceses?

– Sim. Ele e Duval eram grandes amigos. Eles cresceram juntos, treinaram juntos.

– E o que ele pensaria de sua traição?

Essa flecha atingiu o alvo. As narinas de Crunard se dilataram de irritação, e ele afastou o rosto, não antes que eu percebesse uma leve expressão de vergonha.

– Ele não entenderia, porque é jovem e cheio de ideais nobres e não tem ideia de como é ver seus filhos serem mortos na sua frente como se fossem ervas pisoteadas.

Fiquei sem saber o que responder, pois parte de mim concordava. Como qualquer de nós poderia compreender o sofrimento de tamanha perda? Como qualquer um de nós poderia imaginar como viveríamos, ou tentaríamos viver, carregando tamanha dor?

Mas eu não estava disposta a ficar ali e simpatizar com ele. Ergui a barra da saia e virei-me para ir embora, mas me ocorreu um último pensamento.

– Algum dos pretendentes da duquesa a teria ajudado a repelir a invasão francesa?

– Isso importa? Ela está casada com o Sacro Imperador Romano agora.

– Que a ajudou muito pouco. Quero saber se ela teria tido uma

chance com algum dos outros.

Ele pensou por algum tempo, em seguida sacudiu a cabeça.

– Não.

– Então tudo isso foi por nada? O resultado estava definido desde o começo?

– Sim. – Ele riu, sofrido e derrotado. – Sua única esperança de evitar a guerra teria sido um compromisso com o próprio herdeiro do trono francês.

– E por que isso não ocorreu?

– Porque, na época, o delfim estava comprometido com outra, e o velho rei tinha animosidades demais com o duque para oferecer a ele um prêmio tão grande quanto tornar a filha dele rainha. Depois que ele morreu, a regente francesa permaneceu tão rígida em suas ideias quanto o pai.

– Uma última pergunta. A regente francesa pretende permitir que a duquesa se junte ao Sacro Imperador Romano na Áustria? Ou algum acidente misterioso vai se abater sobre ela durante a viagem?

Seus olhos encontraram os meus, e ele sacudiu a cabeça.

– Isso eu não sei. Sempre podemos ter a esperança de que ela vá manter sua palavra.

Enquanto ele estava disposto a apostar o destino da duquesa em esperanças tão tênues, eu não estava.

Capítulo Quarenta e Três

Dois dias mais tarde, houve mais uma reunião do conselho privado. Enquanto os membros debatiam as verdadeiras intenções do marechal Rieux e sua confiabilidade para liderar tropas que lutariam pela duquesa e não se voltariam contra ela quando ele estalasse os dedos, senti um olhar sobre mim. Era a abadessa, estudando-me como um abutre faminto observando uma raposa moribunda e se perguntando se a raposa valia o esforço ou se ele próprio seria abatido na luta. Pensei em lançar-lhe um sorriso relaxado, mas para isso era preciso mais energia do que eu estava disposta a gastar com ela. Então simplesmente a ignorei. O que me deu o benefício extra de deixá-la com ainda mais raiva.

Eu ainda não sabia o que fazer com o conhecimento de suas mentiras. Não sabia para quem eu iria contar. Afastei deliberadamente os olhos dela e virei-me para o padre Effram, que estava com os vivos olhos azuis atentos sobre meu rosto. Quando nossos olhares se encontraram, ele não teve nem a delicadeza de virar o rosto. Sem saber como agir, inclinei a cabeça em sua direção, cumprimentando-o. Ele deu um grande sorriso, tão grande que chamou a atenção da abadessa, que por sua vez franziu o cenho para nós dois. Eu quase ri por ela achar que podia nos silenciar como duas crianças levadas na igreja, quando éramos figuras respeitadas naquele grupo de alto nível.

Estudei a cruz de madeira pendurada no pescoço do padre Effram e o rosário de cânhamo com as nove contas. Ele era velho. Era a pessoa mais velha que eu conhecia, e sem dúvida seguia e respeitava os modos antigos. Pelo que apreendi de nossa conversa na capela, ele era sábio e inteligente. Tornei a olhar para a abadessa, que observava a discussão se desenrolando, apática. Se havia alguém que sabia que tipo de tribunal ou conselho

supervisionava o convento, era ele.

– Muito bem, vamos confiar nele. – A voz de Duval interrompeu meus pensamentos. – Mas com cautela. E vamos indicar seu segundo em comando e nos assegurar de que essa pessoa seja alguém leal a nós.

Todos na mesa concordaram, com exceção do capitão Dunois, que não achava correto perdoar o homem.

O chanceler Montauban pigarreou.

– O embaixador francês visita meus aposentos praticamente de hora em hora, exigindo uma audiência com a duquesa. – O homem mais velho olhou para a duquesa com ternura e grande simpatia.

– Nenhuma notícia de François? – perguntou ela com preocupação.

– Não, Sua Graça. O que, devemos supor, significa que não haverá mais ajuda do Sacro Imperador Romano.

– Eu disse a vocês que não haveria – observou Chalon. – Suas forças já estão enfraquecidas demais.

Duval voltou seu olhar penetrante e gelado para Chalon, que tentou não piscar diante dele.

– Ah, não é por isso que ele não pode vir.

– Não? – Chalon pareceu surpreso.

– Não. Ele não pode vir porque a regente francesa negociou uma trégua com ele.

– Meu próprio marido me traiu? – A duquesa tentou parecer forte, mas era difícil não ouvir a angústia em sua voz.

– Ele não a traiu, Sua Graça. – Chalon saiu em defesa de seu suserano. – Ele está lutando essa guerra há anos, e ela lhe custou recursos incalculáveis em material e vidas. Ele precisava dessa trégua pelo seu próprio povo e pela segurança de seu reino.

– À custa do nosso povo e do nosso reino – murmurou ela.

Duval acenou a cabeça.

– Sim, pois isso tem o efeito inegável de essencialmente amarrar suas mãos em relação à Bretanha. Porque, se ele fizer algum movimento para nos ajudar, ele vai se ver em meio a uma guerra com a França novamente. – Apesar da ira de Duval, também havia um toque de admiração ressentida em relação à habilidade com a

qual a regente francesa tinha nos encurralado e isolado de nossos aliados.

– E as forças inglesas? Chegaram mais tropas a Rennes?

O capitão Dunois sacudiu a cabeça, parecendo quase doente.

– Não, Sua Graça. O resto das tropas inglesas não vai se juntar a nós aqui na cidade.

A testa dela se franziu, intrigada.

– Por que não?

Dunois respirou fundo.

– Eles vão ficar em Morlaix. – Ele e Montauban trocaram um olhar. – Eles a estão mantendo como uma garantia de pagamento por sua ajuda – disse ele gentilmente.

– Então a rede está apertando – murmurou Duval, aborrecido.



Quando a reunião do conselho terminou, a abadessa se levantou e se aproximou de mim. Fingi não vê-la e murmurei no ouvido de Sybella:

– Distraia-a por um momento, está bem?

Ela deu um sorriso malicioso.

– Mas é claro. – Não fiquei para ver como ela faria aquilo, apesar de parte de mim desejar fazê-lo, porque tinha certeza de que seria divertido. Em vez disso, saí e segui para a velha capela. Não sabia se encontraria o padre Effram ali, mas, fora das reuniões do conselho, a capela tinha sido o único lugar onde eu o havia visto.

Caminhei devagar, na esperança de que ele visse para onde eu estava me dirigindo. Torci para que sua curiosidade o levasse a me seguir.

Mesmo que ele não viesse, não me faria mal um pouco de contemplação e oração naquele momento. Eu não tinha a menor ideia sobre o que fazer. Com a duquesa e seu conselho, ou melhor, seu próprio país, tão cercados por inimigos e problemas, eu mal podia suportar ser a porta-voz da mais nova de uma longa série de

traições. E mesmo assim…

E mesmo assim, sem dúvida aqueles que tinham sido prejudicados pelas escolhas e ações da abadessa mereciam justiça, se não vingança.

A capela estava vazia, exceto pelas nove velas tremeluzentes em frente aos nove nichos. Enquanto eu olhava fixamente para os nove, um vazio se abriu dentro de mim. Até o conforto da oração me havia sido tomado, pois eu não sabia mais para quem devia rezar. Cerrei as mãos e me obriguei a respirar fundo.

– Lady Annith? É a senhorita olhando de cara feia para o meu altar?

Virei-me para trás.

– Padre Effram! Não, eu não estava olhando de cara feia. Bem, pelo menos não para o seu altar, mas para todos os problemas que nos atormentam.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– E por *nós* você quer dizer a duquesa e a Bretanha? Ou há algum outro *nós*?

O homem podia ser mais velho que o próprio tempo, mas não tinha nada de tolo.

– Padre, eu gostaria que o senhor ouvisse minha confissão.

Ele piscou em surpresa, mas não estava nem de perto tão surpreso quanto eu.

– Eu não sabia que as seguidoras de Mortain tinham a necessidade de confessar seus pecados.

– Isso é parte do que preciso confessar ao senhor.

Sua curiosidade era tão pungente quanto o incenso que queimava nos incensórios da capela. Ele gesticulou para que eu o seguisse até um cantinho.

– Não posso imaginar que você tenha algo para confessar, minha filha. Sem dúvida você age segundo a graça de seu deus…

– Mas é isso o que preciso contar ao senhor. – Contar a alguém. O segredo se comprimia em meu interior, tão pesado e denso que temia que fosse explodir de dentro de mim como uma ameixa madura demais.

Mas, depois que nos sentamos e seus olhos simpáticos e curiosos

estavam sobre mim, todas as palavras que se aglomeravam para sair foram escapando antes que eu me desse conta da enormidade de minha confissão.

– O que é, minha filha? O que a está atormentando?

– É um pecado muito grande passar a vida inteira fingindo ser uma coisa, só para depois descobrir que você não era nada disso?

– Imagino que você esteja falando de si mesma.

– Sim.

– Que coisa você fingiu ser?

– Uma filha de Mortain, gerada por Ele para ser Sua serva.

– E você não é filha d'Ele?

– Não. Descobri que não sou.

– Ah. – Ele recostou-se na cadeira. – E agora você sente que enganou todo mundo? – Quando assenti, ele inclinou a cabeça e me estudou. – Quantos anos você tinha quando chegou ao convento?

– Era um bebê.

– Bem, então. – Ele estendeu as mãos. – Não há como ser sua culpa. Se o convento fez essa suposição e não confirmou tal fato…

– Mas eles foram enganados. Algumas pessoas sabiam. Minha mãe, a abadessa, era uma delas.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa. Segui em frente e contei toda a sórdida história, que saiu de mim em uma enorme torrente de alívio.

Depois que terminei, ele olhou para mim com uma expressão gentil.

– Você, sem dúvida, sabe que é inocente.

Ao mesmo tempo em que desejava acreditar naquilo, não conseguia. Baixei os olhos para minhas mãos, que estavam entrelaçadas em meu colo.

– Não tão inocente, padre, pois eu matei alguns homens.

Ele pegou minhas mãos, e obrigou-me a olhar para ele.

– Acredito que Ele vai entender, pois é sabido que mesmo Mortain cometeu erros.

Eu recuei, surpresa.

– Com certeza Ele não!

– Ah, você nunca ouviu como Ele tomou Amourna por engano

quando na verdade estava interessado em sua irmã?

– Bem, sim, mas isso é apenas uma história contada pelos seguidores de Salonius. Não é o que realmente aconteceu.

– Não é?

– Não! Nós no convento sabemos o que realmente aconteceu.

– O mesmo dizem os seguidores de cada um dos nove.

Dei um suspiro de desespero, e ele ergueu a mão.

– Eu não disse que sua versão estava errada. Mas pense bem: por que eles inventariam uma história assim sobre um deus tão temido e reverenciado como Mortain?

Eu dei de ombros.

– Não sei. – Na verdade, não estava com disposição para resolver enigmas teológicos.

Ele debruçou-se para frente.

– Para mostrar que até alguém como Mortain é capaz de cometer um erro.

– Mas Ele é um deus!

– Ele é *um* deus, mas não *Deus*. – Ele apontou na direção do céu.

Eu não soube o que responder. Em vez disso, mudei de assunto.

– Mais uma coisa, padre, e depois vou deixá-lo com seus afazeres. A quem respondem os que cultuam os nove?

– A seus deuses, é claro.

– Sim, mas em questões de jurisdição mais terrena. Sei que há um conselho de bispos que cuida de assuntos relacionados à Igreja nova, mas sem dúvida eles não têm autoridade sobre os nove, têm?

– Autoridade? De que maneira?

– Se alguém tivesse de ser responsabilizado por algo, assim como um padre católico que pode perder seu ministério, quem cuidaria de problemas como esse?

– Você está falando de sua mãe?

– Sim.

Ele recostou-se e suspirou.

– Esse tipo de coisa não acontece há muito, muito tempo, mas, quando aconteceu no passado, os nove foram convocados para avaliar e julgar tais assuntos.

– E é isso?

– Forma-se um conselho com a presença dos líderes de cada um dos nove. A questão é apresentada diante deles, e todos decidem que punição, se alguma, deve ser aplicada.

– E como uma pessoa faz para convocar os nove?

– Envia-se uma mensagem para o sumo sacerdote ou sacerdotisa ou abadessa de cada um dos nove, e eles por sua vez enviam um representante. Mas, novamente, isso não é feito há anos. Com certeza, não desde que nasci.

– Qual… qual seria a punição para tais crimes? – Pois, por mais que eu desejasse que a abadessa fosse responsabilizada, não queria que ela fosse executada.

Seus olhos se tranquilizaram ao compreender.

– Ninguém está acima do perdão de Deus. – A certeza em sua voz me surpreendeu.

– Como o senhor pode saber disso?

Ele deu de ombros, um tanto tímido.

– Depois que uma pessoa comete tantos erros quanto eu, ela se torna muito familiar com a plenitude da graça e da misericórdia de Deus.

Capítulo Quarenta e Quatro

ENQUANTO ME DIRIGIA DA CAPELA para meus aposentos, fui abordada por um pajem um tanto nervoso.

– Lady Annith! Lady Annith!

Seu alarme era quase contagioso, e percebi que precisava manter minha compostura.

– O quê?

– A duquesa quer que a senhorita vá a seus aposentos imediatamente. É a princesa Isabeau. Eu procurei a senhorita por toda parte – disse ele de modo acusador.

– Eu estava rezando – expliquei. Em seguida, ergui minhas saias e saí atrás dele, apressada.

Quando cheguei aos aposentos da duquesa, minha entrada foi autorizada no mesmo instante. A duquesa estava sentada ao lado de Isabeau. Sybella e uma das irmãs de Brigantia estavam do outro lado. A pele da menina era quase translúcida, e sua respiração saía em grandes haustos arquejantes.

– O que aconteceu? – perguntei com delicadeza.

A freira brigantiana se ergueu e correu para o meu lado.

– Ela acabou de piorar enquanto todos estavam na reunião do conselho. – Sua expressão relaxou, em simpatia. – Isso não é inesperado. É impressionante que ela tenha resistido por tanto tempo.

Fixei os olhos em Isabeau enquanto ela se esforçava para respirar.

– Há alguma coisa que possa ser feita para que ela respire com mais facilidade? – perguntei.

– Já usei todo o conhecimento que nosso convento possui. A duquesa tinha esperança de que você talvez conhecesse algum remédio que nós não conhecemos. – Se a freira ressentia aquilo de algum modo, ela não demonstrou. Concentrei meus pensamentos

no tempo em que cuidei da irmã Vereda e no que fizemos então.

– Temos mais experiência com venenos e ferimentos que com doenças – murmurei. – Mas conheço um cataplasma que talvez ajude.

Dei a ela uma pequena lista de ingredientes, mas, antes que ela pudesse sair do quarto, Sybella se levantou e se adiantou.

– Eu vou ajudá-la – disse ela. Diante de meu olhar intrigado, ela se inclinou para perto de mim. – Não consigo assistir a isso – sussurrou, com o rosto totalmente branco. Fui tomada de surpresa por um instante, até lembrar que sua irmã mais nova, Louise, sofria de uma enfermidade parecida. Depois que elas saíram, aproximei-me da cama.

– Sinto muito, Sua Graça. Estava na capela rezando.

– Não há necessidade de se desculpar. Estou feliz por terem encontrado você. – Ela ergueu os olhos. Quando viu que a freira brigantiana tinha deixado o aposento, virou-se para mim. – Ismae descobriu que um de seus… – ela baixou a voz – venenos aliviava os sintomas de Isabeau, e frequentemente dava a ela uma ou duas gotas quando a respiração ficava difícil assim. Você sabe o que ela usava? Você teria um pouco? Isso parece amenizar seu sofrimento.

Minha mente revirou-se por um instante, revendo cuidadosamente todos os venenos que usávamos no convento. Pensei na Carícia de Mortain, um veneno feito de leite de papoula.

– Tenho! Já volto.

Saí do quarto, apressada, e, assim que cheguei ao corredor, comecei a correr. Em meus aposentos, remexi em meu alforje até encontrar os frascos de cores fortes cuidadosamente embalados. Peguei a Carícia de Mortain, devolvi o resto ao alforje, e corri de volta ao quarto da doente.

Fui cuidadosa com a quantidade de veneno que ofereci a Isabeau, talvez mais cuidadosa do que precisava ser, mas eu não tinha o dom de Ismae, nem sua habilidade de corrigir erros fatais.

Entretanto, mesmo a pequena quantidade pareceu funcionar. A respiração de Isabeau ficou menos sofrida, apesar de o líquido que enchia seus pulmões não diminuir.

Ela estava morrendo. Ainda que eu não fosse filha de Mortain,

podia sentir Sua pesada presença no quarto. Queria gritar com ele para que se apressasse e aliviasse o padecimento dela, mas sabia que isso provocaria grande dor na duquesa.



Os quatro dias seguintes foram consumidos com os cuidados com Isabeau. Fizemos tudo o que podíamos para restaurar um equilíbrio frágil a seu corpo. Tentamos cataplasmas e tisanas, plantas medicinais e tinturas, e nada conseguiu virar a maré inexorável de sua morte. O único alívio que tínhamos estava nas poucas e preciosas gotas da Carícia de Mortain.

Quando o embaixador francês mandou avisar que ainda estava à espera, a duquesa quase tirou a espada de Duval de sua cintura e foi atrás dele, de tão desesperada que estava por alguma coisa, ou alguém, em que descarregar.

Duval, a duquesa e eu cogitamos informar Ismae do que estava acontecendo, mas na verdade havia pouca coisa que ela poderia fazer, e tentar entrar em contato com ela arriscaria expô-la a um perigo ainda maior. Então esperamos. Revezamo-nos ao lado de Isabeau, fazendo-lhe companhia para que ela não estivesse sozinha se acordasse. Ou se morresse.

No quarto dia, o bispo apareceu para administrar os últimos sacramentos. Mas a jovem princesa teve energia suficiente para dizer que queria que o padre Effram lhe fizesse esse favor. Depois de um instante de silêncio e surpresa, mandaram chamar o padre Effram. A duquesa permaneceu ao lado de Isabeau, segurando sua mão o tempo inteiro, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

E mesmo assim a Morte não chegava.

Naquela noite, a duquesa pegou no sono no chão ao lado da cama de Isabeau. Eu estava sentada com a princesa, banhando sua fronte febril com água de lavanda, e então seus olhos piscaram e se abriram. Levei um susto tão grande que quase deixei cair a toalha de linho que tinha nas mãos.

– Onde está Anne? – perguntou ela.

– Bem aqui. Dormindo. Quer que eu a acorde?

Isabeau sacudiu a cabeça.

– Não. Ela está ao meu lado há dias e precisa descansar. – Ela ficou em silêncio por algum tempo e apenas tentou inspirar ar para seus pulmões.

– Como é? – murmurou por fim ela para mim.

– Como é o quê?

– A morte. Como é a morte?

Apesar de me encarar corajosamente nos olhos, havia um leve tremor nos dela que revelava o esforço que ela estava fazendo para ser corajosa.

Não me permiti pensar em túmulos, criptas ou covas frias sob a terra, mas enchi a mente com pensamentos sobre o próprio Mortain quando Ele veio a mim na primeira vez que me fizeram prisioneira na adega.

– Tranquila, calma e… pacífica – disse a ela. – O medo não terá mais nenhum efeito sobre você, nem preocupações ou tristezas. – Fiz uma pausa por um instante, tentando pensar na melhor maneira de ajudar sua jovem mente a compreender essas coisas. – Você consegue se lembrar de uma alguma vez em que esteve especialmente cansada? Talvez depois de um longo dia de viagem?

Ela não se deu ao trabalho de falar, apenas assentiu com a cabeça.

– Você lembra como foi gostoso subir em sua cama de penas naquela noite? Como seus membros cansados ficaram agradecidos? Como a sensação foi boa? Como foi delicioso fechar os olhos e finalmente descansar?

– Sim – murmurou ela, com olhos brilhantes.

– É exatamente assim – disse eu.

– Oh! – exclamou baixinho, e o leve vinco entre suas sobrancelhas desapareceu. – Eu só queria não ter de ir sozinha – murmurou. – Eu não gosto de ficar sozinha.

Diante de suas palavras, fui tomada pelo terror que senti todas as vezes que fui trancada sozinha na adega, naquela prisão escura de onde temia jamais sair. Foi então que me ocorreu que Isabeau não

precisava fazer aquela jornada sozinha.

Balthazaar poderia levá-la. Ele poderia acompanhá-la para o Mundo Inferior. Eu não era capaz de oferecer a ela muito conforto, mas aquilo sem dúvida iria ajudá-la.

Assim que Isabeau tornou a cair no sono, pedi licença para deixar seus aposentos e ir em busca do hellequin. No corredor, ergui a saia a corri, ignorando as pessoas que paravam para me olhar com surpresa.

Quando cheguei ao alto das muralhas, a noite mal começava a cair, e me preocupei que fosse cedo demais. Mesmo assim, eu precisava tentar. *Por favor, Mortain, apesar de eu não ser Sua filha, por favor, permita que ele esteja lá.* Corri até as sombras onde ele sempre esperava por mim. No início, achei que estivessem vazias, e quase perdi o ar com a decepção. Mas então as sombras se moveram, e ele deu um passo à frente.

Joguei-me em seus braços. Por um breve instante, desliguei-me de todas as complicações e tragédias que nos cercavam e me permiti aproveitar o conforto que ele me oferecia. Depois, com relutância, afastei-me.

– Preciso lhe pedir um favor.

– Qualquer coisa – disse ele.

Era uma frase tão simples, mas me pegou completamente de surpresa.

– Há uma menina no palácio, a irmã da duquesa, pairando neste exato momento diante das portas da Morte.

Ele olhou para o palácio atrás de nós como se pudesse ver através das paredes.

– Eu sei.

– Ela é muito nova e está com muito medo de fazer a sombria jornada para a morte sozinha. Então pensei que ela não precisa estar sozinha. Você podia levá-la.

Eu examinei seu rosto nobre e carrancudo.

– Talvez se você tentasse sorrir – sugeri. – Isso ajudaria. Além disso, ela está acostumada a soldados e cavaleiros, e você não é muito mais assustador que eles.

– Eu não tenho de desempenhar esse papel. Ela não é uma alma

perversa ou perdida.

– Não, mas é uma garotinha aterrorizada tentando ser corajosa. Sem dúvida a graça de Mortain também se estende a ela.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram e ele baixou os olhos para mim.

– Você põe muita fé na graça de Mortain.

– Ponho, pois eu a conheço pessoalmente.

Então, ele olhou para outro lado, para a cidade, com uma expressão pesada de resignação e arrependimento que não compreendi. Em seguida, seus olhos suavizaram, e ele ergueu a mão para acariciar meu rosto, uma sensação fria e deslizante que tocou algo bem fundo dentro de mim.

– É isso o que você deseja, Annith? Se a Morte pudesse lhe conceder um desejo, você o usaria para outra pessoa? Trocaria sua felicidade pela de outra pessoa?

Franzi o cenho, confusa.

– Por que eu deveria trocar minha felicidade? Não entendo.

Ele ergueu a outra mão e tomou meu rosto entre elas. Permiti-me relaxar, saborear o conforto e a promessa que ele oferecia. Depois, ele se abaixou e deu um beijo delicado em meus lábios, um beijo carinhoso e dolorosamente triste.

– O quê? O que você não está me contando?

Em vez de me responder, ele sorriu. Estava tão cheio de pesar e solidão que partiu meu coração.

– Sinto muito – sussurrou. Ele ajustou sua capa, saiu das sombras e seguiu na direção da porta que dava para o palácio. Ainda intrigada, mas aliviada porque ele faria o que eu pedi, eu o segui.

Sem precisar de indicações, ele foi direto para os aposentos de Isabeau. Perguntei-me brevemente se ele já tinha estado ali antes, talvez à minha espera. Ele caminhou lentamente até a cama da princesa, passando pelas freiras brigantianas e pelas acompanhantes da princesa, mas ninguém no quarto pareceu perceber sua presença. Na verdade, era como se elas não pudessem vê-lo.

Ele se ajoelhou ao lado da cama, com modos tão gentis que me deu vontade de chorar. Quando o capuz revelou seu rosto, a luz das

velas destacou seu perfil, o que tocou uma corda enterrada em minha memória.

Isabeau olhou para ele com olhos enormes, e ele segurou sua mãozinha.

– Não tenha medo – disse ele, e ela assentiu, sem tirar os olhos dele.

– O lugar aonde vamos não é tão assustador. E você não estará sozinha. Eu mesmo vou levá-la até lá.

Observei fixamente seus traços nobres e o capuz em torno de seu pescoço, e comecei a ser tomada pelo reconhecimento.

A jovem Isabeau virou-se para Anne e deu um pequeno sorriso corajoso.

– Não fique triste, Anne. Eu não vou estar sozinha. Além disso – acrescentou ela com timidez –, você sempre foi a primeira em tudo. Agora, é minha vez, e *eu* vou esperar por *você*. – A duquesa segurou a mão de Isabeau, com lágrimas silenciosas escorrendo por seu rosto. Ela ainda não tinha notado o estranho ajoelhado ao seu lado.

E então, apesar de Isabeau ainda não estar morta, meu amado debruçou-se para frente, pegou-a nos braços e a aninhou contra o peito.

Só que não era ela, mas sua alma, pois seu corpo permanecia imóvel na cama, vazio como uma casca.

Não, pensei. Não era possível. Um hellequin não podia retirar uma alma de seu corpo.

Isabeau olhou por cima do ombro dele e me deu um aceno breve. Então, juntos, os dois passaram pela porta, e restaram apenas os vivos.

Foi então que percebi que não tinha me apaixonado por um mero hellequin, mas pela própria Morte.

Capítulo Quarenta e Cinco

Caí de joelhos ao lado da duquesa. Ela permaneceu junto da cama, segurando a mão de Isabeau.

Balthazaar era a Morte.

Como eu não tinha percebido? Como não o reconheci? Pois, é claro, olhando para trás, vi que todos os sinais estavam ali o tempo todo. Aquela profunda sensação de reconhecimento. Ele ser o líder do bando. Possuir minha flecha. Como eu podia ter sido tão cega?

Mas meu coração… meu coração não era cego, pois sabia quem Ele era mesmo que meus olhos estivessem nublados demais para vê-Lo.

Meu rosto corou quando me lembrei de como citava demasiadamente seu nome, e quase me encolhi de vergonha.

O que aquilo significava? Para mim? Para nós? Sem dúvida, não podia haver futuro com a Morte.

Era demais, uma coisa grande demais para conseguir imaginar. Voltei minha atenção para a duquesa. Ela precisaria de minha ajuda para lidar com seu luto.



De manhã, antes que a duquesa pudesse sequer secar suas lágrimas, soubemos que o exército francês tinha chegado e estava nas cercanias da cidade.

– Onde está Gisors? Tragam-no aqui imediatamente. – Duval estava tão agitado que não conseguia ficar quieto e andava de um lado para o outro na sala do conselho privado.

O chanceler Montauban estava de cenho franzido.

– E nossos batedores? Eles deviam ter nos alertado da

aproximação do exército.

Duval virou-se para ele, com dentes cerrados, mas o capitão Dunois se apressou a responder.

– Isso só pode significar que os franceses montaram postos de controle ao longo da estrada e interceptaram nossos batedores para que eles não pudessem nos trazer as notícias.

Olhei para Duval, repentinamente compreendendo o motivo de tanta preocupação. E Ismae? Será que eles a teriam interceptado?

O mensageiro voltou neste momento, com o rosto branco.

– O embaixador Gisors não está mais no palácio, milorde. Ele e sua comitiva partiram ontem à noite.

Duval cerrou os punhos, desejando nitidamente socar alguma coisa. Entretanto, dispensou o mensageiro com educação antes de praguejar.

– Foi uma armadilha. Uma armação. Esses sabiam que nós não íamos nos render, então nos distraíram com as negociações.

– E funcionou – observou Chalon.

Duval ergueu bruscamente a cabeça.

– Só porque eles detiveram nossos batedores e nos mantiveram às cegas. – Mas era evidente que ele se culpava.

A duquesa tentava se manter corajosa diante daquele revés.

– O que devemos fazer para combater o cerco? – Sua voz era baixa, e o tom, pesaroso, revelando a criança que ela era.

Todos se voltaram para ela, e Duval foi gentil.

– Não há muito a fazer além de jogar as cartas que temos. Sabíamos que isso ia acontecer, Sua Graça.

– Embora tivéssemos a esperança de termos mais tempo – disse o capitão Dunois.

– Mas não temos. – A voz do marechal Rieux era dura e abrupta.

– Então o que fazemos agora? – perguntou o bispo, tentando não retorcer as mãos.

– Lutamos – disse Dunois com amargura. – Ou nos rendemos.

– Essa não é uma opção – disse Chalon. – Não depois de termos recusado todas as chances que eles nos deram para fazer um acordo. Eles não vão nos dar clemência, nem vamos conseguir negociar termos de rendição favoráveis.

– Podemos resistir a um cerco por meses – observou o chanceler Montauban.

– Sim, mas com que propósito? Não há mais ajuda chegando. Qualquer vitória que consigamos arrancar disso deve ser obtida com o que temos em mãos. Todo nosso auxílio e suprimentos serão cortados. Em pouco tempo, eles vão nos deixar com fome. De novo, pergunto: com que propósito? Apenas para nos render mais tarde que mais cedo?

– Basta! – Duval interrompeu Chalon.

O marechal Rieux estava irrequieto em sua cadeira.

– Vai levar dias até seus comboios de suprimentos chegarem, ainda mais as máquinas de cerco. Temos algum tempo. É melhor que nossos homens ataquem imediatamente e garantam todo o estoque de alimento e gado que puderem encontrar. Não faz sentido deixar isso para nossos inimigos, e é algo que vai ser necessário para nós muito em breve.

Duval assentiu.

– Concordo. Também precisamos descobrir seus números, seus planos. Quais máquinas de cerco eles vão trazer. – Ele olhou para o capitão Dunois. – Quem devemos mandar?

Sybella saiu de onde estava, atrás da duquesa.

– Eu vou – disse ela, e fui imediatamente tomada de vergonha por não ter pensado em me oferecer.

– O que foi? – ela perguntou, ao ver os olhares horrorizados dos conselheiros. – Os senhores acham que se saírem montados em seus cavalos de batalha com escudos e estandartes tremulantes, eles vão simplesmente confessar a estratégia? – escarneceu ela. – Não sejam tolos. Eles nunca vão esperar uma mulher, pois quem é mais invisível que uma seguidora de acampamento ou uma lavadeira? Ninguém dá atenção às idas e vindas de uma mulher.

Fera pareceu querer baixar a cabeça e chorar. Ou talvez trancar Sybella em seus aposentos pelas semanas seguintes.

Duval lançou um olhar de desculpas na direção de Fera.

– Muito bem. Mas tome cuidado. E se houver qualquer sinal de problema, volte para cá imediatamente. Descubra quantas tropas eles têm, quais máquinas de guerra estão trazendo e quantos

canhões, se é que têm algum. Precisamos saber exatamente contra o que estamos lutando.

Sybella fez uma reverência e então deixou a sala, agradecida, pensei, por ter algum papel a desempenhar. Ao contrário do resto de nós, que só podíamos esperar e nos preocupar.

– Devo ir também? – Ofereci-me com muito atraso.

– Não. – Duval balançou a cabeça, decidido. – Quero que uma de vocês fique com a duquesa.

– O senhor acha que a França pode fazer uma tentativa contra sua vida? – perguntou o capitão Dunois.

– Não, mas não estou disposto a apostar a segurança dela. – Duval virou-se para a janela e esfregou a mão no rosto. Entre a morte de Isabeau e aquilo, ele parecia ter envelhecido dez anos em uma única noite. – Nenhuma notícia de Ismae?

Não estava claro para quem era a pergunta, por isso olhei para a abadessa. Ela sacudiu brevemente a cabeça, depois percebi que ele não podia vê-la.

– Não, milorde. Nada. Mas como não foi uma missão sancionada pelo convento, não espero que ela entre em contato comigo.

Ele lançou para ela um olhar tão calcinante que faria uma mulher inferior se encolher, depois se virou para mim, com uma expressão mais gentil.

– Você soube de alguma coisa?

– Não, milorde.

– Muito bem. Se souber, mande me informar imediatamente. Prometi a minha irmã que vou ajudar com os preparativos para o funeral. – Com essas palavras, uma nova onda de tristeza passou por seu rosto. Ele era um estrategista tão bom que era fácil esquecer que era também um irmão que tinha acabado de perder a irmã mais nova.



Havia inúmeros pequenos detalhes a serem resolvidos para garantir

que Isabeau fosse para o seu descanso final com toda a honra e respeito que lhe eram devidos como princesa da Bretanha. Ela era amada não apenas por Anne e sua família, mas também por seu povo.

A duquesa estava tão pálida trabalhando com suas damas de companhia enquanto preparava o corpo de Isabeau que temi que ela também caísse doente. Vestiram a jovem princesa com seu vestido favorito de veludo carmesim, e a própria Anne trançou pérolas em seu longo cabelo castanho. No dia do funeral de Isabeau, o cortejo a levou para a grande catedral em Rennes, onde ela foi enterrada sob o coro.



Eu não falei mais com Balthazaar. Era difícil demais pensar nele como a Morte desde a noite em que Ele, ou melhor, ele, levou Isabeau embora. Era quase impossível conciliar meu hellequin rebelde e temperamental com a Morte. Subi as escadas, caminhando devagar. Não tinha certeza do que dizer, como agir com ele. Não podia tratá-lo como se ele fosse simplesmente Balthazaar. Ainda assim, a ideia de tratá-lo com a mesma formalidade como eu trataria Mortain parecia igualmente errada, pois tínhamos significado muito um para o outro.

O pensamento me fez corar. Deitar com um deus e nem mesmo saber disso! Sem dúvida, eu era uma completa tola. Mas, olhando para trás, sentia como se meu coração sempre soubesse. De que outra maneira poderia explicar aquela sensação de reconhecimento, de conexão que senti em nosso primeiro encontro? Será que era possível que nosso coração soubesse de coisas que nossa mente não sabia?

Será que ele teria me dito se eu não tivesse lhe pedido para acompanhar Isabeau? Essa era uma das perguntas que giravam em minha mente num turbilhão nos últimos três dias. Será que ele estava tentando me enganar? E por que carregava minha flecha

com ele?

Meu temor era de que de alguma forma eu o tivesse chamado para mim, da mesma maneira que Arduinna prendia corações com suas flechas, e isso por si só pareceu outra espécie de truque. Um truque que nunca foi minha intenção.

E como algum dia poderíamos ficar juntos outra vez? Já era bem ruim ter me apaixonado por um hellequin, mas me apaixonar pela Morte? Sem dúvida *essa* era uma história que não podia ter final feliz.

Quando cheguei às muralhas, respirei fundo e depois saí, segurando as saias com força para não sentir o tremor em minhas mãos. Enquanto me encaminhava para o canto nas sombras, todas as coisas inteligentes que tinha pensado em dizer, todas as perguntas prementes com as quais eu tinha me debatido se reduziram a uma: Por que eu?

Sem conseguir me segurar, reduzi os passos antes de me aproximar. Respirei fundo mais uma vez para me fortificar, e então a voz grave de Balthazaar ribombou na noite.

– Eu me perguntei se você iria voltar. – Sua voz era provocante, mas eu podia sentir o fio de preocupação verdadeira por trás dela. Ele saiu das sombras para a passarela.

– Milorde. – Sem pensar conscientemente, caí de joelhos.

– Pare. – A sensação de sua mão segurando meu braço me assustou e me calou.

Queria erguer os olhos, ver seu rosto, tentar discernir se ele estava com raiva ou achando graça ou qualquer uma dentre cem possibilidades. Mas estava muito envergonhada e me sentia tola demais.

– Não me trate diferente agora, por favor. – A irritação e a frustração em sua voz eram tão familiares, pareciam tanto com o Balthazaar que eu conhecia, que era quase possível esquecer tudo.

Suspirei.

– Não sei se grito com você de raiva ou imploro seu perdão.

Ele soltou meu braço.

– Provavelmente você vai acabar fazendo os dois, mas saiba de uma coisa: você não tem que pedir perdão, absolutamente. Fui eu

quem a enganei, apesar de não ter tido a intenção.

Ergui os olhos para ele.

– Qual era sua intenção?

Seus olhos escuros e abissais me estudaram por um instante, como se ele mesmo estivesse perplexo com a pergunta. Então ele se debruçou sobre o parapeito para observar a noite. Passou a mão pelo cabelo comprido. Naquele momento, ele era muito mais humano que um deus, e o aperto de ferro em torno de meus pulmões se afrouxou um pouco.

– Em certa época, eu era tanto parte da vida quanto da morte, e o tempo não tinha significado para mim. Minha existência consistia em inícios e finais. As pessoas reconheciam que a morte era parte da jornada, não um castigo cruel imposto pelos pecados de uma pessoa. Mas, com o passar do tempo e com a ajuda da Igreja nova, minha existência se estreitou de tal forma que tudo o que me tornei e tudo o que eu poderia ser era a Morte. No máximo, seria o Esquecimento, e, no pior dos casos, o fogo do inferno e a condenação eterna. Tudo o que dava propósito e significado a minha existência me foi arrancado.

Fiquei completamente imóvel.

– Fui reduzido de um deus que comprava a morte com uma das mãos e a usava para criar vida com a outra a um espectro demoníaco da noite, usado para assustar as pessoas e forçá-las a aceitar as crenças da Igreja nova. Eu me vi governante de apenas meio reino: da metade temida e aterrorizante.

– Com a exceção do convento – sussurrei.

Ele acenou a cabeça.

– O convento se lembrava de mim como eu era, assim como algumas pessoas aqui e ali. Era o suficiente para me sustentar, apesar de em uma existência reduzida. Para aliviar minha solidão, eu procurei uma esposa…

– Amourna.

– Não. Não Amourna. Arduinna.

Levei um susto.

– Então *foi* um erro.

– Sim. Um erro terrível e trágico que teve um fim tão desastroso

que decidi simplesmente ficar com as mulheres mortais que me convidassem a suas camas. Mas esses momentos eram sempre breves, e pouco faziam para aliviar a solidão que crescia em meu interior. Se não fosse por minhas filhas, que mantinham um fio frágil de conexão comigo por meio de seu culto, acho que teria enlouquecido.

"Então, em meio a essa existência lúgubre, um novo coração se abriu para mim, tão inocente e surpreendente como uma rosa desabrochando no auge do inverno. Esse coração não estava rezando por libertação nem se oferecendo a mim no lugar de seu marido grosseiro. Esse coração simplesmente pertencia a uma alma pura, que mais de uma vez trouxe para mim um lampejo de alegria.

"Um dia, esta alma gritou de terror, e ela estava tão aberta para mim que eu a ouvi. Eu, que não era convidado para a vida de ninguém em séculos, tinha um objetivo. Então fui até ela, e sua companhia aliviou a grande solidão em minha alma de um modo que todas aquelas outras mulheres nunca conseguiram. Assim, mesmo enquanto eu a confortava, ela me confortava. Mesmo enquanto ela se nutria de nossa conexão, eu também me alimentava dela. Por um curto período de tempo – meses, anos? –, eu não estava sozinho.

"Até que acabou, como se uma porta tivesse sido batida em minha cara. E mais uma vez, fiquei desesperado."

– Eu era essa alma – sussurrei.

Ele virou-se para olhar para mim, com olhos desolados e repletos de memórias dolorosas.

– Sim. Você preencheu um vazio do qual eu tinha praticamente me esquecido.

– Mas eu só tinha cinco anos.

Ele deu de ombros.

– No mundo dos espíritos, onde eu resido com mais frequência, uma alma, a luz que ela emite, não tem nada a ver com tais coisas como idade. Eu não sabia que você era uma criança até encontrá-la na adega, e então era tarde demais. Eu fui capturado. Você rezava e conversava comigo constantemente, e eu não tive forças para largar a dádiva que você me oferecia. Era como pão para um

homem faminto.

“Depois, mais tarde, quando aquela barreira se ergueu entre nós, foi como se o sol tivesse despencado do céu, e minha existência se tornou ainda mais infeliz que antes porque você tinha me lembrado de tudo o que eu sentia falta.”

– E mesmo assim – disse eu, lembrando-me daqueles anos difíceis –, você nunca me abandonou. Mesmo quando achou que eu tinha lhe dado as costas, você não deu as costas para mim.

Ele virou o rosto, como se estivesse envergonhado.

– Mas então você me enviou sua flecha, e eu não entendi por que você faria uma coisa dessas. Parecia uma provocação, e me deixou furioso, enchendo-me de partes iguais de esperança e raiva, e eu não sabia dizer o que você realmente desejava de mim. Eu não tinha decidido o que fazer em relação a ela, mas a carreguei comigo. Ainda a carrego – disse ele.

– Eu sei. Eu a vi. Foi por isso que fugi do bando. Achei que os hellequins tinham sido enviados para me punir por ter fugido do convento sem sua permissão.

Ele pareceu surpreso, quase ofendido, por eu ter pensado tal coisa.

– Sinto muito. Era uma ameaça que as freiras usavam conosco quando éramos novas, e eu acreditava nelas.

– Você nunca precisou de minha permissão. Sempre teve a liberdade de ir e vir à vontade.

– Não é isso que nos ensinam – murmurei.

Ele franziu o cenho, distraído por minhas palavras, mas continuou sua história.

– Então, certa noite, enquanto eu liderava o bando de caça, lá estava você. Encostada em uma árvore, preparando-se para enfrentar o bando inteiro, caso necessário. Ver você abriu velhas feridas. – Ele cerrou os punhos. – Eu odiei ser levado a desejar novamente. – Ele ergueu o rosto para as estrelas, como se estivesse envergonhado demais para olhar para mim. – Quis entender sua natureza, sua *razão*. E por isso decidi levá-la comigo.

– Se eu me lembro, fui por livre e espontânea vontade.

Ele inclinou a cabeça.

– De certa forma. Mas eu teria insistido de qualquer maneira. Eu havia perdido você por muitos anos, e não queria passar pela mesma coisa outra vez, não até estar disposto a descartá-la.

Senti um enorme peso no estômago ao ouvir suas palavras.

– E agora? – murmurei. – Está pronto para me descartar?

Ele me lançou um olhar ardente.

– Não. – Depois de um longo instante em que precisei virar o rosto para desviar da intensidade daquele olhar, ele sussurrou: – Então, o que aconteceu? Por que você fechou a porta para mim desse jeito?

– Eu disse a alguém que tinha visto você. E fui punida por isso. Disseram-me que eu estava mentindo, inventando coisas. Por isso aquilo se tornou meu segredo, algo que eu não compartilhava com ninguém. Mas um dia acabei sendo pega, e fui castigada. – Com brutalidade. Mas não disse isso a ele, nem lhe contei a natureza do castigo, pois ela me envergonhava. – Pouco depois disso, a abadessa que tornava minha vida tão difícil morreu, e o medo deixou de ser meu companheiro. Não me sentia mais caminhando constantemente pelo fio da navalha entre a vida e a morte, e por isso minha necessidade por você diminuiu. – Mas, além disso, o custo de me abrir para ele tinha se revelado grande demais. – Com a nova abadessa, eu recebi uma nova chance, e eu não queria arriscá-la tornando a cometer os mesmos erros.

Ele estendeu o braço e pegou minha mão, segurando-a com força, como se pudesse me arrancar dos confins sombrios de minha memória.

– E assim, ainda criança, você se tornou familiarizada com os limites da Morte e Seu poder. – Ele fechou os olhos, mas não antes que eu pudesse vislumbrar a raiva e o remorso contidos nele.

Quando tornou a abri-los, ele olhou para o céu.

– Está amanhecendo.

Eu não estava pronta para ir embora. Ainda tínhamos muito sobre o que falar.

– Quando vou tornar a vê-lo?

Ele ficou imóvel, como se a esperança fosse algo frágil que ele precisasse cativar pouco a pouco.

– Você gostaria?

– Gostaria. Não consegui entender o que há entre nós.

Ele então sorriu, e fez uma reverência. Em seguida, desapareceu nas sombras.

Capítulo Quarenta e Seis

– A NOTÍCIA NÃO É BOA. – O rosto do capitão Dunois estava pálido, eu não sabia dizer se de exaustão ou preocupação. Talvez os dois.

Duval olhou rapidamente para a duquesa.

– Você sabe que não precisa ficar aqui. Podemos lidar com isso para você, pelo menos por mais algum tempo.

– Não. – Ela fez um gesto firme com a mão. – Não vou abandonar minha responsabilidade e deixar que as decisões difíceis sejam tomadas por outros.

Duval gesticulou para Sybella.

– Conte-nos.

– Há quinze mil homens nas cercanias de Rennes. – Uma expressão de surpresa percorreu a sala. Ninguém esperava tantos. – Parece que o grosso deles ficará acampado ao sul da cidade, e talvez um terço de suas forças ao norte.

– Então estamos cercados – refletiu Duval. – Mesmo se alguém enviasse ajuda, teria de combater os franceses para chegar até nós.

– Exatamente. – Sybella olhou para a duquesa, como se soubesse que seria difícil para ela ouvir o que tinha de dizer em seguida. – Eles também trouxeram máquinas de guerra. – Catapultas, torres de assalto, canhões.

A duquesa parecia prestes a desmaiar.

– Eles destruiriam a cidade.

O capitão Dunois tentou oferecer a ela um pequeno conforto.

– É possível, até provável, que elas sejam usadas apenas como ameaça, pois não daria grande alegria ao rei tomar posse de uma cidade arruinada.

Duval virou-se para o marechal Rieux.

– E o que o senhor tem a relatar?

– Notícias igualmente desagradáveis, infelizmente. Outras quatro

cidades caíram, e os franceses retomaram Vannes. Todo o sul da Bretanha agora está em suas mãos. Partes do oeste, também.

Todos nós ficamos pasmos, em silêncio, diante daquele desenrolar preocupante dos acontecimentos.

– O que significa que nós perdemos – murmurou a duquesa.

Ninguém a contradisse. Dunois falou:

– O capitão britânico afirmou que, se Sua Graça partir agora, antes que os franceses interrompam todas as rotas, ele pode escoltá-la até a costa e levá-la para a Holanda. De lá, pode transportá-la em segurança para o seu marido, o Sacro Imperador Romano.

– E abandonar meu povo? Por que tipo de covarde eles me tomam?

Fera limpou a garganta, e Duval gesticulou para que ele falasse.

– Pode ser o único modo de mantê-la em segurança, Sua Graça.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que as condições na cidade deterioraram demais. Com os cofres mais uma vez vazios, os mercenários agora estão atacando e pilhando a cidade, tratando as casas e negócios dos moradores como suas próprias despensas pessoais. Infelizmente, as tropas estrangeiras aqui na cidade são em número muito maior que nossas próprias tropas bretãs, e é difícil mantê-las sob controle.

– E as arduinitas? – Diante de minha pergunta, todos se viraram para mim.

– Elas ofereceram ajuda há algumas semanas, e nós ainda temos de tomar uma decisão sobre isso. Será que elas não poderiam ser bem aproveitadas na proteção dos cidadãos de Rennes? É a missão delas, os senhores sabem, proteger os inocentes.

– Sim. – A voz da duquesa saiu rápida e firme, cortando qualquer argumento possível. – Vamos aceitar qualquer ajuda que essas mulheres generosas nos ofereçam. Você providencia isso? – perguntou-me ela.

– É claro, Sua Graça.



Peguei minha capa e saí correndo do palácio. O círculo das tropas francesas ao redor da cidade estava se apertando, mas ainda não tinha se fechado. Foi fácil ir até os estábulos, encilhar Fortune, e passar por um portão lateral sem ser notada, mas foi um pouco mais complicado evitar as sentinelas no acampamento das arduinitas. Antes que eu as visse, ouvi uma ordem para parar. Olhei para o alto de uma árvore, onde uma arduinita que eu não conhecia estava montada em um galho, com a flecha apontada direto para mim.

– Eu vim falar com Floris – disse eu. – Por favor, diga a ela que Annith solicita uma audiência.

Ela me encarou por um instante, em seguida assentiu. Outra mulher saiu de seu esconderijo na árvore e desapareceu na direção do acampamento. Tudo o que eu podia fazer naquele momento era esperar, apesar de ser meio difícil com os olhos da sentinela em mim e a flecha apontada. Mas eu a ignorei e voltei a atenção para a mata aberta à minha volta. A noite estava fresca, e finalmente o hálito do fim da primavera descia sobre nós. Deixei que minha mente repassasse as palavras que eu devia dizer a Floris, estudando a melhor maneira de dizê-las, pois as seguidoras de Arduinna tinham se revelado um bando irritadiço, e eu não queria arriscar resgatar velhos rancores ou rixas quando na verdade desejava levar uma solução para a duquesa.

Era isto: a duquesa. Eu devia usar a duquesa para convencê-las, pois era a ela que as arduinitas ofereceram ajuda. Eu ia lhes contar sobre a pequena oferenda de Isabeau em nome da irmã. Talvez isso enternecesse seus corações.

Além disso, eu precisava saber a verdade da história entre Arduinna e Mortain, para poder compreender melhor o homem – o deus – que havia capturado meu coração. Já que, além de tudo o que era razoável ou sensato ou mesmo explicável, eu estava apaixonada por Balthazaar.

Esse entendimento não caiu como um raio do céu, nem me acertou a cabeça como um martelo, mas penetrou suavemente minha consciência como um tentáculo de névoa ou um filete de

água de um riacho subterrâneo.

Mas por que ele? Ele era teimoso e taciturno e estava quase afogado em desespero.

Mesmo assim… havia algo nele que se encaixava de modo extremamente confortável em meu coração.

E apesar de querer ter tido o bom senso de não me apaixonar por um maldito deus, aparentemente não importava nem um pouco para o meu coração se ele era um hellequin ou o deus a quem os hellequins serviam, pois, além do espanto e da incredulidade que senti, meus sentimentos por ele não mudaram depois que soube a verdade.

Vislumbrei um movimento, e então a sentinela que fora enviada com meu pedido surgiu à minha frente.

– Floris vai vê-la – disse ela, fazendo um mau trabalho em esconder a surpresa em sua voz. – Siga-me.

Ela me conduziu, ainda em Fortune, na direção de um grupo de fogueiras espalhadas e pequenas tendas. Alguém em uma das fogueiras mais próximas ergueu a mão em um aceno animado, e reconheci Tola. Ela ficou de pé e veio a passos largos ao meu encontro, segurando o pedaço de carne que era seu jantar.

– O que faz uma serva de Mortain sair de seu grande palácio? – perguntou ela, mas não havia maldade em suas palavras, apenas uma provocação amigável.

– Estava sentindo falta do cheiro de fumaça de madeira e me cansei de comer em pratos.

Ela me respondeu com um sorriso rápido e fácil.

– Por favor, junte-se a nós.

Olhei para o pedaço de carne que ela estava comendo e me dei conta de quanto tempo fazia desde que eu tinha comido.

– Na verdade, estou aqui para falar com Floris. Trago notícias da duquesa.

A mulher que me conduzia parou de repente, e precisei frear Fortune para não atropelá-la.

– Você pode amarrar seu cavalo aqui – disse ela, indicando uma árvore.

Eu apeei e prendi as rédeas em um dos galhos. Tola deu uma

última mordida em seu jantar, depois jogou o osso na fogueira mais próxima.

– Eu a levo – disse ela para a outra mulher, que deu de ombros, como se não fizesse diferença para ela, então se afastou.

Eu sorri e disse:

– Estava com saudade.

Ela sorriu de volta, e seguiu na frente, na direção da maior das tendas, na parte de trás do acampamento. Quando chegamos, ela ergueu a mão para me deter, e entrou sozinha. Dois segundos depois, reapareceu, segurando a abertura da tenda para o lado e gesticulando para que eu passasse.

Lá dentro, Floris estava sentada perto do fogo, ladeada por duas mulheres mais velhas que reconheci vagamente do tempo que passei com elas.

– Annith – disse ela com delicadeza, com o rosto calmo e sério.

Apesar de não ser parte de seus costumes, fiz uma reverência, com a intenção de demonstrar o respeito que sentia por ela.

– Obrigada por me receber sem aviso e a esta hora da noite. A duquesa me enviou para dizer-lhe que aceita sua ajuda. Na cidade, estamos sendo atormentados pelos próprios mercenários dos quais ela precisa para nos defender contra os franceses. Eles estão entediados e irrequietos de tanto esperar. Pior, com as tropas francesas cercando a cidade, elas estão exigindo seu pagamento, mas nossos cofres estão vazios. Eles começaram a aterrorizar os cidadãos de Rennes como passatempo, e eu disse a ela que proteger os inocentes fazia parte da natureza do serviço de vocês. Vocês vão nos ajudar?

– Claro que vamos ajudar. – Floris olhou para as fogueiras cintilantes dos franceses, do lado de fora. – Eles terão a cidade totalmente cercada em um ou dois dias.

– Eu sei. Há um fluxo constante de refugiados desde que seus estandartes foram avistados pela primeira vez.

No silêncio que se seguiu, desejei perguntar a ela se me contaria a história de Arduinna e Mortain, para verificar se era a mesma que o padre Effram e Mortain tinham me contado. Mas, como guardavam bem seus segredos, não ousei perguntar. Não diante de tantas

pessoas.



No dia seguinte, Duval, Dunois e Fera ficaram examinando mapas, tentando marcar os acampamentos franceses. A duquesa se desculpou e se retirou para seu solário. Ou pelo menos tentou. Estava exausta, mas agitada demais para conseguir descansar. No fim, foi com suas damas de companhia até a catedral para rezar junto ao túmulo de Isabeau.

Eu não tinha muito o que fazer além de me preocupar com Ismae e sentir saudade de Sybella, que acordou tarde, quando estávamos na reunião do conselho, e foi até o convento de Brigantia para passar um tempo com suas irmãs. O falecimento de Isabeau as fez muito mais preciosas para ela.

Enquanto andava de um lado para o outro diante da lareira, meus olhos caíram sobre a caixa preta, agora rachada e quebrada, e lembrei da flecha. Corri até lá e remexi nos destroços. No instante em que meus dedos tocaram a elegante madeira escura, uma profunda compreensão percorreu meus dedos. Saquei a flecha e a levei até a janela para estudá-la sob a luz.

Pensei na história que o padre Effram e Mortain tinham me contado, de como a Morte cometera um erro capturando Amourna, um erro desafortunado e humano, e que na verdade era Arduinna quem ele tinha amado durante todos aqueles séculos.

Pensei nas arduinitas, que se recusaram a compartilhar sua história com qualquer um e deixaram que supuséssemos que era porque elas não queriam contradizer Dea Matrona nem Amourna, nem afirmar que qualquer uma delas estava errada. Mas uma coisa era certa: o orgulho andava de mãos dadas com a ferocidade. E se elas simplesmente não suportassem que o mundo soubesse que Arduinna tinha sido rejeitada por sua irmã mais nova e mais bonita? Floris quase admitira que Mortain tinha enganado sua irmã.

O fragmento da flecha que eu segurava era mais velho do que

qualquer coisa que eu jamais vira, exceto pelos menires e círculos de pedra espalhados pelos campos como brinquedos descartados pelos deuses. A madeira era tão dura que quase parecia pedra, e a ponta da flecha era feita de algum metal – bronze, pensei, enegrecido pelos anos.

As consequências disso tudo fizeram minha cabeça girar, pois eram quase incríveis demais para que eu acreditasse. E apesar disso…

E apesar disso, por que uma flecha tão antiga ficaria guardada no coração do convento, escondida em uma caixa que não podia ser aberta, como se o próprio Mortain estivesse ocultando uma lembrança de seu amor perdido?

E se eu estivesse segurando a última flecha de Arduinna na palma de minha mão, uma verdadeira relíquia dos deuses?

Minha mente galopou sobre tudo o que eu já tinha ouvido sobre Arduinna e suas flechas. Que elas voavam certeiras, que nunca erravam, e que levavam a dor do amor verdadeiro aos seus alvos.

Meu pulso acelerou. E se pudéssemos pegar aquela relíquia, aquela antiga arma, e descobrir um modo de usá-la em proveito da duquesa?

Enquanto revirava a flecha em minha mão, uma ideia começou a se formar. Uma ideia que não só evitaria a guerra, mas transformaria aquela derrota em triunfo para nossa duquesa. Então, a vitória não seria apenas política, mas do coração.

Capítulo Quarenta e Sete

– E ENTÃO? – PERGUNTEI com impaciência. – Acha que pode funcionar?

O padre Effram estudou a flecha com as mãos enfiadas nas mangas, como se estivesse com medo de tocá-la.

– É *possível…* – Ele ergueu o rosto para mim, e seus olhos brilhavam de excitação. – Até provável, pois, como você diz, por que outra razão o convento de Mortain teria guardado tal coisa por tanto tempo? – Ele estendeu a mão, e parou antes de tocar a flecha. – Que idade ela deve ter? – refletiu.

– Mas e se eu estiver errada? – Apertei as mãos juntas e comecei a caminhar de um lado para o outro. – Eu não quero matar o rei da França.

– Não? – Ele inclinou a cabeça, realmente curioso.

– Não.

Ele acenou a cabeça.

– Bom, então imagino que há um modo de ter certeza. Você vai precisar perguntar à sua abadessa…

– Ela não sabe.

– Bem, alguém deve ter a resposta. Eu reconheço que é uma ideia muito atraente.

– Sei que a duquesa não deseja carregar todas essas mortes em sua consciência – disse a ele. – E sei que ela está extremamente preocupada com os seus cidadãos, que vão acabar morrendo se entrarmos em guerra. Esta é a única maneira que consigo pensar de evitar o derramamento de sangue.

– Talvez isso valha até mesmo a vida do rei – sugeriu ele.

– Não – disse eu com firmeza. – Além disso, a regente francesa iria querer retaliação, que seria rápida e muito mais brutal do que uma simples guerra.

– Se é que uma guerra pode ser chamada de simples – murmurou ele. Nós encaramos a flecha por mais um longo tempo.

– Como posso garantir que, se o rei for atingido, vai se apaixonar pela duquesa em vez de por quem atirou?

A resposta foi veloz e segura.

– Colocando nela o sangue da duquesa.

Olhei para ele, surpresa, e ele deu de ombros, envergonhado.

– É a única opção que faz sentido.

Peguei a flecha com delicadeza, pousei-a sobre o veludo e a enrolei novamente no tecido com movimentos lentos e relutantes.

– Suponho que está na hora de conversar com alguém que sabe.

Devido a meus deveres com a duquesa, levei três dias para conseguir escapar até a muralha. Toda a cidade estava se preparando para uma guerra ou para um cerco, e a presença e a autoridade da duquesa eram necessárias a todo momento, pois ela era obrigada a tomar decisões difíceis uma após a outra. Quantas das centenas de pessoas fugindo da ameaça poderiam entrar na cidade antes que nossos recursos e suprimentos ficassem tão escassos que apenas garantiriam nossa fome ou nossa rápida rendição? Em quais das muitas tropas estrangeiras aquarteladas na cidade poderíamos confiar para não abandonar seus postos? Ou, pior, como saber quem não trocaria de lado? Isso seria compreensível, considerando que tinham recebido apenas uma pequena porção de seus soldos e poderiam ter a chance de ganhar mais que umas moedinhas insignificantes feitas de couro e que não valiam quase nada. Era uma longa lista de decepções para a duquesa, e eu não queria estar no lugar dela.

– Você voltou.

A voz de Balthazaar se projetou da escuridão, e eu virei-me para ficar de frente para ele.

– Não era minha intenção ficar longe por tanto tempo – disse eu. – A duquesa está atormentada por problemas, e estamos mais atarefadas do que eu poderia imaginar. Ela também sente falta de Isabeau e odeia ficar sozinha. Por isso me mantém constantemente

ao seu lado.

– E você, Annith? Você estava ansiosa por me ver? Ou ainda se sente envergonhada na minha presença?

Ele disse as palavras de modo tranquilo, mas algo em sua voz fez com que eu levantasse os olhos para encontrar os dele. Foi quando eu o vi: Balthazaar estava ali, na desolação e no pesar ocultos nos olhos da Morte. Percebi que, qualquer que fossem a pele ou o corpo que ele usasse, seu coração dizia a verdade para mim, e meu próprio coração respondia. Era ainda mais revelador o fato de que quando eu estava sofrendo mais, quando tinha mais necessidade de conforto, era ele quem eu buscava. Não Ismae, não Sybella, mas ele.

– Estou me acostumando. – Desejei que ele visse que eu estava dizendo a verdade. Algo em meu rosto deve tê-lo convencido, porque a dor em sua expressão diminuiu um pouco. Ele baixou os olhos para o embrulho que eu levava.

– O que é isso?

– Preciso perguntar a você sobre isso. Eu… eu encontrei uma caixa no convento, antes de partir, e trouxe-a comigo sem saber o que era. – Coloquei o embrulho na superfície lisa da ameia e desenrolei cuidadosamente o veludo para revelar a flecha. Eu o senti ficar tenso ao meu lado.

Por um bom tempo, ele só ficou olhando, sem nada dizer. Em seguida, estendeu a mão e, quase com carinho, passou o dedo nela.

– É minha sim.

– E também é de Arduinna?

Ele olhou para mim.

– Sim. É a flecha que ela usou para atingir meu coração.

– Então essa parte da história é verdade?

– Que ela acertou meu coração? É. Mas também é verdade que ele foi atingido por amor por ela, e não por sua irmã. A história tampouco menciona que meus hellequins, meus malditos hellequins, saíram e capturaram a irmã errada, acreditando estarem me prestando um grande serviço, pois achavam que ela era mais bonita que Arduinna, e além disso mais obediente. Eles não perceberam

que eram justamente a ferocidade e a força dela que me atraíram. Eu sabia que ela era uma das poucas que talvez conseguissem sobreviver em meu reino. Os seguidores de Salonius sempre afirmaram que foi um erro – escarneceu Balthazaar. – E devem ter razão, pois acho que ele teve parte nisso.

Ele sacudiu a cabeça, como se ainda não conseguisse acreditar naquilo. E prosseguiu:

– Como eu poderia rejeitar Amourna e lhe dizer que não era ela quem eu desejava, mas sua irmã? Ela era delicada e adorável e ficou muito feliz com a ideia de ser a rainha do Mundo Inferior.

– Mas você amava Arduinna.

– Sim, e ela pensou que eu a enganei.

– O que aconteceu com Amourna? Pois ela parece ter desaparecido do mundo, ainda mais que os outros deuses.

– Como eu disse, ela era delicada e um tanto caprichosa. No início, ela amou ser rainha, mas em pouco tempo isso não a divertia mais. Não era a vida cheia de cerimônias e festividades que ela desejava, e a dor de amar os condenados era demais para ela. Lentamente, com o passar dos séculos, ela simplesmente desapareceu, como as primeiras ondas das paixões superficiais.

– E você ficou sozinho, sem nenhuma das irmãs.

Ele me encarou, e senti a força de seu olhar enquanto ele dava um passo em minha direção.

– Até que você abriu seu coração para mim.

Temi me afogar naquele olhar, mas não consegui desviar o rosto. Tive tempo suficiente para recuar ou virar a cabeça ou fazer diversas coisas para que ele soubesse que não era mais desejado, mas nada fiz. E ele lentamente levou os lábios até os meus.

Estavam frios. Mais frios do que eu lembrava. Mas sua forma era a mesma, assim como seu gosto. O mais importante, porém, era que a necessidade e o desejo que despertavam em mim não tinham mudado. Lentamente, nós nos afastamos.

– Se você amava Arduinna, então por que dormiu com tantas mulheres ao longo dos séculos? – Não era minha intenção fazer uma pergunta tão sem tato, e agora ela pairava entre nós.

Era difícil dizer no escuro, mas achei que seus lábios se

retorceram com um toque de humor. Entretanto, isso foi rapidamente afastado pelo familiar desolamento em sua expressão.

– Era a única maneira que me restava de participar da vida. Já que todas as outras formas que eu, a Morte, usava para fazer parte da vida foram absorvidas pela nova Igreja ou foram esquecidas e acabaram deixando de ser celebradas.

– Oh. – Eu não soube o que responder, mas estava longe de me sentir aliviada do ciúme que morava dentro de mim.

– Venha. – Ele estendeu a mão, e por um momento entrei em pânico, pensando que ele fosse me pedir para me deitar outra vez com ele. Eu não podia. Não naquele momento. Ou, pelo menos, *ainda* não, pois tudo ainda era muito novo e estranho demais e… avassalador. – Sente-se aqui comigo – disse ele, abaixando-se graciosamente até o chão.

Hesitei apenas um instante, e depois me juntei a ele. Ficamos sentados lado a lado, tensos.

– Você pertence à linhagem dela, sabia?

– De quem?

– De Arduinna.

Afastei-me para encará-lo.

– O que você está dizendo?

– Você tem até a marca dela. – Lentamente, ele estendeu o braço e tocou um ponto logo abaixo da minha orelha, passando o dedo pela pele sensível do meu pescoço e indo até a nuca, fazendo-me estremecer. – Aqui está – disse ele. – A estrelinha vermelha, a picada de Arduinna, como a chamam, apesar de eu não entender por quê, pois, até onde sei, ela nunca picou ninguém.

– Como pode ser? Disseram-me que as arduinitas eram consagradas, não nascidas. – Levei a mão até minha nuca, mas não percebi nada. Aquilo, porém, despertou a lembrança de Tola me perguntando sobre uma marca que eu tinha ali. Ela *sabia*.

Ele se encostou na parede.

– Só porque Arduinna marcou você não significa que ela lhe deu habilidades ou talentos especiais. Todos aqueles concebidos sob a nuvem do ciúme ou através de meios escusos pertencem a ela, pois são seus os domínios dos que sentem a dor lancinante do amor e o

sofrimento da rejeição. Se vão fazer algo em relação a isso ou não, é escolha deles.

Minha mente imediatamente voou para a história que a abadessa, minha mãe, contara sobre sua tentativa desesperada de conquistar o coração de Crunard, apesar de ele já ser de outra.

– Se você decidir usar essa flecha, ela vai atingir o alvo com um amor tão permanente quanto se saísse do arco da própria Arduinna. – Ele ergueu a mão e colocou seus dedos frios em minha face, virando meu rosto em sua direção. – Se duvida de mim ou de minha fidelidade, basta me perfurar com ela, e você poderá ter certeza de que serei seu pela eternidade.

– Mas e Arduinna? Ela atingiu você uma vez, e você não permaneceu fiel a ela.

Ele deixou a mão cair e desviou o rosto, mas não antes que eu visse o antigo sofrimento em seus olhos.

– Isso aconteceu porque nossos laços foram cortados pelas lâminas gêmeas do orgulho e da raiva. Nós dois tivemos participação nisso. Até o dom dela pode ser corroído por coisas como essas. Corroído, mas não destruído. – A voz dele ficou terna. – Eu ainda a amo, de certa forma. Raramente é falta de amor que leva dois corações a se separarem, mas sim outros obstáculos.

Era fácil demais conjurar todos os obstáculos que nos aguardavam, e era tentador – ah, tão tentador! – ligar seu amor a mim por toda a eternidade de modo que eu fosse a única que ele amasse para sempre. Mas aquilo era próximo demais do que a abadessa tentara fazer comigo: prender-me com tamanha firmeza a ela que eu não pudesse amar ou viver por conta própria, não pudesse tomar minhas próprias decisões.

– Não – disse eu com firmeza. – Não quero um amor se for necessário prendê-lo a mim dessa maneira. Aliás, se fosse necessário prendê-lo assim, isso já não o descaracterizaria como amor?

Ele deu um de seus sorrisos raros e encantadores, como se eu o tivesse agradado além da conta. Ele ergueu minha mão e a levou a seus lábios, que roçaram delicadamente em minha pele.

– Além disso – disse eu –, preciso fazer outra coisa com essa

flecha.

Capítulo Quarenta e Oito

ÀQUELA HORA DA NOITE, ENCONTREI a duquesa em seus aposentos. Duval estava lhe fazendo companhia, o que me causou um momento de culpa – ela devia tê-lo chamado porque eu fiquei fora por tempo demais. Curvei-me em uma profunda reverência.

– Sinto muito, Sua Graça. Não pretendia que minha tarefa demorasse.

Ela sorriu, mas era um sorriso pálido e insípido, dolorido de se ver.

– Não tem problema. Entre, entre.

Duval levantou-se, pediu licença e saiu. Depois que ele foi embora, virei-me para a duquesa.

– Gostaria de conversar com Sua Graça sobre algo.

A duquesa mostrou interesse.

– Por favor, vá em frente.

Então dispus meu plano diante dela, explicando o antigo poder contido na flecha e como ele poderia ser usado em benefício do país. Os olhos da duquesa foram ficando cada vez mais brilhantes à medida que eu falava. Ela já estava cansada de tanto se esforçar para encontrar algum modo de sair daquele sarilho.

Quando terminei, esperança vibrava em seu rosto, que em seguida lentamente foi se esvaindo.

– É uma boa ideia – disse ela por fim. – Exceto que eu já sou casada.

Uma situação que era fácil demais de esquecer, já que o senhor seu marido havia lhe fornecido tão pouca ajuda.

– Apenas por procuração – observei. – E o casamento não foi consumado. Sua Graça concordou com isso na crença de que ele a ajudaria a preservar a Bretanha, mas, em vez disso, ele trouxe o efeito completamente oposto, levando a França a agir mais abertamente contra nós. Ele se revelou um mau negócio.

A duquesa ficou de pé, com as mãos entrelaçadas juntas e apertadas.

– Isso é verdade, e estou muito arrependida. Mas ainda temos uma ligação diante dos olhos de Deus e da Igreja. Fizemos uma cerimônia sacramentada pelo bispo e festejada com uma celebração. Como podemos simplesmente descartar isso agora? Além do mais… – Sua voz ficou mais forte e cheia de orgulho. – Como posso considerar me casar com o homem que causou tantos males a meu reino?

– Sua Graça, sabemos que foi a irmã dele, a regente francesa, quem estava por trás de muito do que aconteceu, pois ela governava o reino por ele. – Era tão fácil esquecer que ele era apenas alguns anos mais velho que a duquesa. – Nós nem sabemos se ele foi consultado nos planos e estratégias dela.

Ela apertou os olhos com as pontas dos dedos.

– Isso tudo está fazendo minha cabeça girar.

Fiquei imediatamente arrependida.

– Sinto muito, Sua Graça, eu não desejava forçar nenhuma situação.

– Não, você tem razão em procurar soluções. – A duquesa me ofereceu um sorriso amargo. – Apesar de não estar certa de conseguir fazer o que você me sugere, agradeço por ao menos me trazer uma nova opção a ser considerada. Não é estranho que aqueles que me foram de maior auxílio tenham sido meu irmão bastardo e os que servem aos santos antigos que a Igreja anseia renegar? Todos os meus aliados fracassaram em me ajudar de qualquer modo relevante. Especialmente o senhor meu marido. – Suas palavras estavam cheias de dor. – A menos que Deus ou Seus santos me enviem um milagre…

– Será que essa magia no coração dos deuses antigos não pode ser uma espécie de milagre? – perguntei com delicadeza.

– Pode, mas tenho medo de quebrar meus votos. Além disso, como eu seria capaz de me casar com o rei Carlos? Sua família está por trás de todos os males que assolaram a minha própria família nos últimos quinze anos.

– Sua *família*, Sua Graça. Não ele. – Pensei na abadessa e em

tudo o que ela fizera em meu nome. – Nós não podemos ser responsabilizados pelo que nossas famílias fazem, especialmente quando não temos meios de controlá-la.

Ela assentiu, concordando com a observação, relutante.

– Mas isso seria entregar a Bretanha direto nas mãos dos franceses, algo que meu pai tentou impedir a vida inteira, algo que jurei evitar a todo custo.

– E, mesmo assim, Sua Graça disse que os custos poderiam ser altos demais – lembrei. – A guerra é uma coisa feia, e vidas serão perdidas. Não só isso, mas, ao se casar com o rei da França, Sua Graça poderia colocar um verdadeiro herdeiro da Bretanha no trono francês. Sua Graça daria à luz os futuros reis daquele país. Não seria um modo totalmente ruim de manter o controle de seu ducado. Além do mais, não acredito que Sua Graça deva sacrificar sua vida, sua chance de felicidade, pelos objetivos de seu pai.

– Não! É meu desejo também. Sempre foi, desde que posso me lembrar.

– Mas só porque Sua Graça foi criada para desejar tal coisa – disse eu gentilmente. – Isso lhe foi ensinado com a mesma insistência que dança ou bordado. Mas isso não representa sua verdadeira essência, e a independência a qualquer custo também não.

Ela virou-se para mim.

– Por que você está tão apressada para se render? Para desistir? – No momento em que fez essa pergunta, percebi que teria de dizer a ela quem era meu pai. Do contrário, quando ela descobrisse quem era meu pai, iria se sentir gravemente traída e desconfiaria de minha lealdade.

Será que eu tinha pressa para me render? Havia alguma fraqueza, algum sangue de traidora em minhas veias? Refleti por um instante.

– Não é que eu esteja com pressa para desistir – disse eu por fim. – É só que não desejo passar a vida em busca de objetivos que outros escolheram para mim. Se tiver de morrer, se tiver de tropeçar e cair, que seja na busca de ideais e sonhos de meu próprio coração.

Ela me olhou fixamente por um bom tempo.

– Não quero todas essas mortes em minha consciência – sussurrou ela. – Na verdade, isso é algo que assombra meus sonhos, e temo não conseguir conviver com isso.

– Eu também teria dificuldade para tomar essa decisão, Sua Graça. – Respirei fundo. – Na verdade, não tenho nenhum interesse em matar.

A cabeça dela se ergueu bruscamente em surpresa.

– Oh, não tenha medo. Posso lutar melhor que a maioria, pois sou bem treinada, mas nunca gostei de tirar vidas. Eu achava que isso era uma fraqueza de minha parte, algo de que eu deveria me envergonhar. Passei a vida inteira orando para ter forças e prazer em matar.

– E você conseguiu?

– Não, mas descobri algo que preciso compartilhar com Sua Graça, algo que contei para poucos. – Respirei fundo. – Na verdade, eu não fui gerada por Mortain. Não sou sua filha. Minha vida toda foi uma mentira. – Um riso divertido escapou de minha boca. Ainda me surpreendia dizer essas palavras. – Passei a vida inteira em busca de sonhos e objetivos que jamais foram meus. E uma das razões por que lhe conto isso é para que, antes de tomar uma decisão em relação à opção que eu lhe apresentei, Sua Graça saiba a verdade não apenas sobre mim, mas sobre meu verdadeiro pai.

– Quem é ele?

– Crunard, Sua Graça. Meu pai é o chanceler Crunard. – Era a primeira vez que eu pronunciava aquelas palavras, e o som delas ecoando no quarto foi como o badalar de sinos de morte para a pessoa que eu tinha sido durante toda a minha vida. Dizê-las, e ainda mais para minha duquesa, foi quase como sair de uma pele antiga e ficar nua diante do mundo. – Deve haver verdade entre nós, para que Sua Graça possa tomar a melhor decisão, estando o mais bem informada possível. Se eu tivesse escondido minha identidade, quando Sua Graça descobrisse, poderia questionar minha lealdade, e isso iria me ferir profundamente, pois servi-la tem sido uma bênção inesperada.

Ela me encarou por um bom tempo, com olhos arregalados e profundos em reflexão. Sacudiu a cabeça, com um sorriso triste.

– Agradeço a você por sua honestidade, Annith, mas tenha certeza de que confio no conselho que você me deu. Como você diz, entendo bem como podemos servir, apesar de nossa linhagem.

Agora era a minha vez de fazer uma expressão de surpresa.

Ela deu um sorriso apertado, e cruzou os braços diante do peito.

– Você sabe quanto sangue bretão eu possuo?

– Não, Sua Graça.

– Nenhum. Nem uma gota. Meu pai era um nobre francês que herdou a Bretanha da esposa.

– Sua mãe.

– Não. – Ela sacudiu a cabeça brevemente e com firmeza. – Não minha mãe. Sua primeira mulher, a herdeira da Bretanha, que morreu antes de meu nascimento. Minha mãe também se chamava Margueritte, mas era Margueritte de Foix, e não da Bretanha. Então, sabe, toda a minha vida também foi uma mentira.

“Mas a independência da Bretanha definiu minha vida inteira, e nisso sou mais bretã do que a maioria dos nobres bretões, que têm recebido subornos e pagamentos da regente francesa há anos.

“Por isso, vou pensar no verdadeiro povo da Bretanha, que sempre viveu aqui, desde tempos imemoriais, e trabalhou na terra e construiu os castelos e as catedrais e as estradas. Essas são as vidas que devo levar em conta.”

E com isso, soube que era hora de ir me encontrar com a abadessa mais uma vez, pois ainda havia muita coisa a ser resolvida entre nós. Mas não era com ela nem com o convento que eu tinha de me preocupar. Assim como a duquesa, minha verdadeira preocupação era com aquelas cuja vida seria mais afetada: as garotas que eu amava como minhas irmãs.

Capítulo Quarenta e Nove

No dia seguinte, a abadessa me obrigou a esperar por uma hora inteira antes de me receber. Era uma clara demonstração de poder, e mais lamentável ainda por isso. Por sorte, aquilo me serviu bem, pois me permitiu pensar em diversas maneiras diferentes por onde a conversa poderia seguir. Quando finalmente fui autorizada a entrar em seu gabinete, estava calma e certa do que desejava dizer a ela.

– Annith.

Ela não me cumprimentou, apenas disse meu nome. Agi de forma similar.

– Madre superiora.

Acrescentei uma breve reverência para manter uma imagem de respeito, rasa o suficiente para que ela percebesse que era apenas isto: meramente uma formalidade vazia da estima e admiração que eu antes sentia por ela.

– Espero que esteja aqui para me dizer que pensou bem e que vai voltar imediatamente para o convento.

– Pelo contrário. Estou aqui para lhe dizer que isso não pode continuar. A senhora não pode permanecer no posto de madre superiora. Isso corrompe a própria natureza do que fazemos e de quem servimos.

Suas narinas se dilataram de irritação.

– Nós não temos escolha, você não entende? Além disso, ninguém além de você sabe ou sequer desconfia.

Lembrei dos olhares inquisidores que a irmã Serafina costumava me lançar e dos modos abertamente hostis da irmã Eonette.

– Não tenho tanta certeza disso.

– O que sugere que façamos em relação a isso então? – Ela estendeu bem os braços, como se fosse um problema grande demais para ser envolvido por eles. – Como dizemos a elas?

– Não sei. O pecado não é meu. – Encarei seu olhar com firmeza.

Ela se recostou na cadeira, com um sorriso surgindo nos lábios, um sorriso que enviou uma sensação desconfortável pela minha espinha.

– Você é totalmente tão culpada quanto eu, não se engane.

Franzi o cenho, confusa.

– O que a senhora quer dizer com isso? Eu era apenas um bebê. Não pedi para ser levada para lá.

Ela pegou uma pena em sua mesa e examinou a ponta.

– Você se recorda da grande tragédia?

Um pesado nó em meu estômago me lembrou por que eu estava relutante em tornar a confrontá-la.

– Sim – disse eu em voz baixa. – Claro que sim. – Nós perdemos quatro freiras queridas.

Ela pegou uma faca e começou a afiar a ponta da pena. Tive vontade de sacudi-la e gritar para que parasse. Em vez disso, apertei as mãos juntas e esperei pelo que quer que estivesse por vir.

– E você se recorda como, alguns dias antes disso, você e eu saímos para caminhar e levamos um pequeno lanche conosco?

Naquele momento, o nó no estômago se transformou em um enjoo terrível.

– É claro que me lembro. – Era um dos poucos passeios que eu e a irmã Etienne tínhamos permissão de fazer.

Ela finalmente ergueu o rosto e me encarou com seus olhos azuis, frios e penetrantes.

– Você lembra o que mais fizemos naquele dia, além de andar pela ilha e fazer um piquenique?

– Colhemos cogumelos – murmurei.

Ela pousou a faca e a pena na mesa e cruzou as mãos à sua frente.

– Exatamente.

O medo começou a penetrar meus ossos.

– Mas a senhora disse que eles eram seguros.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Eu disse?

– É claro que disse, ou eu jamais teria tocado neles!

– Estranho, eu não me lembro dessa conversa. – Ela debruçou-se para a frente, com uma expressão triunfante. – Foi você, Annith, quem colheu os cogumelos que mataram as freiras naquele dia. Você.

A consciência atingiu-me com a força de um aríete.

– Mas, se a senhora sabia, por que não os jogou fora?

– Eu tinha de fazer algo para salvá-la daquela mulher. Ela ia matar você. E você, a ovelha obediente e confusa que era, simplesmente permitiria isso.

Minha mente girou em turbilhão. Pensei que descobrir que eu não tinha sido gerada por Mortain sem dúvida seria o maior choque de minha vida, mas mesmo isso empalideceu em comparação com aquilo.

– E a senhora deixou que a irmã Magdalena levasse a culpa?

– A irmã Magdalena era velha. Já tinha passado sua hora, e ela havia começado a desconfiar, acho.

Uma onda de compreensão quebrou-se em meu interior.

– Foi a senhora que fez com que a irmã Vereda também ficasse doente, não foi?

Por um instante, ela apenas me encarou, depois inclinou a cabeça.

– Sim. – Sua voz ficou mais delicada. – Mas eu já tinha aprendido muito e fui mais sutil. Eu me assegurei de deixá-la apenas doente, e não matá-la. Mas ela também começou a questionar coisas que Via. Coisas que não entendia. E eu tinha ordens, ordens que não podiam vir dela.

– Crunard a estava chantageando.

– Sim. – Seu tom era monótono e duro como seus olhos. – Se eu não o ajudasse, ele iria me expor para o mundo. Ele não sabia de você. Nunca revelei isso a ele. – Ela enfiou a cabeça entre as mãos por um longo instante. Quando tornou a erguer os olhos, a expressão em seu rosto era suave, suplicante. – Você não percebe, querida? Era por isso que eu queria que você fosse vidente. Juntas poderíamos decidir o que era melhor para o convento e para o país e poderíamos levar as outras a realizar esses planos.

– Quando a senhora ia me contar tudo isso? – A força dessa segunda traição me deixou arrasada. Eu tinha compreendido os

motivos de uma jovem mãe desesperada. Mas aquilo… cometer assassinatos e então, anos depois, jogá-los sobre minhas costas… aquilo virava meu mundo de cabeça para baixo. – Como a senhora ia me forçar a Ver o que quisesse que eu visse?

– Você sempre foi maleável e obediente. Pelo menos, antes da chegada de Sybella. Você parecia sentir o que os outros queriam ou precisavam de você e estava sempre feliz em fornecer isso. Eu ia simplesmente permitir que você prosseguisse nesse caminho, ajudando-a a interpretar suas visões e ler os sinais de augúrio.

– Foi por isso que a senhora enviou Sybella em missão tão cedo!

– Ela a estava arruinando. Corrompendo sua inocência e sua colaboração. Ela também estava arruinando Ismae – acrescentou, em uma reflexão tardia.

– Ela era minha amiga. E estava sob sua proteção *sagrada*, e a senhora a traiu em nome de seus objetivos pessoais.

A abadessa ergueu os ombros em um gesto frio, desprovido de sentimentos.

– Ela não era você, e você era a única com quem eu me preocupava. Tudo com o que eu ainda me preocupo.

Eu me senti enjoada, maculada com a sujeira de seus pecados.

A abadessa levantou-se, deu a volta na mesa e aproximou-se de mim. Ela estendeu o braço para tomar minha mão, mas eu a repeli. O sofrimento brilhou em seus olhos.

– Você devia ser meu sacrifício para Mortain – disse ela. – Minha penitência. Minha expiação. Ao dedicar você ao Seu serviço, eu tinha certeza de que Ele nos daria Seu perdão.

– Mas essa não era *sua* vida para você sacrificar.

– Se não fosse por mim, para começar, você não teria uma vida. Se não fosse por mim, aquela terrível Dragonette a teria matado ou aleijado.

Cerrei os punhos, frustrada. Ela estava certa. De certa maneira, eu devia muito a ela. Mas não minha vida. Minha gratidão, talvez. E minha lealdade?

Ela perdeu o direito à minha lealdade quando assassinou pessoas e depois tentou colocar a culpa em mim. Lentamente, ergui o rosto e olhei em seus olhos.

– Eu não devo nada à senhora. – Minha voz saiu baixa, mas segura. – Qualquer lealdade ou respeito que eu pudesse sentir pela senhora se perdeu no dia em que a senhora matou as outras e arriscou a segurança das meninas para tentar me proteger.

Ela cambaleou para trás, como se minhas palavras tivessem a força de um soco. Depois de um momento, ela enfiou as mãos nas mangas e voltou para sua mesa.

– Muito bem. – Quando tornou a olhar para mim, estava totalmente séria, sem nenhum sinal da mãe suplicante. – Então eu vou lhe dar o que você sempre quis. Se você não disser nada sobre isso para ninguém, pode ser uma assassina. Não vou fazer de você a vidente. Eu esperava protegê-la. Queria proteger não apenas sua pessoa física, mas sua alma imortal também. Mas, se você não se importa, que seja. Você só precisa ficar calada.

Quase ri do pouco que ela me oferecia e como aquilo chegava tarde demais.

– Não. Jamais servirei a senhora, nem realizarei seus desejos. Tampouco manterei sua mentira por muito mais tempo.

Então virei para deixar o gabinete. Todas as crenças que sempre tivera sobre mim mesma, a abadessa e o mundo tinham sido destroçadas por seus crimes.

Era hora de pedir que o padre Effram convocasse os nove.

Capítulo Cinquenta

TRÊS DIAS DEPOIS, ESTAVA no solário com a duquesa e suas damas de companhia. Elas estavam costurando, mas eu não conseguia ficar sentada quieta. Sentia como se cada osso de meu corpo tivesse sido arrancado e recolocado no lugar errado e eu tivesse de reaprender a me mexer, a pensar e a agir. Tentava ser sutil em relação a isso, mas a duquesa não parava de olhar para mim, parecendo sempre prestes a dizer algo, e mudando de ideia em seguida. Eu devia lhe oferecer proteção e conforto, e não perturbá-la com minha inquietude.

Tinha acabado de decidir que – para o inferno com as formalidades! – ia me amarrar a uma das cadeiras para me manter parada, quando houve uma comoção do outro lado da porta. A duquesa e eu nos entreolhamos, eu fiquei de pé e segui naquela direção, procurando minhas armas. Quando arranquei as facas de suas bainhas, Duval atravessou a porta. Seus olhos vibravam, e a tensão corria por seu corpo como um arco que acabasse de ser vergado. Ele olhou para minhas facas, acenou a cabeça em aprovação, depois se virou para a duquesa.

– Ismae voltou – disse ele, e foi impossível não amá-lo pelo alívio que coloria sua voz. – Ela deseja lhe falar imediatamente.

A duquesa já tinha se levantado e estava entregando seu bordado para uma das acompanhantes.

– Devemos chamar os outros conselheiros?

– Sim.

Duval enviou um bando de pajens para chamar os outros, então nós três nos encaminhamos para a sala do conselho. Quando chegamos, Ismae já estava lá. Ela não tinha nem trocado seu vestido de viagem ainda.

– Sua Graça. – Ela se curvou em uma profunda reverência.

A duquesa estendeu a mão e a ajudou a se levantar.

– Estou satisfeita que tenha voltado em segurança para nós – disse ela.

– Eu também. Só desejava trazer notícias melhores. – Antes que ela pudesse se explicar, o resto dos conselheiros começou a encher a sala. O bispo e a abadessa chegaram juntos, o que era uma imagem assaz desconcertante, e não pude evitar me perguntar se ela estava tentando conquistar seus favores, preparando-se para as acusações que eu faria em breve.

Quando Sybella chegou e viu que Ismae estava em segurança, seus lábios se curvaram de prazer, mas ela nada disse ao parar de pé ao meu lado em nosso posto atrás da duquesa. Ela cutucou meu cotovelo, e não entendi se era de alegria pela volta de Ismae ou apenas para irritar a abadessa. Sybella era sempre um mistério.

Quando todos estavam sentados, Duval gesticulou para Ismae.

– Conte-nos o que você descobriu. – A expressão dele era tensa e fechada, e fiquei imaginando se ela já tinha contado a ele em particular o que tinha acontecido.

– Os franceses dominam a cidade de Nantes com demasiada facilidade, não há resistência alguma. – Ela olhou para a duquesa, como se estivesse se desculpando. – Não consegui entrar direito no palácio. Eles postaram guardas duplas em todas as entradas, e todos os que passam pelas portas devem ser avalizados por pelo menos outras duas pessoas. Eles não estão correndo riscos. Fecharam os portões da cidade logo depois que eu cheguei lá e não estão deixando ninguém sair. Também ouvi relatos de que iam montar postos de controle ao longo das estradas do norte.

– Eles fizeram isso – disse Duval. – Conseguiram interceptar nossos batedores, de modo que a chegada do exército nos pegou de surpresa.

– Assim que cheguei a Rennes esta manhã, as tropas francesas apareceram diante dos portões da cidade. Eu fui uma das últimas que eles deixaram passar, e os portões foram fechados e bloqueados depois de mim.

– Então, agora é oficial – murmurou Duval. – Estamos sitiados.

– E sem ajuda a caminho – acrescentou Chalon. Duval pareceu ter

vontade de chutá-lo.

Lentamente, a duquesa virou-se para mim. Seus olhos escuros estavam atormentados, e pude ver que ela tinha refletido muito sobre minha sugestão. Ganhar o coração do rei da França era a única maneira de obter alguma vitória e salvar seu povo.

– Gostaria que todos vocês ouvissem o que lady Annith tem a dizer.

Houve um momento de espanto e silêncio enquanto os conselheiros trocavam olhares surpresos, como se estivessem tentando lembrar quem era lady Annith.

A duquesa prosseguiu.

– Nós temos uma última opção, uma para a qual Annith chamou minha atenção há pouco tempo. Ela é… ousada, para dizer o mínimo, e não sei se pode ser realizada, mas eu preferia que ela lhes contasse, para que pudéssemos ao menos discuti-la. Lady Annith?

Respirei fundo e contei ao conselho privado sobre a última flecha de Arduinna, que estava em minha posse e que eu acreditava nos ser útil. Dirigi a maior parte de minha história para Ismae e Duval, pois eles seriam os mais fáceis de convencer.

Como eu presumia, o resto do conselho ficou cético em relação ao plano. O bispo, em particular, pareceu ao mesmo tempo desdenhoso e indignado.

– Mas ela já se casou com o Sacro Imperador Romano – protestou ele.

– Por procuração – observou Duval.

O padre Effram colocou a mão sobre o braço do bispo, refreando seus protestos.

– Não é incomum o papa conceder anulações quando a necessidade da conveniência política é grande.

– Isso é verdade – reconheceu o bispo, relutante.

Montauban e o capitão Dunois foram mais educados ao expressar suas dúvidas em relação ao plano. Apenas Duval pareceu realmente animado. Ele tinha aprendido sobre os deuses antigos com Ismae, por isso entendia seus poderes mais que a maioria. Só então, quando percebi ter conquistado seu apoio, permiti-me

encarar a abadessa. Seu olhar estava fixo em mim, seu ódio, gravado em rugas amargas dos dois lados de sua boca. Se não fosse pelo conselho, tinha certeza de que ela voaria sobre a mesa para me atacar.

No fim, todos concordaram que valia a pena tentar. A abadessa sabia que sua objeção solitária não seria notada.

O resto da reunião transformou-se em uma sessão de planejamento, pois não era algo simples penetrar no coração de quinze mil tropas francesas, localizar seu rei, e depois atirar nele com uma flecha. Sem falar em descobrir como sair de lá.

– Ela não pode ir caminhando. – Duval sacudiu a cabeça com firmeza. – Ela levaria dias para atravessar o acampamento a pé, dando a eles tempo suficiente para detectá-la. Mas, o que é mais importante: ela não teria meios de escapar, pois assim que o rei tiver sido atingido, seus guardas vão pulular como moscas.

– Não é impossível – observou Ismae, olhando para Sybella. – Ela poderia facilmente se disfarçar de lavadeira ou de seguidora de acampamento e permanecer despercebida.

– Ela não conseguiria passar por milhares de soldados franceses assim.

– Sybella conseguiu.

– Por pouco tempo, e apenas para obter informações. E enquanto o exército estava chegando, ainda desorganizado.

– Somos treinadas para agir em silêncio e com astúcia. – A voz de Ismae tinha um tom de reprovação delicada. – Você presta um desserviço a Annith ao não confiar em suas habilidades.

Duval virou-se para mim.

– Minhas desculpas, lady Annith, pois não é na senhorita que não confio, mas nos quinze mil soldados franceses. Com tantos homens, há uma enorme chance de que seja notada, e seu disfarce vai lhe oferecer pouca proteção se você atrair o interesse de tantos soldados.

– Sybella e eu podíamos ir com ela.

Duval emitiu uma expressão de escárnio.

– Para que vocês possam estripar todo soldado que fizer uma proposta a vocês e deixar uma trilha de corpos em seu rastro? Não

acho que isso vá ajudá-la a passar despercebida.

Fera limpou a garganta de forma um tanto delicada, levando em conta seu tamanho.

– É necessário que seja ela quem dispare a flecha?

Duval olhou para mim, em dúvida. Minha mão se ergueu até a nuca, procurando a pequena marca que nunca vi.

– Sim – disse eu. – É.

– Por que não pode ser uma das arduinitas? – A voz da abadessa saiu extremamente aguda, quase estridente.

Eu virei e a encarei friamente.

– Com que objetivo? Posso montar tão bem quanto elas e atirar com a mesma precisão quanto qualquer uma delas. O que ganhamos pedindo a elas?

– Sua vida – disse Duval, gentilmente.

Eu sabia que ele estava bem-intencionado, que tinha apenas minha segurança em mente, por isso me esforcei para não alterar a voz.

– Cansei de deixar outros arriscarem a vida enquanto fico para trás, sentada em segurança. Eu vou. – Além disso, de todos os grandes sonhos que eu tive um dia, de servir aos deuses, de fazer alguma contribuição, este era o único jeito que eu tinha de fazer aquilo agora.

– Muito bem. Então está fora de questão Annith ir a pé, assim como mandar outras pessoas. Não, Ismae. – Duval ergueu a mão para evitar mais discussões. – O problema vai ser conseguir com que cavaleiros penetrem no acampamento. Mesmo um grupo diminuto seria notado imediatamente.

– E se mandássemos apenas uma pequena guarda montada e atacássemos direto através do campo como um aríete, abrindo uma passagem para ela até o rei? – disse Fera, e Sybella pareceu querer atravessar a sala para bater em sua cabeça dura. – Se mandarmos homens suficientes, devem restar alguns para trazê-la de volta.

– Mas como vocês vão conseguir fazer com que homens montados deixem a cidade sem serem notados? – observou o capitão Dunois. – Pois, assim que forem vistos, os arqueiros franceses vão abatê-los. Ou vão enviar uma força equivalente para

enfrentá-los.

Todos ficamos em silêncio, pois esse era, na verdade, o maior problema. Conseguir fazer com que um número suficiente de homens – qualquer pessoa, de fato – saísse sem serem notados.

Duval deu um suspiro e esfregou a mão no rosto.

– Bem, isso não vai ser decidido esta noite. Há mais alguma coisa que precisamos discutir?

– Sim. – A voz do capitão Dunois estava carregada de aversão, e seu rosto, branco de cansaço. Meu coração foi tomado por simpatia por ele. – Há um problema com os mercenários.

– O que foi agora? – disse Duval sem acreditar. – Posso ter esperança de que eles estejam se matando uns aos outros?

– Não, mas seus números estão se reduzindo assim mesmo. São os franceses, milorde. Eles estão em contato com os mercenários.

– Como? Todas as entradas da cidade estão bem guardadas.

– Com isso. – Fera jogou algo pesado sobre a mesa do conselho. Era uma escada feita de couro. – Os franceses jogavam isso por cima da muralha e subiam por ela.

Duval parecia querer bater em algo.

– E com que objetivo?

– Sabendo que nosso tesouro está vazio, os franceses ofereceram aos mercenários pagar o que eles têm a receber, além de um bônus, se eles concordarem em deixar a cidade.

Duval estava quase passando mal.

– Dobrem, ou melhor, tripliquem o perímetro de vigia. – Ele fez uma careta. – Quantos mercenários aceitaram a oferta deles?

– Quase um terço.

Houve um longo momento de silêncio na sala enquanto o número era digerido.

– Bem, pelo menos quando os estoques de comida se reduzirem, serão menos bocas para alimentar.

Mas, mesmo que tentasse enxergar vantagens na situação, a verdade era que este tinha sido um golpe duro.

Capítulo Cinquenta e Um

Quando a reunião do conselho terminou, Sybella e eu fomos liberadas pela duquesa por tempo suficiente para fazer companhia a Ismae enquanto ela se refrescava de sua viagem. Ao chegar aos nossos aposentos, vimos que já haviam montado a banheira, e a água ainda estava fumegando. Ajudei Ismae a se despir, e Sybella serviu três cálices de vinho. Ela esperou que Ismae entrasse na banheira, e então me entregou um. Por cima de seu copo, ela me encarou com seu olhar curioso.

– Como você aprendeu tanto sobre as flechas de Arduinna?

Eu bebi rapidamente metade do vinho.

– Aprendi algumas coisas. Sobre a abadessa e o convento. E sobre mim mesma.

Sybella e Ismae se entreolharam, em seguida Ismae gesticulou para que Sybella lhe esfregasse as costas.

– Continue – disse Sybella. – Estamos ouvindo.

Por onde eu deveria começar? Que parte de tudo isso conduziria a narração de modo mais claro até a história completa?

– Descobri por que a abadessa se recusou a me mandar para o exterior e por que fui escolhida para ser vidente.

Sem conseguir encarar seus rostos curiosos, baixei os olhos para o cálice que segurava na mão e passei o dedo pelas gravações ricamente cinzeladas em prata. O suave ruído da água se agitando na banheira silenciou. Com medo de me faltar coragem, disse de um só fôlego:

– É porque eu não fui gerada por Mortain.

– Meu Jesus! – murmurou Sybella.

– Tem mais – alertei-as, e então respirei fundo. – A abadessa é minha mãe. – Eu não parei por aí. Segui em frente, como quando se toma um remédio amargo de uma vez para que ele termine o mais

rápido possível. – Crunard é meu pai. Ele a estava chantageando, ameaçando contar a verdade sobre ela com o objetivo de moldar os propósitos do convento de acordo com seus próprios desejos.

Houve um leve respingar de água quando Ismae se levantou da banheira e pegou uma toalha.

– Oh, Annith! – murmurou ela.

– E ainda não é tudo – disse eu com tristeza. – A abadessa envenenou a irmã Vereda, fazendo com que ela ficasse doente demais para Ver o que estava errado. Há sete anos… – Minha voz vacilou. – Há sete anos, ela envenenou três freiras, entre elas a antiga vidente e a abadessa anterior, para executar uma rebelião silenciosa.

– Ela é ainda mais ambiciosa do que eu pensava. – Havia um tom relutante de admiração na voz de Sybella.

Sacudi a cabeça, sentindo-me enjoada novamente.

– Não era ambição. Era proteção. Ela estava tentando me proteger. – Olhei para Ismae. – Lembra que contei a você sobre a antiga abadessa tornar minha vida mais difícil do que a da maioria das noviças?

– Você não falava muito sobre isso.

Mas, naquele momento, as palavras começaram a jorrar de mim, como humores doentios de uma ferida purulenta.

– Ela era chamada de Dragonette. Ela era bela, do mesmo modo que uma aranha venenosa é bela. Ela chamava atenção com seus traços pronunciados e características marcantes. – Ergui os olhos para Ismae. – Lembra do teste que a madre superiora fez com você no dia em que chegou ao convento?

Agora vestida em sua combinação, Ismae lentamente se sentou na cama.

– Com o vinho envenenado. Claro, nunca poderia esquecer.

Sybella pousou rapidamente seu cálice.

– Que vinho envenenado?

– Era uma forma de testar se eu era ou não imune a veneno – explicou Ismae.

– Fizeram esse teste comigo quando eu tinha apenas quatro anos de idade – disse eu.

Ismae quase pulou da cama, indignada.

– Quatro?

Assenti.

– Soube que o teste jamais é ministrado sem alguma indicação de que a noviça possa ser imune ao veneno. Eu nunca havia demonstrado nada desse potencial, mas não importou. A Dragonette estava determinada a descobrir todas as minhas forças e talentos ocultos, e depois moldá-los à perfeição com o objetivo de glorificar tanto ela quanto Mortain.

– Meu Jesu! – tornou a murmurar Sybella.

Tentei sorrir, mas meus lábios não me obedeceram.

– Exatamente. Os primeiros dez anos de minha vida foram um longo teste, uma provação interminável durante a qual eu tinha de estar sempre preparada e vigilante. Foi quando comecei a ouvir atrás das portas, na esperança de captar alguma informação ou alerta sobre o que viria a seguir, e assim poder me preparar. Também é por isso, desconfio, que me tornei tão boa em interpretar as pessoas, e fazer o que elas queriam antes mesmo que pedissem. Eu tinha pouquíssimas ferramentas de sobrevivência. Precisava usar tudo o que estava à minha disposição. – As palavras da abadessa, *obediente e maleável*, ainda doíam. – Essas não são características das quais me orgulho, mas permitiram que eu sobrevivesse.

“A irmã Etienne, pois era assim que ela se chamava antes de se tornar abadessa, era a única alegria em minha vida. Ela foi minha defensora quando eu era nova. Sempre guardava um pedaço de pão quando eu era obrigada a ficar sem jantar. Ela me liberava da adega antes do previsto em minhas punições. Só agora, sabendo que ela era, ou melhor, que é minha mãe, consigo entender como ela deve ter sofrido junto comigo.”

– Não. – Sybella levantou-se bruscamente e começou a andar pelo quarto. Seu rosto continha tanta fúria que pensei que ela mataria a abadessa se a mulher estivesse no mesmo aposento que nós. – Ela não sofreu como você, nem de perto, pois não havia nada que a impedisse de pegar você e fugir no meio da noite, que é o que ela deveria ter feito.

– Talvez ela tivesse medo de que fossem atrás de nós. Todos ouvimos histórias de hellequins saindo para castigar noviças desobedientes. Talvez ela simplesmente achasse que essas histórias fossem verdadeiras.

– Então o que fez tudo isso desmoronar? – A voz de Ismae estava tranquila, um contrapeso calmo à raiva de Sybella.

– Um castigo de Dragonette.

Não contei a elas que fui castigada porque um dia ela me flagrou deixando pequenas oferendas a Mortain no portal de seu domínio, nem que ela me ouviu conversando com ele, apesar de ter lhe prometido repetidas vezes que eu não acreditava mais que realmente o tinha visto. Prossegui:

– Era um cilício, uma pequena corrente de prata com espinhos bem afiados, feita para ser usada sobre a pele, em volta da cintura. – Eu ainda me lembrava da vergonha que senti quando ela levantou a saia do vestido e expôs a parte de baixo do meu corpo, passando a corrente em torno de minha cintura. Ainda me lembrava da dor de cada espinho perfurando minha carne.

Ismae levou a mão à boca. Minha própria mão deslizou até minha barriga e as cicatrizes que ainda a envolviam.

– Minha pele inflamou e infeccionou, por isso fui mandada para a enfermaria. Quem cuidou de mim foi a irmã Serafina, com suas mãos delicadas e modos tranquilos. Mas acho que ela deve ter contado à irmã Etienne, que descobriu tudo e, logo depois disso, nós fizemos um de nossos passeios especiais. Fizemos um piquenique e colhemos flores silvestres. Também colhemos alguns cogumelos para a sopa do convento.

“Só que eles eram venenosos. Na época, ela me disse que eram seguros, a única razão por que os colhi. Mas eram venenosos. Ela me deixou pegá-los, e de algum modo conseguiu fazer com que passassem pela cozinheira e os botou na panela. Três freiras morreram naquela noite. Depois, a irmã Magdalena, a velha mestra dos venenos, cometeu suicídio, achando ter sido ela quem tinha cometido o erro. Ela me usou para envenená-las.”

Mesmo naquele momento, a enormidade daquela traição me deixou sem fôlego, e senti como se nunca mais fosse conseguir

encher totalmente os pulmões de ar outra vez.

De repente, Ismae estava ao meu lado, tomando minhas mãos nas dela, esfregando-as. Sybella envolveu meu ombro com o braço e me puxou para perto.

– Não – murmurou ela com raiva. – Não ouse pensar que você tem algo a ver com isso. Não foi você! Foi tudo ela.

Fechei os olhos e senti-me aquecida no consolo que elas me ofereciam.

– Eu sei disso com a minha mente, mas meu coração… meu coração ainda está ferido e sofre com isso.

Sybella deu um último aperto em meu ombro, tão forte que foi quase doloroso, então começou a andar de um lado para o outro novamente.

– Eu vou matá-la – disse ela por fim. – Evidentemente, ela não merece viver. Evidentemente, ela não está servindo Mortain, nem mesmo o convento…

– Mas ela tem a marca? – perguntou Ismae em voz baixa. – Pois, a menos que tenha surgido uma marca na última hora ou que esteja oculta por baixo de seu vestido, eu não vi nada.

O rosto de Sybella empalideceu de frustração, em seguida ela sacudiu a cabeça.

– Não importa. Vou matá-la mesmo assim.

Apesar de não falar a sério – ou pelo menos eu não pensei que fosse sério –, só essa frase já me deu grande conforto. Respirei fundo e me permiti sentir o alívio de me livrar do peso de todos os segredos que eu estava carregando.

Bem, nem *todos* os segredos.

– Tem mais – disse eu timidamente.

Sybella olhou-me boquiaberta, parecendo tão cômica que precisei segurar uma vontade de rir.

– *Mais?* – disse ela.

– Eu também tenho um amante.

Sybella encarou-me por um bom tempo, e depois soltou uma gargalhada. Então foi a vez de Ismae me olhar boquiaberta.

– Eu já estava desconfiada, mas, como você não disse nada, não tive certeza.

Um sorriso surgiu em meus lábios.

– Eu sabia que se alguém pudesse adivinhar, seria você.

– Mas quando você teve tempo de arranjar um amante? – perguntou Ismae. – E onde? – Ela observou o quarto que tínhamos compartilhado, como se estivesse procurando sinais de nossos momentos roubados.

– Vocês não me perguntaram quem ele é – observei.

– Não sei se vamos aguentar saber – disse Sybella sem forças.

– Ele é um hellequin. – As duas me encararam, tão espantadas que não disseram nada. – Ou pelo menos era o que eu pensava. Até que descobri que ele estava apenas se passando por um. Na verdade, foi o próprio Mortain quem levei para minha cama.

Capítulo Cinquenta e Dois

ELAS FICARAM SEM FALA por um bom tempo. Então Sybella soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo. Ismae simplesmente continuou me encarando.

– Isso é algum tipo de brincadeira? – perguntou ela, baixinho.

– Não, é a verdade. – Em seguida, contei a elas sobre a noite da morte de Isabeau e a pequena bênção que eu pedira ao hellequin, e como isso, por sua vez, levou-me a descobrir sua verdadeira identidade.

– Mas… mas ele é *nosso pai* – disse Ismae.

Fiquei arrasada ao perceber que eu estava certa. Aquilo tinha o poder de provocar uma divisão entre nós – uma divisão que a revelação de meus verdadeiros pais não provocara.

– Pai de vocês – observei. – Não meu.

– A duquesa por muito pouco se casou com meu pai – Sybella lembrou a Ismae. – E minha opinião sobre ela não mudou por causa disso. – A voz de Sybella estava calma e livre de qualquer julgamento. Claro, com o passado perverso de sua própria família, seria mais fácil para ela entender.

Uma nova onda de horror passou pelo rosto de Ismae.

– Você vai se casar com a Morte?

– Casar? – Meu riso tinha tons de insanidade.

A expressão de Sybella se enterneceu com simpatia.

– Você está esperando um filho dele?

– Não! – Levei a mão à barriga. – Pelo menos eu *acho* que não. – Na verdade, eu sequer tinha pensado nisso, apesar de isso sem dúvida ser algo que estava no cerne de sua relação com as mulheres.

– Sinto muito, Annith. – Ismae levantou-se da cama e foi para a lareira. Ela estendeu as mãos na direção das chamas, como se de

repente estivessem com frio. – É que simplesmente parece tão…

– Esmagador? – sugeri.

– Sim, e também inacreditável… e estranho. Tipo uma história antiga para assustar crianças. Sinto-me como uma cobra que acidentalmente engoliu um bode e está se esforçando para digeri-lo.

Sybella olhou para as chamas, além de Ismae.

– Estou começando a achar que o amor em si nunca é errado. O problema é o que o amor leva as pessoas a fazerem. E esse amor em especial é bem menos equivocado que vários outros – disse ela secamente. – Além disso… – Ela ficou pensativa, como se estivesse considerando todos os complexos nós que precisavam ser desatados. – Tenho certeza de que as regras que governam o coração humano não regem o modo como os deuses devem amar. Temos apenas de nos lembrar das histórias antigas para saber disso. Melhor ainda – acrescentou ela com um piscar de olhos –, pense em como a abadessa vai ficar furiosa.

Soltei uma gargalhada, surpresa com minha própria reação, e ela me acompanhou. Ismae não nos seguiu, mas sorriu, o que me deu esperança. Sybella estendeu o braço e beliscou sua bochecha.

– Não seja uma velha chata. Não faz todo o sentido nossa amada santa Annith ter capturado o coração da Morte? Quem mais entre nós poderia fazer isso?

Eu revirei os olhos.

– Depois de tudo o que lhes contei, vocês deviam perceber como o título de santa é inadequado para mim.

Seu rosto ficou sério novamente, enchendo-se de sinceridade.

– Acho que você merece isso mais que nunca – disse ela.

Deixei-me ser banhada por suas palavras, tão curativas quanto um dos bálsamos da irmã Serafina.

– Obrigada – sussurrei, sem conseguir deter as lágrimas que brotavam em meus olhos.

– Oh, não. Não comece a chorar. Ismae, venha cá e a abrace para que todas possamos fingir que isso nunca aconteceu e sigamos em frente com nossa vida.

O olhar de Ismae encontrou o meu enquanto ela se afastava do fogo.

– É claro que estou impressionada e admirada com tudo o que você passou. – Ela aproximou-se, envolveu-me em seus braços e apertou-me. – Como você disse, é tudo um tanto quanto esmagador.

– Obrigada – sussurrei. Enquanto eu soubesse que elas ainda eram minhas amigas e que nossa conexão não podia ser rompida, eu estaria bem.



Depois que elas saíram para cuidar de seus outros afazeres, aproximei-me e parei diante do fogo. Novamente, era como se eu tivesse sido completamente revirada e inteiramente refeita quando, na verdade, eu mal tinha me recuperado da primeira vez que minha vida se estilhaçou diante de meus olhos.

Mas aquilo… aquilo era diferente. Aquilo não era nenhum estilhaçar, mas uma grande remontagem das peças quebradas, formando um todo mais forte.

Senti-me limpa – não apenas de pecado, mas de artifícios. Estava despida de tudo, menos de meu próprio eu. Por mais desconfortável que estivesse, também havia liberdade, pois não restava espaço para ocultar as expectativas e desejos dos outros. As piores coisas que eu podia ter imaginado já haviam acontecido.

Virei e olhei para meu alforje, jogado no canto. Lentamente, atravessei o quarto e me ajoelhei ao lado dele. Enfiei a mão até o fundo do saco que continha pedaços de queijo endurecido, e saquei o pequeno diário encadernado em velino que eu pegara do gabinete da abadessa: o relato de Dragonette sobre mim, minha infância, e todas as coisas que ela fizera para mim, e todas as maneiras como eu falhara e demonstrara minha fraqueza. Eu não o havia lido por inteiro, mas não precisava. Eu tinha vivido tudo aquilo. Eu lembrava. Mas eu não era mais aquela criança. Meu eu mais jovem havia me servido bem, assim como qualquer criança na mesma situação teria feito. Agora, eu tinha novas forças e habilidades em que confiar.

Senti o peso das páginas, a relevância dos segredos, a

vergonha… e a complexidade dos laços que me ligavam ao convento. Depois me virei e joguei o diário na lareira. Observei as chamas laranja e douradas lamberem as páginas, fazendo com que se retorcessem sobre si mesmas e se encolhessem como uma criatura morrendo. Fechei os olhos, senti o calor do fogo contra o rosto, os braços, o coração, e deixei que aquelas mesmas chamas queimassem os últimos vestígios de vergonha e humilhação e mortificação que ainda guardava. Tudo isso eram simples cicatrizes agora, como as marcas em torno de minha cintura; eram um lembrete que me mostrava a distância que eu tinha percorrido para chegar aonde estava. Eu não era mais isso – se é que fui algum dia.

E ao me dar conta disso, percebi outra coisa: eu sempre amei Mortain. Não como um pai, mas como um verdadeiro herói, pois foi como ele surgiu para mim na primeira vez. Ele me revelou uma capacidade para amar, para aceitar, ainda maior que a de qualquer coração humano que eu já encontrara.

Mesmo a irmã Etienne, por mais que gostasse de mim ou talvez até me amasse, permitia que o tempo que passávamos juntas sempre se entrelaçasse com sua necessidade de me ver feliz. Ela precisava que eu fosse feliz do mesmo modo que um peixe precisa de água para nadar, e por isso eu rapidamente aprendi a me mostrar alegre quando estava ao seu lado.

Mortain era o único amor que não impunha exigências sobre mim, o único que me amava por eu simplesmente existir. Seu amor era tão inabalável e constante quanto o sol. Foi o que me deu forças para seguir em frente. A fé para continuar tentando. A esperança de que eu precisava para perseverar. Era ele o tempo inteiro – não importava se seu nome fosse Mortain ou Balthazaar. Meu coração o conhecia, meu coração o reconheceu.

Tomada por esse novo entendimento das coisas, deixei o quarto e segui para as muralhas. Ele nunca viu meu amor como falha ou fraqueza, mas em vez disso o aceitava, deixando que fluísse através dele como um riacho correndo pela terra ressecada.

Eu aliviava sua terrível solidão tanto quanto ele aliviava a minha, e eu gostava dessa sensação de ter algo para lhe dar em retorno.

Essa não era uma excelente razão para amar alguém? Isso não

explicava, na verdade, por que uma pessoa amava outra?

Enquanto me aproximava do fim da escada e empurrava a porta pesada, tive outro vislumbre de compreensão. Em certo nível, Dragonette viu tudo aquilo. Ela viu a conexão especial que eu compartilhava com nosso deus e era por isso que me castigava e envergonhava. Não porque ela não acreditasse em mim, mas porque o fato de eu vê-lo me diferenciava dela, tornava-me especial por mim mesma, mais do que por seus esforços.

Caminhei até o fim da passarela com a cabeça tão cheia daquele turbilhão de pensamentos que nem vi Mortain parado nas ameias até quase me chocar contra ele, que estendeu a mão para me segurar.

Sua boca curvou-se muito de leve.

– Eu nunca me escondo, e espreito apenas de vez em quando.

Encarei-o com incredulidade, depois me juntei a ele no parapeito, olhando para a parte leste da cidade, além da muralha, para os campos abaixo.

– O exército francês chegará aqui amanhã – disse eu. – No máximo, depois de amanhã.

Ele tirou os olhos das ruas e campos escuros e virou-se para mim.

– Eu sei. Posso sentir todas essas almas se afrouxando de seus corpos em preparação para a morte iminente, como quando o trigo quando se prepara para se soltar da espiga. Ela já perdeu, você sabe. Sua duquesa.

Não era nada que eu já não soubesse, mas era difícil ouvir dos lábios de um deus.

– Eu sei. Ela sabe. *Nós todos* sabemos. – Ergui os olhos e examinei seu perfil, tão imóvel e calmo como a pedra sob minha mão. – Você consegue ver o futuro? Sabe o que vai acontecer?

Ele sacudiu a cabeça uma única vez.

– Não, não sou onisciente. Só a morte é meu domínio, por isso sei muito bem quando está próxima.

– Você sabe quem dentre nós vai viver e quem vai morrer? – Não consegui evitar pensar em Duval, em Fera e no leal capitão Dunois, tentando transformar um grupo dividido e indisciplinado de mercenários em uma tropa militar capaz de sustentar um cerco.

Pensei na duquesa e me perguntei se eles permitiriam que ela vivesse. E quanto a nós? Os que serviam os deuses antigos? O convento? Nós seríamos punidos por nosso auxílio à duquesa?

– Ainda não. É cedo demais. E mesmo depois que a marca está sobre alguém, isso não é garantia de morte. Há inúmeras variáveis, muitas das quais eu não controlo. Só quando uma de minhas filhas serve a mim, posso exercer uma pequena parcela de controle sobre as coisas.

De repente, ele se virou para mim com olhos ardentes.

– Você podia vir comigo – disse ele. – Venha para o Mundo Inferior e seja minha rainha. – Eu ainda estava boquiaberta e chocada com o convite quando ele sacudiu a cabeça e tornou a olhar para o campo. – Não. – Sua voz estava carregada de desespero. – Isso seria obrigá-la a dividir comigo minha prisão, e eu não vou submetê-la a isso.

Eu podia ver em seus olhos, apesar de estarem afastados de mim, e sentir no timbre de sua voz exatamente o quanto aquela situação o atormentava e o fazia sofrer. Como ela tinha corroído não só sua visão do mundo, mas sua visão de si mesmo.

E esse era meu presente para ele. Não apenas naquele instante, nem nos últimos meses, mas desde pequena. Eu sempre o vira como homem e sempre honrara as dádivas que ele trazia ao mundo. Eu o amei por essas coisas muito tempo antes de compreender quem ele era.

Estendi o braço e tomei sua mão na minha.

– Eu compartilharia sua prisão com prazer, mas não sou digna de tamanha honra. Sou uma filha bastarda e completamente mortal, como sem dúvida já provei a você várias vezes desde que nos conhecemos.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, o que me surpreendeu.

– E eu sou a Morte. O indesejado, ladrão da noite, destruidor de vidas. – Foi quando vi que ele também estava em perigo por acreditar em tudo o que diziam dele, por esquecer da própria essência. Ele virou-se para me encarar e puxou-me para perto. – Você não vê? Seu coração mortal brilha como a chama de uma vela, e eu, como uma dessas infelizes mariposas negras que você

costumava deixar como oferenda, fico impotente diante de seu fascínio.

Aninhei-me em seus braços e apoiei a cabeça em seu peito enquanto suas palavras me envolviam. Para ele, minha confusão, meu nascimento impuro, minhas cicatrizes… nada disso me definia. Tudo estava contido dentro de quem eu era, assim como a morte continha pesar e alegria, justiça e misericórdia, e o início de uma nova vida. Somos todos, deuses e mortais, feitos de muitas partes – algumas delas imperfeitas, algumas com cicatrizes, mas nenhuma delas é a soma nem o total de quem somos.

Senti seu coração bater contra o meu ouvido, maravilhada por perceber que até um deus tinha algo tão humano quanto um coração.

– Não importa – disse eu. – Pois há uma coisa que preciso fazer.

– E o que é?

Respirei fundo, pois sabia que ele não ia gostar do que eu tinha a dizer.

– Nosso país está cercado por todos os lados, e talvez eu tenha o poder de ajudar. É meu dever tentar.

Ele afastou-se e encarou-me com o cenho franzido.

– Como?

– Vou usar a flecha, sua flecha, no rei francês e ver se isso pode forçá-lo a voltar seu afeto em vez de seus exércitos na direção de nossa duquesa.

Ele gesticulou para as inúmeras tendas espalhadas diante das muralhas da cidade.

– Você vai ter de passar por milhares de franceses para conseguir fazer isso. É com certeza loucura. Impossível!

– Acho que pode ser feito. Pelo menos, preciso tentar. – Afastei-me para olhar para ele, e vi tanto pesar e desolação que foi quase insuportável. Ergui a mão e levei-a até seu rosto. – Você podia se juntar a mim em meu mundo, em vez do contrário.

Ele ficou absolutamente imóvel. Seus olhos brilhavam intensamente.

– Mas aqui não há lugar para mim, não quando descobrirem quais são os meus deveres.

Passei o braço em torno de seu pescoço.

– Você tem um lugar comigo, em meu coração, ao meu lado.

Ele deu uma risada, um som amargo e desesperador.

– Você inverteria a verdadeira natureza da Morte só para que pudéssemos ficar juntos?

– Sim, pois não vou mais ficar sentada esperando pacientemente minha felicidade crescer, como alguma fruta verde nos galhos de uma árvore. Eu vou forjá-la e lhe dar forma com minhas próprias mãos.



Encontrei o padre Effram na capela. Ele tinha acabado de acender velas novas e as estava colocando sob os nove nichos.

– Padre.

Ele virou-se para trás, satisfeito ao me ver.

– Annith. O que a traz aqui tão tarde da noite?

– Tenho uma pergunta para fazer ao senhor.

– Outra?

Encolhi-me diante das palavras até perceber que ele não estava falando sério. Mesmo assim, fiquei imaginando o estorvo em que eu estava me transformando.

– Ah, não fique assim! Eu só estava brincando. Na verdade, é revigorante ter alguém com quem discutir essas questões teológicas e esotéricas.

Um pouco tranquilizada, aproximei-me da nave.

– Essa vai ser minha pergunta mais absurda – garanti a ele.

Ele colocou a última vela e esfregou as mãos em antecipação, mas eu não sabia como formular a pergunta.

– Se um deus fica cansado de seus deveres e não é mais cultuado, nem acreditam nele, que caminhos ele tem à sua frente?

O padre Effram ficou muito, muito imóvel.

– Você conhece um deus como esse? – perguntou ele por fim.

Sem desejar mentir para ele, dei de ombros.

– É uma pergunta que me veio só recentemente, só isso.

Sua expressão se fechou, pensativa. Ele ergueu os longos e ossudos dedos para coçar o queixo, até que chegou a uma decisão silenciosa, então sentou-se em um dos bancos da capela e gesticulou para que eu me juntasse a ele.

– Se um deus ficar cansado de seu fardo, e isso acontece com alguns, há uma maneira de se livrar de sua divindade, se eles optarem por isso.

– Verdade?

– Minha querida filha, quando Cristo morreu na cruz, Ele não estava só criando um modo para os homens se tornarem imortais, mas também estava mostrando àqueles poucos imortais restantes no mundo como podiam se tornar mortais. Assim, eles poderiam alcançar o reino dos céus, se desejassem. Deus é o criador de todas as coisas, e Ele nunca abandonaria nenhuma de Suas criaturas.

– Então elas, e aqueles que as cultuam, não estão fora de Sua graça?

O padre Effram sacudiu a cabeça com firmeza.

– Não. Eles sempre foram parte de Seus planos para o mundo mortal.

– Os próprios deuses sabem disso?

Ele assentiu.

– Sim. – Havia um oceano de simpatia e compaixão em seu rosto. – Filha – ele estendeu o braço e pegou minhas mãos –, seu amor não pode mudar um homem, nem um deus. Tudo o que ele pode fazer é abrir uma porta, criar um novo caminho que não estava aberto antes. É isso que o poder de seu amor pode oferecer a ele. Tudo isso, e mais nada.

Desviei os olhos.

– Não quero mudá-lo, só quero vê-lo feliz.

– Tenho certeza de que seu amor o faz feliz. Mas se vai dar a ele coragem para atravessar essa porta, isso é algo que ainda resta saber.

Capítulo Cinquenta e Três

Dois dias mais tarde, o planejamento começou a sério. A duquesa insistia em tomar parte dele, alegando que, se eu faria o sacrifício, o mínimo que ela deveria fazer era permanecer informada. Ismae e Sybella também participavam, porém mais como apoio moral do que em função oficial, desconfiei. A abadessa de algum modo conseguira se imiscuir nos trabalhos, e tive de me segurar para não pedir à duquesa que mandasse tirá-la da sala.

Fera convidou tanto as arduinitas quanto os carbonários para participar, argumentando que eles tinham habilidades e conhecimentos que poderiam se revelar úteis para nós. As arduinitas estavam ajudando a manter a ordem na cidade havia apenas alguns dias, e ele já estava impressionado com elas.

Era estranho vê-los na mesma sala com os conselheiros formais da duquesa. Mas ainda assim parecia certo que todas as forças do país, tanto antigas quanto novas, devessem se juntar para descobrir um modo de virar a maré da guerra a favor de nossa terra. Apesar da vestimenta incomum das arduinitas e de seus modos rústicos, sua presença e porte eram tão régios quanto os da duquesa, e senti orgulho de pertencer à linhagem de Arduinna.

Tínhamos acabado de nos acomodar, o bispo o mais distante das arduinitas que conseguiu, quando a porta se abriu. Duval virou-se e olhou para o instruso.

– Eu disse a você que não devíamos ser perturbados.

Antes que o pajem de rosto branco pudesse falar, uma figura alta e taciturna encheu o vão da porta. Sem esperar convite, entrou. Ismae assustou-se e levou a mão à boca, e os lábios de Sybella se entreabriram em surpresa, mas ela não emitiu nenhum som.

Lentamente, Balthazaar caminhou adiante.

– Por tempo demais eu me mantive nas sombras, e não quero

mais fazer tal coisa. Vou tomar parte nisso.

O bispo fez o sinal da cruz. A seu lado, o padre Effram curvou-se em uma reverência profunda, e seu capuz cobriu sua cabeça quando fez isso. Ninguém mais disse nada nem se arriscou no silêncio desconfortável que crescia a cada instante. Eu fiquei de pé e limpei a garganta.

– Sua Graça, lorde Duval, permitam que eu lhes apresente milorde Mortain.

Os olhos da duquesa se arregalaram, porém com curiosidade e assombro mais que medo. Ela gesticulou para que ele se aproximasse.

– Por favor, junte-se a nós.

Duval ficou nitidamente pálido, e até Fera pareceu sentir algo entre o temor e o desconforto. Mas a reação da abadessa foi a mais satisfatória. Todo seu corpo ficou rígido em choque. Mortain encarou-a por um bom tempo, até que ela finalmente desviou os olhos, com a culpa e a vergonha queimando em seu interior como uma vela.

Duval limpou a garganta.

– Milorde, estávamos discutindo uma maneira de levar Annith até o interior do acampamento francês para que ela possa disparar a flecha de Arduinna em seu rei.

– Eu sei. – Mortain aproximou-se, parou ao lado de Duval e olhou para o mapa que os outros tinham feito. – Por favor, continue.

Duval deu um puxão rápido na gola de seu gibão, então recomeçou.

– Eu estava pensando que talvez fosse melhor se lady Annith se disfarçasse de lavadeira, como sugeriu Ismae, e se insinuasse no interior do acampamento. Assim, ela poderia escolher o momento certo para agir. Na confusão que se seguiria, haveria boa chance de ela escapar com facilidade para a mata próxima e se esconder por alguns dias.

Mortain encarou o mapa e traçou com um dedo uma linha do pavilhão central até a lateral do acampamento, onde estava a floresta.

– É uma grande faixa de terreno ocupado para ser coberta sem

escolta.

O marechal Rieux sacudiu bruscamente a cabeça.

– De qualquer modo, infelizmente isso não é mais uma possibilidade.

– Por que não?

– Porque esta manhã, batedores e sentinelas comunicaram que os franceses estão movimentando suas torres de assalto e canhões e os levando para suas posições, neste exato momento em que falamos.

– Em quanto tempo eles estarão prontos para disparar?

Rieux deu de ombros.

– Logo. Dois dias, talvez.

Duval praguejou.

– Então não temos mais o tempo ao nosso lado. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Isso reduz nossas opções a um ataque direto ou a algum tipo de surtida.

O capitão Dunois franziu o cenho.

– Nenhuma dessas opções deixa o caminho livre para levar a garota de volta à segurança.

– E se criássemos uma distração? Que tal enviar uma surtida para distraí-los, depois enviar um segundo contingente, menor, para penetrar o pavilhão durante a confusão?

– Além da segunda surtida – refletiu Fera –, podíamos usar nossos próprios canhões, lembrando os franceses que nós também temos e talvez até eliminar alguns dos deles enquanto fazemos isso.

A voz de Mortain encheu o aposento.

– Mas isso ainda deixa ao acaso o retorno de Annith.

A sala mergulhou em silêncio.

– Nós podíamos montar um ataque em larga escala – disse o marechal Rieux. – Usar os mercenários que ainda nos restam.

– Se é que eles vão sequer lutar. Muitos não vão até receberem o que lhes é devido.

O capitão Dunois esfregou o rosto com a mão.

– O que me lembra: há outro contingente de mercenários exigindo deixar a cidade.

Mortain olhou para ele, intrigado, e Duval tentou explicar.

– O rei francês está comprando nossos mercenários, contratando-os e roubando-os de nós. – Ele virou-se para Dunois. – Deixe que partam, já vão tarde.

– Esperem! – Os olhos de Fera ficaram distantes, como se ele estivesse estudando algum mapa invisível que apenas ele pudesse ver. – Quantos mercenários estão tentando sair?

– Trezentos ou quatrocentos.

Um sorriso abriu-se no rosto de Fera, iluminando-o com uma alegria quase assustadora.

– Nós acabamos de descobrir como sair da cidade.

Duval sorriu de volta, entendendo imediatamente o que ele quis dizer.

– Nossas forças podem sair com os mercenários.

Mortain plantou as mãos na mesa e debruçou-se para frente.

– É um excelente plano para chegar ao rei francês, mas ele não trata de como Annith vai voltar para a cidade em segurança.

– Vamos ter de planejar duas distrações e usar nossos canhões. Podíamos mandar uma surtida por esse portão lateral. – Duval apontou para o mapa. – Os franceses iriam pensar que estaríamos tirando vantagem da partida dos mercenários quando, na verdade, estaríamos criando nossa própria distração. É bem comum para sitiados fazerem ataques ao acampamento inimigo na esperança de encontrar alimento ou algum tipo de pilhagem.

– Então mesmo que o primeiro grupo disfarçado de mercenários não possa trazê-la de volta, o segundo pode abrir caminho para ela.

– Mas quem vai abrir caminho para eles? – Minha pergunta fez com que todos hesitassem. – Estamos tentando evitar mortes, não apressá-las. – A duquesa e eu nos entreolhamos, e, de repente, eu não tinha ideia de como ela suportava o peso daquelas decisões. Eu não poderia suportar, pensei. – Vocês estão pedindo a todos eles para sacrificarem a própria vida apenas para me dar uma chance de disparar uma flecha. Uma flecha que nós nem sabemos se vai funcionar…

– Vai funcionar – disse Mortain.

– Mesmo assim, não podemos exigir que tantos homens cavalguem para o que vai ser a morte certa.

Houve um grande momento de silêncio.

– É para isso que eles são treinados – explicou delicadamente o capitão Dunois. – E eles entendem muito bem a necessidade de que alguns morram para garantir que muitos outros possam viver. Isso é a própria natureza da vida de um soldado.

Mortain olhou para mim.

– E se – disse ele com gentileza – nós não pedirmos que seus homens cavalguem para a morte? Em vez disso, podemos pedir aos que já estão mortos.

– Os hellequins – sussurrei.

– Os hellequins. Eles querem expiar seus pecados e encontrar a redenção. Acredito que poupar milhares de vidas vai lhes garantir isso.

O bispo pigarreou.

– Podemos confiar neles em uma missão dessas sem a sua liderança?

Lentamente, Mortain virou-se para encarar o bispo, fazendo os outros homens recuarem. A amarga aceitação em seus olhos desfez um nó em meu interior, antes mesmo que ele falasse.

– Eu vou liderá-los.

O padre Effram deu um passo adiante, com as mãos entrelaçadas e a cabeça baixa em profunda obediência.

– Milorde, o senhor sabe o que vai acontecer se decidir se envolver em assuntos mortais, não sabe?

Mortain olhou para o velho padre quase como se estivesse surpreso por sua pergunta.

– Eu sei – disse ele.

Quando ninguém disse mais nada, não consegui me conter.

– O quê? O que vai acontecer se você se envolver nos assuntos dos mortais?

Mortain baixou o rosto outra vez para o mapa, evitando meus olhos.

– Vou morrer como um mortal.



A duquesa se ofereceu para preparar os aposentos para Mortain, mas ele educadamente recusou. Agora nós estávamos parados nas muralhas, com o vento quente do verão soprando em nossos cabelos.

– Você não pode fazer isso! – disse a ele.

– Você pode dar sua vida por seu país, mas eu não posso dar a minha pela sua?

– O peso da sua vida é muito diferente do peso da minha. A sua vida é contada em séculos, em vez de simples anos!

Ele virou o rosto.

– Aprendi que a qualidade de uma vida não é determinada por sua longevidade. E eu diria que a sua vida é mais valiosa que a minha. Ao menos para mim. Além disso, o mundo está mudando, e a idade dos deuses está chegando a um fim. Da mesma maneira que reinos menores estão sendo devorados pelos maiores, nós, deuses, também estamos sendo assimilados pelo Deus Único. Nosso tempo está se esgotando. – Quase como em uma reflexão tardia, ele girou a cabeça e olhou de cenho franzido para mim. – Você tem minhas habilidades militares em tão baixa conta para ter certeza de que vamos falhar?

– Não! Mas a razão de você e os hellequins nos ajudarem será salvar os outros da morte certa. A natureza da missão não mudou, e provavelmente será uma viagem sem volta. A única coisa que mudou é quem vai, e não tenho certeza se poderei suportar se você não retornar. – Dizer tais coisas fez com que eu me sentisse tola, pois nós não tínhamos falado sobre um futuro juntos. Bem, exceto pela sugestão de que eu me juntasse a ele no Mundo Inferior.

Entretanto, se ele morresse, eu ficaria absolutamente sozinha, sem nem mesmo a presença de Mortain para me sustentar com sua força e coragem, como quando eu era criança, pois o deus teria adentrado completamente o mundo mortal.

Só que essa era uma escolha que apenas ele podia fazer, lembrei a mim mesma. Assim como ser a pessoa que dispararia a flecha era uma decisão minha, por isso permaneci em silêncio.

– O que você vai fazer? – perguntou ele. – Depois? – Ele não disse “depois que eu morrer”, mas as palavras pairaram pesadamente no ar noturno.

Parei e pensei. O que eu *iria* fazer? Eu não tinha pensado além de nosso objetivo. A resposta veio de modo inesperado e surpreendente.

– Eu vou retornar ao convento. – Tomei sua mão na minha e a apertei. – Vou voltar ao convento e contar às outras sobre seu pai, e que tipo de homem, e deus, ele era.

Eu o surpreendi. Após um momento de silêncio, ele sorriu – um sorriso branco e deslumbrante que rasgou minha alma ao meio.

– E depois?

– E depois? Não sei.

Ele baixou os olhos para nossas mãos entrelaçadas.

– Vou esperar por você. Antes de seguir para o que quer que haja depois, vou esperar por você nos domínios da morte para que possamos viajar para lá juntos.

Meus olhos arderam com aquela oferta inesperada.

– Não – disse eu com determinação. – Não quero que você sofra mais do que precisa. Você já passou uma eternidade preso lá.

Ele sorriu.

– Eu não estarei sofrendo. – Ele estendeu a mão e a espalmou sobre o meu peito, sobre o meu coração. – Você sempre será o meu caminho. Através de você, vou ver minhas filhas crescerem, sentir a vida fluir através de suas veias, deleitar-me no amor que enche seu coração. Vai passar rápido.

Ele puxou-me para seus braços, e então nossa conversa se encerrou. Ele levou os lábios aos meus, pousou-os sobre minha boca com delicadeza, em um beijo que carregava o peso de mil outros que poderíamos jamais trocar novamente.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Na tarde seguinte, em um canto distante da cidade, assim que o sol começou a cair, os hellequins subiram pelas muralhas da cidade usando a mesma escada que os franceses haviam usado para penetrar nossas defesas. Eles vinham em uma torrente, uma escuridão sombria, ondulante e silenciosa. O próprio ar parecia se encolher diante da presença deles, e os poucos soldados que testemunharam aquilo se benzeram, expressando o medo na extrema palidez de seus rostos.

Meus olhos imediatamente se dirigiram para Balthazaar. Ele estava em sua forma mais humana, vestindo couro negro e cota de malha. Seu rosto estava escurecido, coberto por barba, disfarçando um pouco sua brancura sobrenatural.

Cinquenta hellequins foram voluntários para aquela missão, incluindo muitos que eu conhecia: Begard, Malestroit, Sauvage e Miserere, o último a escalar a muralha. Disse a mim mesma que isso nada tinha a ver com o fato de me conhecerem ou se preocuparem comigo; eles eram hellequins e tinham me jurado dezenas de vezes que não se importavam com mortais, e que seu único objetivo era a redenção. Metade iria me escoltar, e a outra, liderada por Miserere, atacaria as carroças de suprimentos dos franceses, o que seria a distração combinada.

Eles não voltariam. Seu único papel era nos fornecer uma rota de fuga que nos permitisse sair da tenda do rei de volta ao portão lateral e à segurança das muralhas da cidade.

Fera tinha encontrado quatro carbonários para nos acompanhar. Sua missão era tomar os canhões e usá-los contra o inimigo para nos ganhar tempo.

As arduinitas também tinham se juntado a nós e ofereceram suas arqueiras para atuar na cobertura, quando necessário. Como elas

eram as melhores arqueiras daquelas terras, nós aceitamos com prazer.

O marechal Rieux tinha providenciado os cavalos mais fortes, rápidos e habilidosos da cidade, mas Aeva me surpreendeu ao desmontar e conduzir seu cavalo até mim.

– Aqui – disse ela. – Monte este.

Mesmo que fosse um gesto simpático dela, e ela raramente era simpática, recusei com educação.

– Quero montar Fortune, pois ela está comigo desde o início de minha jornada.

– Minha oferta não é uma crítica contra Fortune, que é um belo cavalo. Mas meu cavalo foi treinado nos modos de batalha de Arduinna e tem algumas habilidades que a nobre Fortune não possui.

– Que tipo de habilidades? – perguntei, intrigada.

– Se você assoviar assim – ela colocou dois dedos na boca e emitiu uma nota penetrante –, ela irá até você. E se você apertar os joelhos e torcer as rédeas assim – ela demonstrou –, ela vai tropeçar e cair de mentira, surpreendendo seu adversário. – Ela continuou a me mostrar mais meia dúzia de truques que o cavalo conhecia, e, no fim, percebi que não podia recusar sua oferta. Muita coisa dependia do sucesso daquela missão.

O capitão Dunois tinha reunido uma montanha de equipamentos dos mercenários: armaduras de escamas, capacetes, luvas e outros apetrechos, apesar de, na verdade, não haver grande diferença entre aquilo e o que os hellequins já usavam.

Era eu quem mais tinha de me vestir. Eles haviam reformado uma sela especial para mim, que me permitia sentar um pouco mais alto no cavalo, oferecendo-me uma altura extremamente necessária. Eu estava usando duas armaduras de escama forradas, que davam a meus ombros e peito um volume adicional, e tinham a vantagem extra de ocultar meus seios. Por cima disso, eu usava um colete de couro cozido, braçadeiras e calças de montaria de couro. Fiquei sem entender como os soldados conseguiam se mexer depois de serem armados assim.

Quando chegou o momento de colocar o capacete, meu maldito

cabelo não ajudou.

– Talvez uma touca de linho o segurasse no lugar – sugeriu Sybella.

– Não precisa, vamos simplesmente cortá-lo – disse eu.

Ela hesitou por um instante, e virei-me para olhar para ela.

– Vai crescer de novo. E não posso correr o risco que ele se solte na hora errada, pois como eu iria me explicar?

– É verdade – murmurou ela. Em seguida, levou a faca ao meu cabelo e o tosou.

Experimentei outra vez o capacete, e então ouvi um farfalhar silencioso às minhas costas. Ao me virar, vi que os hellequins estavam ao redor de Sybella, pedindo a ela um cacho do meu cabelo para levar com eles. Por alguma razão, senti um nó se formar em minha garganta. Eu não entendia por que os hellequins queriam tal coisa, por isso fingi não ver e me ocupei com o último passo: sujar meu rosto com pó de carvão para disfarçar a suavidade de minha pele e minha limpeza. Levei alguns minutos agitando os braços para frente e para trás e fingi tensionar um arco, tentando me ajustar ao peso das armaduras.

Finalmente, estávamos todos prontos e montados em nossos cavalos.

– O posto de controle francês no portão principal está esperando vocês – informou-nos o capitão Dunois. – Os termos foram acertados. Vocês vão sair com um grupo de quase quatrocentos mercenários, por isso sua presença não deve atrair nenhuma atenção desnecessária.

– Os outros mercenários não vão perceber que nunca nos viram antes? – perguntou Miserere.

O capitão Dunois sacudiu a cabeça.

– Eram milhares deles na cidade, não há como nenhum homem ou contingente ter conhecido todos eles.

Apesar de Duval desejar estar ali, não havia razão para alguém em sua posição se envolver com a partida dos mercenários, por isso ele permaneceu no palácio. Ismae ficou com a duquesa. Fora ela quem cortou a mão da duquesa e espremeu seu sangue sobre a ponta da flecha, depois fechou o corte com um bálsamo curativo e o

enfaixou. Ela se recusou a se despedir de mim, na crença determinada de que eu voltaria.

Além de Sybella, Fera também estava ali, parecendo totalmente à vontade entre os hellequins. Na verdade, ele parecia prestes a pegar um cavalo e sair com eles, não fosse o fato de Sybella estar segurando seu braço bem firme.

– Tome cuidado – disse ela para mim. – E que todos os nove abençoem sua jornada.

Começamos a nos dirigir para o portão principal. Na parte norte da cidade, longe de nosso pequeno grupo, mil e quinhentas tropas bretãs nos esperavam, vestidas para a luta, com os cavalos de batalha prontos. Se falhássemos, eles destruiriam os canhões e inutilizariam as torres de assalto antes que pudessem ser usados contra nós. Mas essa também seria uma missão sem volta. Como eles não eram hellequins para abraçar a morte, rezei para que não fossem necessários.

Apenas alguns poucos escolhidos conheciam nosso plano, por isso quando passamos pelos soldados e cavaleiros na cidade, eles nos ridicularizaram e jogaram comida podre e pedras em nós, achando que éramos mercenários abandonando-os à sua própria sorte. Até que Sauvage quase derrubou um grupo deles com seu cavalo, fazendo-os saltar do caminho. Então eles restringiram sua insatisfação a insultos em voz baixa.

Eu ia no centro do grupo, bem atrás de Miserere, seguida por Malestroit. Balthazaar ia à frente. Eu era o elo mais fraco naquela corrente que havíamos construído, pois era menor que quase todos os outros, com a exceção de Begard – com meu enchimento e a plataforma na sela, estava quase do mesmo tamanho dele. Por sorte, o capitão Dunois nos garantiu que nem todos os mercenários eram tão grandes quanto os hellequins, por isso, assim que nos juntássemos ao grupo principal, deveríamos ficar ainda menos perceptíveis.

A onda de mercenários em deserção aguardava no interior dos portões da cidade. Eles acreditavam que a duquesa e seus conselheiros não tinham conhecimento de sua fuga, e por isso simplesmente ameaçavam as sentinelas, que tinham sido instruídas

a não resistir nem tentar enfrentá-los para não lhes criar nenhum problema.

Enquanto atravessávamos a cavalo o arco de pedra, estava aterrorizada que nosso plano tivesse vazado para os franceses de algum modo e eles estivessem a nossa procura em meio aos outros. Mas os poucos soldados e oficiais franceses esperando logo diante do portão simplesmente gesticularam para que passássemos. De início, estavam alertas e nervosos, e tinham uma divisão de arqueiros com arcos tensionados para o caso de sermos algum tipo de surtida ofensiva disfarçada. Mas, depois que o último de nós saiu e ninguém atacou, eles baixaram a guarda.

– Onde pegamos nosso ouro? – gritou um dos homens.

O capitão francês não tentou ocultar seu desdém.

– Ali. – Ele apontou na direção do acampamento. – Na tenda do oficial responsável pelas provisões. – Balthazaar e eu nos entreolhamos, satisfeitos com aquele desenrolar, pois nos levava ainda mais perto de nosso alvo sem atrair qualquer atenção sobre nós.

Enquanto abríamos caminho através do acampamento, podíamos sentir o olhar dos soldados franceses sobre nós. Alguns nos encaravam com explícita aversão, outros com mera curiosidade. Mercenários não eram muito amados por soldados lutando por seu senhor.

Enquanto os minutos se arrastavam, misturamo-nos com os outros, esperando o pagamento. Cada capitão teve de apear e assinar pela bolsa, ficando responsável por distribuí-la entre seus homens. Quando chegou a vez de Balthazaar, não pensei ser a única prendendo a respiração. Ele ainda não parecia totalmente humano para mim, especialmente sob a luz dura e imperdoável do dia. Mas os soldados não perceberam. Ou não pareceram perceber. Todos o observaram com cautela; na verdade, ele parecia muito mais perigoso que todos os outros que já tinham recolhido seus pagamentos. Depois de assinar, ele pegou a bolsa, jogou-a na mão como se sopesasse o conteúdo, em seguida soltou um resmungo de aprovação. O oficial voltou sua atenção ao mercenário seguinte, mas eu só recuperei totalmente o fôlego quando Balthazaar retornou

a seu cavalo.

Um dos hellequins que eu não conhecia bem, mas que reconheci do tempo que passara com eles, bateu no peito.

– Estou com fome! Não comemos nada além de ratos nas últimas semanas. Estou faminto.

Encolhi-me, com medo de que ele estivesse exagerando, pois não tínhamos chegado ao ponto de comer ratos. Ainda.

Mas alguém apontou a ele o centro do acampamento e as carroças de suprimentos, onde havia comida à venda, disseram-lhe. Ele piscou.

– E mulheres? – O soldado sorriu e acenou a cabeça afirmativamente, enquanto aquela necessidade comum forjava uma ligação entre eles que suas lealdades não tinham conseguido.

Foi uma boa jogada. Tendo um propósito para circular, começamos a andar pelo acampamento, evitando as tendas. Os hellequins conversavam entre si, alguns até em alemão, o que me impressionou um pouco.

Examinei o mar de tendas à procura do estandarte do rei. Era fácil de enxergá-lo das muralhas da cidade, mas ali no chão, era bem mais difícil discernir.

– Por aqui – murmurou Balthazaar, trazendo seu cavalo para junto do meu e alterando nossa direção. Eu mantinha a cabeça baixa, como se estivesse taciturna e mal-humorada.

Começamos a seguir rumo ao centro do acampamento, guinando levemente para leste, de modo que, quando as distrações ocorressem, pareceríamos estar correndo para lá, como o resto do acampamento. Inicialmente, ninguém prestou atenção em nós. Só depois de passarmos por uma dúzia de fileiras uma pessoa nos deteve.

– Alto aí! O que vocês estão fazendo? – perguntou um dos soldados em patrulha.

Foi Sauvage quem respondeu.

– O oficial de suprimentos nos disse que as carroças de comida e as mulheres ficavam por aqui.

O soldado não pareceu muito satisfeito, mas sem dúvida ficou desconcertado pela imagem aterrorizante e modos intimidadores de

Sauvage, e apenas resmungou baixinho.

Passamos por mais doze fileiras quando avistamos o pavilhão do rei. A tenda era ainda maior de perto, quase tão grande quanto um dos aposentos do palácio. Era de seda, com listras roxas e douradas, e tinha o estandarte do rei agitando-se no alto, tremulando alegremente sob a brisa quente. Todo o meu corpo tremia em antecipação, mas tentei manter a cabeça baixa para evitar chamar atenção. Era difícil, muito difícil. Eu queria observar, determinar meu curso e considerar as mil possibilidades, mas não ousei arriscar atrair o olhar de ninguém por tempo demais.

Quando estávamos a apenas três fileiras de distância do pavilhão do rei, eu ouvi: os gritos e a correria de soldados, acompanhados pelo trovejar distante de cavalos em movimento. Os soldados próximos à tenda do rei ergueram o pescoço de curiosidade quando o portão lateral se abriu e o segundo grupo de hellequins saiu. Nossa distração tinha chegado.

Olhei para Balthazaar, pois naquela hora *timing* era tudo. Tínhamos apenas alguns instantes para chegar à tenda, atirar no rei, e depois nos retirar. Se demorássemos demais em qualquer um desses passos, a chance de os hellequins voltarem comigo para a cidade evaporariam.

Ele acenou a cabeça e torci minhas rédeas do jeito que Aeva me mostrara. Meu cavalo relinchou e empinou, jogando-me no chão. Como eu estava preparada, consegui rolar de modo quase gracioso e evitei uma queda demasiado dolorosa. E agora eu estava no chão, a pé, e ninguém estava prestando atenção em mim, com a exceção de dois escudeiros, que riam. Então seu cavaleiro gritou com eles, e eles correram para ajudá-lo a vestir a armadura, montar e seguir atrás dos agressores bretões.

Fingi chutar meu cavalo em irritação, peguei suas rédeas e segui mancando atrás dos outros. Quando passamos atrás da tenda grande, peguei o arco no gancho em minha sela, e joguei as rédeas para Balthazaar. Ele pegou-as com facilidade, depois agiu como se ainda estivesse seguindo para as carroças de comida.

Um olhar rápido mostrou-me que não havia ninguém de vigia. A maioria dos soldados franceses ao redor estava correndo na direção

dos agressores bretões, ávidos para lutar depois de tantos dias de inatividade.

Corri, como se seguisse no mesmo rumo, mas logo virei para os fundos do pavilhão real. Balthazaar ergueu sua besta para oferecer cobertura se alguém me visse antes que eu chegasse à tenda.

Por um instante, a pura audácia de meu plano me deixou sem fôlego. Por minha causa, Mortain tinha se entregado a um destino mortal. Se eu falhasse, teria roubado de mim mesma não apenas um amante, mas o deus que me sustentara por toda a minha vida, e o pai de todas as garotas do convento. Elas jamais iriam conhecê-lo, nem como homem, nem como deus. Era a isso que seguir meus desejos tinha me levado.

Se Dragonette ou a abadessa estivessem ali, como iriam zombar de meu orgulho, de minha teimosia, do egoísmo absoluto de meus sonhos!

Mas elas não estavam ali, só eu. Por alguma razão, os deuses tinham posto a tarefa em minhas mãos. Aferrei-me ao pensamento e o guardei no fundo do meu coração. Sem dúvida, isso era um sinal de sua crença em mim.

Ou isso, ou Salonius, deus dos erros, tinha nos enganado.

Sem ninguém me observando, joguei-me no chão e rastejei até a borda do pavilhão para poder passar por baixo. Mas a tenda estava firmemente presa no lugar por uma estaca de madeira. Por mais forte que eu puxasse, ela não se mexia. Praguejando, peguei uma faca e comecei a perfurar a terra ao redor da estaca, tentando afrouxá-la. Finalmente, após longos e sofridos segundos, consegui arrancá-la. Fiz uma pausa para me assegurar de que minhas ações não tinham sido percebidas, dentro ou fora da tenda, e passei por baixo da seda pesada.

Parei e ouvi. Vozes. Discutindo. Um homem – o rei? – e uma mulher.

– E eu disse a você que não queria usar canhões. – Enquanto ele falava, comecei a rastejar de bruços, usando os baús próximos ao leito real para ocultar meus movimentos. – A questão toda é que esse exercício era para intimidá-la, e não destruir a cidade e todos os seus habitantes. Ela está completamente cercada. Seu país está

em nossas mãos. Nós só temos de esperar que ela reconheça isso.

– Você é mole demais. – A voz da mulher estava carregada de desprezo. – Ela não nos deu qualquer indicação de que está sequer considerando se render. – Lentamente, comecei a sacar a flecha de Arduinna de minha aljava. Ergui a cabeça para espiar por cima do grande baú de couro à minha frente.

– A irmã dela acabou de morrer. – A voz do rei era delicada, até compassiva. – Ela provavelmente está tomada pelo luto, assim como eu estaria se você morresse, irmã querida. – Havia um leve tom seco em sua voz que fez com que eu me perguntasse se ele ficaria realmente abalado como alegava.

– Nós temos de dar um fim a esta farsa.

– E vamos. A seu tempo. Mas não vamos usar os canhões. Agora, você gostaria de dar a ordem? Porque eu sei o quanto você detesta quando eu contradigo suas ordens diante dos homens.

Houve um longo e tenso momento, até que a regente disse:

– Eu faço isso.

Bum! Uma explosão estrondosa de arrebentar os ouvidos encheu o acampamento, reverberando por todo o vale.

O rei ergueu bruscamente a cabeça e olhou para a irmã. Ela sacudiu a cabeça.

– Eu não ordenei isso – disse ela, então saiu correndo da tenda. Para a minha surpresa, após um momento de hesitação, o rei a seguiu.

Fiquei congelada no lugar em choque enquanto via minha chance de evitar aquela guerra sair caminhando do pavilhão. E agora?

Enfiei a flecha de volta na aljava e fiquei de joelhos. A tenda do rei estava vazia, exceto pelos dois guardas parados logo na entrada. Se eu voltasse pelo mesmo caminho, encontraria Balthazaar, que faria o possível para me impedir de penetrar mais fundo no acampamento inimigo.

O que significava que eu teria de lutar para passar pelos dois guardas.

Saquei duas flechas normais, segurei uma entre os dentes, depois posicionei a segunda na corda do arco. Ainda agachada no fundo da tenda, lancei a primeira flecha, que atingiu o guarda na traqueia,

garantindo seu silêncio ao morrer.

Antes que pudesse armar a segunda flecha, o outro guarda sacou a espada e saltou na minha direção. Ele era mais rápido do que parecia, e eu mal consegui largar o arco, pegar a faca em minha cintura e erguê-la a tempo de bloquear o golpe de sua espada. A força do golpe mandou uma onda de choque através de todo o meu braço. Com nossas lâminas cruzadas, vi em seus olhos o momento em que ele decidiu chamar reforços. Quando abriu a boca, ergui a mão livre como se fosse colocá-la no cabo da faca para obter mais alavanca. No último minuto, peguei um segundo punhal oculto em meu pulso, em seguida girei dentro de sua guarda e o enfiei em sua garganta, cortando seu grito de ajuda. O sangue jorrou em meu rosto como uma chuva quente, mas eu mal percebi.

Rolei o guarda menor para o lado, soltei o cinto de sua espada, e arranquei seu tabardo francês por cima de sua cabeça. O tabardo o identificava claramente como membro da guarda real, e usá-lo poderia me ajudar a chegar mais perto do rei. Eu o vesti, depois peguei seu capacete e sua espada também.

Apanhei meu arco no chão, com o coração martelando – não de medo, mas de antecipação, percebi – e usei a empolgação para me impulsionar até a porta. Duas outras sentinelas aguardavam do lado de fora, mas, sem a presença do rei, sua atenção estava concentrada na fumaça e no barulho que vinham da parte norte do acampamento em vez de na tenda vazia às suas costas. O que me facilitou chegar em silêncio por trás deles e cortar suas gargantas, atingindo as cordas vocais exatamente como a irmã Arnette tinha nos ensinado tantos anos atrás.

Só que, daquela vez, não vomitei, nem senti uma contração de náusea no estômago. Em vez disso, fui tomada por uma satisfação cruel, pois eu estava bem mais perto de meu objetivo.

Capítulo Cinquenta e Cinco

Homens gritavam, cavalos relinchavam, e cascos trovejavam enquanto centenas de soldados corriam na direção de uma torre de cerco em chamas. Sem querer arriscar chamar atenção, juntei-me a eles. A regente disse que ia retirar a ordem de disparar os canhões, e eu só podia esperar que o rei tivesse ido atrás dela.

Quando estava bem distante da tenda, levei os dedos à boca e assoviei como Aeva tinha me ensinado. Como o ar estava cheio com os gritos dos soldados, o clangor de espadas e o baque surdo de cavalos a galope, não vi meu próprio cavalo se aproximando até que estava quase em cima de mim. Saltei sobre as costas do animal e me senti instantaneamente mais segura por estar montada. Minha visão também era melhor assim, e agora eu podia ver acima da cabeça dos soldados no chão.

O rei estava em seu cavalo, parado no meio de um grupo de sua cavalaria, conversando com a irmã e o capitão encarregado dos canhões restantes. Não havia como atravessar os inúmeros soldados que se colocavam entre mim e meu alvo.

Olhei ao redor à procura dos hellequins com quem eu saíra. Eles estavam à distância de meio tiro de flecha do pavilhão real, esperando e procurando. Por mim. Balthazaar parecia examinar a multidão com mais intensidade do que os outros, sem jamais afastar demais seu olhar taciturno da tenda. O desespero começou a se entranhar em meus ossos, pois cada complicação acrescentada a nosso plano simples diminuía as chances dele de voltar para a cidade.

Olhei de volta para o rei. Apesar de estar ao alcance de meu arco e de estarmos ambos montados, havia muitos cavaleiros entre nós. Eu mal podia ver o topo de sua cabeça. Não sabia se minha pontaria seria tão boa quanto a de Arduinna, e era fácil demais errar

e desperdiçar a flecha em uma das pessoas que o cercavam. Então, nossa única chance estaria perdida.

Considerei minhas opções. Um canhão ainda soltava fumaça, e uma das torres de assalto estava em chamas, e centenas de tropas francesas transportavam baldes para que o fogo não se espalhasse. A segunda torre permanecia abandonada. Nossa distração secundária já tinha saído do portão lateral. Cem cavaleiros franceses montados estavam atacando com vigor a surtida que escapara – na verdade, apenas um punhado de hellequins.

Eles não durariam muito mais, não em tamanha inferioridade numérica.

Olhei para a segunda torre de assalto e calculei a distância até o rei. Do alto dela, poderia vê-lo com facilidade, e era até possível que ele estivesse ao alcance de meu arco. Seria muito mais provável acertar a flecha se ela viesse de cima.

Isso se eu conseguisse chegar à plataforma.

E se eu conseguisse evitar atrair a atenção de *todos* os arqueiros franceses do acampamento.

Depois de decidir que aquela era minha melhor opção, apertei de leve os calcanhares na barriga de meu cavalo, que saltou para frente. Desliguei-me dos ruídos e da confusão à minha volta e me concentrei na plataforma acima das rodas da torre de assalto. Segurei-me na frente da sela para me firmar, ergui os pés e sentei sobre eles. Em seguida, como tinha feito centenas de vezes antes, conectei meu corpo aos movimentos do cavalo e comecei a me erguer. Mal tinha ficado de pé, e lá estava a plataforma, bem à minha frente. Não tive tempo para pensar, devia apenas reagir para não cair do cavalo. Levantei os braços bem na hora exata e me segurei quando minhas costelas bateram com força contra a plataforma, e agradeci em silêncio pelas duas armaduras de escamas acolchoadas que estava usando. Subi na plataforma, aliviada ao sentir a solidez da madeira sob meus pés. Temendo ter chamado atenção mas sem querer parar para descobrir, corri até as vigas e treliças da torre de assalto, dei a volta em uma delas e apertei-me contra ela. Só então olhei para trás para conferir se tinha sido vista.

Ninguém parecia ter notado. Virei a cabeça e observei por cima do ombro os muros da cidade. Dali, eu estava exposta, mas os que estavam no campo não conseguiam me ver. Ou não tinham se dado ao trabalho de olhar para cima. De qualquer modo, era um pequeno golpe de sorte, e eu ia aproveitá-lo.

Tirando o arco do ombro, procurei a figura do rei. Eu agora podia vê-lo melhor, e, daquela altura, devia ser capaz de atirar sobre a cabeça de seus acompanhantes e criados. Só que, agora que eu estava ali, livre da pressão dos corpos, percebi que estava quase longe demais. Além disso, o vento estava vindo da direção errada, soprando para mim e ao contrário do rei, o que ofereceria resistência contra a flecha, reduzindo sua velocidade e alcance, e tornando o disparo impraticável.

Enquanto eu observava, seus acompanhantes se afastaram. Ele estava se preparando para desmontar e, uma vez no chão e em meio à multidão, eu jamais poderia acertá-lo.

Restavam-me apenas opções impossíveis. Embora eu não fosse divina nem tivesse nenhum dom de nascimento, parecia que tudo o que eu lutara para conquistar, tudo o que eu treinara, e todas as habilidades que eu praticara tinham me levado àquele momento.

Eu também já julgara impossível deixar o convento, ou confrontar a abadessa, ou encontrar um deus cara a cara, que dirá me apaixonar por um. Coisas impossíveis aconteciam. Mas só se nós as fizéssemos.

Saquei a flecha embebida no sangue da duquesa, e a posicionei no arco, erguendo-o; as penas negras da flecha fizeram cócegas em meu rosto. *Querida Arduinna*, rezei, apontando a flecha. *Apesar de estar há pouco tempo a seu serviço, por favor, permita que eu seja seu instrumento nisso. Guie esta flecha, pelo amor que um dia a senhora já teve por ele, pelo amor que pode nutrir por mim, como uma marcada por sua própria mão, mas, principalmente, para salvar todos os inocentes do horror da guerra.*

Enquanto rezava, o vento amainou, como se a deusa o estivesse segurando. Mas não disparei naquele momento, pois com o ar parado eu ganharia apenas três metros, e precisava de ao menos dez. Momentos depois, senti uma lufada contra minha nuca,

soprando os fios de meu cabelo para frente e fazendo com que roçassem minhas bochechas.

Ainda assim, não atirei.

Esperei até que a brisa passasse pelo meu rosto, descesse pelo meu ombro, até ver a grama no campo abaixo de mim começar a ondular conforme o vento seguia seu caminho encosta abaixo, dançando. Então, quando ele estava favorável para impulsionar a flecha adiante, soltei a corda.

Naquele exato instante, finalmente pronto para apear, o rei se ergueu nos estribos, ficando um pouco mais alto do que os que estavam à sua volta. A flecha acertou-o na parte carnosa do braço – rezei aos santos para que ele não estivesse usando uma armadura completa –, em seguida se desintegrou, caindo no chão em uma chuva de poeira negra.

Fiquei olhando, apavorada. Será que a flecha era velha demais para suportar o impacto? Ou aquilo fazia parte da própria mágica da coisa?

O rei franziu o cenho e passou a mão no braço. O que quer que tivesse acontecido, ele havia sentido, e isso era um bom sinal. Ele abaixou-se e aproximou-se para examinar um rasgo em sua manga, e seus dedos saíram vermelhos de sangue. Fechei os olhos, e meu corpo começou a relaxar de alívio.

Mas meu alívio teve vida curta, pois eu tinha sido notada. Uma pequena força de besteiros franceses havia me visto. Eles se ajoelharam no campo e ergueram as bestas. Joguei-me para trás da grossa viga de sustentação da torre, rezando para que não tivessem uma boa mira, e tornei a armar meu próprio arco.

Uma série rápida de pancadas abafadas, como marteladas, caiu sobre mim. Sua força fez a madeira tremer um pouco. Mas nenhuma flecha me encontrou. Enquanto os besteiros recarregavam as armas, olhei ao redor, ergui o arco e lancei um disparo. Derrubei um, mas havia facilmente mais uma dúzia, e me encolhi de novo atrás da segurança de minha viga. Enquanto sacava outra flecha, percebi que não havia como enfrentar todos eles.

Eles tornaram a disparar. Uma das penas assoviou ao passar junto de meu ouvido, errando o mastro. Assim que a saraivada terminou,

virei e disparei outra vez, eliminando mais um. Só restavam dez.

Uma terceira rajada de flechas me prendeu outra vez atrás da viga, mas agora não eram tão numerosas. Dois arqueiros a menos não podiam fazer tanta diferença assim.

Captei um vislumbre de movimento à minha esquerda. Então vi que dois besteiros haviam saído da formação e estavam se aproximando de mim, um de cada lado. Eu conseguiria acertar um, mas não os dois. *Merde*. Apontei o arco para o que estava à minha direita, pois era o que estava mais perto de conseguir disparar. Quando minha flecha se enterrou em sua órbita ocular, virei-me para encarar o outro. Mas era tarde demais: sua besta já estava erguida, apontada para mim.

Capítulo Cinquenta e Seis

Uma forma grande e escura atacou o besteiro; a luz do sol refletia na espada enquanto ela fazia um arco na direção de seu pescoço. O tiro passou longe, e então seu corpo sem cabeça desabou no chão.

Balthazaar.

Houve um clangor de aço à medida que o resto dos hellequins caía sobre os besteiros remanescentes. Corri até a beira da plataforma.

– Por que você demorou tanto?

Ele conduziu o cavalo de modo a ficar diretamente abaixo de mim.

– Nós fomos detidos.

Sem dar a mim mesma tempo para pensar, saltei. Fiquei sem fôlego, tomada por uma sensação atordoante, e por um momento de terror temi errar, mas o cavalo deu uma guinada para frente, e em seguida os braços de Balthazaar estavam ao meu redor.

A infantaria, com suas lanças e piques, agora estava correndo em nossa direção. Savage e o resto dos hellequins viraram seus cavalos para enfrentá-la.

– Vão! – Exclamou Sauvage olhando para trás, brandindo a espada. O peso do desespero de Balthazaar por ter de deixar seus homens cercados e em inferioridade numérica apertou meu coração como se fosse uma pedra.

Malestroit ergueu seu martelo enorme e balançou a cabeça, mas eu não soube dizer se era uma despedida, uma demonstração de alívio ou uma bênção. Aí ele esporeou sua montaria para o interior da refrega, girando loucamente o martelo.

Virei-me, incapaz de assistir quando ele caísse. Outro contingente de piqueiros veio correndo do acampamento; as pontas afiadas de seus piques reluziam prateadas à luz do sol. Os braços de

Balthazaar apertaram-se ao meu redor.

– Fique abaixada – disse ele, e puxou-me para junto de seu peito, cobrindo-me com seu corpo enquanto galopava para o portão lateral da muralha.

Mas os franceses tinham percebido para onde estávamos seguindo, e sabiam que era eu quem tinha atirado em seu rei. Eles também seguiram na direção do portão. Pelo canto do olho, vi fileiras de arqueiros se adiantando. Eles ajoelharam-se e sacaram seus arcos. Encolhi-me o máximo possível e rezei para todos os deuses existentes.

O ruído do disparo das cordas encheu o ar, seguido pelo zunido de flechas em voo. Eu me preparei. Atrás de mim, Balthazaar emitiu um grunhido, em seguida deu um solavanco para frente.

Antes que eu pudesse ver se ele tinha sido atingido, outra saraivada de flechas caiu chovendo do céu, só que essas vinham da própria cidade. Olhei para o alto das muralhas, e meu coração se encheu de alegria ao ver as arduinitas alinhadas ao longo das ameias, já disparando outra série.

Agora estávamos quase no portão, quase em segurança. Balthazaar curvou-se mais baixo na sela e algo molhado começou a se espalhar pelas minhas costas.

Uma segunda saraivada veio dos franceses atrás de nós, mas agora eram menos flechas, pois as arduinitas tinham reduzido seus números. Balthazaar moveu-se bruscamente outra vez, e a pressão de seus braços ao meu redor se afrouxou. Estávamos a meio disparo de besta de distância do portão, mas ele começou a cair. Esforcei-me para manter o equilíbrio, encontrar um modo de me segurar tanto a ele quanto ao cavalo sem cair, mas não consegui. Quando ele tombou, seu peso me arrastou da sela, e nós dois mergulhamos direto no chão. Seu cavalo demoníaco empinou, agitando os cascos e dilatando as narinas, antes de virar e galopar direto para os soldados que nos atacavam.

O impacto me fez perder totalmente a respiração, e por um instante temi ter quebrado todos os ossos do corpo. Mas, mesmo ao cair, Balthazaar conseguiu se manobrar para atingir o solo primeiro, reduzindo meu impacto. Enquanto rolávamos para lados diferentes,

vi que ele tinha facilmente meia dúzia de flechas se projetando dele. Meu coração foi consumido pelo pânico. Comecei a rastejar na direção dele, mas tive de parar quando uma salva de flechas francesas choveu à nossa volta, lançando a derradeira em seu peito. Ouvi um ruído de disparo baixo, quase silencioso, quando as arduinitas responderam com outra saraivada.

Usando isso como cobertura, arrastei-me até o lado de Balthazaar. O terror absoluto tomou meu coração ao ver como seu rosto estava branco, como seu corpo estava imóvel. *Não, não, não*, eu gritava por dentro. Não era assim que devia ser. Ao longe, um cão solitário começou a latir, um som assustador e arrepiante mesmo em plena luz do dia. Mais cães se uniram ao lamento, e a própria terra pareceu estremecer e depois parar, como se as próprias leis da existência estivessem sendo testadas.

Todo o campo ficou em silêncio enquanto eu olhava para a forma sem vida de Balthazaar. Para os braços que eu nunca mais sentiria ao meu redor, e para os lábios que eu nunca mais persuadiria a sorrir.

– Não… – sussurrei, levando a mão em concha ao rosto de Balthazaar e apertando minha testa contra a dele. Sabia que seu amor não morreria com ele, que eu sempre o levaria comigo, mas esse era um conforto frio e vazio. Minha respiração saía rouca e entrecortada, e eu não tinha certeza se conseguiria respirar fundo outra vez.

Nesse instante, uma trombeta soou. Três toques curtos. Não sabia o que aquilo significava, mas os soldados franceses sabiam. Relutantemente, com olhares mal-humorados e sombrios, eles embainharam suas armas e baixaram as lanças. Um cavaleiro montado surgiu à frente e gesticulou para que eles recuassem.

Ele os estava enxotando dali.

Quando estavam fora do alcance das flechas, o cavaleiro virou e acenou para mim com a cabeça. Tive vontade de gritar para ele que tinha chegado tarde demais.

Mas outros começavam a nos alcançar. Os soldados saíam pelo portão da cidade, cobertos pelas arduinitas e sua ameaça de mais flechas. Alguém me agarrou pelo braço e tentou me puxar de volta

para a segurança dos portões, mas eu me recusei. As brigantianas vieram em seguida, trazendo com elas uma maca para carregar Balthazaar de volta. Antes de transferi-lo, elas pararam para examinar seus ferimentos. Duas flechas tinham penetrado diretamente em seu peito, e suas pontas tinham perfurado até a cota de malha que ele usava.

Com cuidado, as brigantianas quebraram as pontas das flechas dos cabos e as puxaram lentamente de seu peito. Quando as flechas deixaram seu corpo, Balthazaar arqueou as costas. Ele engasgou em seco e inalou um grande hausto de ar. Seu rosto se contorceu de dor. Ele levou a mão ao peito, e fiquei olhando fixamente sem acreditar.

– Isso dói – reclamou ele, e eu ri, exultante e assustada.

– Claro que dói – disse eu. Então me curvei e comecei a derramar beijos sobre seu rosto. – Você está vivo.

Ele afastou a mão do peito e olhou para o sangue vermelho que cobria sua palma.

– Estou vivo. – A surpresa em sua voz era equiparável à minha. Nesse instante, uma sombra caiu sobre nós, e quando ergui os olhos, vi o padre Effram.

– Ele está vivo – sussurrei, com medo de que, se falasse alto demais, alguém ouvisse e me roubasse isso.

O padre Effram sorriu.

– Ele está vivo.

– Mas como?

Ele me deu um sorriso gentil, mas, antes que eu pudesse falar, Balthazaar começou a tossir, apertando o peito. Estava quase entrando em pânico, mas o padre Effram pôs a mão em meu ombro.

– Esse ferimento não vai matá-lo. A primeira morte só o torna mortal. É a segunda morte que pode levá-lo deste mundo.

– Como o senhor sabe disso?

Ele olhou de mim para Balthazaar. Acompanhei seu olhar e vi que Balthazaar o encarava enquanto o reconhecimento lentamente enchia seus olhos. Ele soltou uma risada engasgada, em seguida apertou o peito outra vez.

– Salonius.

O Padre Effram inclinou a cabeça.

– A seu serviço, milorde. – Em seguida, ele se virou para mim, boquiaberta. – Eu sei porque eu também já fui um deus.

– O senhor é, era, Saint Salonius?

– Sim. – Ele olhou Balthazaar mais uma vez, com uma expressão séria. – E isso… Será que isso acerta tudo o que há entre nós? – disse ele para o homem que já tinha sido a Morte.

Balthazaar encarou-o por um bom tempo, e então assentiu.

– Sim. – Ele estendeu a mão. O padre Effram a tomou e fechou os olhos, quase como se estivesse recebendo uma bênção.



Balthazaar seria levado para o convento brigantiano para que elas pudessem cuidar de seus ferimentos, mas foi difícil – difícil demais – soltar sua mão. Eu queria acompanhá-lo, ficar para sempre ao seu lado, se necessário, garantir que ele era real e não me seria tomado.

Mas havia outros de quem precisava cuidar.

Uma trégua havia sido estabelecida, e as forças bretãs deixaram a segurança das muralhas da cidade para recuperar nossos mortos. Todo soldado parecia saber que, se não fosse pelos hellequins, seriam seus próprios cadáveres que estariam sendo carregados de volta em uma liteira.

Dos cinquenta hellequins que atacaram, vinte e oito corpos nos foram devolvidos, entre eles os de Begard e Malestroit. Lentamente, abaixei-me até Malestroit. Seu rosto não estava mais tomado pelo pesar, mas por serenidade. Beijei a ponta dos meus dedos e os comprimi sobre sua testa.

– Adeus – sussurrei. – E obrigada. Que você finalmente encontre a paz.

Begard parecia ainda mais jovem na morte, relaxado, sem nenhum traço de culpa ou arrependimento vincando seu rosto. Despedi-me dele também. O padre Effram se juntou a mim e, juntos,

caminhamos entre os hellequins mortos. Ele lhes deu uma bênção final, e eu me despedi de cada um deles.

Alguns corpos não foram recuperados, e eu não sabia o que isso significava. A maioria dos que não foram resgatados estava na surtida contra as carroças de suprimentos, entre eles Miserere. Pensei em seu rosto feroz e implacável e lamentei que ele talvez não tivesse encontrado a redenção que buscava de modo tão desesperado.

De nosso próprio grupo de hellequins, apenas três corpos não foram encontrados: o de Sauvage e o de outros dois cujos nomes eu não sabia. Mas os pranteei da mesma forma.

Só quando todos estavam sendo cuidados e tratados, e depois de confirmar com meus próprios olhos que a trégua continuava valendo, permiti-me voltar ao palácio por tempo o suficiente para tirar minhas roupas encharcadas de sangue, lavar a sujeira de mim, e seguir para o convento brigantiano.



Não fui questionada no convento, e conduziram-me imediatamente ao quarto de Balthazaar. Era limpo e cheirava a ervas pungentes. Parei à porta e fiquei olhando fixamente para a figura na cama, maravilhada ao ver seu peito se erguendo e baixando enquanto ele respirava, maravilhada ao ver a palidez da morte deixar o seu rosto. Ele não parecia mais ter sido esculpido no mais branco dos mármores.

Ele estava, percebi, pulsando com vida.

Nós tínhamos conseguido, ele e eu. Nós não apenas evocamos um último hausto de magia da flecha sagrada de Arduinna, mas conseguimos inverter a ordem do mundo e criar nele um lugar para Balthazaar. Eu esperava que fosse ao meu lado, apesar de não termos discutido isso.

– É um milagre, não é? – uma voz falou. Virei-me e encontrei uma freira grisalha parada ao meu lado, com o rosto enrugado iluminado

de surpresa e assombro.

– É mesmo – concordei.

Ela olhou para mim, inclinando a cabeça.

– Foi por você que ele fez isso?

A pergunta dela me fez hesitar, sem saber ao certo como responder aquilo. Ele tinha feito aquilo por mim? Ou porque finalmente haviam lhe oferecido uma chance? Talvez as duas coisas não pudessem ser separadas uma da outra.

Ao ver meu desconforto, a freira abriu um sorriso cálido, deu-me um tapinha no braço e foi cuidar de seus afazeres, deixando-me sozinha com ele.

– Pare de espreitar nas sombras. – A voz de Balthazaar trovejou da cama. – Esse é meu papel, não o seu.

Não consegui evitar: eu ri. Aproximei-me de sua cama. Ele tinha uma expressão muito curiosa no rosto.

– Você ainda está sentindo muita dor? – perguntei.

– Estou – disse ele, sem amargura nem sofrimento, apenas assombro. Ele ergueu uma das mãos e olhou para ela fixamente, depois virou-se para mim. – Mas sinto prazer também. Tudo… – Ele olhou ao redor, encarando os raios de luz do sol que brincavam sobre as sombras. – Tudo está tão *mais*… mais delineado, com mais nuances. E… – Ele voltou o olhar para mim. – Intenso.

O calor em seus olhos quase me deixou nervosa. Eu não sabia o que fazer com um Balthazaar alegre. Ele tomou minha mão com uma expressão de dor, em seguida a apertou contra os lábios. – Não posso acreditar que você conseguiu criar um lugar para mim neste mundo.

– *Nós* conseguimos – lembrei a ele. – Não apenas eu, mas nós. Juntos.

Ele encarou-me por um bom tempo com seu olhar sombrio e ilegível, e desejei saber o que ele estava pensando. Ele sacudiu a cabeça, como se não estivesse compreendendo.

– Nunca ninguém tinha me convidado para compartilhar uma vida antes.

Em seguida, ele puxou bruscamente minha mão, fazendo-me perder o equilíbrio e cair sobre a cama. Tentei me levantar, temendo

machucá-lo ainda mais, mas seu outro braço me envolveu e ele se moveu, abrindo caminho para mim a seu lado. Com medo de lhe causar mais agonia se o evitasse, e também porque era onde eu queria desesperadamente estar, permiti-me ser aninhada em seu corpo.

Sua mão percorreu minhas costas em uma carícia longa e lenta.

– Os hellequins? – perguntou ele.

Apertei-me mais contra ele, como se nossa proximidade pudesse diminuir a dor das palavras.

– Devem ter encontrado a paz que buscavam – disse eu. – Recuperamos mais de metade dos corpos, incluindo os de Malestroit e Begard.

Sua mão em minhas costas ficou imóvel.

– E os outros?

– Não encontramos sinais deles.

Observei-o enquanto uma onda de um tipo completamente diferente de dor atravessava seu rosto.

– Eu esperava que todos terminassem suas jornadas naquele campo.

– Eu sei. O que vai acontecer com eles agora?

Ele abriu a boca, depois a fechou e franziu o cenho.

– Não sei. Não tenho certeza do que vai acontecer com nenhum deles agora. Nós já sabemos se a flecha funcionou?

Fiquei aliviada por ter boas notícias para compartilhar com ele.

– Sabemos que eles ofereceram uma trégua e que cessaram as hostilidades, pelo menos por enquanto. Eu quero crer que isso seja uma ordem do rei enquanto ele decide qual a melhor maneira de seguir a direção para onde seu coração lhe aponta.

No silêncio que se seguiu, pude ouvir Balthazaar respirar, emitindo um som leve e entrecortado. Tive vontade de perguntar sobre nós, o que aconteceria conosco agora. Tínhamos conversado como viver um sem o outro, mas não ousamos sonhar com o que poderíamos fazer se nossa aposta funcionasse.

– Você chegou a pensar no que vai fazer agora que está livre? – disse eu.

– Desde que você esteja ao meu lado, pouco me importa. Exceto

que…

– O quê?

Ele se remexeu desconfortavelmente na cama.

– Em algum momento, eu gostaria de conhecer minhas filhas, vê-las cara a cara e, de algum modo, tornar-me parte da vida delas.

Naquele momento, eu me dei conta de que, se já não estivesse apaixonada por ele, eu teria me apaixonado. Ergui-me sobre o cotovelo e olhei fixamente para o seu rosto, perdendo-me naqueles olhos que agora continham muito mais luz e esperança que desolação.

– Então é para lá que iremos primeiro.

Capítulo Cinquenta e Sete

Dois dias mais tarde, a duquesa estava recebendo sua corte no grande salão. Não havia muita gente, pois toda a cidade estava tensa, esperando para ver o que os franceses iam fazer. Claro, os cidadãos não sabiam da flecha nem de nossas esperanças em relação àquilo, mas eles haviam testemunhado a escaramuça, ou ouviram os rumores, e se perguntavam o que ela anunciava.

Era a primeira vez que eu acompanhava a duquesa desde que saímos rumo ao acampamento francês, pois ela tinha me liberado para cuidar de Balthazaar e seus ferimentos.

Sybella e Fera tinham ido ao convento brigantiano naquela manhã para passar algum tempo merecido com suas famílias. Ismae e Duval estavam jogando xadrez enquanto o resto de nós fingia não ver – ele estava tentando ensiná-la, e ela estava muito impaciente. Ela não se importava com o fato de ele ser muito melhor que ela no jogo, e passava a maior parte do tempo olhando para ele.

No momento em que Duval capturou o segundo bispo de Ismae e disse “Xeque!”, uma das sentinelas entrou correndo no salão, com o rosto pálido e os olhos arregalados. Aproximei-me da duquesa e levei as mãos às facas. Esquecendo do jogo, Ismae e Duval ficaram de pé.

– O que aconteceu? – perguntou Duval.

– Temos um visitante. – O mensageiro limpou a garganta. – É o rei francês. – A descrença em sua voz refletia-se na expressão de todos.

– Qual o tamanho de seu destacamento?

– Apenas quinze besteiros. Ele está trazendo uma bandeira de trégua. – O homem tornou a limpar a garganta. – E uma rosa.

Com um sorriso, Duval virou-se para a duquesa, que estava alisando o vestido e ajeitando o enfeite em sua cabeça.

– Sua Graça? – Pela primeira vez desde que o conheci, reconheci esperança em seu tom. O que fazia com que ele soasse mais jovem.

– Se ele está aqui para nos ver, então mande-o entrar sem demora – disse a duquesa, trocando um olhar comigo.

A sentinela retirou-se, estupefata, e todos esperamos. A esperança encheu o ambiente como o canto dos pássaros.

O rei francês entrou no salão com um pequeno grupo de sua guarda. Minha primeira impressão foi que ele era menor do que eu pensava, e a seguinte foi que ele estava vestido de maneira simples, mas elegante. Ele não era bonito em nenhum sentido, mas seus olhos eram bondosos. A duquesa fez uma reverência, em consideração à sua posição mais elevada.

– Sua majestade.

Ele respondeu com outra reverência.

– Enfim nos conhecemos pessoalmente – disse ele. Em seguida, com mais delicadeza: – Sinto muito por sua perda recente. – Para minha surpresa, havia tristeza verdadeira em seus olhos; aquele não era um truque gentil de corte, mas compaixão autêntica.

– Isabeau deixou muita saudade, sua majestade.

Ele olhou ao redor para os poucos cortesãos no salão.

– Será que poderíamos conversar em particular?

– Mas é claro. – Ela dispensou todos os membros de sua corte, exceto Ismae e eu, e o rei, por sua vez, dispensou sua guarda. Depois disso, ele apontou para uma das janelas, e eles foram se sentar juntos.

A voz dele era baixa, mas eu tinha muita prática em ouvir atrás das portas.

– Se pudermos, eu esqueceria essas hostilidades. – Ele estava perfeitamente imóvel, exceto por seus dedos, que remexiam em seu chapéu. Foi quando percebi que ele não estava falando como rei, mas como um igual, o que dava crédito a ele. – A verdade é que eu passei a admirar a mente aguçada e o espírito ardente por trás de minha nobre adversária, e agora que estou aqui, bem… – Ele parecia embaraçado, como se a lisonja não fosse fácil para ele. – Eu não esperava que uma defensora de seu povo tão feroz e

valente como você fosse também tão adorável.

Enquanto ele falava, algo dentro de mim relaxou, pois aquelas eram palavras de um pretendente em potencial, e não de um mero um conquistador. A duquesa corou de modo gracioso e curvou a cabeça. Uma espécie de fé cresceu nas profundezas de meu ser. Durante toda a sua vida, ela foi perseguida por homens e governantes de todos os tipos, e nenhum a havia abordado como um pretendente, em vez de um aliado político. Talvez houvesse amor em seu futuro, afinal.

Afastei-me um pouco mais para lhes dar privacidade.

Eles conversaram por quase uma hora e, ao terminarem, a duquesa pediu que eu permitisse a volta de todos os membros de sua corte. Surpreendi-me com o número de pessoas aguardando. As notícias da chegada do rei haviam se espalhado com rapidez. Duval foi um dos primeiros a entrar, com o capitão Dunois e o chanceler Montauban logo atrás.

Quando todos estavam reunidos, a duquesa olhou timidamente para o rei, que acenou a cabeça com candura. Ela estava de pé, em postura régia e elegante, observando os nobres e criados presentes ali. Por um breve instante, seus olhos pararam em mim, e ela deu uma piscadela. Precisei me segurar para não rir alto em alívio.

– Temos um anúncio a fazer. Sua majestade, o rei da França, discutiu comigo o futuro de nossos grandes países. Descobrimos que temos mais coisas em comum que diferenças. E decidimos resolver as diferenças restantes por meio do casamento.

Todos no salão comemoraram: pelo encerramento de um conflito desastroso, pelo fim de velhas diferenças, e pelo fato de a duquesa ter contornado aquela situação por meio do amor, e não da guerra. Estudando os dois, percebi que esse era, na verdade, um triunfo do coração.



Nos três dias seguintes, enquanto a duquesa e o rei Carlos se

conheciam, os conselheiros dela e uma delegação da França se encerraram na câmara privada para acertar os detalhes do contrato de casamento. O rei não era de nenhuma ajuda, pois concordava com qualquer ponto que os conselheiros da duquesa quisessem adicionar, até que seus assessores jogaram as mãos para o ar, contrariados. Pensei mais uma vez na última flecha de Arduinna e no que ela tinha nos comprado.

Nas profundezas das entranhas do castelo, em um aposento bem afastado de observadores, houve outra série de reuniões. A primeira foi uma reunião particular entre mim e Crunard. Na correria dos últimos acontecimentos, eu quase me esqueci dele. Ele ainda era uma novidade em minha vida, e às vezes era difícil lembrar que eu agora tinha um pai.

Encontrei-o sentado em sua cela, mais magro do que quando eu o vira pela última vez, e com rugas de cansaço mais marcadas em seu rosto. Quando me viu, ele pulou de pé e caminhou até as barras.

– Você está em bem?

– Estou bem. – Inclinei a cabeça. – Por que o senhor achou que eu não estaria?

– Os guardas… ouvi rumores, histórias sobre você sair em uma surtida… mas ninguém me deu nenhum detalhe. – Ele pareceu refrear um pouco suas emoções. – Eu estava preocupado com você, só isso.

– Agradeço por sua preocupação paterna, mas, como pode ver, estou bem. Entretanto, eu venho sim trazendo notícias. A duquesa e o rei francês vão se casar.

Os olhos dele se arregalaram.

– Ele concordou?

– Com um pouco de persuasão, sim. Mas, o mais importante é que ela concordou. Ele parece gostar dela, e vai haver paz.

Crunard fechou os olhos.

– Paz – repetiu ele, saboreando a doce palavra, que continha também um toque de amargura por tudo o que ele havia perdido.

Então não consegui evitar. Aproximei-me, e disse, com uma voz delicada:

– Vim lhe trazer uma notícia boa. A duquesa, em sinal de agradecimento por minha ajuda, concordou em investigar pessoalmente o paradeiro de seu filho, meu irmão. Ela vai tentar descobrir o que aconteceu com ele, e, se ainda estiver vivo, fará com que retorne em segurança à Bretanha. Ela deu sua palavra.

Seu rosto abandonou um pouco da palidez, e sua boca se curvou em um sorriso ácido.

– E ele vai poder me encontrar aqui, apodrecendo em uma prisão por ter desonrado todos nós.

– A duquesa tem sido clemente – disse eu. – Ela já perdoou muitos dos que a traíram. Talvez ela o perdoe também.

Suas mãos agarraram as barras de ferro.

– E se ela perdoar, o que isso significa para nós?

Eu recuei.

– Por que deveria significar alguma coisa? Por que eu deveria me importar com o homem que abandonou minha mãe quando ela mais precisava dele, que me deixou para ser criada como órfã, que traiu seu país inteiro? O que faz o senhor pensar que há algum *nós* a ser levado em conta?

Seu olhar encontrou o meu, e ele encarou-me fixamente.

– Porque eu sei que essa filha é uma pessoa muito melhor que seu pai era, e espero que ela veja que os crimes mais recentes dele foram cometidos por amor a seus filhos.

Eu o encarei por mais um instante, em seguida saí sem responder sua pergunta.



A segunda reunião foi uma assembleia dos nove, que tinha o objetivo de responsabilizar a abadessa por seus crimes e determinar a punição correta.

No primeiro dia, os delegados de cada um dos nove chegaram, convocados pelo padre Effram. A abadessa do convento brigantiano ali em Rennes foi a primeira, seguida por Floris e a suma

sacerdotisa de Arduinna. O padre Effram – eu não conseguia chamá-lo de Salonius, pois ainda não acreditava completamente nele; além disso, os deuses adoravam fazer esse tipo de brincadeira – presidia a assembleia.

A abadessa de Saint Mer chegou, uma mulher enrugada, de cabelos grisalhos e emaranhados e conchas penduradas no pescoço como se fossem joias. Ela estava acompanhada por duas seguidoras, uma de cada lado. Tentei não encará-las, mas nunca tinha visto irmãs de Saint Mer antes, e elas eram impressionantes.

Fera estava lá, representando os seguidores de Saint Camulos, pois suas patentes tinham uma ligação estreita com a hierarquia da ordem. Um homem mais velho, alto, que trazia os pés descalços e sujos e um cajado grosso foi apresentado como o líder dos que seguiam Saint Cissonius.

O próprio Mortain assumiria seu lugar entre os nove. Quando ele entrou na sala, fez-se um denso silêncio, tão denso quanto neve pesada. Todos os olhos se voltaram para ele. Aquelas pessoas tinham dedicado a vida inteira a serviço de seus deuses, e apesar disso nunca tinham encontrado um deles cara a cara. Um de cada vez, eles se curvaram em saudações profundas e reverentes, quase tocando o chão com a testa.

– Por favor, levantem-se – disse ele. Depois, dirigiu-se à cadeira reservada para ele. Era difícil dizer à luz das tochas, mas parecia que um leve tom de rosa tinha surgido em seu rosto finamente esculpido.

Dois assentos estavam vazios. Amourna tinha deixado de ser cultuada, pois seu nome não era mais invocado quando se buscava o verdadeiro amor. Não havia nenhum convento ou abadia a seu serviço, e fiquei me perguntando se alguma vez houve.

Dea Matrona também não era cultuada de maneira formal; em vez disso, encontrava abrigo nos lares e lareiras e campos de nossa terra.

Quando a abadessa brigantiana convocou o início da reunião, a porta se abriu. Uma mulher muito idosa e encurvada entrou na sala, arrastando os pés. Seu longo cabelo grisalho quase alcançava o chão. Usava um vestido velho de tecido caseiro, marrom e

desbotado, que mais parecia um trapo que um vestido. Ela também tinha um cajado, no qual se apoiava com firmeza. Lentamente, seguiu vacilante pelo caminho e assumiu o lugar reservado para Dea Matrona.

Todos a encararam em surpresa, mas ela gesticulou com impaciência para que prosseguissem.

A freira brigantiana começou a falar.

– Estamos aqui para julgar os crimes da irmã Etienne de Froissard, que atuou como abadessa do convento de Saint Mortain pelos últimos sete anos, apesar de não ter o sangue dele. Ela enganou os deuses ao se passar por filha de Mortain e traiu a confiança nela depositada com essa posição. Ela também é acusada de ter colocado em risco as garotas a seus cuidados, e dos assassinatos das irmãs Druette, Appollonia e Sabina.

Assim começou o julgamento da abadessa, minha mãe. O padre Effram me garantiu que eles nunca condenavam ninguém à morte, do contrário eu não teria certeza de ser capaz de enfrentar isso. Mesmo com toda a raiva que eu sentia e todo o mal que ela praticara, ela fizera tudo por amor e pelo desejo de me proteger. Não sei se algum dia conseguiria conciliar essas coisas.

– Irmã Etienne, o que tem a dizer sobre essas acusações?

A abadessa parecia quase nua sem sua touca e seu hábito, como um gavião magnífico que tivesse perdido todas as suas penas. Ela virou-se e olhou para mim, e, mesmo agora, sua cabeça não estava curvada de vergonha ou remorso. Prendi a respiração, temendo que ela tentasse me arrastar para aquilo, tentasse colorir meus atos com seus próprios motivos. Ela não tinha como saber que eu já havia confessado aos membros da assembleia que eu também não tinha o sangue de Mortain, apesar de só ter descoberto poucas semanas atrás.

Mas ela me surpreendeu.

– Sou responsável por todas as acusações. Só tenho uma coisa a dizer em minha defesa: a abadessa anterior traiu seus deveres com as jovens sob seus cuidados muito antes de mim. Eu não sabia da existência desta assembleia, ou talvez tivesse tentado trazê-la para ser julgada. Eu não conhecia outra maneira de proteger as meninas.

De proteger minha própria filha.

A freira brigantiana virou-se para Mortain demonstrando um pouco de nervosismo, como se não soubesse ao certo como proceder diante de um verdadeiro deus. Ou um ex-deus.

– O senhor deseja cuidar pessoalmente desta questão, como é seu direito?

Mortain sacudiu a cabeça.

– Não. Deixo para que esta assembleia decida, e vou respeitar sua decisão. – Na verdade, ele não estava nem de perto com tanta raiva da abadessa quanto eu. Ele achava que, sem ela, eu jamais existiria, e por isso poderia perdoar muitas coisas.

– Muito bem. Vamos nos retirar para discutir a sentença…

As palavras dela foram interrompidas por uma única pancada brusca no chão. Era a velha encarquilhada. Todos se viraram para encará-la.

– Eu a reclamo como nossa – disse ela. – Ela provou ser uma mãe muito dedicada. Deixe que ela sirva à Grande Mãe por um tempo. Dez anos.

Todos olharam ao redor, um tanto incertos, pois não se fazia contato com aqueles que serviam Dea Matrona havia muito tempo. Na verdade, talvez todos pensassem que ela também tinha começado a desaparecer deste mundo.

– Alguma objeção?

Não houve nenhuma. Estava decidido.



Enquanto a reunião se encerrava, as abadessas e sacerdotes fizeram uma pausa para se cumprimentarem e trocarem algumas palavras. Não era comum estarem no mesmo ambiente, e havia a sensação de que tinham muitas coisas que gostariam de discutir. Alguns se aproximaram de Balthazaar, querendo ver aquele milagre transformado em carne.

Afastei-me um pouco e fiquei observando. Momentaneamente

esquecida, a abadessa veio até mim. Nós nos encaramos. Ela tinha emagrecido, e parecia cansada.

– Sinto muito – murmurou ela. Olhei fixamente para o seu rosto magro e vazio, e tive a sensação de que era a primeira verdade que ela pronunciava em anos. Assenti, confirmando ter ouvido suas palavras. Ela baixou os olhos para as mãos. Suas unhas estavam irregulares e roídas. – Gostaria de pedir uma última indulgência, se puder.

Não sabia se tinha a intenção de lhe conceder coisa alguma, mas não alterei o tom de voz.

– O que é?

– Posso abraçá-la? Só uma vez antes de ir, pois não pude fazer isso desde que você tinha três anos de idade. Se eu tivesse um desejo a fazer antes de morrer, seria esse.

Seu pedido penetrou minha guarda e desferiu um golpe doloroso em mim, lembrando-me bruscamente de que, durante muitos anos, ela foi apenas uma jovem mãe tentando ficar com sua filha.

– Sim – sussurrei.

Lentamente, como se não conseguisse acreditar naquilo, ela envolveu seus braços ao meu redor, desajeitada, e puxou-me para perto. Não fui capaz de relaxar totalmente em seu abraço, mas também não resisti. Algo pequenino e tentador se passou entre nós. Ela beijou minha testa com delicadeza, depois se afastou, relutante.

– Será que algum dia você vai me perdoar? – perguntou ela gentilmente.

Aquela coisinha pequenina pulsou em meu interior.

– Vou tentar. É tudo o que posso prometer. Vou tentar.

Ela virou-se para partir, então se deteve.

– Posso procurá-la? Depois de cumprir minha sentença?

Olhei fixamente para ela por um bom tempo antes de dizer:

– Sim. Mas não volte ao convento. Em vez disso, mande avisar, e vou encontrá-la.

Seus olhos arregalaram-se com a menção ao convento, e vi neles uma centena de perguntas – o que eu faria em seguida, para onde eu iria, com quem eu ficaria. Mas nosso tempo tinha chegado ao fim. A sacerdotisa de Dea Matrona estava ao lado dela, com a velha

mão estendida como se fosse uma garra, puxando a abadessa pela manga.

– Vamos – foi tudo o que ela disse. Com um último olhar para mim, a abadessa partiu.

Capítulo Cinquenta e Oito

O DIA DA CERIMÔNIA de noivado amanheceu claro e ensolarado, como se Deus e seus nove estivessem tão felizes quanto nós. Uma sensação de alegria pairava sobre a cidade, além de alívio – afinal, estávamos celebrando um casamento, e não lamentando uma derrota esmagadora e incontáveis mortes.

A catedral estava quase vazia quando a duquesa e o rei da França fizeram seus votos. Só os conselheiros privados estavam presentes, e também um conselheiro francês e a própria regente francesa. Estudei a mulher que estava por trás de tantas hostilidades entre nossos países e me perguntei o que a motivara.

A duquesa fazia o possível para ignorá-la. Pensei que as duas jamais seriam próximas.

Ismae, Sybella e eu também estávamos lá. A duquesa também convidara Mortain, mas sua presença deixava o pobre bispo tão nervoso que ele achou melhor não ir.

Após o término da cerimônia, o séquito real voltou sua atenção para a assinatura do contrato de casamento e do tratado de paz entre a Bretanha e a França. Nós três não éramos necessárias para isso.

Como quando éramos forçadas a ir à capela do convento, Sybella começou a sussurrar.

– Ismae, você ainda consegue ver marcas?

– Não sei – confessou Ismae, olhando ao redor, para os poucos reunidos na catedral. – Ninguém aqui tem, e não vejo a marca há… três dias. Mas talvez seja só porque ninguém ainda esteja pronto para morrer. E você? Como estão seus dons?

Sybella acenou a cabeça.

– Ainda consigo sentir a proximidade das pessoas, como sempre.

Eu sorri.

– Isso é bom. Ainda bem que seus dons não desapareceram junto com a divindade de Mortain. – Eu não queria ser a razão de elas não terem mais suas habilidades. – O que significa que as garotas lá no convento provavelmente ainda têm seus dons e habilidades também.

Com a menção ao convento, Sybella lançou-se sobre mim:

– Os rumores são verdade? Você vai voltar? – Ela não pareceu surpresa.

– Vou.

– Mas por quê? – perguntou Ismae. – Se você mal podia esperar para partir?

Como eu poderia explicar para elas?

– Eu queria deixar para trás as proibições sufocantes e as memórias dolorosas. Mas agora… agora que tudo mudou, quero voltar e refazer o convento como ele originalmente deveria ser: um lugar cheio de vida, e não só de morte, de alegria, além de dever solene.

– Mas você não vai se entediar?

Eu ri.

– Não, pois eu não sou como vocês. Eu não sinto prazer em matar. Sou boa nisso, mas não vejo nenhum propósito.

– E você acha que vai encontrar um propósito ao voltar ao convento?

Eu dei de ombros, envergonhada.

– Quero mostrar às outras que elas têm escolhas, que suas vidas pertencem a elas mesmas. Sei que não é nem de perto tão glamoroso quanto o que vocês duas vão estar fazendo, mas é o que eu acho que deveria fazer: transformar o convento no que ele deveria ser.

– O que isso tudo significa para as filhas de Mortain? – perguntou Ismae. – Como vamos servir a Ele?

– Não sei – admiti. – Talvez não seja diferente de servir à duquesa ou a qualquer suserano.

– E em relação ao convento e às tarefas que ele desempenha?

– Mais uma vez, eu ainda não sei. Isso é algo que vamos descobrir com o tempo.

Sybella deu um daqueles seus sorrisos maliciosos e provocantes.

– Balthazaar também vai?

– Vai. Ele quer conhecer suas filhas. E acertar o rumo do que está errado.

– E com Mortain a seu lado, quem vai dizer não a você?

Maus lábios curvaram-se em um sorriso.

– Isso é bem verdade. Só porque ele se tornou um mortal recentemente não significa que a morte vai cessar ou que as pessoas vão passar a aceitá-la ou que os acontecimentos políticos não vão exigir intervenção. Mas e você? – Virei-me para Sybella. – Soube que a duquesa disse que você vai para a corte francesa com ela. Ainda espero ter entendido errado.

Sybella sorriu.

– Ela vai precisar de alguém para se colocar entre todos aqueles nobres franceses de rosto longo rondando seu noivo como moscas. Alguém que diga a ela em quem pode confiar e em quem não pode. E ela concordou em criar minhas irmãs em sua corte, o que vai dar a elas a melhor proteção que posso encontrar contra nosso irmão.

– E Fera?

– Ele vai também, para servir como capitão da guarda da rainha.

Fiquei feliz por ela e tentei sorrir, mas ela ficaria longe demais de mim.

– Ah, não faça uma cara tão triste! Vai ser só por alguns anos. Devo voltar na época que a irmã Beatriz tiver de se aposentar de seus deveres. Acho que eu daria uma excelente professora de artes femininas, não acha?

Não consegui evitar. Eu ri, assim como Ismae.

– Que os nove nos salvem – disse ela.

– Os Oito.

– Não, ainda são os nove. Eles não mudaram isso quando Amourna se retirou, nem vão fazer isso por Mort… Balthazaar! Ah! Não consigo decidir como chamá-lo agora.

– Só não o chame de pai, e eu vou ficar feliz – murmurou Ismae.

– E você? – Virei-me para ela. – Você estará perto, então tem de ir me visitar de vez em quando. – Ela e Duval iam ficar em Rennes. Duval administraria o ducado enquanto a irmã assumia seu lugar no

trono francês.

– Ah, eu vou sim. Talvez eu até deixe Duval ir, para que ele possa andar pelos corredores como nos velhos tempos. – E assim, achei que a situação de todos estava resolvida.

Mas não, não de todos. Meus pensamentos voltaram-se para os hellequins. Os que morreram no campo diante de Rennes naquele dia tinham encontrado tanto a redenção quanto a paz que buscavam tão desesperadamente. Mas e os outros? Os que não participaram dos ataques naquele dia, ou os que não foram encontrados? Será que eles também tinham encontrado sua merecida recompensa? Ou será que ainda cavalgavam, aprisionados em alguma caçada eterna até agora?



Na manhã seguinte, Mortain e eu partimos em nossa jornada, a que nos levaria de volta ao convento. Ele tinha se curado de modo sobrenaturalmente rápido.

Enquanto nossos cavalos empinavam e caminhavam no ar fresco da manhã, eu lancei um olhar para ele.

– Não vou chamá-lo de Mortain pelo resto de nossa vida. Vai parecer que estou casada com um deus.

– Ex-deus. E você só vai ter de se curvar para mim um pouco. – Seu sorriso foi rápido e tão bem-vindo quanto um vislumbre de sol no auge do inverno.

– Bom, você pode até ser um ex-deus, mas é mortal há apenas pouco tempo, e eu tenho muito mais experiência em ser mortal que você.

Ele piscou, surpreso. Não havia passado pela cabeça dele que eu pudesse ter mais experiência que ele em *coisa alguma*. Não consegui evitar. Ri ao me dar conta da maravilha do momento. Podíamos finalmente viver de acordo com nossas próprias escolhas. Nossa vida… Nossa vida ia, finalmente, ser *nossa.* Seria repleta de esperanças e sonhos e sofrimentos também. Mas seria nossa.

Nós nos amaríamos livremente. O riso ecoaria pelos corredores do convento. E combateríamos nossos inimigos ardentemente, quando preciso, pois isso seria necessário, assim como era certo que depois do verão vinha o inverno.

Mas, por enquanto, eu mal podia esperar para compartilhar com aquelas que eu chamava de irmãs tudo o que eu aprendera. Eu lhes ensinaria a pensar por si mesmas, e não a simplesmente refletir de volta para o mundo o que ele desejava. Elas seriam fortes não apenas de corpo, mas de mente e coração. E, mais importante: eu queria ensiná-las a amar, pois, no fim, essa era a maior arma de todas. O amor se revelou mais forte até que a Morte.

NOTA DA AUTORA

Ao longo dos séculos, a Igreja se esforçou para converter uma população inteira ao cristianismo. Como uma questão política, ela adotou divindades pagãs como santos, colorindo mitos originais com suas próprias narrativas cristianizadas. Também construiu igrejas sobre locais sagrados pagãos, e organizou festivais e celebrações coincidindo com antigas celebrações pagãs para torná-las mais palatáveis para as populações. Diz--se que a Bretanha em especial lutou com mais força que outros reinos contra a perda de suas divindades e de seus cultos.

Apesar de os nove antigos deuses da Bretanha não terem existido na forma exata em que foram retratados nos livros desta série, eles foram construídos a partir de antigos deuses e deusas celtas, sobre os quais conhecemos bem pouco. Acrescentei alguns floreios meus.

Como nos dois livros anteriores, muitos dos personagens em *Amor letal* são personagens históricos reais, e utilizei acontecimentos políticos genéricos da época na minha história. Quando a segunda fase da Guerra de Sucessão da Bretanha chegava a seu clímax, a França invadiu a Bretanha e tomou posse da maioria de suas cidades e vilarejos. A duquesa foi sitiada em Rennes, cercada por quinze mil tropas francesas, aprisionada no interior da cidade com milhares de soldados mercenários mais preparados para lutar do que para sustentar um cerco. Os mercenários que circulavam pela cidade rapidamente se tornaram uma ameaça quase tão grande quanto as tropas francesas, especialmente quando deixaram de receber seus pagamentos. Isso, por sua vez, criou um elo fraco, que os franceses exploraram subornando-os para abandonarem a duquesa. Até seus supostos aliados ofereceram um apoio pífio, tomando as cidades da duquesa como pagamento pelo uso de suas tropas, ou oferecendo soldados para escoltá-la para fora da Bretanha, em vez de ajudá-la a preservá-la. Maximiliano, o Sacro Imperador Romano, que se casou com ela por procuração, estava envolvido em sua própria guerra com a Hungria e a França. A

França usou isso em seu proveito, na prática amarrando as mãos dele, impedindo que ele fosse capaz de oferecer qualquer ajuda relevante a sua esposa. A situação complicou-se ainda mais com o noivado da própria filha de Maximiliano com o rei Carlos da França, o que fortalecia os laços entre os dois países.

Como em *Divina vingança*, uma das maiores liberdades que tomei foi comprimir a linha do tempo dos acontecimentos. Na realidade, os eventos importantes ocorreram ao logo de dois anos e meio, com vários períodos de espera em que nada acontecia. Eu puxei todos os principais episódios de 1490 e 1491 para 1489, ano em que a história se desenrola. Na realidade, o noivado que ocorre no fim de *Amor letal* só ocorreu no final de 1491.

Finalmente, a batalha que estava fermentando entre a França e a Bretanha não culminou com uma guerra em larga escala. Em vez disso, Anne foi convencida a abandonar o casamento por procuração com Maximiliano e se casar com o rei Carlos VIII da França. Esse casamento não só salvou seu amado país e seu povo dos horrores de mais uma guerra, mas deu a ela algum poder para influenciar as futuras políticas da França em relação à Bretanha. Segundo vários relatos históricos, ela e Carlos tinham muito carinho e afeto um pelo outro. Após passarem sete anos juntos, Carlos morreu, deixando Anne mais uma vez com a posse de uma Bretanha independente. Ela, então, casou-se com Luís d'Orleans e se tornou rainha da França pela segunda vez, a única mulher na história a conquistar isso.

Mas *essa* é uma história para outro dia…

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jul. 2016

FONTE Adobe Garamond Pro 11,75/14,1pt ; P22 Cezanne Pro 32/38,4pt